

# SOCIOLOGIA

NÚMERO TEMÁTICO | 2012

IMIGRAÇÃO, DIVERSIDADE E CONVIVÊNCIA CULTURAL

Coordenado por Maria Manuela Mendes

**Maria Manuela Mendes**

**Beatriz Padilla**

**Joana Azevedo**

**Marluci Menezes**

**Jorge Malheiros**

**Rui Carvalho**

**Luís Mendes**

**Nuno Oliveira**

**Paula Gésero**

**Teresa Seabra**

**Maria João Oliveira**

**Sérgio Costa**

# SOCIOLOGIA



UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE LETRAS

# SOCIOLOGIA



**REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS  
DA UNIVERSIDADE DO PORTO**

**Nº TEMÁTICO – IMIGRAÇÃO, DIVERSIDADE E CONVIVÊNCIA CULTURAL**

**PORTO • 2012**

**Número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural**

**DIRETOR:**

João Teixeira Lopes, Departamento de Sociologia e Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

**CONSELHO DE REDAÇÃO:**

Anália Torres, ISCSP-UTL/CIES-IUL; António Firmino da Costa, ISCTE-IUL/CIES-IUL; Carlos Manuel da Silva Gonçalves, FLUP/ISFLUP; Cristina Parente, FLUP/ISFLUP; Fernando Luís Machado, ISCTE-IUL/CIES-IUL; Isabel Dias, FLUP/ISFLUP; Luís Vicente Baptista, FCSH-UNL/CESNOVA.

**CONSELHO EDITORIAL:**

Alice Duarte, FLUP/ISFLUP; Álvaro Domingues, FAUP/CEAU; Ana Maria Brandão, ICS-UM; Ana Nunes de Almeida, ICS-UL; Anália Torres, ISCSP-UTL/CIES-IUL; António Firmino da Costa, ISCTE-IUL/CIES-IUL; Augusto Santos Silva, FEP/ISFLUP; Benjamin Tejerina, Universidad del País Vasco (UPV)/Centro de Estudios sobre la Identidad Colectiva (CEIC), Espanha; Bernard Lahire, École Normale Supérieure de Lyon (ENSL)/Groupe de Recherche sur la Socialisation (GRS), França; Carlos Manuel da Silva Gonçalves, FLUP/ISFLUP; Claudino Ferreira, FEUC/CES-UC; Cristina Parente, FLUP/ISFLUP; Elisa Reis, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil; Fernando Luís Machado, ISCTE-IUL/CIES-IUL; Frank Welz, Universität Innsbruck, Áustria; Hans-Peter Blossfeld, Otto-Friedrich-Universität Bamberg/Staatsinstitut für Familienforschung an der Universität Bamberg, Alemanha; Heitor Frugoli, Universidade de São Paulo (USP)/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil; Hustana Vargas, Universidade Federal Fluminense (UFF)/Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (NEPES), Brasil; Immanuel Wallerstein, Yale University, Estados Unidos da América; Inês Pereira, ISCTE-IUL/CIES-IUL; Isabel Dias, FLUP/ISFLUP; Jean Kellerhals, Université de Genève, Suíça; João Bilhim, ISCSP-UTL; João Sedas Nunes, FCSH-UNL/CESNOVA; José Resende, FCSH-UNL/CESNOVA/Observatório Permanente de Escolas (ICS-UL); José Soares Neves, ISCTE-IUL/OAC; Luís Vicente Baptista, FCSH-UNL/CESNOVA; Luísa Neto, FDUP/CENCIFOR; Maria Manuel Vieira, ICS-UL; Maria Manuela Mendes, FA-UTL/CIES-IUL; Mariano Enguita, Universidad de Salamanca/Centro de Análisis Sociales de la Universidad de Salamanca (CASUS), Espanha; Michael Burawoy, University of California, Berkeley, Estados Unidos da América; Michel Wieviorka, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, França; Patrícia Ávila, CIES-IUL; Pedro Abrantes, CIES-IUL/Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, México; Pertti Alasuutari, University of Tampere/Tampere Research Group for Cultural and Political Sociology (TCuPS), Finlândia; Piotr Sztompka, Jagiellonian University, Polónia; Ricca Edmondson, National University of Ireland, Irlanda; Rui Gomes, FCDEF-UC/CIDAF; Tally Katz-Gerro, University of Haifa, Israel/ University of Turku, Finlândia; Vera Borges, ICS-UL; Víctor Kajibanga, Universidade Agostinho Neto, Angola/Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto/Centro de Estudos Africanos do ISCTE-IUL; Vítor Ferreira, ICS-UL; Walter Rodrigues, ISCTE-IUL/DINÂMIA' CET-IUL.

**COORDENAÇÃO DO NÚMERO TEMÁTICO:**

Maria Manuela Mendes, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa.

**COORDENAÇÃO E REVISÃO EDITORIAL:**

Marta Lima, Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

*Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* é indexada em *Latindex*, Open Science Directory (EBSCO), Sherpa/Romeo e DOAJ – Directory of Open Access Journals.

DEPÓSITO LEGAL N.º 92384/95

ISSN: 0872-3419

# SUMÁRIO

EDITORIAL	7
NOTA DE APRESENTAÇÃO	
<b>Maria Manuela Mendes e Beatriz Padilla</b>	9
ARTIGOS	
1. Bairro da Mouraria, território de diversidade: entre a tradição e o cosmopolitismo <b>Maria Manuela Mendes</b> .....	15
2. Territórios de diversidade e convivência cultural: considerações teóricas e empíricas <b>Beatriz Padilla e Joana Azevedo</b> .....	43
3. Debatendo mitos, representações e convicções acerca da invenção de um bairro lisboeta <b>Marluci Menezes</b> .....	65
4. Etnicização residencial e nobilitação urbana marginal: processo de ajustamento ou prática emancipatória num bairro do centro histórico de Lisboa? <b>Jorge Malheiros, Rui Carvalho e Luís Mendes</b> .....	93
5. A diversidade como elemento de desenvolvimento/atração nas políticas locais urbanas: contrastes e semelhanças nos eventos de celebração intercultural <b>Nuno Oliveira e Beatriz Padilla</b> .....	125
6. O Espaço é o Lugar: O Martim Moniz na Migrantscape de Lisboa <b>Paula Gésero</b> .....	159

7. Desigualdades de desempenho escolar: etnicidade, género e condição social em escolas básicas da AML	
<b>Teresa Seabra</b> .....	181
8. Espaços de religiosidade no Porto: o seu papel na integração dos imigrantes brasileiros	
<b>Maria João Oliveira</b> .....	207
9. Regimes de Coexistência Interétnica no Brasil e na Alemanha: Contribuições a um debate inexistente	
<b>Sérgio Costa</b> .....	231
ESTATUTO EDITORIAL / NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE ORIGINAIS .....	257

# EDITORIAL

Por João Teixeira Lopes

A revista *Sociologia* inicia com este número especial uma nova modalidade de edição, através do acolhimento de um desafio lançado por alguns membros da equipa do Projeto de investigação “Culturas de Convivência e Super diversidade”, do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), para organizarem uma publicação temática. Desta forma, cumpre-se um desígnio que marca a orientação desta revista: colaborar com outros centros de investigação para quebrar as “barreiras alfandegárias” dentro da produção e difusão do conhecimento sociológico.

A relevância do tema pode parecer estranha para quem esqueceu, por força da violenta conjuntura que atravessamos, que Portugal vive, na sua especificidade distintiva, uma condição pós-colonial, atravessada pela descoincidência sistemática entre a população, o território e a cultura. Por outras palavras, nada nos assemelha ao modelo essencialista de uma qualquer pureza étnica ou transparência cultural. Ler as relações sociais territorializadas através de uma teia cultural densa, contraditória e complexa torna-se um dos desafios mais prementes da análise sociológica, desafiando as abordagens simplistas de uma só direção.

Um dos grandes contributos deste número temático – sobre imigração, convivência e diversidade – reside no seu implícito convite para pensarmos pares improváveis: cosmopolitismo e desigualdades sociais (uma vez que as configurações cosmopolitas estão longe de se esgotar na superficial diversidade pós-moderna, preferencialmente associada ao multiculturalismo e não à polifonia da interculturalidade – a única que produz o novo através do contacto/conflito entre os materiais pré-existentes); territórios urbanos marginalizados e gentrificação, entre outros.

Um acréscimo, em suma, para entendermos Portugal na sua componente de modernidade inacabada, país de intermediação e transporte no sistema-mundo, mas também lugar de (des)encontros interculturais nas suas mais recentes modelações.



# NOTA DE APRESENTAÇÃO

Por Manuela Mendes e Beatriz Padilla

Este número especial da Revista *Sociologia* dedicado à imigração, convivência e diversidade resulta de um desafio lançado ao Diretor da Revista Professor Doutor João Teixeira Lopes por parte de alguns membros da equipa do Projeto de investigação intitulado “Culturas de Convivência e Super diversidade”, do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e que teve o melhor acolhimento.

A ideia sobre o presente número surgiu a partir de duas atividades organizadas pelos membros da equipa do projeto nas quais refletimos sobre a convivência cultural e a super diversidade com outros académicos e com atores chaves que se encontram no terreno. A primeira atividade foi um *workshop* organizado no seio da Segunda Conferencia Internacional de Jovens Investigadores sobre Questões Urbanas (SICYURB na sua denominação inglesa), intitulado *A interculturalidade nas estratégias de intervenção local: o caso da Mouraria*, e que teve lugar no ISCTE-IUL a 12 de outubro de 2011. Neste evento, o debate centrou-se nas iminentes mudanças que iriam a decorrer na Mouraria por causa das intervenções que incluíam as obras de requalificação e a implementação do plano de desenvolvimento social e comunitário. Ainda, se discutiu a eventual gentrificação no bairro, e se colocou a questão: que é preferível, intervir na Mouraria perante a iminente degradação e sabendo que podem acontecer processos de gentrificação, ou não intervir mesmo admitindo que a degradação do bairro continuará, e evitar a gentrificação. Esta questão é de grande relevância e merece ser ainda mais aprofundada tanto no âmbito académico, como comunitário e político. Direta ou indiretamente, o debate estabelecido neste contexto foi incorporado nos artigos deste número.

A segunda atividade que sustentou este número especial foi a conferência *Territórios de Diversidade e Convivência Cultural na Área Metropolitana de Lisboa*, também organizada pela equipa do projeto, e que teve lugar a 21 de outubro de 2011, no

ISCTE-IUL. Neste encontro, o debate foi organizado seguindo os três eixos principais do projeto que considera a convivência intercultural em diferentes contextos: no bairro/território, na escola e nas políticas de gestão da diversidade cultural a nível local. Assim incorporou contributos de investigadores de diferentes disciplinas (Sociologia, Antropologia, Geografia, Educação) e de instituições e atores que desenvolvem trabalho nesta temática e estão no terreno (Câmara Municipal, Associações, Produtores e Técnicos) o que permitiu a comparação e contraste de olhares e perspetivas. Alguns dos artigos apresentados neste número, tem origem nas apresentações realizadas durante o encontro.

Em consequência A Revista *Sociologia* dá a conhecer neste número aos seus leitores um conjunto de temáticas transversais e complementares e que de forma inequívoca marcam a atualidade da agenda de investigação das ciências sociais, tais como, a convivência intercultural, o multiculturalismo, o pluralismo, a gentrificação, o cosmopolitismo, a coexistência interétnica, etnicidade e desigualdades sociais e na escola. Neste número conflui vários “olhares” que se entrecruzam: o do geógrafo, o do sociólogo, o do antropólogo e o do arquiteto e urbanista.

Uma boa parte dos artigos centram-se em Portugal, sobretudo na AML, principalmente no bairro da Mouraria, emergindo apenas um que toma como referência fundamental a cidade do Porto e um outro, de carácter internacional.

A abrir surgem 3 artigos que procuram explorar alguns dos resultados mais recentes do Projeto “Culturas de Convivência e Super diversidade”. Assim, Manuela Mendes convoca para a discussão dois pontos de ancoragem deste Projeto: os conceitos “culturas de convivência” e o de “super diversidade”, refletindo sobre a sua operacionalidade quando aplicados ao bairro da Mouraria. Questiona ainda as representações dominantes em torno deste território e veiculadas pelos discursos e políticas, que parecem confluir em torno de algumas disjunções que são alvo de ilustração. Padilla e Azevedo, por sua vez, desenvolvem uma reflexão em torno das principais opções teóricas e metodológicas, mas também sobre os dilemas e as interrogações suscitadas pelo trabalho de terreno até agora realizado na Mouraria e no Cacém no âmbito do projeto já aludido. Partindo da metodologia das etnografias multi-situadas, Nuno Oliveira e Beatriz Padilla comparam dois eventos interculturais da Área Metropolitana de Lisboa: o *Todos. Caminhada de Culturas*, da Câmara Municipal de

Lisboa (CML), que tem lugar na Mouraria, e o *Dia do Imigrante*, da Câmara Municipal de Sintra (CMS). Concluem que as políticas culturais locais desenvolvidas pelas câmaras municipais e que se relacionam com a diversidade e a convivialidade a nível local, são um dos instrumentos utilizados pelos governos locais para promover/celebrar/reconhecer a presença da diversidade cultural nos seus territórios.

Seguem-se, assim, mais 3 artigos que escolheram como referencial empírico o bairro da Mouraria, sendo que encontramos dois autores Marluci Menezes e Jorge Macaísta Malheiros que fazem aqui uma espécie de revisitação a este espaço, já que têm estudado com uma certa continuidade este bairro. Acompanhando as dinâmicas socioespaciais do bairro da Mouraria, em Lisboa, desde princípios dos anos 90 do século XX, Marluci Menezes chama a atenção para a complexidade polifónica que tem lugar na Mouraria, realçando a necessidade de se ter em conta a ambiguidade, a ambivalência e a intersticialidade. Jorge Malheiros, Rui Carvalho e Luís Mendes, por sua vez, examinam os processos de transição sócio urbanística que têm ocorrido no bairro da Mouraria, nomeadamente a fixação de imigrantes não europeus e a evidência de uma nobilitação urbana marginal (*marginal gentrifiers*), cuja ocorrência paralela tem conduzido à diversificação cultural e étnica neste bairro lisboeta. A noção de "paisagem urbana" de Cullen é o ponto de partida de Paula Gésero para discutir a aplicabilidade de uma nova categoria teórica - a de "*migrantscape*" - enquanto categoria da "*townscape*", composta por elementos morfológicos, sociais e simbólicos que configuram uma nova paisagem associada à presença de imigrantes no Martim Moniz, zona que está na continuidade com o bairro da Mouraria.

Ainda na AML, a análise de Teresa Seabra centra-se nas escolas básicas procurando esclarecer os leitores se os descendentes de imigrantes que frequentam o sistema de ensino têm ou não resultados escolares semelhantes aos dos alunos autóctones. Do exercício de homogeneização das condições de género, escolaridade dos pais e classe social, a autora observa que tendencialmente a hierarquia prévia existente entre os grupos mantém-se e em provas estandardizadas a desvantagem dos alunos descendentes de imigrantes parece ser mais persistente.

Os espaços de religiosidade e o pluralismo religioso associados à presença de imigrantes brasileiros são alvo de análise por parte de Maria João Oliveira, examinando dois casos contrastantes na cidade do Porto: a Igreja Católica e a *Igreja Pentecostal das*

*Missões no Porto*, uma igreja de origem brasileira e cuja sede mundial se encontra no Porto. De realçar a pertinência analítica desta pesquisa, uma vez que são escassos os estudos que se centram sobre a presença dos imigrantes no Norte de Portugal.

A finalizar é possível encontrar a contribuição internacional de Sérgio Costa sobre os regimes de coexistência interétnica no Brasil e na Alemanha. O autor explora as diferenças entre os dois países, concluindo que tanto no Brasil quanto na Alemanha, a interação entre os diferentes grupos sócio-culturais é baixa. Se, no Brasil, a segregação tem origem sobretudo nas barreiras económicas e secundariamente no preconceito racial, na Alemanha, há encontro e proximidade física entre pessoas pertencentes a diferentes grupos sócio-culturais, contudo, essa proximidade espacial não gera afinidade e interação interétnica.

## **ARTIGOS**



## Bairro da Mouraria, território de diversidade: entre a tradição e o cosmopolitismo

Maria Manuela Mendes<sup>1</sup>

*Instituto Universitário de Lisboa e Universidade Técnica de Lisboa*

**Resumo:** Este texto tem por base uma pesquisa mais ampla cuja temática central se desenvolve em torno das culturas de convivência e super diversidade, assentando a sua matriz concetual nas propostas teóricas desenvolvidas por P. Gilroy e S. Vertovec. Neste lugar, procura-se discutir alguns resultados preliminares derivados de uma pesquisa de terreno realizada no Bairro da Mouraria, em Lisboa. A Mouraria, ao localizar-se no casco antigo da cidade de Lisboa, parece configurar-se, cada vez mais, como um “urban ethnic place”, sendo de evidenciar algumas disjunções que irão aqui ser alvo de análise e que têm marcado os discursos e as políticas em torno deste território: bairro típico e histórico *versus* bairro cosmopolita; bairro exótico *versus* bairro difamado; bairro dos imigrantes e dos estrangeiros *versus* bairro dos autóctones. Esta contribuição pretende, precisamente, problematizar as principais transformações em curso neste bairro lisboeta e avançar com algumas linhas de pesquisa e interpretação que contribuam para uma reflexão em torno dos processos de construção social de imagens públicas sobre a Mouraria.

**Palavras-chave:** Super diversidade; Bairro da Mouraria; Culturas de convivência; Multiculturalismo.

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Sociais; investigadora no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL) e Professora Auxiliar na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa (FA-UTL) (Lisboa, Portugal). *E-mail:* mamendes@fa.utl.pt

## **1. Notas preliminares**

Este texto tem por base uma pesquisa mais ampla e que ainda está em curso, cuja temática central se desenvolve em torno das culturas de convivência e super diversidade, assentando a sua matriz concetual nas propostas teóricas desenvolvidas por P. Gilroy (2004) e S. Vertovec (2004, 2007a, 2007b). Neste lugar, procura-se discutir alguns dos resultados preliminares derivados da pesquisa de terreno realizada no Bairro da Mouraria, em Lisboa, e que tem por base a utilização de material empírico resultante da mobilização de uma estratégia metodológica de pendor predominantemente qualitativo, centrada na observação de espaços e eventos públicos, entre 2010 e 2011.

Esta contribuição pretende, precisamente, problematizar as principais transformações em curso neste bairro lisboeta e avançar com algumas linhas de pesquisa e interpretação que contribuam para uma reflexão em torno dos processos de construção social de imagens públicas sobre a Mouraria e que têm orientado algumas das práticas e políticas de intervenção sócio-territorial neste bairro.

Partindo da questão central de que estamos perante um território marcado pela super diversidade, importa perceber até que ponto coexistem ou conflituam diferentes práticas, perceções e significados do bairro partilhadas por atores sociais (moradores, visitantes, trabalhadores e empresários) e atores socioinstitucionais (ONG'S, Igrejas, associações, projetos de intervenção, serviços públicos locais e municipais). Um dos principais objetivos passa, justamente, por conhecer as relações de convivência cultural num espaço onde as migrações e a diversidade fazem parte da vida quotidiana, assumindo, até, um carácter quase banal.

A exposição articula-se em duas partes: a primeira eminentemente teórica, que equaciona os principais instrumentos conceptuais e metodológicos; a segunda dá conta dos resultados preliminares do estudo propriamente dito, encerrando com questões de reflexão, que são uma contribuição para o debate sobre as mudanças em curso nesta zona de Lisboa.

## 2. Conceitos de partida

Neste contexto de análise, tomámos como referência teórica primeira os contributos de dois autores: Paul Gilroy e Steven Vertovec, convocando como pontos de ancoragem dois conceitos-chave: *conviviality* (Gilroy, 2004), por nós traduzido por “culturas de convivência” e *super-diversity* (Vertovec, 2004, 2007a, 2007b) ou “super diversidade”. O potencial teórico do primeiro conceito reside na virtualidade de este enquadrar os processos de coabitação e de interação que fazem com que o multiculturalismo seja uma característica comum e banal da vida social dos centros urbanos, principalmente da Grã-Bretanha, mas também de outras cidades pós-coloniais. As “culturas de convivência” representariam, assim, uma nova dimensão cosmopolita da cultura europeia, configurando-se como uma “abertura radical” perante o seu passado colonial e face ao presente pós-colonial (Gilroy, 2004).

O palco de discussão envolve as várias faces que pode assumir a retórica do multiculturalismo. Contudo não é aqui o lugar para tratar, detalhada e criticamente, este conceito, interessando-nos, sobretudo, lembrar o seu carácter operacional, importante na constatação empírica da coexistência de culturas. Ao referenciarmos este conceito ao espaço, este assume uma outra amplitude, enquanto justaposição espacial de pessoas com distintos sistemas culturais que, consciente ou inconscientemente, podem, segundo Steinberger (1997), construir ou reconstruir um território comum e produzir uma cultura única ou, eventualmente, uma nova identidade multicultural.

O multiculturalismo surge, por vezes, como um equivalente da diversidade. A ideologia da diversidade assenta na objetivação do Outro, tendendo-se a sobrevalorizar e a exagerar as diferenças, verificando-se, frequentemente, que essas diferenças são mais sentidas do que comunicadas e exteriorizadas verbalmente (Essed, 1991: 189-94).

Vertovec contribuiu, de forma incontornável, para o debate crítico em torno do multiculturalismo, procurando superar as limitações associadas à utilização da etnicidade como principal fator explicativo da diversidade. O autor, ao invocar a super diversidade, deseja, em primeiro lugar, sublinhar o facto de, além de haver agora mais pessoas a migrar e de mais lugares, há também novas conjunções significativas e interações entre variáveis que surgiram nos fluxos e nos padrões de imigração para o Reino Unido, a partir da década de 90 (Vertovec, 2007b: 1040). Reportando-se diretamente à situação deste país, Vertovec reconhece que “Diversity is endemic to

Britain, of course” (*Idem*: 1026). Todavia, as variáveis da super diversidade não são novas, nem muitas das suas correlações. Mas esta proposta conceptual tem implicações mais profundas, representando um desafio para os decisores políticos, profissionais e cientistas sociais. O autor aponta a necessidade de se reavaliar conceitos e medidas políticas em torno da diversidade, de forma a ultrapassar uma compreensão etno focal e a adotar uma abordagem multidimensional (incluindo o país de origem, a etnicidade, as línguas, a religião; os canais de migração e o estatuto jurídico; a inserção num dado local; as práticas transnacionais e as respostas geralmente proporcionadas pelas autoridades locais, prestadores de serviços e moradores locais). A análise da confluência destes fatores levará a uma melhor compreensão da composição altamente diferenciada, da localização social e das trajetórias dos vários grupos migrantes, nos dias de hoje (Vertovec, 2007a: 970).

No contexto da presente pesquisa, a operacionalização destes conceitos remetem-nos, diretamente, para o *design* da pesquisa empírica de feição predominantemente qualitativa, sendo que um dos principais objetivos consistiu em identificar, descrever e analisar contextos de super diversidade e de convivência cultural em espaços onde as migrações e a diversidade fazem parte da vida quotidiana, assumindo um caráter quase banal, procurando-se, assim, apreender gramáticas de identidade e de alteridade numa perspetiva multidimensional sobre a diversidade. Os procedimentos metodológicos adotados procuraram, ainda, descortinar junto de residentes, empresários, trabalhadores e agentes socioinstitucionais com intervenção próxima e quotidiana nos contextos selecionados, os plurais significados e as imagens construídas em torno dos contextos de super diversidade.

A escolha dos contextos de estudo foi antecedida por visitas exploratórias a várias áreas da Área Metropolitana de Lisboa (AML), a associações e instituições com intervenção micro local, bem como, por uma análise documental e mapeamento da presença de imigrantes, ONG’s, eventos interculturais e projetos relevantes no território da AML, tendo a escolha recaído no bairro da Mouraria, no concelho de Lisboa, e o Cacém, no concelho de Sintra. O trabalho de terreno organiza-se em torno de 3 linhas de análise: i) as etnografias centradas em espaços públicos enquanto palcos de convivência cultural, em que as relações sociais são captadas no fluir do dia a dia (Simmel e Benjamin); ii) as etnografias nas escolas com uma presença significativa de

alunos de origem imigrante; e iii) o mapeamento dos principais eventos interculturais, tais como o *Festival Todos, Caminhada de Culturas na Mouraria*<sup>2</sup> e o *Dia Municipal do Imigrante* em Sintra.

### 3. Lisboa e Mouraria: territórios de diversidade

Os resultados que, aqui, se apresentam têm como referência fundamental o Bairro da Mouraria, que, juntamente com outros bairros pertence ao grupo dos Bairros Históricos e Conjuntos Urbanos que imprimem uma identidade particular a Lisboa, sendo-lhe atribuído um posicionamento único no contexto desta cidade. Este bairro é evocado em alguns documentos produzidos, recentemente, por organismos e serviços estatais como sendo uma “marca”, assumindo o “espírito do lugar”, o que torna este bairro e a cidade de Lisboa como competitiva ao nível das redes de cidades do mundo, no mercado do turismo, em geral, e do turismo de cidades, em particular (UP Mouraria, 2010: 3). As suas origens no fundo dos tempos como arrabalde árabe ou “Mouro” fazem parte da história da própria cidade de Lisboa, enquanto a “diversidade cultural” associada à presença mais recente de imigrantes neste local é encarada como um fator-chave de competitividade entre cidades. Num sentido mais amplo, a Lisboa da diversidade faz sobressair a multiplicidade de origens, tanto de pessoas como de produtos e/ou serviços culturais, em presença na cidade (Carvalho, 2006: 92) e, mais concretamente, o Centro Comercial da Mouraria “representa um centro de actividade cosmopolita sem paralelo” (*Agenda CML*, Abr. 2004: 6 *cit. in* Carvalho, 2006: 93), constituindo “um mercado animado e um *melting pot* multiétnico” (*Time Out*, 2001: 166, *cit. in* Carvalho, 2006: 93).

A partir da análise documental efetuada, evidencia-se o apelo ao cosmopolitismo que coexiste e até se concilia com a imagem de Lisboa enquanto cidade de bairros – populares, pitorescos e típicos – persistentemente produzida, ao longo deste século

---

<sup>2</sup> Realizou-se, em 2011, a terceira edição do *Todos, Caminhada de Culturas*, constituindo-se num “festival, que se quer de bairro e em simultâneo que atravesse mundos e culturas unidas pelo anel das artes. Para este Todos, trabalhámos na procura de uma participação mais intensa, não só de moradores do bairro, como também de outros cidadãos, habitantes de outras zonas de Lisboa, para serem parte integrante do festival.” (Câmara Municipal de Lisboa / Gabinete Lisboa Encruzilhada de Mundos e da Academia de Produtores Culturais – GLEM, 2011). Ver <http://todoscaminhadadeculturas.blogspot.com/>.

(Costa e Cordeiro, 1999: 58). Os bairros populares constituem-se em representações que integram a própria realidade social da cidade de Lisboa, configurando-se como um dos seus bens patrimoniais mais preciosos (*Idem*: 59).

Esta diversidade étnico-cultural nas cidades (as *super diverse cities*), nomeadamente o seu carácter cosmopolita, marca estes lugares étnicos urbanos com uma certa herança cultural e de vida de comunidade (Lin, 2011), o que, segundo Sharon Zukin (1995), tem impactos significativos e positivos (Gruner-Domic, 2011). Mas a diversidade também pode ser encarada como uma ameaça à coesão social e territorial em algumas zonas de cidade compostas por uma coexistência multiétnica, mas, ao invés, este atributo pode também ser capitalizado em campanhas de *marketing* urbano, associadas a estilos de vida cosmopolitas, apelando ao consumo de produtos e serviços dotados de uma certa autenticidade. No fundo, procura-se moldar o imaginário urbano e criar um entusiasmo em torno de paisagens interessantes que têm algum potencial para atrair turistas e visitantes (Rath *in* Vertovec & Wessendorf, 2004: 8). A partir da década de 80, as cidades passaram a estar menos interessadas em políticas de redistribuição e de criação de riqueza (atração de investimentos, de negócios e de mão de obra qualificada), para passarem a estar mais preocupadas com a competição por uma imagem de marca que as singulariza e a torna num lugar distinto e distintivo (Ilmonen, 2007 *cit. in* Tiano, 2010).

Na mesma linha de ideias, é possível colocar a seguinte interrogação: será que Lisboa e, mais concretamente, a Mouraria podem ser configuradas como etnopaisagem? Para Appadurai (2000), a *ethnoscape* é uma das dimensões dos fluxos culturais globais, sendo concebida como a paisagem de pessoas que configuram as mudanças no mundo em que elas vivem: turistas, imigrantes, refugiados, exilados, “trabalhadores convidados” e outros indivíduos e grupos marcados pela mobilidade, o que constitui o principal traço do mundo, parecendo afetar as relações políticas entre nações, como até então não tinha acontecido (Appadurai, 2000: 33). No fundo, o autor concebe a identidade étnica como maleável e fragmentada, sendo que as ideias de lugar e de comunidade passam a dar lugar a cartografias alternativas. O sufixo *scape* deixa antever uma certa fluidez, bem como as formas irregulares das paisagens, as diferentes perspetivas situacionais, os diferentes atores, tais como o Estado-nação, as

multinacionais, as comunidades diaspóricas e os grupos e movimentos sub-nacionais. Tudo isto é potenciado pela evolução das tecnologias e das telecomunicações, correlativamente a redução do tempo e do custo das viagens têm ampliado o transnacionalismo entre as comunidades migrantes em todo o mundo (Vertovec, 2004).

#### **4. Bairro da Mouraria: algumas disjunções**

Ainda que o bairro seja uma noção fluída e difusa, afigurando-se ora como um conjunto, ora como parte de algo compartilhado, ou ainda um segmento de uma cidade com uma fisionomia própria e dotada de uma certa unidade, configurando-se assim como uma singularidade e fragmento (Clavel, 2004: 73), o bairro pode também ser considerado como uma noção ideológica (Lefebvre, 1967 *cit. in* Clavel, 2003: 74-75), representando um ideal de vida comunitária enquanto quadro natural da vida social à escala humana. Costa e Cordeiro (1999) concedem que os bairros “são lugares reais e imaginados, intrinsecamente articulados com outras unidades sociais: desde os pequenos nós de interacção vicinal, informais, por vezes estruturados em redes discretas, ou polarizados em torno de uma rua, de uma associação ou de uma loja; passando pela freguesia, unidade política e administrativa mais ampla” (Costa e Cordeiro, 1999: 60). Em particular, o bairro da Mouraria apresenta um urbanismo irregular com múltiplas esquinas, becos e ruas estreitas e sinuosas, com uma certa compacidade do espaço construído, sendo de difícil delimitação, integrando, por um lado, a totalidade dos territórios das freguesias de São Cristóvão e São Lourenço e do Socorro, sendo, por outro, composto por áreas de fronteira, abrangendo parte das freguesias da Graça, dos Anjos e de Santa Justa.

A intensa atividade comercial que caracteriza o bairro tem uma forte componente étnica, que remonta aos grupos pioneiros de migrantes de origem indiana que se estabeleceram na área, entre 1976-1980, aos quais se seguiram outros grupos migrantes, sendo este um espaço de confluência de pessoas e de grupos sociais heterogéneos.

Os discursos e as políticas que se focalizam neste território parecem confluir em torno de algumas disjunções (Appadurai, 1990) que se interseitam e que aqui serão alvo de ilustração: i) bairro dos imigrantes e dos estrangeiros *versus* bairro dos autóctones; ii) bairro típico e histórico *versus* bairro cosmopolita; iii) bairro exótico *versus* bairro

difamado, deixando antever a confluência, neste lugar, de múltiplos fatores de diversidade.

#### **4.1. Mouraria: “encruzilhada de mundos”<sup>3</sup> – imigrantes e autóctones**

Neste lugar coexiste uma certa diversidade de estatutos e de práticas entre usuários, trabalhadores e residentes, sejam moradores antigos, autóctones (“os filhos do bairro”), sejam novos moradores, migrantes e imigrantes. Marluce Menezes (2003), no estudo que efetuou sobre o bairro da Mouraria, entre 1997 e 2001, salienta a presença de duas redes de sociabilidade e de vizinhança local: a rede de vizinhança por residência e a rede de vizinhança por trabalho. Na atualidade, esta distinção assume, ainda, alguma pertinência. Com efeito, num estudo realizado recentemente no bairro da Mouraria e Praça do Martim Moniz foi possível constatar a existência de tensões entre os residentes e comerciantes autóctones e residentes e comerciantes de origem estrangeira (Gésero, 2011). Os autóctones entrevistados por esta autora chegam a usar uma linguagem inflamada para descrever o desrespeito face aos horários de recolha do lixo por parte dos residentes imigrantes, bem como os seus comportamentos não higienistas (atirar lixo pela janela, a sujidade, pautando-se pela falta de limpeza no interior dos edifícios e das suas habitações).

As dificuldades de aceitação da alteridade no contexto da convivência quotidiana também se refletem nos planos olfativo e sonoro, evidenciando-se os temperos usados na gastronomia dos diferentes grupos imigrantes, assim como a sonoridade associada às diferentes línguas faladas, situação muitas vezes percebida, pelos autóctones, como uma certa falta de respeito face aos vizinhos portugueses ou, até, como uma atitude de resistência accionada pelos imigrantes (mais atribuída aos chineses) (Gésero, 2011). Uma das técnicas que representa a Unidade de Projecto da Mouraria salienta as barreiras à comunicação entre autóctones e imigrantes:

---

<sup>3</sup> Apropriamo-nos da designação do gabinete (GLEM – Gabinete Lisboa Encruzilhada de Mundos) que tem a seu cargo a organização do *Festival Todos*, uma iniciativa da autarquia lisboeta.

“Enquanto que os indianos, os paquistaneses e do Bangladesh falam inglês e minimamente uma pessoa consegue ir interagindo, os chineses não falam tanto assim e por isso é mais complicado...”

(Unidade de Projecto da Mouraria)

Muito embora os entrevistados de nacionalidade portuguesa revelem dificuldades em compreender e aceitar os imigrantes, não deixam também de evidenciar a inexistência de “problemas” ou de relações conflituosas com os vizinhos imigrantes.

“Ao contrário do que se pretende tentar demonstrar, as pessoas do bairro e os imigrantes ‘estão de costas voltadas’, passo a explicar isto dizendo que não é que sejam hostis ou agressivos, ‘as pessoas podem eventualmente cumprimentar-se, mas não se relacionam, ou quando se relacionam, muitas vezes ouvem-se queixas, como por exemplo em relação aos bangladeshi que deitam o lixo de qualquer das maneiras e tardiamente. Que um vizinho está constantemente a cozinhar caril e é um cheiro imenso no prédio etc. ‘Cada um faz a sua vida e pronto, não há grande amizade’.”

(Associação *Renovar a Mouraria*)

Mas são os autóctones (e mais velhos), os que, na sua maioria, se sentem mais orgulhosos do seu bairro (Fonseca, 2010). As evidências empíricas derivadas de um inquérito realizado a 100 indivíduos de origem imigrante e a 100 nativos, em 2009-2010, residentes na Mouraria e Martim Moniz, apontam a existência de elevados níveis de interação nos espaços públicos (por exemplo, parques) e um número escasso de visitas ao domicílio, independentemente da origem do inquirido (*Idem*). Entre 1991 e 2001, a Mouraria atraiu novos residentes que se fixaram no interior da freguesia de S. Cristóvão, ou seja, cerca de 11% dos seus moradores. Segundo os Censos de 2001, 8,4% do total dos seus residentes eram estrangeiros, sobretudo nacionais dos PALOP (25,3%) e nacionais da Índia, do Paquistão e da China (22,2%), sendo ainda de realçar a presença de famílias clássicas de uma ou duas pessoas (72,4%), principalmente viúvas que vivem sozinhas ou casais idosos (INE, 2001; UP Mouraria, 2010).

O mapeamento dos espaços públicos no bairro, feito durante a pesquisa etnográfica, indica diferentes regimes de ocupação do espaço público e que não se intercetam, bem como a existência de uma sociabilidade segmentada, observando-se um uso mais ostensivo do espaço público por parte dos homens. A este respeito, já Menezes (2003: 212) tinha observado que os homens têm uma presença mais exposta do que as mulheres. A este respeito, relembre-se Bauman (2007: 60 e 133), ao afirmar que a vida urbana é movida por estranhos entre estranhos, existindo diferentes formas de coexistência, desde o existir-ao lado, o existir-com e o existir-para. Dos depoimentos dos entrevistados parece que, na Mouraria, o existir-ao lado é a modalidade mais recorrente, traduzindo-se em contactos fragmentados ou episódicos, envolvendo só uma pequena parte dos múltiplos desejos e interesses do indivíduo. Os vários grupos e universos sócio simbólicos coexistem e vivem lado a lado sem se conhecerem, o que está bem patente neste testemunho:

“a Mouraria é um bairro culturalmente diversificada, existem muitos grupos ... As pessoas não se misturam muito, há desconfiança de uns face aos outros e não querem se misturar.”

(Joana, ex-residente)

No plano das relações comerciais e profissionais, os comerciantes portugueses sublinham a concorrência “desleal” perpetrada pelos comerciantes de origem imigrante, já que estes usufruem de benefícios fiscais, usufruindo de uma fiscalização mais permissiva aos seus estabelecimentos (perceção e sentimento de injustiça). Independentemente das críticas que possam ser aduzidas de parte a parte, o comércio nesta zona de Lisboa atraiu novos consumidores, novos empresários, novos produtos, novos serviços e também novas experiências. Um dos comerciantes de origem estrangeira reafirma as oportunidades que aqui se encontram justapostas:

“Devido ao conhecimento dos restaurantes, gostam da comida. Agora a internet também ajuda bastante, porque tem receitas, conhecem mais os produtos. A comida indiana sempre foi mais gostosa do que a habitual. A gente tem aqui muita variedade também, dos produtos. (...) temos clientes de quase toda a parte de Portugal; temos clientes de Leiria, Setúbal, Porto, até; também temos clientes de

[Vila Nova da] Barquinha, do Alentejo também; mas mais clientes regulares são clientes de Lisboa, distrito de Lisboa.”

(Comerciante nacional do Bangladesh)

A heterogeneidade e as dissemelhanças de representações e de práticas estão bem vincadas neste território, havendo uma sobreposição de territórios, de dinâmicas, de pessoas, de trajetórias e de modos de vida. Há, assim, “várias vozes” que falam do bairro (Menezes, 2003: 127), parecendo existir aqui várias Mourarias, como bem refere uma das técnicas da Unidade de Projecto da Mouraria:

“De resto, tinha uma visão mais abstracta do bairro. E, reconheço que, é um bairro com um microcosmos muito diversos, há muita diversidade aqui. E há núcleos – que eu chamo-lhe os núcleos duros –, o quarteirão da guia, a rua da Mouraria, em que está a igreja e o centro comercial da Mouraria. Aqui para dentro, toda esta zona aqui, onde está a estátua da guitarra portuguesa, em que tem a rua do Capelão, este é o miolo da zona mais tradicional da Mouraria, que engloba o grupo social mais popular, ligeiramente envelhecido – digo ligeiramente – mas é um núcleo popular tradicional que vem da sedimentação da emigração de fins de XIX, princípios de XX, que é ligeiramente afim à população de Alfama, que também tem, grosso modo, os mesmos tipos de traço, que é população de origem rural, que veio para Lisboa, como digo, alguns da emigração, uma mistura de operariado influenciado de inícios do século XX, e malandra [risos]!”

(Unidade de Projecto da Mouraria)

#### **4.2. *Existir ao lado: a religião na Mouraria***<sup>4</sup>

O modelo “existir ao lado” é a modalidade mais recorrente no âmbito religioso. A segmentação observada noutros âmbitos já referidos é, sem dúvida, a norma. Num espaço relativamente pequeno convivem grupos diversos e práticas religiosas também

---

<sup>4</sup> Esta componente sobre a religião na Mouraria foi escrita por Clara Saraiva, investigadora do IICT e do CRIA-FCSH, no âmbito do Projeto “Culturas de convivência e super diversidade”, CIES-ISCTE, com a participação do LDEI e do IICT e financiado pela FCT.

elas diversas e a segmentação religiosa segue as linhas de força constatadas, de uma forma geral, no bairro.

O marco primordial religioso vigente, ao longo de séculos, é o católico, não esquecendo, no entanto, as anteriores raízes muçulmanas, datadas da ocupação moura do bairro. São, assim, também portadores destas marcas, os templos religiosos existentes no bairro. A população autóctone e mais envelhecida é praticante da religião católica e defende, com orgulho, as igrejas existentes pelo bairro, pertencentes a várias freguesias (correspondentes às antigas paróquias), desde a pequena Capela das Olarias até à igreja do Colezinho, a igreja de Nossa Senhora do Socorro e a igreja de São Lourenço. Os próprios templos são testemunha das várias camadas históricas que existiram na Mouraria, ao longo dos séculos. Por exemplo, no local onde se encontra, atualmente, a igreja de São Cristóvão havia antes uma mesquita moçárabe.

A Mouraria é famosa pela sua festa da Nossa Senhora da Saúde, uma festa anterior ao século XV e imortalizada nas canções de Alfredo Marceneiro, continuando a ser, ainda hoje, o marco público mais importante da manifestação da religião católica. Complementarmente, e como é conhecido na Europa do Sul, a chamada religiosidade popular (Sanchis, 1985), aliada a uma revitalização de rituais antigos (Boissevain, 1992) tem um papel primordial. De acordo com o pároco local:

“Muitas vezes as acções e práticas religiosas não correspondem à fé que as pessoas têm; há muita superstição, muitas crenças nas almas penadas, nos espíritos...Eu sinto que funciono um pouco como um xamã, no interior da comunidade que se diz católica...”

A xenofobia e o isolamento étnico constatados noutros planos são bem visíveis no plano religioso, bem como uma segmentação existente mesmo entre a própria população autóctone e, supostamente, católica:

“Há muito bairrismo e rivalidades. Por exemplo, há uma rivalidade grande entre quem frequenta a Capela das Olarias e a Igreja do Socorro. Quem vai à Capela das Olarias não deixa que essa missa seja aglomerada com a de outra igreja, mas

depois faltam às celebrações...E as pessoas não falam com pessoas das outras religiões nem conversam sobre as outras religiões. E se falam, é para dizer mal...”

Os muçulmanos são um dos alvos comuns das críticas. Os Paquistaneses e os Bangladeshanos frequentam as duas mesquitas locais existentes no bairro, onde executam as suas orações diárias. A frequência das mesquitas é alvo de críticas pela população portuguesa, que se queixa do barulho que os homens fazem quando se juntam do lado de fora da mesquita, no final dos rituais e orações, sobretudo na altura do Ramadão, tal como um elemento da associação *Renovar a Mouraria* explicita:

“No Ramadão, como há cerimónias à noite e há o quebra jejum, as pessoas queixam-se do barulho nas ruas. Mas não há assim tanto barulho... estas reclamações têm sobretudo a ver com alguma xenofobia dos portugueses e católicos.”

Outro grupo alvo de criticismos é o dos neo pentecostais, as novas igrejas evangélicas dirigidas por brasileiros, que, apesar da sua matriz cristã, não são consideradas como tal pela população católica. Existem duas igrejas evangélicas no bairro, frequentadas sobretudo por brasileiros aqui residentes, mas sobretudo por pessoas exteriores ao mesmo.

Parte da população chinesa frequentava a Igreja Evangélica chinesa, ligada à expansão do protestantismo clássico em determinadas regiões da China, nos inícios do século XX, e que foi trazida junto com os imigrantes chineses na sua expansão para a Europa, em geral, e Portugal, em particular. Para além disso, os cultos religiosos chineses, à semelhança do que acontece na China e na diáspora chinesa pelo mundo, estão, essencialmente, relacionados com o culto dos antepassados e com os altares e as práticas religiosas familiares que têm, sobretudo, lugar nas casas de cada unidade doméstica (Chau, 2005).

A população hindu, minoritária, não tem templos públicos no bairro e desloca-se a outras zonas da cidade para as suas práticas religiosas.

### **4.3. Bairro típico vs. bairro cosmopolita**

Uma outra forma de categorizar de forma naturalizada este território considera o bairro da Mouraria como típico e boémio, dotado de tradições populares, como o Fado, as marchas, as festas populares e procissões (St. António e Nossa Senhora da Saúde), carregado de um certo bairrismo, de mitos fundacionais, como, por exemplo, o do Martim Moniz e o da Severa. A união e o envolvimento dos residentes em manifestações de cultura popular não deixam de ser evidenciados pelos técnicos que intervêm nos serviços e projetos de intervenção local.

“A Mouraria tem um momento forte em que a população residente se envolve bastante, que é o da Procissão. Eles fazem uma vigília, que é uma vigília da noite e vi as pessoas da velhinha Mouraria a abrirem as janelas e a porem as colchas e depois na procissão a estarem e é uma manifestação popular.”

(Unidade de Projecto da Mouraria)

A valorização do Fado e a evocação de alguns dos seus cantores mais famosos que aqui já residiram (Severa<sup>5</sup>, Argentina Santos, Mariza e Fernando Maurício) é uma estratégia no sentido de dar visibilidade às marcas identitárias do bairro da Mouraria, da sua história e dos seus habitantes. O “Programa de Acção”<sup>6</sup> (no âmbito do Quadro Estratégico de Referência Nacional), a decorrer na Mouraria, prevê a implementação do Sítio do Fado na Casa da Severa, com efeitos previsíveis no turismo e na dinamização económica do local, supõe-se que esta ação tenha consequências positivas na revitalização do tecido económico e social do bairro (UPM, 2010). Estes elementos patentes na paisagem mental da Mouraria estão bem patenteados no discurso dos técnicos que intervêm neste local.

---

<sup>5</sup> A mítica primeira intérprete do fado (Brito, 1999: 33), sendo que o fado foi identificado, em Lisboa, na pessoa desta mulher.

<sup>6</sup> Este Programa de Ação da Mouraria responde, assim, quer à proposta de valorização da diversidade dos territórios definida no PNPOT (Plano Nacional de Planeamento e Ordenamento do Território), para reforço do modelo territorial, quer mais concretamente a um dos objetivos políticos do Plano Regional de Ordenamento do Território da Área Metropolitana de Lisboa (PROTAML): a promoção da qualificação urbana, nomeadamente das áreas urbanas degradadas ou socialmente deprimidas, bem como das áreas periféricas ou suburbanas e dos centros históricos. No que se refere à intervenção neste bairro histórico, a opção foi pela reabilitação dos edifícios, pelo tratamento cuidadoso dos espaços públicos e pela promoção da participação cívica – reforço de coletividades e associações culturais.

“Os malandros da Mouraria, digamos, o fadista malandro que foi alvo de muitos estereótipos; eu tenho andado a ler, por outras razões, as descrições em guias turísticos, e o fadista da Mouraria de fins de XIX princípios de XX descrito para estrangeiros é absolutamente delicioso! Mas pronto, é o malandro, do gamanço - isto é o estereótipo, não quer dizer que sejam ladrões! –, mas digamos que é nesse núcleo que está essa população que tem um índice de pobreza relativo, com algumas fragilidades sociais e que se prolonga para aqui para a rua da Amendoeira, que é também outra vez um bocadinho de um tecido urbano antigo. Neste núcleo aqui, são relativamente fechados do ponto de vista urbanístico, que agrega esse tecido que gosta de fado. Depois gostar de fado estende-se numa extensão maior, mas digamos que aí vive o núcleo mais bairrista, no sentido do bairrismo lisboeta dos bairros populares. Depois, é assim, a zona de S. Cristovão já é uma zona que dilui mais esta dimensão popular e bairrista e malandra destes sítios e já tem uma população mais estruturada, economicamente mais favorecida, e onde também começa a penetrar a gentrificação que existe em Alfama.”

(Unidade de Projecto da Mouraria)

Esta dimensão da tipicidade não se opõe ao seu carácter cosmopolita, que tem insita a dialética entre as escalas local e global, apelando a novos estilos de vida e a novos modos de consumo cultural e que podem intensificar as oportunidades e as dinâmicas económicas e culturais, apostando, assim, na mercantilização das referências étnico-culturais diferentes e marcadas por algum grau de exotismo. A imagem da Mouraria emerge cada vez mais marcada por um certo hibridismo, associada a uma estratégia de *city marketing* como paisagem urbana idealizada, mas também como paisagem mental manipulada.

Um dos elementos mais evocados é o comércio e o consumo, já no passado, e só na área do Martim Moniz, Bastos (2004) identificou 200 lojas cujo empresário era de origem imigrante; enquanto uma pesquisa de maior amplitude realizada pela Socinova (Inquérito à Diversidade, em 2006) a 457 empresários étnicos localizados em Lisboa<sup>7</sup>, observou que as atividades dominantes eram a gastronomia (40%), o artesanato (15,9%), os cabeleireiros (8,3%), os bares (5,7%), as lojas de alimentos (5,5%) e as

---

<sup>7</sup> Concretamente no eixo Almirante Reis e bairros da Mouraria, do Castelo, de Alfama e eixo que liga o Martim Moniz ao Bairro Alto, passando pelo Rossio, Baixa e Chiado.

atividades artísticas (4,4%) (Costa, 2011). Quando questionados sobre as expectativas de crescimento da sua atividade, mais de metade dos entrevistados (52%) afirmaram que esse consumo aumentou e que este se tem vindo a diversificar, incluindo consumidores cada vez mais jovens e mais educados, bem como mais oportunidades económicas (*Idem*).

A Mouraria atraiu, em diferentes temporalidades, comerciantes de distintas origens étnico-nacionais. Desde indo-portugueses, hindus e muçulmanos, que começaram a instalar-se na zona em meados dos anos 70, dedicando-se, principalmente, ao comércio de brinquedos, bijutarias, quinquilharias, mobiliário e à importação-exportação (Malheiros, 1996; Mapril, 2010), nos anos 90 assistiu-se à instalação de guineenses, cabo-verdianos e, mais recentemente, de senegaleses e zairenses (com lojas nas áreas da cosmética, da música, dos produtos alimentares e da restauração), mas também de comerciantes chineses – principalmente provenientes da província de Zhejiang e após a década de 90 (Bastos, 2004; Mapril, 2010). Foi também nesta altura que se registou a fixação dos comerciantes paquistaneses (restauração, bricabraque, audiovisual) e bangladechianos (pronto-a-vestir, restauração, supermercados, bricabraque) (Mapril, 2010: 249).

Um levantamento realizado entre 2000-2002 ao comércio de rua na área de Intervenção da Unidade de Projecto da Mouraria (UPM) confirma as tendências já alinhadas, observando-se que 56,9% do comércio era dinamizado por portugueses, 31,5% por indianos, 4,8% por comerciantes de origem africana, 3,6% por chineses e 2,4% por paquistaneses. O comércio que se desenvolvia no interior dos dois centros comerciais era dominado, quase exclusivamente, pelos chineses (UP Mouraria, 2010: 20; Marluci, 2003). Estes tendem a dedicar-se a um comércio de carácter grossista, constituindo-se nos principais fornecedores de artigos para o comércio ambulante praticado pelos ciganos (em mercados e feiras). Estas relações de convívio profissional entre chineses e ciganos são evidenciadas por um dos entrevistados:

“[Os chineses] Comunicam mais entre si do que propriamente (...) comunicar com os ciganos, talvez seja o grupo com o qual eles interagem mais, mas também é relativamente simples, no negócio. Já fui mais vezes ao Centro Comercial do que

vou agora, mas não me lembro de algum dos ciganos se preocupar em não ser entendido e vice-versa, não me parece.”

(Unidade de Projecto da Mouraria)

Ser comerciante de origem imigrante na Mouraria nem sempre implica a fixação de residência neste local. Recorde-se que a maior parte dos indianos entrevistados por Marluce Menezes (2003: 113) com estabelecimentos no eixo Calçada de St. André, Rua dos Cavaleiros, Rua do Benfornoso e Rua da Mouraria, residiam na altura fora de Lisboa, nomeadamente na Portela, em Odivelas e St. António dos Cavaleiros.

#### **4.4. Bairro exótico versus Bairro difamado**

Enquanto lugar imbricado pela alteridade, pela coexistência multiétnica<sup>8</sup>, por novos consumos associados aos “comércios, serviços e produtos étnicos”, este bairro aparece, ainda, um lugar marcado pela insegurança associada à degradação do edificado e dos espaços públicos, à presença de sem-abrigo, da prostituição, de traficantes e usuários de drogas. Recorde-se que a Mouraria carrega um estereótipo sedimentado na história da cidade de Lisboa e de Portugal: o lugar para onde foram os mouros que não saíram da cidade com a Reconquista Cristã (1170), marcando o início formal da Mouraria, mas também o início da ideia da área como um território estigmatizado, porque o nome representa o espaço físico para alojamento dos mouros, mas também significa, etimologicamente, o vale dos vencidos (Menezes, 2003).

---

<sup>8</sup> Lisboa fez a sua adesão à Rede das Cidades Interculturais em 2011. O programa *Rede das Cidades Interculturais* é um projeto conjunto do Conselho da Europa e da Comissão Europeia, criado e executado dentro do contexto do Ano Europeu do Diálogo Intercultural, cujo objetivo é estimular novas ideias e práticas em relação à integração dos imigrantes e das minorias. Esta *Rede de Cidades Interculturais* visa facilitar a orientação mútua e o intercâmbio entre as cidades, sendo as respetivas atividades concebidas de modo a envolver um amplo leque de atores – funcionários municipais, administradores, prestadores de serviços, profissionais e organizações da sociedade civil – no processo de construção de uma visão intercultural e estratégica para os municípios. A *Rede de Cidades Interculturais* pretende, ainda, reforçar as ações das comunidades locais, tirando o máximo partido da sua diversidade cultural, apoiar as cidades no desenvolvimento de estratégias de atuação e ações que ajudem a gerir a diversidade de forma construtiva e inovadora, propondo políticas concretas e métodos que as cidades de toda a Europa possam vir a adotar e a beneficiar (CML, 2011).

Num documento muito recentemente apresentado pela Câmara Municipal de Lisboa – o *Plano de Desenvolvimento comunitário da Mouraria* – esta imagem da Mouraria é reafirmada: “historicamente, um território composto por vulnerabilidades sociais, designadamente, grupos em risco ou em situação de pobreza ou exclusão social, baixos índices de qualidade de vida, alguma insegurança, e níveis de ‘guetização’ territorial acima do comum e desejável, em Lisboa (...) Até final de 2013, a Mouraria será objecto de uma reabilitação urbana, o que constitui uma excelente oportunidade para se proceder a uma ‘revitalização social’ em paralelo” (CML, 2011b: 6).

Já em 2001, Menezes (2003: 204) salienta que, em 101 respondentes, 78,1% referiram que havia locais específicos no bairro marcados por problemas de segurança, subsistindo, no entanto, referências ao passado do bairro como sendo mais seguro. Ainda hoje, a insegurança continua a ser um elemento invariante no discurso produzido por técnicos, comerciantes e residentes entrevistados, geradora de tensões, mas também de estratégias de evitamento e de separação entre residentes e usuários deste território:

“Há um problema complicado no bairro da Mouraria, que tem a ver com tráfico de drogas e há famílias ligadas ao comércio específico e comércio.”

(Unidade de Projecto da Mouraria)

“A área também é perigoso, usuários de drogas... de vez em quando vem a polícia, mas a polícia tem que vir aqui mais vezes, porque aqui é uma zona daquelas coisas.”

(Comerciante nacional do Bangladesh)

Segundo um recente diagnóstico produzido pela Unidade de Projecto da Mouraria, na atualidade, o bairro apresenta um certo estado de desertificação (abandono prolongado dos alojamentos) e degradação do edificado, embora as condições de habitabilidade básica dos alojamentos tenham melhorado (aspeto visível entre os Censos de 1991 e 2001). Em 2001, cerca de 34% do total de alojamentos familiares encontravam-se desocupados. A Mouraria continua a ser um bairro onde o regime de arrendamento é maioritário, embora tivesse crescido a proporção de proprietários,

concentrando uma percentagem razoável de propriedade pública, nomeadamente municipal (UP Mouraria, 2010).

Mas a degradação do *habitat* popular, a sobrelotação, a linguagem arquitetónica e os projetos de intervenção sócio-territorial não têm conseguido evitar a segregação deste território, desde os planos de renovação urbana de 1930/40, que implicaram uma “limpeza e embelezamento” do mal afamado bairro da Mouraria (Menezes, 2003 e 2009: 306), até aos anos 60, com o *Plano de Modernização do Martim Moniz*, que acentuou a marginalização física e social e a desvalorização dos seus terrenos, com continuidade nos anos 80, com o *Plano de Renovação Urbana do Martim Moniz* (com a edificação dos dois *shopping centers*); sendo que, só em 1985, se criou o Gabinete Local da Mouraria (mais tarde Unidade de Projecto do bairro da Mouraria) – com funções ao nível da reabilitação, da revitalização sociocultural e da recuperação do património económico, urbano e arquitetónico. Esta área transformou-se assim em “objecto de renovação urbana” (Costa, Ribeiro, 1989 *in* Menezes, 2009: 308).

Em 2009, surgiu o “Programa de Acção” (no âmbito do Quadro Estratégico de Referência Nacional) e que tem como principal aposta a requalificação do espaço público e do ambiente urbano, o que exige uma intervenção no tecido social da área de intervenção (UPM, 2010).

O Programa de Acção da Mouraria, tem a designação “As Cidades dentro da Cidade”, prevendo, essencialmente, a realização de intervenções arquitetónicas e de requalificação do espaço público e ambiente urbano, em colaboração com as associações locais, tendo como propósito “tornar esta área da cidade mais atractiva, não só para o comércio, serviços, jovens e famílias, mas mais, segura e sustentável para os residentes e turistas” (UPM, 2009: 23).

Neste quadro de mudanças, o novo Gabinete do Presidente da Câmara de Lisboa está já instalado no Largo do Intendente, prevendo-se que o Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural também desloque as suas instalações para esta área. Pese embora o carácter pontual destas iniciativas, estas são percebidas como ações-chave para a mudança.

“O facto do Presidente da Câmara vir simbolicamente viver – viver não, ter o seu gabinete de trabalho ali no Largo no Intendente – também fez com que as coisas corressem um bocadinho mais em feição da Mouraria, o que é óptimo, ainda bem que ele teve essa decisão, e há aqui uma vontade política em intervir nesta zona; e o serviço do município que é responsável pela limpeza urbana está bastante preocupado e tem feito um esforço – e isso é claríssimo para mim! – de 2008 para hoje o grau de lixeira diminuiu consideravelmente e isso, francamente, acho que foi um esforço municipal, agora trata-se um bocadinho de educar as pessoas.”

(Unidade de Projecto da Mouraria)

Da análise dos documentos que fazem parte desta proposta, fica claro que este programa pretende, essencialmente, intervir nos espaços públicos, de modo a promover a segurança e a utilização dos espaços do bairro e da cidade, tentando resolver de forma indireta alguns dos problemas sociais que são assumidos como problemas urbanos (Castells, 1983).

## **5. Questões em aberto**

Em termos conclusivos, dir-se-ia que o conceito super diversidade parece abrir um campo de reflexão bem mais útil e operativo, tendo potencialidades para nortear novas pesquisas. A Mouraria parece configurar-se em referente privilegiado, onde é possível encontrar múltiplos eixos de diferenciação, enquanto lugar de confluência e de coexistência de conjunções e combinações entre variáveis ilustrativas deste complexo *puzzle* social. Na quotidianidade do bairro confluem autóctones, novos imigrantes, imigrantes mais antigos, portadores de uma diversidade de proveniências, com diferentes experiências migratórias, com estatutos e trajetórias de vida diversos, com distintas práticas transnacionais e modalidades de acesso aos serviços públicos e recursos estatais, parecendo existir um certo pluralismo linguístico e religioso, o que também se reflete em diferentes padrões de convivência cultural, exigindo a mobilização de uma perspectiva de análise de carácter multidimensional e interdisciplinar, apelando à inovação teórica (anti essencialista e reificadora), mas também metodológica.

Cientes de que, até agora, mais não fizemos do que aflorar hipóteses e avançar elementos sumariamente explicativos sobre as imagens e significados do bairro partilhadas por atores sociais (moradores, visitantes, trabalhadores e empresários) e atores socioinstitucionais (ONG'S, Igrejas, associações, projetos de intervenção, serviços locais e municipais), importa colocar algumas interrogações reflexivas que são uma contribuição para o debate sobre as mudanças em curso nesta zona de Lisboa.

Surge, desde logo, uma questão estruturante: quais serão os efeitos destes discursos e imagens (naturalizadas) sobre a Mouraria que ainda orientam as recentes opções das políticas urbanas para este território?

Algumas pesquisas realizadas em contexto europeu têm revelado que um desejo de diversidade tem efeitos superficiais, afetando mais o padrão de consumos, com a oferta de novos locais para comer fora, para tomar uma bebida e para sair (Blokland & G. VanEijk, 2010). A fixação de novos residentes de classe média (*mixed social*) com uma predisposição de abertura à diversidade não se traduz, geralmente, em redes sociais mais diversas e intensas. Anne Raulin (2000) assinala, também, que “a necessidade e procura da etnicidade” na sociedade francesa, tem-se traduzido num consumo “superficial” de produtos étnicos, por parte dos membros autóctones das classes média e alta, inclusive por parte daqueles que optam por residir em bairros com um elevado *mix* étnico.

De relembrar, aqui, uma distinção crucial, estabelecida por Bauman (2006), entre mixofobia (o receio de se estar em copresença física com desconhecidos e que provoca afastamento e segregação) e mixofilia (o oposto, isto é, a obtenção de prazer através da experiência de convivência com estranhos). A fusão exigida pela mixofilia só pode resultar da experiência compartilhada, e compartilhar a experiência é inconcebível se, primeiro, não se compartilhar o espaço. Para este autor, o espaço público é a essência do cosmopolitismo e da abertura ao outro, o que exige uma estratégia clara de tornar os espaços públicos mais hospitaleiros, mas tal não poderá fazer esquecer a importância do direito à cidade e à urbanidade por parte de quem já lá reside e é usuário.

Será que a Mouraria poderá conhecer um processo semelhante ao que ocorreu em Belleville, em França, entre meados dos anos 50 e a década de 90 do século passado? Muito embora este lugar tenha sido conhecido como “bastião” das classes

perigosas, aglutinando imigrantes, estrangeiros e operários (Pinson e Bekkar, 1999), os processos de renovação urbana que aí foram desencadeados atraíram os operadores privados e inflacionaram os preços da habitação, colocando sérias dificuldades e implicando, até, processos de rejeição e remoção das classes populares do seu *habitat* tradicional para as periferias e o retorno de artistas, intelectuais, mas também das classes sociais possidentes (Lefebvre, 1991). Algumas pesquisas em curso no Bairro da Mouraria apontam para que se registre aqui uma *gentrification* alternativa envolvendo jovens artistas, *designers*, investigadores... e mais usuários (turistas e visitantes), como refere o estudo do GEITONIES (Fonseca, 2010). A encerrar este artigo permanece, ainda, sem resposta uma questão colocada por um dos entrevistados:

“Como se pode cultivar um bairro intercultural e multicultural, sem incorporar activamente a voz das pessoas que vivem e estão imersos naquele lugar, será que o ‘o Festival Todos é para todos’? Isso parece mais um programa de outros.” (risos)

(Associação Renovar a Mouraria)

### Referências bibliográficas

- APPADURAI, Arjun (1990), “Disjuncture and differences in the global cultural economy”, in *Public Culture*, vol. 2 (2), 1-24.
- APPADURAI, Arjun (ed.) (2000), *Modernity at Large: cultural Dimensions of Globalization*, Vol. 1, Minneapolis, University of Minnesota Press.
- BASTOS, Cristiana (2004), “Lisboa, século XXI: uma pós-metrópole nos trânsitos mundiais”, in José Machado Pais e Leila Blass (orgs.), *Tribos Urbanas: Produção Artística e Identidades*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 195-224.
- BAUMAN, Zygmunt (2006), *Confiança e Medo na Cidade*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2007), *A vida fragmentada. Ensaios sobre a moral pós-moderna*, Lisboa, Relógio d'Água.
- BLOKLAND, T. V. & VAN EIJK, G. (2010), “Do people who like diversity practice diversity in neighbourhood life? Neighbourhood use and the social networks of ‘diversity seekers’ in a

mixed neighbourhood in the Netherlands”, in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 36 (2), 313-332.

BOISSEVAIN, Jeremy (1992), *Revitalizing European Rituals*, New York, Routledge.

BRITO, J. Pais de (1999), “O fado: etnografia na cidade”, in G. Velho (org.), *Antropologia Urbana*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, pp. 24-42.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (2011a), Participação no projecto “Rede das Cidades Interculturais”, in *Proposta n.º 237 / 2011*.

– (2011b), *Plano de Desenvolvimento comunitário da Mouraria – relatório final*, Documento para debate, 28 de Abril de 2011.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA / GABINETE LISBOA ENCRUZILHADA DE MUNDOS E DA ACADEMIA DE PRODUTORES CULTURAIS – GLEM (2011), *Festival Todos – Caminhada de Culturas*. [Consult. em 28 Dez. 2011]. Disponível em: <http://todoscaminhadadeculturas.blogspot.com/>.

CARVALHO, Francisco Avelino (2006), “O lugar dos negros na imagem de Lisboa”, in *Sociologia Problemas e Práticas*, n.º 52, 87-108.

CASTELLS, Manuel (1983), *A Questão Urbana*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

CHAU, Adam Yuet (2005), “The politics of legitimation and the revival of popular religion in Shaanbei, North-central China”, in *Modern China*, vol. 31, n.º 2, 236-278.

CLAVEL, Maitë (2004), *Sociologie de l'urbain*, Paris, Anthropos.

COSTA, António Firmino da & CORDEIRO, Graça Índias (1999), “Bairros: contexto e intersecção”, in G. Velho (org.), *Antropologia Urbana*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, pp. 58-79.

COSTA, Francisco Lima (2011), “Globalização, diversidade e ‘novas’ classes criativas: a emergência de um sistema de produção etnocultural em Lisboa”, in *Sociologia Problemas e Práticas*, 67, 85-106.

ESSED, Philomena (1991), *Understanding everyday racism: an interdisciplinary theory*, Newbury Park, Sage Publications.

FONSECA, Maria Lucinda (coord.) (2010), *City survey report: Lisbon. Executive Summary*, Lisboa, IGOT-UL.

GÉSERO, Maria Paula (2011), *Configuração da Paisagem Urbana pelos grupos Imigrantes. O Martim Moniz na Migrantscape de Lisboa*, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura FAUTL 2010-2011, Vol. 1.

GILROY, Paul (2004), *After empire: melancholia or convivial culture?*, London, New York, Routledge.

GRUNER-DOMIC, Sandra (2011), “Transnational lifestyles as a new form of cosmopolitan social identification? Latin American women in German urban spaces”, in *Ethnic and Racial Studies*, 34: 3, 471-489.

INE, INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2001), *XIV Recenseamento Geral da População*.

LEFEBVRE, Henri (1974), *La production de l'espace*, Paris, Ed. Anthropos.

– (1991), *O direito à cidade*, São Paulo, Ed. Moraes.

LIN, Jan (2011), *The power of urban ethnic places: cultural heritage and community life*, NY, Routledge.

MALHEIROS, Jorge Macaísta (1996), *Imigrantes na Região de Lisboa: Os Anos da Mudança*, Lisboa, Edições Colibri.

MAPRIL, José (2010), “Banglapara: imigração, negócios e (in)formalidades em Lisboa”, in *Etnográfica*, 14 (2), 243-263.

MENEZES, Marluci (2003), *Mouraria: entre o mito da Severa e o Martim Moniz. Estudo antropológico sobre o campo de significações imaginárias de um bairro típico de Lisboa*, Lisboa, LNEC.

– (2009), “A praça do Martim Moniz: etnografando lógicas socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa”, in *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, nº 32, 301-328.

MURDIE, Robert & GHOSH, Sutama (2010), “Does Spatial Concentration Always Mean a Lack of Integration? Exploring Ethnic Concentration and Integration in Toronto”, in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 36, nº 2, 293-311.

- PINSON, Daniel & BEKKAR, Rabia (1999), “Urban renewal, ethnicity and social exclusion in France”, in Abdul Khakee, Paola Somma & Huw Thomas (eds.), *Urban renewal, ethnicity and social exclusion in Europe*, England and USA, Ashgate Publishing, pp. 103-125.
- RAULIN, Anne (2000), *L'ethnique est quotidien: diasporas, marchés et cultures métropolitaines*, Paris, L'Harmattan.
- SANCHIS, Pierre (1985), *Arraial, festa de um povo: as romarias portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote.
- STEINBERGER, Marília (1997), “Brasília et Jérusalem: lieux multiculturels dans un monde global”, in *Cybergeo: European Journal of Geography* [En ligne], Dossiers, *Colloque Les problèmes culturels des grandes villes*, 8-11 décembre 1997, document 67, mis en ligne le 08 décembre 1998. [Consult. em 11 de Dez. de 2011]. Disponível em: <http://cybergeo.revues.org/1008> ; DOI : 10.4000/cybergeo.1008.
- TIANO, Camille (2010), “Quelles valeurs pour revaloriser les territoires urbains ?”, in *Cybergeo: European Journal of Geography* [En ligne], Débats, Les valeurs de la ville, mis en ligne le 03 mai 2010. [Consult. em 11 de Dez. de 2011]. Disponível em: <http://cybergeo.revues.org/23091> ; DOI : 10.4000/cybergeo.23091.
- UPM, UNIDADE DE PROJECTO DA MOURARIA (2009), *Programa de Acção da Mouraria: As Cidades dentro da Cidade*, Unidade de Projecto da Mouraria, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- (2010), *Documento de candidatura ao QREN Mouraria*.
- VERTOVEC, Steven (2007a), “Introduction: New directions in the anthropology of migration and Multiculturalism”, in *Ethnic and Racial Studies*, 30: 6, 961- 978.
- (2007b), “Super-diversity and its implications”, *Ethnic and Racial Studies*, 30: 6, 1024-1054.
- VERTOVEC, S. & WESSENDORF, S. (2004), *Migration and Cultural, Religious and Linguistic Diversity in Europe: An overview of issues and trends*, Oxford, Centre on Migration, Policy and Society [COMPAS], University of Oxford, International Migration, Integration and Social Cohesion (IMISCOE).
- ZUKIN, Saron (1995), *The cultures of cities*, Malden USA e Oxford, Blackwell Publishers.

## ABSTRACT/RÉSUMÉ/RESUMEN

### Abstract

*Neighbourhood of Mouraria, territory of diversity: between tradition and cosmopolitanism*

This text has as a basis a wider research that is still in course, which deals with cultures of conviviality and super diversity, its conceptual matrix lying on the theoretical proposals developed by P. Gilroy and S. Vertovec. Here we try to discuss some preliminary results obtained from the field research carried out in the Mouraria neighbourhood in Lisbon. Indeed, as Mouraria is located in the ancient part of the city of Lisbon, it seems to be progressively turning into an “urban ethnic place”, and it is worth emphasizing some disjunctions which will be analysed here and which have marked the speeches and the policies concerning this area: typical and historical neighbourhood versus cosmopolitan neighbourhood; exotic neighbourhood versus infamous neighbourhood; neighbourhood for immigrants/foreigners versus neighbourhood for autochthonous people. This contribution aims precisely at problematizing the main changes in course in this Lisbon neighbourhood and carry on with some research and interpretation lines which will contribute to a reflection about the processes of social construction of public images about Mouraria, which have led some of the practices and policies concerning the socio-territorial intervention in this neighbourhood.

Keywords: Super diversity; Neighbourhood of Mouraria; Conviviality; Multiculturalism.

### Résumé

*Bairro da Mouraria, territoire de diversité : entre tradition et cosmopolitisme*

Ce texte s’appuie sur une recherche plus large, qui est encore en cours, dont le thème central est développé autour de la cohabitation des cultures et de la super-diversité, en fondant sa matrice conceptuelle sur les propositions théoriques développées par P. Gilroy et S. Vertovec. Il s’agit d’aborder ici certains résultats préliminaires de la recherche menée sur le terrain dans le quartier de la Mouraria à Lisbonne. La Mouraria, qui est l’un des plus anciens quartiers de la ville Lisbonne, devient de plus en plus un « *urban ethnic place* », où l’on observe des disjonctions qui seront analysées ici et qui marquent les discours et les politiques autour de ce territoire : quartier typique et historique *versus* quartier cosmopolite ; quartier exotique *versus* quartier

infâme ; quartier des immigrants et des étrangers *versus* quartier des autochtones. Cette contribution vise précisément à problématiser les principales transformations en cours dans ce quartier lisboète et à proposer quelques lignes de recherche et d'interprétation qui contribuent à une réflexion autour des processus de construction sociale d'images publiques sur la Mouraria, qui ont orienté certaines pratiques et politiques d'intervention socio-territoriale dans ce quartier.

Mots-clés: Super-diversité; Mouraria quartier; Cohabitation des cultures; Multiculturalisme.

## **Resumen**

*El Barrio de la Mouraria, territorio de diversidad: entre la tradición y el cosmopolitismo*

Este texto se basa en un proyecto de investigación más amplio, todavía en curso, sobre las culturas de convivencia y la super-diversidad que se asientan en las propuestas teóricas desarrolladas por P. Gilroy y S. Vertovec. Se busca discutir algunos resultados preliminares derivados del trabajo de campo realizado en el barrio de la Mouraria, en Lisboa. La Mouraria, al localizarse en el casco antiguo de la ciudad de Lisboa, parece configurarse cada vez más como un lugar/espacio étnico-urbano, evidenciando algunas disyunciones que serán analizadas. Éstas han marcado los discursos y las políticas del territorio: el barrio típico e histórico *versus* el barrio cosmopolita, el barrio exótico *versus* el barrio de mal nombre, el barrio de los inmigrantes y extranjeros *versus* el barrio de los autóctonos. Este aporte pretende, justamente, problematizar las principales transformaciones en curso en dicho barrio lisboeta, y avanzar con algunas sugerencias de investigación e interpretación que contribuyan a una mejor reflexión sobre los procesos de construcción social de las imágenes públicas sobre la Mouraria, las que han orientado algunas prácticas y políticas de intervención sócio-territoriales en el barrio.

Palabras-clave: Super-diversidad; Barrio de la Mouraria; Culturas de convivência; Multiculturalismo.



## Territórios de diversidade e convivência cultural: considerações teóricas e empíricas

Beatriz Padilla<sup>1</sup> e Joana Azevedo<sup>2</sup>

*Instituto Universitário de Lisboa*

**Resumo:** A diversidade é uma característica das sociedades contemporâneas, sendo que a imigração é um dos elementos que mais têm contribuído para a sua incorporação. Uma forma comum de abordar este fenómeno tem sido olhar para a chamada integração dos imigrantes. No entanto, esta abordagem apresenta limitações. Um olhar mais inovador resulta de observar como decorre a convivência intercultural a nível local (cidade/bairro), ou seja as relações quotidianas entre autóctones e imigrantes. Refletimos sobre alguns dos aspetos teóricos à volta da convivialidade e a superdiversidade quotidiana e a sua aplicabilidade empírica em etnografias multissituadas, em dois bairros da Área Metropolitana de Lisboa, no âmbito de um projeto de investigação internacional<sup>3</sup>.

**Palavras-chave:** Mouraria; Cacém; Diversidade cultural; “Convivialidade”.

---

<sup>1</sup> Investigadora Sénior do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL) e Professora Auxiliar Convidada no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) (Lisboa, Portugal). *E-mail:* beatriz.padilla@iscte.pt

<sup>2</sup> Socióloga e investigadora de pós-doutoramento do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL) (Lisboa, Portugal). *E-mail:* joana.azevedo@iscte.pt

<sup>3</sup> Projeto de investigação intitulado *Culturas de Convivência e Superdiversidade*, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) [PTDC/CS-SOC/101693/2008]. Instituições envolvidas: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL), Instituto de Investigação Científica e Tropical (IICT/MCTES) e Laboratorio de Estudios Interculturales, Departamento de Antropología Social de la Universidad de Granada (LDEI).

## Introdução

Nas últimas décadas, as sociedades europeias têm sido confrontadas com o aumento de atitudes e posições racistas, nacionalistas e xenófobas (ECRI, 2006; BEPA, 2006). No entanto, houve também um aumento de projetos e iniciativas de promoção da tolerância e do diálogo intercultural, procurando atenuar tais tendências. A Comissão Europeia, por exemplo, promoveu, em 1997, o Ano Europeu contra o Racismo e a Xenofobia e, em 2008, o Ano Europeu do Diálogo Intercultural. Em termos políticos, tem havido um aumento da hostilidade desde o 11 de setembro de 2001, que “já não está confinado à esfera extremista dos partidos políticos mas também tem vindo a contaminar os partidos políticos mais influentes” (ECRI, 2006: 9)<sup>4</sup>. Mais recentemente, com o acentuar da crise económica internacional, observa-se em diversos países europeus um agravamento da situação socioeconómica dos imigrantes e a aprovação de legislações mais restritivas sobre os seus direitos.

Boa parte das políticas que visam a integração dos estrangeiros nas sociedades de acolhimento apenas tem conseguido, em parte, alterar imagens negativas, agravando, no entanto, a sua estigmatização. A Diretiva de Retorno de Imigrantes Ilegais, recentemente aprovada, baseada na detenção, expulsão e deportação é outro exemplo do contexto negativo que se vive (Acosta, 2009). No domínio da opinião pública, vários inquéritos demonstram que grande parte dos europeus vê os imigrantes com desconfiança (BEPA, 2006). Esta ideia tem adquirido maior relevância devido à comunicação social, que muitas vezes descreve os estrangeiros como grupos marginais associados à criminalidade e dependentes do Estado providência. No contexto da atual crise, esta tendência tem vindo a piorar. Portanto, se se quiser alterar este clima, promovendo um diálogo intercultural, estas perceções e imagens deverão ser desconstruídas.

As dinâmicas observadas nos contextos de diversidade continuam a ser pouco estudadas e são ainda reduzidos os estudos empíricos centrados nesta problemática. Neste contexto, pareceu-nos útil o conceito de *conviviality* (“convivialidade” ou

---

<sup>4</sup> Para aprofundar diferentes casos nacionais ver Mielants, 2006; Essed e Nimako, 2006; Amiriaux e Simon, 2006.

convivência de culturas), apontado por Paul Gilroy para designar as relações sociais específicas de contextos marcados pela diversidade étnica. Segundo Gilroy, o termo “convivialidade” designa “o(s) processo(s) de coabitação e interação que fizeram do multicultural uma característica comum da vida social das zonas urbanas do Reino Unido e de outras cidades pós-coloniais (...). Não descreve a ausência de racismo ou o triunfo da tolerância (...) Introduce uma medida de distanciamento do termo ‘identidade’, que provou ser um recurso ambíguo na análise da raça, da etnicidade e do político” (Gilroy, 2004: xi). Numa outra perspectiva, Vertovec também contribuiu para a análise desta problemática, propondo o conceito de *superdiversity* (superdiversidade), com o intuito de superar limitações anteriores levantadas pelo conceito de *ethnicity* (eticidade). Este conceito vem explicar as “novas combinações e interações de variáveis” presentes nas sociedades contemporâneas (Vertovec, 2007 a: 7).

Com base nestas propostas teóricas, formulou-se um projeto de investigação sobre a “convivialidade” que procura dar um contributo teórico e empírico para o conhecimento nesta temática. Partindo da hipótese geral de que a superdiversidade e a convivência cultural existem em diferentes territórios na Europa, o projeto centra-se na convivência intercultural nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (Portugal) e de Granada (Espanha), nas quais territórios específicos foram escolhidos como estudo de caso.

O projeto *Culturas de Convivência e Superdiversidade*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2010-2012), visa descrever, analisar e comparar os novos contextos de superdiversidade e convivência cultural na sua relação com as migrações e os respetivos domínios culturais. O nosso olhar não pressupõe a idealização de relações interculturais harmoniosas, mas considera os contextos de convivência como novos campos de tensões, contradições e interações interculturais. Deste modo, procura-se compreender as dinâmicas, bem como os fatores sociais, históricos e individuais, que estão na base de formas específicas de “convivialidade”, e que se articulam com a diversidade étnica, cultural, socioeconómica, de género ou geracional. O projeto desenvolve uma abordagem e metodologias próprias, pensadas para compreender as relações interculturais entre os autóctones e as populações imigrantes. O nosso ponto de partida não é a chamada integração dos migrantes, mas sobretudo as interações e sociabilidades estabelecidas nos espaços onde estes cohabitam, atuam e se relacionam entre si e com os autóctones.

Na cartografia social, as novas culturas de convivência não estão associadas a um espaço geográfico específico, mas sim a diferentes contextos onde os grupos étnicos interagem. A pesquisa centra-se na observação de espaços formais e informais (Lofland, 1998) organizados em torno de três âmbitos principais: os espaços do bairro, a Escola e os eventos interculturais. Estes são espaços fundamentais para compreender, como sugere Amin, o “significado real” das relações interculturais, porque ainda que “a estrutura nacional das relações raciais e étnicas seja importante, grande parte da negociação da diferença ocorre ao nível local, através das experiências e encontros quotidianos” (Amin, 2002: 959). Neste sentido, as opções metodológicas que nortearam este projeto, como adiante explicitaremos, procuraram captar as dinâmicas e vivências quotidianas, a nível local, a partir de uma abordagem etnográfica.

## **1. Enquadramento teórico**

O contributo inovador deste estudo sobre interculturalismo e imigração encontra-se no domínio teórico, analítico e empírico-metodológico. Ao nível teórico, os estudos em migrações têm vindo a atravessar transformações conceptuais de fundo. Uma destas transformações é a crescente incorporação do conceito de transnacionalismo no estudo do fenómeno migratório. As migrações internacionais já não são entendidas como a mudança ou a saída dos indivíduos de um determinado país de residência, num determinado momento no tempo, mas como um processo contínuo, que desafia “o enfoque analítico tradicional no Estado-nação a favor de um enfoque centrado nas redes e fluxos globais” (Edmunds, 2006: 556).

Neste sentido, a imigração pode ser associada, quer com diversos retornos e novas imigrações numa biografia individual ou familiar, quer com a formação de “espaços sociais transnacionais” (Pries, 1996), cujas referências materiais e simbólicas vão mais além das fronteiras do Estado-nação. Apesar desta transformação teórica, muita da investigação em imigração continua a trabalhar com uma conceção de cultura estanque e circunscrita geograficamente, que define os elementos culturais a partir de referências às culturas nacionais (Weiss, 2005). Neste projeto procurou-se desafiar e superar esta abordagem. As identidades culturais dos grupos imigrantes podem ser

concebidas como o “balanço entre o compromisso com ou a autoidentificação com a cultura e sociedade de origem e o compromisso com ou a autoidentificação com a cultura e sociedade de acolhimento” (Constant, Gataullina e Zimmermann, 2006: 8). Este estudo propõe um conceito dinâmico de cultura, segundo o qual a homogeneidade de culturas, bem como a ideia de identidade étnica como *stock* predeterminado de predisposições culturais e preferências, são desafiados. Neste sentido, a cultura pressupõe formas de articular posições no centro de uma relação específica que varia em cada interação, combinando informação de diferente natureza temática. Dependendo do quadro de interação, questões relacionadas com etnicidade e identidade transformam o *focus* principal no qual as posições assumidas são articuladas. A cada momento específico, fazem parte deste processo aspetos como as diferenças geracionais, de classe social, gosto estético, situação profissional, entre outras (Costa, 2007), bem como as percepções de raça/cor, origem nacional e raízes, género ou padrões de discriminação e racismo predominantes na sociedade em geral (Padilla, 2007; Padilla, Rodrigues e Ortiz, 2008). Centrar o enfoque no posicionamento individual observado no contexto intercultural é fundamental e implica uma mudança na abordagem de investigação. Se até agora se tinha vindo a procurar caracterizar principalmente o modo como as referências acumuladas ao longo de uma trajetória de vida constituíam uma específica identidade étnica, e como eram seguidamente reproduzidas no domínio das interações sociais, passa agora a ser importante mostrar como a identidade ou a identificação individual é produzida *ad hoc*, no próprio momento da interação, de forma relacional, através da atualização da informação cultural acumulada ou através daquilo que Wise designa por “transversalidade quotidiana” (Wise, 2007). Deste modo, o modelo de convivência cultural “superdiversa” observado em cada momento pressupõe a incorporação e/ou reação por parte dos envolvidos na autoperceção, na perceção que os outros deles têm, e nas interações. Assim, a identidade perde relevância como fator explicativo, adquirindo maior importância os diferentes tipos de interações.

É fundamental, portanto, analisar “quais são os mecanismos através dos quais os indivíduos enquanto sujeitos se identificam (ou não) com as ‘posições’ que lhes são atribuídas; assim como de que forma recriam, estilizam, produzem e ‘performam’ estas posições”, ou ainda de que modo gerem entre si os aspetos antagónicos, de resistência e negociação (Hall, 1996: 13). Neste sentido, como sugere Vertovec, “ao refletir sobre as

interações quotidianas, é importante reconhecer que ocorrem diferentes tipos de interação ou contacto nos múltiplos, sucessivos, espaços habitados pelos indivíduos no decorrer do seu dia” (Vertovec, 2007b: 35).

Entre as ferramentas analíticas de que nos munimos nesta pesquisa incluem-se o conceito de “espaço de contacto” (*contact zone*), de Mary Louise Pratt, que traduz a formação e desenvolvimento de relações entre indivíduos geográfica e historicamente separados:

“espaços sociais onde culturas diferentes se encontram, chocam e lutam entre si, muitas vezes em relações muito assimétricas de dominação e subordinação como o colonialismo, a escravatura, ou as suas consequências, vividas atualmente no mundo” (Pratt, 1992: 4).

O recurso que Wise faz da noção emprestada de “espaço de contacto” e da comunicação (improvisada) entre culturas diariamente mobilizadas pelos atores sociais, é-nos particularmente útil como meio para entender as estratégias mundanas que as pessoas desenvolvem com intuito de cultivar e amenizar as eventuais diferenças (Wise, 2007). De acordo com Wise, as “estratégias mundanas” são denominadas de “transversalidade quotidiana”, que consiste na troca, estabelecida entre diferentes pessoas, que gera diversos processos de reconfiguração identitária. Wise recorre aos termos de “biografias interligadas” e “facilitadores transversais”. O primeiro não nos foi possível desenvolver, já o segundo mostrou-se relevante no decorrer do trabalho de campo. A noção de “transversalidade” sustentada por Wise tem como base uma outra noção, a de “políticas transversais”, desenvolvida por Nira Yuval-Davis (1999). Esta noção refere-se às estratégias intergrupais que pretendem ultrapassar o conflito, por intermédio de diversos processos de negociação, que induzem reconfigurações identitárias nos sujeitos. Socorremo-nos também de Santos (2008) e da sua reflexão no que respeita à crescente importância das políticas culturais direcionadas para a diversidade, como meio e instrumento de revitalização e de renovação urbana (resolvendo problemas) que, simultaneamente, fomentam o turismo e o *marketing* cultural.

Na aproximação aos conceitos de culturas de convivência e superdiversidade, e procurando operacionalizar o conceito de “convivialidade”, começámos por desafiar o significado comum atual de multiculturalismo e interculturalidade. A globalização leva-nos muitas vezes a pensar que ser cosmopolita, multi ou intercultural e sensível à diversidade são características da sociedade contemporânea. No entanto, esta associação não é linear. Aliás, se partíssemos deste pressuposto, assumiríamos uma visão reificada e estanque da noção de “cultura”, com a qual não concordamos. Uma vez que a “cultura” se manifesta através das interações, ela é resultado de dinâmicas relacionais entre atores sociais e da interconexão complexa que se estabelece entre estruturas objetivas e subjetivas de existência. Deste modo, poder-se-á alegar que a “cultura” é a manifestação de sociabilidades quotidianamente forjadas e que constitui uma articulação entre dimensões incorporadas das estruturas sociais e a experiência vivida dos sujeitos. Neste sentido, não é possível abordar a “cultura”, a “interculturalidade” (e outros termos análogos) sem ter em consideração que estas noções se referem, fundamentalmente, a processos que resultam das relações sociais em que os sujeitos se encontram imersos (Toren, 1999). Todavia, a “globalização” contribui, efetivamente, para uma mais alargada e rápida circulação de imaginários, discursos, já que as TIC contribuem para que o ritmo das transformações e a interação entre mundos distintos sejam mais efémeros e mais difíceis de circunscrever (Castells, 2002). Valerá então a pena reforçar a ideia sustentada por Canclini (1990), de que as culturas mudam e evoluem incorporando elementos de outras culturas, quer através da invasão, da migração, do turismo, quer, mais recentemente, por intermédio da televisão e da internet. As culturas não são, por definição, estáticas mas dinâmicas, ainda que, no momento particular em que as estudamos, consigamos identificar elementos e características que as singularizam e/ou diferenciam umas das outras. Numa era cuja interdependência é exponencialmente mais visível e experienciada, as relações de poder assumem contornos multidirecionais e configurações que resultam da especificidade dos atores sociais e das instituições (em que se combina a manipulação de símbolos no espaço mediatizado).

Um olhar histórico sobre as sociedades ajuda a compreender as mudanças, especialmente aquelas trazidas ou provocadas pelas migrações. Neste sentido, concordamos com Harvey (2001) quando este refere que a compressão do tempo e do

espaço é uma das características das sociedades contemporâneas e, possivelmente, um novo marcador das diversidades e da mudança cultural, dando origem a práticas culturais mais voláteis e imprevisíveis. E como evidenciou Giddens, a intensificação da interação entre o espaço e o tempo leva a que “os acontecimentos locais sejam moldados por eventos que acontecem a milhas de distância e viceversa” (1996: 64).

Como sublinhou Touraine (1997), vivemos hoje forças centrípetas e centrífugas de diversidade e de homogeneidade, no âmbito das quais a cultura tem um duplo papel de unir e dividir. Neste sentido, na cidade intercultural e cosmopolita, o cultural é também uma força económica e até política (Santos, 2008; Soja, 2000).

Como referido anteriormente, as tensões entre conceitos universais com instrumentalizações particulares procurando alcançar o universal, são dinâmicas presentes no domínio da definição de políticas e de práticas de intervenção social, não descurando nesta amálgama a própria definição dos sujeitos, cuja “identidade” se cria e recria, e é negociada, ao ritmo da convivialidade e sociabilidade decorrente da interação e mobilidade encetada pelos sujeitos nos diversos espaços públicos e privados por onde se mobilizam, também eles pautados pelas vicissitudes advindas das relações de poder (Ribeiro, 2003). Tendo em conta o acima referido e partindo do pressuposto de que as cidades e as metrópoles pretendem hoje ser territórios interculturais e cosmopolitas, estabeleceu-se como objetivo desenvolver uma pesquisa centrada nas relações sociais e no “contacto cultural”, partindo de uma perspectiva que reconhece os contextos de convívio como campos de poder onde emergem diferentes tensões. Deste modo, pretendeu-se desenvolver uma análise das dinâmicas assim como dos fatores históricos, sociais e pessoais que intervêm na disponibilidade (ou não) dos sujeitos para conviver em meios “étnica” e “culturalmente” diversificados.

## **2. Metodologia**

A nível analítico, o projeto visa a aplicação empírica dos conceitos de “*conviviality*” (convivência/convivialidade) e “superdiversidade”, pelo que a operacionalização destes conceitos foi um desafio, nem sempre totalmente ultrapassado. A metodologia assentou numa abordagem qualitativa, privilegiando o método

etnográfico, com o objetivo de focar as situações interculturais, ou seja, a “diversidade quotidiana” (Wise, 2007). Não na perspectiva de encontrar relações livres de preconceitos, mas de olhar, como já referido, para as possíveis tensões e contradições que caracterizam as relações humanas e de vizinhança, interculturais ou não, em contextos espaciais delimitados. Sendo assim, olhar para o contacto e a interação resultaria mais inovador, permitindo superar o enfoque mais estático da identidade e a etnicidade geralmente adotado, e que só considera o “outro” (imigrante) na relação, esquecendo os autóctones.

Este projeto de investigação, iniciado em março de 2010 e em curso até agosto de 2012, centrou-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e de Granada, mais especificamente em dois bairros por cada país. Em Lisboa, foram selecionados o bairro da Mouraria e a cidade do Cacém, e em Granada, o Realejo e o Zaidin. Nesta seleção havia também o objetivo de desenvolver uma análise comparativa focada na dimensão: centralidade vs. periferia da posição dos bairros. A escolha do território metropolitano tinha como objetivo identificar duas lógicas urbanas simultâneas e contraditórias, a do centro e da periferia, que ancoradas em “operações urbanísticas, para além das suas implicações espacialmente localizadas, geram processos de alteração de fluxos humanos e mercantis. Definem-se novas centralidades, modificam-se antigos equilíbrios entre bairros residenciais e áreas de serviços.” (Baptista e Nunes, 2004: 92). Estes autores, classificam o contexto metropolitano em duas lógicas, as residenciais e as cosmopolitas. No entanto, o projeto procura olhar como estas lógicas acontecem em simultâneo mas de forma diferenciada.

A ancoragem em duas Áreas Metropolitanas significou, por um lado, um desafio e, por outro, uma mais-valia. O desafio era manter a coerência metodológica e conceptual em dois contextos diferentes, tendo em conta que as equipas locais incorporaram investigadores nacionais e estrangeiros, com experiências diversas, o que significou um valor acrescentado. Neste sentido, as reuniões das equipas, e os intercâmbios de trabalho de campo realizados em Lisboa e em Granada, foram elementos propositados da metodologia para assegurar, *a priori*, aspetos da comparabilidade entre os diferentes contextos estudados. As equipas desenharam grelhas e guiões para as entrevistas e para as observações nos três âmbitos de estudo (ver tabela 1).

**Tabela 1 – Critérios de comparação entre territórios estudados**

	<b>Bairro</b>	<b>Evento</b>	<b>Escola</b>
<b>Espaços</b>	Rua, mercado, praça, centros comerciais, associações, zonas de lazer, cafés/restaurantes, lojas, equipamentos.	Rua, praça, palco, espaço público.	Sala de aula, pátio, espaços à volta da escola, salas e espaços das associações, equipamentos.
<b>Dimensões</b>	Diversidade dos moradores, turistas, clientes, transeuntes, espaço / tempo, sociabilidades.	Diversidade do público, dos artistas, dos representantes institucionais e moradores.	Diversidade dos alunos, professores, técnicos, interação entre eles.
<b>Atores</b>	Informantes-chave (líderes associativos, presidentes de junta, autoridades e técnicos municipais, outros). Moradores e clientes.	Informantes-chave (organizadores, programadores, líderes associativos). Moradores, público, artistas.	Informantes-chave (diretores de escola, professores, diretores de turma, outros técnicos). Estudantes / professores ou mediadores.
<b>Posicionamento epistemológico</b>	Perceções do investigador e autoavaliação da observação / entrevista (bairros, pessoas, autoridades).	Perceções do investigador e autoavaliação da observação / entrevista (eventos).	Perceções do investigador e autoavaliação da observação / entrevista (alunos, professores, técnicos).

O projeto decorreu em três fases interligadas (está ainda em curso a fase final): 1) o enquadramento teórico, o estado da arte e o mapeamento de espaços a nível local; 2) o trabalho de campo e recolha de dados; e 3) a análise e comparação dos territórios a dois níveis – primeiro, intra espaços selecionados em Lisboa e Granada e depois entre as duas áreas metropolitanas. O desenvolvimento de cada fase proporcionou elementos cruciais para a fase seguinte, quer ao nível de relatórios, de revisão de literatura, de mapeamento documental e visual, quer de guiões de entrevistas e grelhas de observação, entre outros, que compuseram um *corpus* de análise do projeto.

Já em relação ao mapeamento dos territórios da Área Metropolitana de Lisboa, durante a primeira fase, para além dos bairros com os quais os elementos da equipa estavam familiarizados (Vale da Amoreira, na margem Sul, 6 de maio/Cova da Moura em Amadora, entre outros), fizeram-se visitas exploratórias a diversos territórios, nos quais se observam dinâmicas de convivência intercultural. As visitas incluíram a Alta de Lisboa (incluindo Ameixoeira), o Bairro Padre Cruz, o bairro Terraços da Ponte, a Mouraria, a Agualva-Cacém, o bairro dos Loios e Chelas/Marvila. Cada visita contou com o apoio de líderes associativos locais e outros atores sócio-institucionais, que atuaram como guias, facilitadores e mediadores com os contextos de análise. Finalmente, escolheu-se a Mouraria (centro histórico de uma cidade) e o Cacém (periferia da Área Metropolitana de Lisboa). Para a entrada nestes dois contextos, optámos pelo recurso a “facilitadores transversais” (Wise, 2007), isto é instituições ou atores que tivessem um acesso privilegiado aos territórios.

Passamos agora ao detalhe da metodologia de tipo qualitativo e etnográfico. Escolhemos a etnografia duplamente multissituada dentro da Área Metropolitana e dos bairros. No entanto, neste artigo centramo-nos apenas no caso de Lisboa. A etnografia multissituada revela-se útil, segundo Marcus, para uma melhor perceção da “circulação de significados culturais, objetos e identidades em tempo-espaço difusos” (Marcus, 1995: 96). Este estilo etnográfico, próprio do sistema-mundo, foi útil porque as “estratégias de literalmente fazer um seguimento das conexões, associações e relações putativas estão no coração do desenho da etnografia multissituada” (*Idem*: 97), e porque “para o etnógrafo interessado na mudança local contemporânea na cultura e na sociedade, a investigação confinada a um só contexto, já não pode ser localizada numa

perspetiva de sistema-mundo” (*Idem*: 98), na qual o nosso projeto assenta, especialmente no aspeto transnacional.

Especificamente, através da etnografia é possível descortinar: 1) como acontece a convivialidade no espaço público dos bairros escolhidos: mercados, praças, ruas, parques, lojas e espaços comerciais, sedes de associações, etc. (como a convivialidade é vivida, experimentada/sofrida); 2) como a interculturalidade e a diversidade são ensinadas, aprendidas ou vividas na Escola; 3) como a convivialidade e a interculturalidade são planificadas/organizadas para serem mostradas/celebradas num evento intercultural, como um exemplo específico de política cultural a nível local. Em síntese, a pesquisa supõe um conjunto de várias etnografias – bairro, escola e evento intercultural – num bairro central e num bairro periférico das Áreas Metropolitanas de Lisboa e de Granada.

As etnografias, por serem desenvolvidas no mesmo território, supunham algum nível de sobreposição, no sentido em que alguns dos atores e informantes-chave coincidem. Cada etnografia teve um *focus* e uma lógica diferentes e cada uma contou com grelhas de observação (o que se observava variava segundo o objetivo) e guiões de entrevistas diferentes (i.e. semiestruturadas, por tópicos, etc., dependendo do papel do entrevistado), especialmente concebidos para cada âmbito. Tanto as grelhas, como os diversos guiões, foram construídos por equipas integradas por investigadores de Lisboa e de Granada. As considerações feitas neste artigo, assim como as propostas analíticas, têm como base empírica o trabalho de campo desenvolvido, quer ao nível das visitas aos locais, quer das entrevistas e observações realizadas nos contextos, pelo que não estão isentas de subjetividades próprias dos investigadores.

### **3. Territórios e contextos de pesquisa: a Mouraria e o Cacém**

Como estudar a temática da “convivialidade” e da diversidade de uma forma não tradicional? Ou seja, não apenas focando-nos nos imigrantes, mas também incluindo os autóctones. Porquê Lisboa e Granada e não Portugal e Espanha? À partida pensámos que o nível de generalização do “nacional” resultaria demasiado abstrato e difícil de

apreender, já que o olhar nacional não retrata em detalhe as características do local ou bairro, especialmente quando dentro dos países, regiões e mesmo cidades, existem territórios e organizações político-administrativas tão diferenciadas. No caso de Portugal, o fenómeno da imigração a nível nacional não é tão relevante como ao nível da Área Metropolitana de Lisboa, que concentra mais de 50% da população imigrante. No caso de Espanha, por um lado, o fenómeno adquire características regionais muito diferentes e, por outro, as comunidades autónomas desenvolvem uma pluralidade de políticas para lidar (bem ou mal) com a imigração. Daí que a investigação ao nível do local seja desejável e mais útil, facilitando a comparação entre os âmbitos escolhidos. O local pode, ainda, ser estudado a várias escalas: ao nível da área metropolitana, municipal e de bairro. Neste projeto, optámos por dois níveis, o da área metropolitana e o do bairro (embora reconheçamos as diferentes aceções de bairro). Em todo o caso, as referências à escala municipal são incontornáveis, especialmente pela relação estreita com as políticas e os programas de intervenção local e ao nível das políticas culturais.

A área metropolitana foi escolhida porque na sedentarização e fixação da imigração que acontece nos processos mais amplos de urbanização, a ocupação dos espaços pode não coincidir com os limites geográficos da cidade, mas sim, como evidenciado por Baptista e Nunes (2004), dentro das denominadas áreas metropolitanas (AM) localizadas à volta das grandes capitais. Nestas, a urbanização funciona seguindo diferentes lógicas que vão desde a renovação urbana e/ou a degradação, a cidade dormitório, o realojamento, até à fixação de recém-chegados provenientes, tanto das zonas rurais, como das migrações internacionais. Contudo, no coração das AM, geralmente no centro das cidades, acontecem fenómenos de gentrificação, degradação urbana, concentração de populações socialmente desfavorecidas, entre as quais populações migrantes, que se vão fixando nestes bairros. Em qualquer dos casos, interessa comparar como acontece tanto a convivência entre autóctones e imigrantes e como se desenvolvem as práticas e políticas culturais no seio dos bairros, que dependem frequentemente de específicas políticas municipais.

A escolhas dos territórios/bairros a serem estudados foi cuidadosa e não deixada ao acaso. A Mouraria foi escolhida porque no seu seio acontecem todos estes fenómenos de convivência cultural que nos interessavam compreender neste projeto. Outros fatores que contribuíram para esta escolha estão relacionados com a rápida e

constante mudança social verificada atualmente na Mouraria e pelo facto de, neste território, confluírem projetos e intervenções concretas (QREN, Plano de Desenvolvimento Social e Comunitário, organização do *Festival Todos – Caminhada de Culturas*, entre outros). Quando fizemos a nossa aproximação a este bairro, já conhecíamos estudos específicos aí realizados com outros interesses (Mapril, 2001, 2008 e 2010; Oliveira, 2005; Menezes, 2004). No entanto, ao nosso projeto interessava olhar este território sob a perspetiva das relações de convivência.

Na Mouraria não existe um consenso relativamente aos limites geográficos do bairro. A zona da Mouraria abrange várias Juntas de Freguesia, tais como Socorro, São Cristóvão, São Lourenço e, em parte, áreas de Santa Justa, Anjos e Graça. Os próprios vizinhos e moradores, as associações, a Câmara Municipal e os investigadores atribuem-lhe diferentes fronteiras. O território é um bairro tradicional e popular, mas é muitas vezes estigmatizado, devido à sua associação com a prostituição, o tráfico de drogas e a criminalidade. Apesar das diferentes fronteiras associadas ao bairro, é geralmente aceite que, espacialmente, o bairro está dividido em várias zonas, algumas mais residenciais, outras mais comerciais. A Mouraria, situada no coração da cidade, é parte da Câmara Municipal de Lisboa, sendo que, recentemente, o seu Presidente transferiu o seu gabinete para o Largo do Intendente, na fronteira do bairro, o que, simbolicamente, ilustra a importância sóciopolítica atribuída pela autarquia à renovação deste espaço urbano. A Mouraria tem sido um espaço de alguma história de intervenção urbana, com vários programas implementados ao longo do tempo (Menezes, 2009). O atual processo de renovação e de intervenção envolve várias iniciativas: o *Plano de Ação da Mouraria* (QREN-Mouraria, de 2011 a 2013) e o *Plano de Desenvolvimento Social e Comunitário*. O primeiro centra-se, principalmente, na reabilitação urbana e requalificação do espaço público. O *Plano de Desenvolvimento Social e Comunitário* centra-se na transformação social, económica e cultural, tendo como fonte de financiamento os fundos do orçamento participativo da autarquia, aprovado em 2011. Nestas iniciativas estão envolvidas várias entidades públicas e privadas que trabalham em parcerias (entre outras, Câmara Municipal, Juntas de Freguesia, associações, Alto-Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural). Entre os objetivos das intervenções podemos destacar: limpar e melhorar a imagem do bairro, promover a economia e os negócios a nível local. Ainda em relação ao conjunto de ações previstas

das políticas de renovação urbana, promovem-se as denominadas de “*cultural block*”, sendo que as políticas culturais e turísticas pretendem envolver o bairro da Mouraria no mapa turístico de Lisboa capital, salientando, simultaneamente, os seus elementos tradicionais e cosmopolitas. Em 2011, Lisboa foi nomeada e reconhecida como cidade intercultural, integrando agora a rede de cidades interculturais. Este reconhecimento resultou de uma candidatura desenvolvida pela CML, baseada no *Festival Todos*, que se realizou durante três edições na Mouraria.

O segundo território escolhido foi o de Agualva-Cacém, conhecido como Cacém. Selecionou-se este território devido a um conjunto de características: por um lado, a diversidade da sua população, que incluiu tanto imigrantes e minorias étnicas, como autóctones, entre os quais retornados e migrantes internos; por outro, a sua localização na periferia urbana; em simultâneo, não tinha sido alvo de estudos anteriores. No Cacém não estamos perante uma cidade dormitório; há um dinamismo e uma vida própria que se reflete no comércio, na vida nas ruas e centros comerciais, nos vários e diversos espaços de culto, na existência de serviços e infraestruturas de apoio aos moradores (ginásios, cabeleireiros, cafés, padaria, restaurantes, escolas e creches, entre outros). Este território foi alvo, em 2001, de uma reforma administrativa, pelo que o que era conhecido como Cacém (ainda presente no imaginário da população local, o que justifica ser considerado como um bairro) foi dividido em 4 freguesias: Agualva, Cacém, Mira-Sintra e São Marcos. Está localizado na periferia da Área Metropolitana de Lisboa e pertence ao município de Sintra.

Comparativamente com a Mouraria, é menos rico em termos de intervenções planificadas, quer a nível de renovação, quer a nível de intervenção cultural. Recentemente, ocorreram obras de modernização da Estação Ferroviária, com o objetivo de melhorar a imagem do espaço público, sendo este um espaço de passagem obrigatória dos turistas que visitam Sintra. Este é um espaço partilhado por autóctones, imigrantes e seus descendentes.

Em síntese, a escolha dos bairros da Mouraria e do Cacém dentro da Área Metropolitana de Lisboa implicou a escolha das autarquias de Lisboa e Sintra, como instâncias de intervenção ao nível das políticas. Em cada um dos contextos selecionados contámos, primeiro para a visita, e depois ao longo do trabalho de campo, com o apoio e

a colaboração de associações comunitárias que se converteram em interlocutores principais, ao mesmo tempo que abriram a nossa entrada no terreno, facilitando os contactos com a população e as instituições locais. Assim, os facilitadores transversais, *Renovar a Mouraria*<sup>5</sup> e *Casa Seis*<sup>6</sup>, cumpriram um papel central, tanto na entrada, como na permanência no terreno. No entanto, o olhar sobre os contextos não esteve limitado à mediação destes facilitadores, já que se ouviram as vozes das várias instituições e outros atores públicos e privados, aí sediados.

Em ambos os territórios, ao nível das instituições que aí intervêm, existe sobre os imigrantes uma perceção geral duplamente ancorada na ambiguidade: por um lado, estes oferecem o seu capital simbólico para enriquecer a cidade diversa cosmopolita (Oliveira, 2005; Mapril, 2001); concomitantemente são vistos como problema social (Malheiros e Mendes, 2007: 22). Contudo, os bairros escolhidos, mesmo que, efetivamente, sejam espaços caracterizados por uma diversidade cultural efervescente, situam-se em áreas que suscitam representações sociais e imaginários distintos. Isto significa que as políticas (ou falta delas) de renovação e revitalização, que decorrem nestes espaços, podem intersetar-se de forma diferente com agendas (inter)culturais, que podem englobar aspetos como o turismo, a gastronomia, a economia étnica, entre outros, favorecendo diversos tipos de “convivialidade” entre imigrantes e autóctones, para além do potencial económico que poderão gerar.

Com base no perfil diverso dos territórios estudados, atendendo às principais dimensões de análise, concebemos uma tipologia preliminar que identifica as características mais salientes da Mouraria e do Cacém (Tabela 2). Trata-se de uma primeira tentativa de sistematizar e encontrar elementos de comparabilidade entre os bairros, a partir dos dados até agora recolhidos.

---

<sup>5</sup> A *Renovar a Mouraria* (RAM) é uma associação criada em 2008 por um grupo de moradores e amigos do bairro com o objetivo de chamar a atenção dos responsáveis políticos e sociais sobre a situação na qual o bairro se encontrava. Promove tanto ações de revitalização urbanística, social, cultural e turística, como uma cultura de inclusão social, de género e étnica e a prevenção da violência. <http://www.renovaramouraria.pt/>.

<sup>6</sup> A *Casa Seis* é uma associação de desenvolvimento comunitário criada em 2000, que tem por objetivos melhorar a qualidade de vida e as condições de inserção social da população, seguindo os princípios da educação para a cidadania ativa, e atua contra a discriminação de género, nacionalidade, cultura e religião.

**Tabela 2 – Características principais dos contextos estudados**

<b>Mouraria</b>	<b>Cacém</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Centro histórico</li> <li>• Diversidade de imigrantes, sedentarizados e novos fluxos (Bangladesh, Índia, Paquistão, China, Brasil, PALOPs)</li> <li>• Autóctones                         <ul style="list-style-type: none"> <li>- Terceira idade</li> <li>- Jovens profissionais /artistas (gentrifiers)</li> </ul> </li> <li>• Associativismo ativo e diversificado (exceto imigrante)</li> <li>• Gap geracional</li> <li>• Redes sociais familiares e endogâmicas</li> <li>• Comércio étnico e redes económicas transnacionais e dinamismo na restauração; diminuição do comércio tradicional</li> <li>• Diversidades de religiões</li> <li>• Reabilitação urbana e gentrificação</li> <li>• Programas de intervenção social e comunitária</li> <li>• Espaço turístico e cultural de referência e em revitalização</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Periferia</li> <li>• Imigrantes sedentarizados &amp; descendentes (PALOPs), novos imigrantes (Brasil, Guiné Conacri, Europa de Leste)</li> <li>• Autóctones                         <ul style="list-style-type: none"> <li>- Retornados &amp; migração interna</li> <li>- Classes operária e média</li> </ul> </li> <li>• Associativismo reduzido e algum associativismo imigrante</li> <li>• Diversidade geracional</li> <li>• Redes sociais diversificadas</li> <li>• Comércio étnico reduzido, comércio tradicional diversificado</li> <li>• Diversidade religiosa no âmbito cristão (católico e evangélico pentecostal) e muçulmano</li> <li>• Requalificação limitada, “white flight”</li> <li>• Escassos programas de intervenção social, exceto Programas Escolhas)</li> <li>• Não é espaço de referência turística ou cultural</li> </ul>

A partir das observações e entrevistas realizadas a diferentes atores-chave desenvolvemos, ainda, uma proposta tipológica que fornece alguns elementos iniciais para nos orientar na caracterização dos tipos de “convivialidade” encontrados nos territórios estudados. Por um lado, uma *convivialidade económica*, em torno das

atividades económicas presentes nestes territórios e que incluiu, desde as relações estabelecidas no âmbito dos consumos quotidianos de vizinhança, ao comércio tradicional, ao comércio étnico, aos centros comerciais e ao comércio grossista (mais característico da Mouraria), ao comércio para turistas, autóctones e imigrantes. Paralelamente, uma *convivialidade sócio-cultural*, relativa às sociabilidades estabelecidas no âmbito das relações de vizinhança, da participação cívica, associativa ou religiosa. Eventos interculturais específicos, como o *Festival Todos*, na Mouraria, constituem-se como espaços onde se desenvolvem convivialidades específicas entre vizinhos, turistas e participantes nos eventos, artistas, estruturas institucionais e associações do bairro.

Em particular no caso da Mouraria, encontrou-se, ainda, uma *convivialidade turística*, de carácter transitório, associada aos itinerários percorridos por visitantes e por turistas que, quotidianamente, atravessam o bairro. Por fim, um outro tipo que poderemos designar por *convivialidade de conflitos e tensões*, que compreende: i) a convivialidade relacionada com as diferenças de *habitus* de ocupação do espaço urbano das diferentes populações que habitam ou trabalham no bairro, ou, por exemplo, com a higiene do espaço urbano e que são geradoras de algumas tensões; ii) uma convivialidade associada a dinâmicas específicas presentes nestes territórios, como o tráfico de drogas, a prostituição ou a pequena criminalidade.

### **Considerações finais**

Neste contributo, mais do que apresentar conclusões, partilhamos algumas reflexões sobre o trabalho desenvolvido até ao presente. Estas reflexões não abrangem inteiramente cada uma das etnografias, mas estão mais dirigidas para os aspetos globais e integrais do projeto, num nível mais meso e de articulação entre os conceitos teóricos e os dados empíricos.

A nível conceptual, os conceitos de “convivialidade” e “superdiversidade” são referências teóricas importantes. No entanto, a sua operacionalização revelou-se, por vezes, difícil. O conceito de “convivialidade” tem a vantagem de não estar colado ao conceito de “identidade”, pelo que sugere olhar para as inter-relações e sociabilidades

entre os residentes, imigrantes e não imigrantes. Mas é, ainda, preciso refletir mais sobre a delimitação dos âmbitos de convivialidade e das convivialidades tensas ou antagónicas. Em relação ao conceito de “superdiversidade”, a aplicabilidade não é linear. Vertovec (2007a, 2007b) é muito claro nas variáveis que constituem a superdiversidade: país de origem (que inclui etnicidade, língua, religião, identidades regionais e locais, valores e práticas culturais); canal migratório (fluxos caracterizados pelo género, redes e nichos laborais); e estatutos legais. No entanto, algumas delas nem sempre são variáveis no sentido estrito do conceito, não sendo fácil estabelecer os limites entre diversidade e superdiversidade. Por outro lado, a superdiversidade tem-se circunscrito ao âmbito dos imigrantes, não integrando o aspeto relacional próprio da (inter)culturalidade, em particular a interação entre imigrantes e autóctones. Em consequência, a articulação deste conceito com o fenómeno estudado precisa de ser afinado.

Por outro lado, ao longo do desenvolvimento do projeto, outros referentes e conceitos foram identificados e resultaram ser instrumentais, tanto na perceção dos contextos de estudo, como na análise e na articulação entre teoria e empiria. Entre eles, podemos destacar o conceito de “espaço/zona de contacto”, de Pratt (1992), e a sua aplicação por parte de Wise (2007), a transversalidade quotidiana, facilitadores transversais, e o papel da cultura como fonte de renovação/revitalização urbana. Estes, entre outros, revelaram ser ferramentas teóricas com uma certa capacidade heurística e operacional.

Uma primeira análise dos dados qualitativos recolhidos através do trabalho de campo, especialmente ao nível do bairro e dos eventos, permitiram, por um lado, caracterizar os bairros selecionados (Tabela 2) e, por outro, identificar tipos de convivialidade. Esta forma de organizar os dados empíricos deve ser entendida como uma primeira aproximação e tentativa de análise, ou seja, um esforço de sistematizar o que foi observado e percebido e não pretende ser um modelo explicativo único. No entanto, e com as reservas mencionadas, os perfis dos bairros/espacos são feitos considerando os aspetos principais que nos preocupam neste projeto, ou seja, as relações e sociabilidades entre as populações autóctones e migrantes e alguns elementos estruturais que podem exercer uma influência (fatores sócio-económicos), daí a sua importância, pelo menos como instrumento. Neste mesmo sentido, com a proposta

tipológica pretende-se assentar as bases para os elementos e conceitos que devem ser considerados quando pensamos nos tipos de convivialidades existentes nos bairros.

Em síntese, no projeto temos vindo a confirmar a relevância que os aspetos culturais têm no quotidiano do bairro e a sua interligação com as questões sócioeconómicas. São estes aspetos culturais que servem para unir ou desunir, para facilitar ou dificultar as negociações quotidianas que marcam as sociabilidades e interações entre moradores, líderes associativos, autoridades, transeuntes, turistas, clientes, etc. É no aprofundamento destas questões que a intervenção sociopolítica pode centrar a sua ação, se se pretender atenuar as tensões e melhorar os âmbitos da convivialidade intercultural.

### **Referências bibliográficas**

- ACOSTA, D. (2009), “Reacções latino-americanas à adopção da Directiva de Retorno”, in *Revista Migrações*, 5, 53-62.
- AMIN, Ash (2002), “Ethnicity and the multicultural city: Living with diversity”, in *Environment and Planning*, A 34 (6), 959-980.
- AMIRAUX, V. & SIMON, P. (2006), “There are no minorities here: Cultures of scholarship and public debate on immigrants and integration in France”, in *International Journal of Comparative Sociology*, 47, 191-215.
- BAPTISTA, L. V. & NUNES, J. P. (2004) “Contexto metropolitano e (re)classificação urbana: Apontamentos sobre a cidade de Lisboa e um bairro residencial na sua periferia”, in *Ciudades*, (8), 87-100.
- BEPA (2006), *Migration and public perception*, Bruxelles, Bureau of European Policy Advisers.
- CANCLINI, Néstor Garcia (1990), *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*, México, Grijalbo.
- CASTELLS, Manuel (2002), *A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

- CONSTANT, A.; GATAULLINA, L.; ZIMMERMANN, K. (2006), "Ethnosizing Immigrants", in *Discussion Paper Series IZA*, 2040. [Consult. a 8 de dezembro de 2011]. Disponível em: <http://ftp.iza.org/dp2040.pdf>.
- COSTA, Sérgio (2007), "De la asimilación a la convivialidad: conceptos y contextos de la política migratoria", in Isabel Yépez del Castillo & Gioconda Herrera (ed.), *Nuevas Migraciones Latinoamericanas a Europa. Balances y Desafíos*, Quito, FLACSO – OBREAL – UCL – UB, pp. 269-285.
- ECRI (2006), *Annual report on ECRI'S activities covering the period from 1 January to 31 December 2005*, Strasbourg, European Commission against Racism and Intolerance.
- EDMUNDS, J. (2006), "Migration Studies: New Directions? (review article)", in *Ethnicities*, 6 (4), 555-564.
- ESSED, P. & NIMAKO, K. (2006), "Designs and (Co)Incidents: Cultures of Scholarship and Public Policy on Immigrants/Minorities in the Netherlands", in *International Journal of Comparative Sociology*, 47, 281-312.
- GIDDENS, Anthony (1990), *The Consequences of Modernity*, Cambridge, Polity Press.
- GILROY, Paul (2004), *After Empire. Melancholia or Convivial Cultures*, London, Routledge.
- HALL, Stuart (1996), "Introduction: Who Needs 'Identity'?", in Stuart Hall & Paul Du Gay (ed.), *Questions of Cultural Identity*, London, Sage, pp. 1-17.
- HARVEY, David (2001), *Spaces of Capital: Towards a Critical Geography*, Edinburgh, Edinburgh University Press.
- LOFLAND, L. H. (1998), *The Public Realm: Exploring the City's Quintessential Social Territory*, New York, Aldine de Gruyter.
- MALHEIROS, Jorge & MENDES, Manuela (2007), *Espaços e Expressões de Conflito e Tensão entre Autóctones, Minorias Migrantes e Não Migrantes na Área Metropolitana de Lisboa*, Lisboa, Observatório da Imigração, 22.
- MAPRIL, José (2001), "De Wenzhou ao Martim Moniz: práticas diaspóricas e (re)negociação identitária do local", in *Ethnologia*, 12-14, 253-294.

– (2008), “Os sonhos da ‘modernidade’: migrações globais, e consumos entre Lisboa e Dhaka”,  
*in* Renato Carmo, Ruy Blanes e Daniel Melo (orgs.), *A Globalização no Divã*, Lisboa, Tinta  
da China, pp. 65-88.

– (2010), “Banglapara: imigração, negócios e (in)formalidades em Lisboa”, *in Etnográfica*, 14  
(2), 243-263.

MARCUS, George E. (1995), “Ethnography of the world-system: The emergence of multi-sited  
ethnography”, *in Annual Review of Anthropology*, 24, 95-117.

MENEZES, Marlucci (2004), *Mouraria, Retalhos de um Imaginário: significados urbanos de um  
bairro de Lisboa*, Oeiras, Celta.

– (2009), “A Praça do Martim Moniz: Etnografando lógicas socioculturais de inscrição da Praça  
no mapa social de Lisboa”, *in Horizontes Antropológicos*, ano 15, 32, 301-328.

MIELANTS, E. (2006), “The Long-term historical development of racist tendencies within the  
political and social context of Belgium”, *in International Journal of Comparative Sociology*,  
47, 313-334.

OLIVEIRA, Catarina (2005), *Empresários de Origem Imigrante: Estratégias de Inserção  
Económica em Portugal*, coleção Teses, 2, Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e  
Minorias Étnicas (ACIME).

PADILLA, Beatriz (2007), “Brasileras en Portugal: de la transformación de las diversas  
identidades a la exotización”, *in Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM*,  
14. [Consult. a 8 de dezembro de 2011]. Disponível em:  
<http://alhim.revues.org/index2022.html>.

PADILLA, Beatriz; RODRIGUES, V.; ORTIZ, A. (2008), *Monographic Report on Ethnographic  
Data*, EU Project TRESEGY, Sixth Framework Programme.

PRATT, Mary Louise (1992), *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*, London,  
Routledge.

PRIES, Ludger (1996), “Transnationale soziale raume. Theoretisch-empirische skizze am  
beispiel der arbeitswanderungen Mexico-USA”, *in Zeitschrift für Soziologie*, 25 (6), 456-  
472.

- RIBEIRO, Gustavo L. (2003), “Cultura, direitos humanos e poder. Mais além do império e dos humanos direitos. Por um universalismo heteroglóssico”, in *Série Antropológica*, 340, 1-16.
- SANTOS, Sofia (2008), “Imagens da cidade planeada: A diversidade cultural e o pensamento estratégico urbano de Lisboa”, in *Sociologia, Problemas e Práticas*, 57, 131-151.
- SOJA, Edward (2000), *Postmetropolis. Critical Studies of Cities and Regions*, Oxford, Blackwell Publishing.
- TOREN, Christina (1999), *Mind, Materiality and History: Explorations in Fijian Ethnography*, London, Routledge.
- TOURAINÉ, Alain (1997), *Pourrons-nous vivre ensemble? Égaux et différents*, Paris, Fayard.
- VERTOVEC, Steven (2007a) “Super-diversity and its implications”, in *Ethnic and Racial Studies*, 29 (6), 1024-1054.
- (2007b), “New complexities of cohesion in Britain: Super-diversity, transnationalism and civil-integration”, Commission on Integration and Cohesion (CIC), in *COMPAS*. [Consult. a 8 de dezembro de 2011]. Disponível em:
- [http://www.compas.ox.ac.uk/fileadmin/files/Publications/Reports/Vertovec%20-%20new\\_complexities\\_of\\_cohesion\\_in\\_britain.pdf](http://www.compas.ox.ac.uk/fileadmin/files/Publications/Reports/Vertovec%20-%20new_complexities_of_cohesion_in_britain.pdf).
- WEISS, A. (2005), “The Transnationalization of social inequality. Conceptualising social positions on a world scale”, in *Current Sociology*, Thematic Issue: Transnational Migrations and Social Transformations, 53 (4), 707-728.
- WISE, A. (2007), “Multiculturalism from below: Transversal crossings and working class cosmopolitans”, in Selvaraj Velayutham & Amanda Wise (eds.), *Proceedings of the Everyday Multiculturalism Conference of the CRSI*, 28-29 Sept. 2006, Centre for Research on Social Inclusion, Macquarie University.
- YUVAL-DAVIS, N. (1999), “What is ‘transversal politics’?”, in *Soundings*, 12 (Summer), 4-98.

## **ABSTRACT/RÉSUMÉ/RESUMEN**

### **Abstract**

*Territories of diversity and cultural conviviality: theoretical and empirical considerations*

Diversity is one feature of contemporary societies, and immigration has contributed greatly to the increase of diversity. One common way to approach this phenomenon has been to look at the so-called integration of immigrants, however it has limitations. A new approach is to look at how intercultural conviviality occurs at the local level (city/neighbourhood), that is how quotidian relations among autochthonous and immigrants take place. This article reflects on some theoretical aspects around quotidian conviviality and super-diversity, and their empirical applications in multi-sited ethnographies, in two neighbourhoods in the LMA, as part of an international research project.

Keywords: Mouraria; Cacém; Cultural diversity; Conviviality.

### **Résumé**

*Territoires de la diversité et convivialité culturelle: considérations théoriques et empiriques*

Les sociétés contemporaines sont caractérisées par la diversité dont l'immigration constitue un des éléments. Une façon courante d'aborder ce phénomène a été d'observer la dénommée intégration des immigrants, mais cette approche a montré ses limites. Une approche plus innovante consiste à observer comment se déroule la coexistence interculturelle au niveau local (ville / quartier), c'est-à-dire les relations quotidiennes entre les autochtones et les immigrants. Dans le cadre d'un projet de recherche international et à travers des ethnographies multi-situées dans deux quartiers de l'agglomération métropolitaine de Lisbonne (AML), nous avons mené une réflexion sur certains aspects théoriques de la convivialité et de l'extrême diversité quotidienne et de leur application empirique.

Mots-clés: Mouraria; Cacém; Diversité; Convivialité culturelle.

## **Resumen**

### *Territorios de la diversidad e convivialidad cultural: consideraciones teóricas y empíricas*

La diversidad es una característica de las sociedades contemporáneas siendo que la inmigración es uno de los elementos que más ha contribuido en su incorporación. Una forma común de abordar este fenómeno ha sido a través de la llamada integración de los inmigrantes, pero este enfoque tiene limitaciones. Una mirada más innovadora se consigue si observamos como ocurre la convivencia intercultural a nivel local (ciudad/barrio), o sea, las relaciones cotidianas entre autóctonos e inmigrantes. Reflexionamos sobre algunos aspectos teóricos que giran en torno de la convivialidad y superdiversidad cotidiana y su aplicabilidad empírica en etnográficas multisituadas, en dos barrios del AML, que son parte de un proyecto de investigación internacional.

Palabras-clave: Mouraria; Cacém; Diversidad cultural; Convivialidad.



## Debatendo mitos, representações e convicções acerca da invenção de um bairro lisboeta

Marlucci Menezes<sup>1</sup>

*Laboratório Nacional de Engenharia Civil*

**Resumo:** Este trabalho aborda as complementaridades e contrariedades da invenção do bairro da Mouraria, em Lisboa. Foca-se as tentativas de (re)invenção do bairro através de propostas de intervenção técnica e urbanística que fixam valores e representações, e símbolos urbanos identitários, sobretudo incrementados em torno das ideias de cidade ‘plural’ e ‘cultural’. Explora-se a hipótese de que a ambiguidade e a ambivalência, como as interconexões entre processos de emblematização e de estigmatização territorial, são centrais na interpretação da realidade ‘polifónica’ que é o bairro.

**Palavras-chave:** Imagens identitárias; Processos de emblematização e estigmatização territorial; Polifónico; Bairro.

---

<sup>1</sup> Geógrafa, Doutora em Antropologia e Investigadora do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) (Lisboa, Portugal). *E-mail:* marlucci@lnec.pt

## 1. O argumento de reflexão<sup>2</sup>

Acompanhando as dinâmicas socioespaciais do bairro da Mouraria, em Lisboa, desde princípios dos anos 90 do século XX, temos vindo a refletir sobre os motivos socioculturais dos dilemas, contendas e conflitos simbólicos subjacentes ao processo de construção de imagens identitárias do bairro (Menezes, 2011, 2009, 2005, 2004, 2003, 1994). Interessam-nos, em específico, as questões relacionadas com os processos de definição de imagens identitárias do lugar Mouraria, através da reprodução de determinados símbolos urbanos identitários, valores e representações, como de projetos de intervenção urbana incrementados em torno de determinadas imagens, como, por exemplo, as de cidade ‘plural’ e ‘cultural’. Interessam-nos, ainda, as questões relacionadas com as complementaridades e as contrariedades que atravessam os processos de definição de determinadas imagens identitárias, através de lógicas ambivalentes e ambíguas<sup>3</sup>, que, entretanto, se definem a partir de interconexões entre processos de emblematização e estigmatização territorial.

Falar, ouvir, pensar no bairro da Mouraria, sugere uma heterogeneidade de imagens que transitam entre a ideia de tradição, tipicidade e cultura popular, liminaridade e perigo, multiculturalidade e multietnicidade, historicidade e património (entre outras). Mouraria é uma denominação que se repercute no nosso subconsciente urbano, através de imagens imbuídas de muitos significados e significantes, mas que também nos conduz a um ponto crucial para o entendimento do bairro: a multiplicidade de representações sobre a sua invenção social, simbólica e urbana. Este aspeto motiva o interesse em, aqui, interrogar alguns dos mitos, representações e convicções relacionados com a invenção do bairro<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Reflexão desenvolvida no âmbito do projeto *Sistemas construídos: memórias, práticas sociais e ambiências urbanas*, do Núcleo de Ecologia Social (NESO/LNEC) e enquadrado no Plano de Investigação Programada (2009-2012) do LNEC. Observa-se, ainda, o nosso agradecimento a Luís A. Machado pelos comentários críticos a alguns outros textos que se desenvolveu sobre a Mouraria e as questões da intervenção sociourbanística, já que os mesmos foram importantes na elaboração da presente reflexão. Todavia, o que aqui se mantém como inconsistente é da responsabilidade da autora.

<sup>3</sup> Para Marc Augé (1997: 79; 1999: 47-48), *ambivalência* é uma noção que infere a coexistência de duas qualidades, mesmo que contrárias; enquanto a *ambiguidade* remete para uma relação que não se define por uma ou outra qualidade, nem tão pouco pelos seus contrários, mas sim por uma terceira condição e que se constitui sobre uma dupla negação: nem é x nem é y.

<sup>4</sup> Aqui, não nos debruçamos sobre os dogmas e convicções produzidos por trabalhos académicos. Mas, ao longo deste nosso percurso de estudo sobre a Mouraria, temos vindo a observar, também, uma série de ideias pré-concebidas que, às vezes, pretendem-se realidade. Tais ideias são, por exemplo, alusivas à

A perspectiva que, aqui, se defende é a de que (1) a interpretação da realidade social, urbana e simbólica do bairro deveria focalizar as interconexões existentes entre os processos de emblematização, segregação e estigmatização; (2) existe um conjunto de dualidades e oposições que atravessam as várias dimensões sociais, simbólicas e espaciais, analogamente permitindo separar indivíduos, grupos, espaços e tempos, como a articulação e a coexistência – paralela e/ou conflitual. Isto é, aqui é relevante a ideia de que as tentativas de (re)invenção das imagens identitárias do bairro, designadamente aquelas que se colocam no âmbito das recentes propostas de intervenção técnica e urbanística, nem sempre têm aproveitado o sentido ‘polifónico’ local e que, como tal, evoca ambiguidades e ambivalências, enfim, fronteiras e interstícios. E, nesta ótica, parece-nos interessante a seguinte observação de Gupta e Ferguson (2000: 45):

“As fronteiras são justamente esses lugares de *contradições incomensuráveis*. O termo não indica um local topográfico fixo entre dois locais fixos (...), mas uma zona intersticial de deslocamento e desterritorialização, que conforma a identidade do sujeito hibridizado. Em vez de descartá-la como insignificante, zona marginal, estreita faixa de terra entre lugares estáveis, queremos sustentar que a noção de fronteira é uma conceituação mais adequada do local *normal* do sujeito pós-moderno.”<sup>5</sup>

No ponto que se segue salientam-se alguns dos aspetos centrais da (contínua) invenção da Mouraria, procurando ressaltar aqueles que mais interferem no processo de construção de imagens identitárias do bairro. Seguidamente, discutem-se determinados aspetos relacionados com dinâmicas contemporâneas de (re)invenção da Mouraria, sobretudo focando as recentes lógicas locais de intervenção urbana. No final, retomam-

---

questão da identidade cultural e territorial ou à própria forma como se idealiza a noção de ‘cultura’ relativamente às dinâmicas socioculturais e espaciais locais.

<sup>5</sup> Para Ulf Hannerz (1997: 29), a utilização de certas palavras-chave pela *antropologia transnacional*, tais como fluxo, fronteira e híbrido, limite, interstício, difusão, homem marginal, permite colocar “a globalização com os pés no chão e ajuda a revelar a sua face humana”, pois “leva a pensar que o mundo não está se tornando necessariamente igual. Há luta, mas também há jogo. Os *tricksters* prosperam nas zonas fronteiriças”. Segundo Sharon Zukin (2000: 82, 83), o espaço da cidade pós-moderna estimula e imita a ambiguidade, transformando sítios específicos da cidade em espaço liminares, onde “a liminaridade dificulta o esforço de uma identidade espacial.” Mas o espaço liminar situa as mudanças nas nossas experiências e modela o quotidiano, assim, “uma paisagem pós-moderna não apenas mapeia cultura e poder: mapeia também a oposição entre *mercado* – as forças económicas que desvinculam as pessoas de instituições sociais estabelecidas – e *lugar* – as formas espaciais que as ancoram no mundo social, proporcionando a base para uma identidade estável”.

se os principais aspetos comentados ao longo do texto, propondo, em específico, uma perspetiva de interpretação da realidade do bairro, a partir da incorporação das múltiplas e diferentes vozes, representações, imagens e práticas. Isto é, da incorporação das lógicas de complementaridade e contrariedade, enfim, da ambiguidade e da ambivalência, no âmbito da criação de um debate mais alargado sobre a intervenção sociourbanística.

## **2. As Mourarias da Mouraria**

### **2.1 Uma invenção formal?**

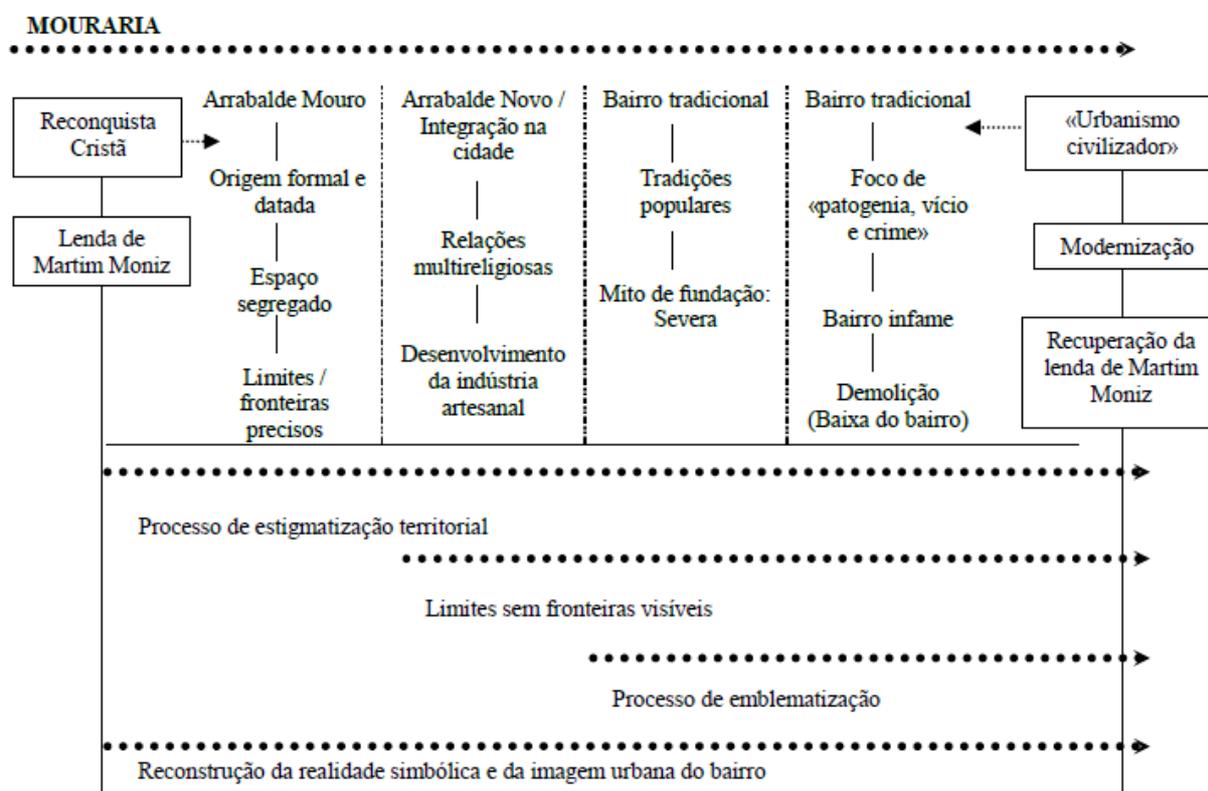
De certo modo, a Mouraria é uma invenção datada e instituída, já que, com a Reconquista Cristã, em 1147, mouros e judeus que não deixaram a cidade tiveram que residir semienclausurados numa “comuna” ou “arrabalde” (Barros, 1998). Pelo que pode-se considerar que a invenção da Mouraria possui uma origem datada e formal (o foral de 1170), o que a particulariza relativamente aos outros bairros tidos como tradicionais e populares de Lisboa. Essa origem formal repercutiu-se, inclusivamente, na própria materialidade e visibilidade do arrabalde que, inventado como um espaço segregado para os *mouros vencidos*, teve limites e fronteiras que, à época, eram precisos e reconhecíveis.

Mas esse primeiro período formativo e constitutivo seria ultrapassado em decorrência das circunstâncias sociais, económicas e urbanas e, assim, a Mouraria transbordou as suas próprias muralhas, estendendo-se pelas áreas circundantes. Contudo, o bairro continuaria fora das muralhas da cidade, constituindo-se como uma espécie de espaço intersticial que, mesmo após a expansão da cidade, com a urbanização dos campos e o derrube da Cerca Fernandina, condicionou, do ponto de vista simbólico e urbano, a elaboração de um complexo processo de estigmatização territorial<sup>6</sup> que, na atualidade, ainda se faz notar (ver Figura 1).

---

<sup>6</sup> Para Miguel Chaves (1996: 290-291), um *território estigmatizado* reflete as representações que uma maioria ou amplos setores de uma sociedade elaboram sobre um dado território urbano, sendo que a aceitação exógena do estigma reduz a diversidade e a complexidade endógena a poucas ou apenas a uma única dimensão, entretanto negativamente valorizada e transformada em problema social. O *território estigmatizado* transporta essa carga negativa e torna-se símbolo do próprio problema, podendo o processo de estigmatização ser de tal modo amplificado que, para além do território, também os seus habitantes podem vir a tornarem-se exemplos exclusivos do problema.

**Figura 1 – Aspectos centrais da invenção da Mouraria (i)**



Fonte: Adaptado de Menezes (2003)

## 2.2 Da invenção do bairro tradicional: entre a tipicidade e a má fama

A Mouraria também é socialmente construída como um bairro com tradição, encontrando-se essa sua fundação algures no meio de uma complexa rede de elementos culturais, sociais, históricos, urbanos e rurais, sonhos, mitos e representações. Se entendermos que a ideia de tradição evoca “um conjunto de orientações valorativas consagradas pelo passado” (Oliven, 1992: 21), passado esse que, entretanto, é quotidianamente inventado (Hobsbawn e Ranger, 1996), coloca-se o problema de tentar perceber como operam essas construções sociais que ligam as tradições às identidades sociais e espaciais.

Repare-se que um dos fenómenos que despontam da dinâmica de recomposição e reconfiguração urbana, traduzido nos elevados índices de concentração populacional nos bairros antigos de Lisboa e nas mudanças demográficas, sociais e culturais

provocadas pelas vagas migratórias de finais do século XIX, é a invenção daquilo que, posteriormente, seria chamado por *tradições populares*. E que, nos dias de hoje, diferenciam esses bairros e a sua gente dos outros locais e dos outros bairros da cidade, por causa de uma herança cultural e vivencial, que continua a “afirmar-se através de sistemas culturais locais (...) como se tivessem incorporado uma cultura local com traços de continuidade com o passado” (Cordeiro, 1995: 163-164). Descobrir os precedentes que justifiquem essa Mouraria típica e tradicional é ir ao encontro de um sistema de representações que se reporta a um outro sistema de representações<sup>7</sup>, isto é, aqui tem a importância um mito – a Severa (tida como cantora de fado) –, cuja função sociológica é bastante próxima de um mito de origem.

Para entender o elo existente entre o processo de emblematização e estigmatização é preciso explicitar que, de um lado, ambos se combinariam de modo a gerar uma identidade territorial; de outro lado, essa identidade é, no plano social, cultural e espacial, contraditória (e de certo modo ambígua) e parece exprimir-se, enquanto realidade Oitocentista, num misto de *peculiaridade sociocultural*, *miséria* e *vício*. Peculiaridade sociocultural porque alguns aspetos da dinâmica do bairro logo participariam de um conjunto temático mais amplo, dando origem ao que se veio chamar *tradições populares*, sendo esse conjunto composto por temas como o fado, arraiais, marchas, conversas, memórias, comportamentos, solidariedades... (Cordeiro, 1995). *Miséria* porque as condições de vida no bairro não eram as mais propícias. *Vício* porque essa parte antiga da cidade com os seus bairros “ainda muito atrasados, servidos de ruas e bêccos estreitos e ingremes, povoados a maior parte de pardieiros, aonde residem as classes operárias e as viciadas” (Pinheiro, 1905: 205) contribuiriam, juntamente com aquilo que se chamou peculiaridade e miséria, para a também invenção de uma “Lisboa Boémia” que:

“(...) aparece como um espaço social fechado marcado essencialmente pela marginalidade e sua especificidade que passa pelo espaço físico que a circunscreve (Bairro Alto, Alfama, Mouraria ...) mas que a ele não se reduz; especificidade que passa principalmente pelo tipo de relações que se desenvolvem entre os

---

<sup>7</sup> Para Roland Barthes (1987), o mito é um sistema de representações que se reporta a um outro sistema de representações já constituído, sendo uma metalinguagem que define a outra a partir das suas próprias conveniências e propósitos.

participantes da boémia: prostitutas, fadistas, marialvas, chulos (...)” (Machado Pais, 1985: 44).

A par das gentes de ofícios e serviços, e do baixo nível socioeconómico da população do bairro, a Mouraria logo se tornaria um bairro mal afamado, infame e tempestuoso, por causa da gente de *vida parasitária* e das *desordeiras*, sendo exemplo dessa condição as prostitutas e o tipo fadista. Na *Lisboa Boémia*, a Mouraria teria um lugar cativo com as suas “casas suspeitas, os hotéis para pernoitar, com a sua tradicional lanterna de luz frouxa, os seus cantos e recantos que protegem baixas aventuras (...)” (Fundação Calouste Gulbenkian, 1924: 245). Os homens e as mulheres da Mouraria davam muito que fazer à polícia, ao ponto de Júlio de Castilho ([1885] 1967: 303) escrever que as “estatísticas criminais não-de-abrir uma casa negra nos seus mapas, com o nome Mouraria (...)”.

É neste contexto espacial e temporal que surge o mito da Severa: Maria Severa Honofriana, aquela que logo se destacaria como a própria essência do fado. “Mito, lenda ou certeza”, esta “cantadeira portuguesa, de estilo original” (Baguinho, 1999: 30), ficou na memória do fado e dos bairros tradicionais da cidade, em especial na memória social da Mouraria.

É certo que, ao longo do século XIX, o mundo do fado, da vadiagem e da prostituição garantiu um lugar para a Mouraria na geografia da boémia lisboeta. Porém, sem descuidar o facto de que a aristocratização do fado, em finais do século, e a tendência para o aumento das densidades populacionais na periferia seriam decisivos para a diminuição da boémia no centro da cidade, ela não desapareceu de todo, mas talvez tenha ganho uma outra forma que, praticamente, perduraria até finais da primeira metade do século XX, quando o bairro sofreu uma radical alteração física e social, já que, numa Lisboa que se modernizava a passos rápidos, pouco a pouco, a Mouraria tornar-se-ia o mártir esquecido dos efeitos drásticos de uma proposta desastrosa de tentativa de limpeza e ordenação urbana.

A ideia de que os bairros típicos da cidade necessitavam de uma *nova imagem* ou de um *urbanismo civilizador* teve muitos aderentes. Luís C. Reis (1908), por exemplo, num artigo denominado “A miséria em Lisboa”, considerou que a miséria, o crime e os perigos dos bairros típicos desapareceriam caso se deitasse “abaixo os bairros velhos, os bairros do vício e do crime, respeitando as recordações históricas e artísticas, conservando um ou outro aspecto integral (...)” (Reis, 1908: 342). Valoriza-se, assim, a

melhoria da rede viária e dos transportes, vistos como a possibilidade de tornar a cidade mais eficiente e funcional, a par da necessidade do *arranjo estético* de Lisboa. Tal estimulou o desenvolvimento de estudos que versavam sobre como transformar os *velhos bairros*, sendo dada especial ênfase aos bairros de Alfama e Mouraria.

Contudo, a destruição da Mouraria, prevista desde princípios do século XX, apenas viria a concretizar-se nas décadas seguintes (entre 1930-1960), tendo sido destruída uma série de edifícios, como os quarteirões e ruas que os circundavam na baixa da Mouraria. Esta destruição (juntamente com a do mercado da Praça da Figueira) desencadeou um processo de desarticulação de toda aquela área da cidade, prejudicando o núcleo de atividades e de funções que lhes davam vida e os caracterizavam, reforçando um processo de marginalização funcional, física e social. O bairro teve um repentino desfalque populacional com as demolições. Era, contudo, necessário realojar aqueles que, em menos de dez anos, vagavam na pesada constatação de que as suas vidas não eram mais que insalubres e infames. Triste história para as gentes que seriam mandadas para os bairros de habitação social, alguns provisórios, que se iam construindo pela periferia da cidade. Dessa gente pouco se sabe. A memória oficial, muitas vezes, é curta e os registos, praticamente, não se preocuparam em resgatar a história daqueles que ali habitaram. Uma parte da cidade tantas vezes vencida, fazendo eco a ideia de *vale dos vencidos*...

A tentativa de *limpeza* social da tão “insalubre” e “mal afamada” Mouraria, e que quase destruiu o bairro por inteiro, empurrou as prostitutas, os rufias, chulos e tascas que ali tinham alimentado muitas lendas, casos e enredos narrativos, para as extremidades de uma Mouraria alargada. E mais, em finais do século XX, nos espaços sociais deixados vagos por uma Mouraria de *boémia* decadente, logo apareceria a nova face da liminaridade urbana: sem-abrigo, traficantes, consumidores de droga e minorias étnicas (alguns imigrantes “sem papéis”) <sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Para Loic Wacquant (2006: 28), “a estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada” reclama espaços que “ameaçam tornar-se, componentes permanentes da paisagem urbana, os discursos de descrédito amplificam-se e aglomeram-se à sua volta, tanto ‘vindos de baixo’, nas interações banais da vida quotidiana, como ‘vindos de cima’, nos domínios jornalístico, político e burocrático (ou até, científico). Uma *mácula localizada* sobrepõe-se então aos estigmas já operantes, tradicionalmente ligados à pobreza e à pertença étnica ou ao estatuto de imigrante pós-colonial, aos quais ela não se reduz embora lhes estejam estreitamente ligados”. Este estigma territorial evocaria, para o autor (2006: 34), um “desregulamento simbólico” de que são exemplo os próprios rótulos que servem para identificar

### 2.3 Quando os de dentro falam: as faces de uma determinada visão do bairro

No âmbito da etnografia realizada na Mouraria (Menezes, 2003, 2004), foi possível observar que um dos aspetos que se destacava acerca da forma como o bairro era percebido pelos de dentro<sup>9</sup>, é que, a par de uma lógica em que a importância do bairro é demarcada a partir dos seus próprios referenciais temáticos – o fado, a Severa, a procissão, a marcha e o arraial popular, a vida de rua –, existe uma outra que questiona a própria existência do bairro e que é bastante expressiva em frases como: “(...) bairro, qual bairro? Que convivência?”, “Olhe para o lado e diga-me se isso é um bairro?”, “(...) os mouros voltaram às origens. Agora não são mouros árabes, mas são muçulmanos na mesma”, “(...) já viu o cartão postal que se tornou a Mouraria?”. Aqui, a visão do bairro como um contexto característico e típico parece ter cedido lugar a uma perceção que acentua a sua descaracterização e transformação, como se as mudanças fossem tão intensas que, para aqueles que se consideram *filhos do bairro*, a Mouraria agora apenas é “caracterizada por ser o bairro da Mouraria, mais nada (...)”. (Menezes, 2003: 281).

Mas daqui decorrem dois aspetos que interessa explorar. Por um lado, quando se procura compreender o processo de construção de determinadas visões e imagens do bairro, através da forma como os indivíduos percebem o seu passado, é muito provável constatar-se que o antes é idealizado para enfatizar os aspetos percebidos como negativos no tempo de agora, através da ênfase que, em tempos passados, havia mais solidariedade entre os membros da comunidade, respeito pela ordem instituída, segurança e empenho nos rituais comemorativos. Como se a perceção da atualidade local se desse por contraste a um quotidiano perdido e idealizado, onde a desilusão com o presente se constrói por um acumular de perdas: do território, dos edifícios emblemáticos, da convivência, da vida de rua, do bairrismo, mas também da juventude de alguns. De facto, isto verificou-se relativamente aos *filhos da Mouraria*. Desse ponto de vista, é possível que a perceção de que o bairro está descaracterizado e que já não é nada, esteja relacionada com essa valorização do antes, por oposição ao agora.

Por outro lado, a desilusão, o desencanto ou mesmo o conflito entre a idealização de um quotidiano e a realidade do mesmo, seriam explicáveis pela

---

populações diferentes e dispersas, e em situação de marginalização socioespacial (“novos pobres, zonards, excluídos (...) e a trindade dos sem – sem trabalho, sem teto, sem papéis”).

<sup>9</sup> Aqui tido como aqueles que se auto consideram *filhos do bairro*.

dificuldade que alguns indivíduos encontram para lidar com a alteridade, onde o outro é percebido como uma espécie de agente transformador dos elementos mais característicos da Mouraria e do seu lugar face aos outros bairros típicos, populares e tradicionais da cidade. Mas, admitindo que tais considerações devem ser tidas em conta, parece-nos que o que está em causa é de outro teor, já que, nas entrelinhas desse conflito e desencanto, uma dúvida emerge: que características são essas, cuja percepção de não continuidade parece ter cedido lugar a uma outra Mouraria?

O que está em causa relativamente ao bairro da Mouraria não decorre de duas lógicas que parecem contradizer-se, mas é, precisamente, um problema de ambiguidade que emerge da dualidade de uma percepção. Percepção esta que, por um lado, permite a invenção do bairro a partir dos seus referenciais temáticos – sendo aqui fundamental a ideia de que existe reciprocidade entre as lógicas endógenas e exógenas – e que, por outro, quando os de dentro identificam o bairro como um contexto descaracterizado, esta conceção tem por base as dinâmicas sociais que, presentemente, são ali produzidas. Como se, por detrás da percepção de que o bairro está descaracterizado, os de dentro estivessem insinuando que o bairro se vai caracterizando com outras práticas, temas e signos que não estão relacionados com aquilo que identificam como sendo uma Mouraria típica e tradicional. Portanto, reformulando a questão anterior, afinal: que representações e experiências vivificadas pelos de dentro estão na base das visões e imagens de que a Mouraria está descaracterizada?

Firmino da Costa (1999) referiu que a construção da imagem identitária dos bairros populares alimenta-se, reciprocamente, das lógicas endógenas e exógenas, através de um “redobramento simbólico” conduzido do exterior. Assim, a par da intensidade dos laços sociais e das formas simbólicas próprias a esses bairros, eles são igualmente intercetados por “significativos processos de mudança”, como também se configuram como “cenários de múltiplas intersecções” (Cordeiro e Firmino da Costa, 1999: 74-75). Isto permite considerar que a Mouraria se vai reconfigurando e reinventando como um bairro típico e tradicional da cidade. Uma condição que, somada a outras características e dinâmicas específicas, permite que a Mouraria mantenha o seu estatuto de bairro típico e tradicional com força para, em conjunto com os outros bairros, representar a cidade a partir de um conjunto de personagens característicos, referenciais temáticos e socioculturais.

As mudanças não são, somente, explicáveis pela ingerência dos *outros* no quotidiano do bairro, pois elas também estão na base da própria (re)configuração do nós e, como tal, dos que são de dentro, já que, a par das tantas transformações porque passa o bairro, ele permanece. Pelo que uma leitura mais cuidada mostra que, por detrás de um sentimento de perda e do confronto com a alteridade, existem diferenciadas formas de experimentar, perceber, viver e sentir o bairro.

A polarização que parece existir entre os de dentro e os de fora, entre nós e os outros ou entre a Mouraria de antes (tempo passado) e de agora (tempo presente)<sup>10</sup>, é apenas a ponta de um imenso *iceberg* cujo cerne trata das disputas relativas à imagem identitária da Mouraria. Neste sentido, quando os de dentro percebem o bairro como um contexto sem características, é relevante considerar que existem determinados mecanismos de dominação simbólica e um “efeito de sobreposição desfocada” (Cordeiro e Firmino da Costa: 1999)<sup>11</sup>, ou ainda que tais questões são subsidiárias de uma problemática relacionada com os dilemas e as disputas simbólicas pela imagem identitária do bairro no processo de construção da própria imagem da cidade.

De certo modo, é através da leitura das dinâmicas e dos contextos que engendram a perceção do passado por parte daqueles que são de dentro, que foi possível entender a Mouraria enquanto contexto social, cultural e urbano do mundo presente (Menezes, 2003, 2004). A partir dessa leitura, foi possível evidenciar um conjunto de elementos, práticas, espaços, personagens e tipos culturais que se refletiam numa determinada visão do bairro, cuja participação infere uma adesão que pode ser “significativa para a demarcação de fronteiras e elaboração de identidades sociais” (Velho, 1994: 97).

Ao captar como os de dentro definiam e representavam o bairro, e como se posicionavam frente a ele, quais eram as suas opiniões e referências básicas por relação a perceção do passado, constatou-se que, muito embora existam diferenças entre os indivíduos, existem também, por assim dizer, determinadas experiências comuns que influenciam as suas representações e imagens. Isto permitiu considerar que essas

---

<sup>10</sup> Segundo Pina Cabral (1989: 267-289), num trabalho sobre os camponeses do Alto do Minho, interessa estudar uma determinada visão do mundo na sua dinâmica de transformação, a polarização entre o antes e o agora, serve, sobretudo, como dispositivo heurístico de análise, pois as diferenças entre os dois pólos são relativas e ténues.

<sup>11</sup> Com esta noção, os autores pretendem explicar como que a interceção parcial de dois modos diferentes de identidade cultural pode desfocar as imagens identitárias (Cordeiro e Firmino da Costa, 1999: 65-66).

experiências podem fundamentar e sustentar uma determinada visão do bairro, observando que tal é flexível e admite a mutabilidade. Daí essa espécie de flutuação entre a ideia de que o bairro é como uma aldeia, característico, típico e tradicional ou mesmo que está descaracterizado.

Todavia, enquanto os de dentro acentuam uma imagem do bairro que transita entre a sua tipicidade e descaracterização, os de fora imaginam o bairro como típico e tradicional, mas também como multicultural e multiétnico ou, ainda, como um espaço contraditório fazendo, por sua vez, alusão à ideia de um espaço liminar e, curiosamente, é sobre as dinâmicas que sustentam as metáforas que dão lugar a essas últimas imagens, que os de dentro consideram que o bairro está descaracterizado.

#### **2.4 Imagens e visões do bairro: quando os de fora falam**

A Mouraria tem sido recordada, lembrada, descrita e visionada através de imagens que mencionam a sua pobreza, miséria e degradação, a sua sina fadista e triste, as suas casas arruinadas e sobrepostas num entrelaçar de ruas tortas cheias de vida e agitação. À margem dos elogios, o bairro é frequentemente evocado como um dos símbolos “de uma Lisboa típica, de prostituição e crimes fadistas” (Salgueiro e Garcia, *in* Cordeiro, 1995: 166). Bairro sujo e mal afamado, “prenhe de tradições assassinas e devassas”, com as ruas manchadas de sangue, onde o vício teve templos. Verdadeiro “quartel general dos rufiões e desordeiros, infestado de mulheres de má fama, de botequins e de batotas, valhacoutos de ladrões, de malfeitores e de galderios” (Ribeiro: 1907: 257-258). Norberto de Araújo (1931: 193) referiu que a Mouraria do seu tempo tinha-se distanciado dos séculos anteriores e ficado marcada pela pobreza, pela triste miséria e pela falta de civilização. Para António L. Farinha (1932: 11-12), tal civilização não existia porque a maioria dos habitantes da Mouraria não a desejava, pois mesmo que se melhorassem as condições de vida do bairro, o mesmo era dispensado pela população, ainda que “decorridos tantos séculos de civilização e higiene”.

Mas essa imagem também é, simbolicamente, acionada e positivada, transformando-se em ícone da especificidade do bairro, um emblema que tem contribuído para a sua autorrepresentação e perpetuação, mesmo na atualidade.

Mais recentemente, a Mouraria também tem sido evocada como um contexto multicultural e, na construção dessa imagem, observa-se um curioso processo de

ressignificação da sua história que, de antigo espaço segregado para os *mouros vencidos*, se transforma numa espécie de caso exemplar do convívio multiétnico na cidade<sup>12</sup>.

Repare-se, entretanto, que a defesa da tradição multiétnica do bairro não se constrói como uma negação da sua tradição popular, mas, precisamente, por um complexo sistema de relações que permite ligar a cultura popular às *práticas antigas* que estariam na base de uma cultura lisboeta (*alfacinha*) e bairrista e que, para alguns, importa revitalizar a sua *genuinidade*<sup>13</sup>. Enquanto, de outro lado, permite relacionar a dimensão multiétnica da realidade social e urbana do bairro com a continuidade de uma prática que se reporta ao período medieval, advindo daí a especificidade do bairro no contexto urbano de Lisboa.

Em paralelo, verifica-se a recuperação da lenda do heroico Martim Moniz para demarcar a origem do bairro. Uma evocação, inclusivamente, materializada no planeamento e na decoração estética do mais moderno espaço público local – a Praça do Martim Moniz (1997) –, com alusões ao troço da Cerca Moura, aos soldados cristãos que derrotaram os mouros e uma inscrição sobre a lenda de Martim Moniz. E na estação do metropolitano, igualmente (re)denominada (a antiga designação era Socorro) com o nome do corajoso soldado, onde, para além de também existirem figuras a representar os vários cruzados que contribuíram para a Reconquista Cristã da cidade, aparece um painel com a seguinte inscrição<sup>14</sup>:

“*Socorro* – topónimo com raiz na antiga Igreja do Socorro – dá nome há um lugar que ao longo dos séculos foi constituindo interessantíssimo ponto de encontro de culturas diversas e de vivências múltiplas. Desde a presença de árabes que estará na origem da designação popular *Mouraria* até aos indianos e africanos. / Foram escolhidos três temas para representar, de forma iconográfica, três tempos históricos que simbolizam a convergência destas múltiplas culturas (...).”

---

<sup>12</sup> Na análise das imagens exógenas do bairro recorreu-se a fontes jornalísticas e literárias, bem como a entrevistas com comerciantes locais, trabalhadores na zona e aos técnicos de intervenção da Câmara Municipal de Lisboa, entre outros. Essas fontes são muitas e variadas, sendo aqui apenas citadas algumas, outras apenas comentados os conteúdos. Todavia, para uma consulta mais aprofundada desta informação, aconselha-se consultar: Menezes, 2003, 2004.

<sup>13</sup> Em conversa informal com um técnico ligado à reabilitação urbana, foi-nos sugerido a importância de revitalização das *tradições antigas*, já que a *originalidade* e *genuinidade* de determinadas manifestações culturais se estavam perdendo.

<sup>14</sup> Painel posicionado numa das saídas da estação de Metro do Martim Moniz.

Três culturas e três tempos são evocados para contar a *história* da freguesia do Socorro: árabe, indiana e africana. Curiosamente, não é feita referência aos outros tantos *vencidos* da Mouraria que, assim, surge como uma expressão popular oriunda da presença *árabe*, sendo-lhe retirado qualquer conteúdo ou conotação pejorativa que obviamente tem, já que *mouraria* designava o espaço segregado para os *mouros vencidos* que não saíram da cidade. Deparamo-nos, aqui, com uma espécie de mito que se espelha na imagem da multiculturalidade. Uma imagem pública que é construída entre uma mescla de mitos e realidade que, ao fazer menção à multiétnicidade, parece querer retirar do local toda a sua *má reputação* de sina fadista, já que nenhum dos elementos de decoração da estação do metropolitano e da praça se inspiraram naquela outra faceta do bairro.

A imagem de bairro mal afamado é como que substituída por imagens de maior centralidade e atratividade, parecendo que o bairro passa a atrair jovens moradores e *flâneurs* (potenciais *gentrifiers efémeros*?).

A *antiguidade medieval* do convívio multiétnico local serviu, ainda, como ponto de referência para a abertura de um roteiro de passeios numa *Lisboa de todas as cores*<sup>15</sup>:

“Em 1147, D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, conquistou aos Árabes a cidade de Lisboa. Um dos fidalgos que o acompanhavam, Martim Moniz, impediu o encerramento de uma das principais portas do castelo utilizando o próprio corpo como obstáculo. A história não o esqueceu. Em pleno coração de Lisboa uma praça guarda o seu nome. / Foi a partir desta praça, entalada entre duas colinas, que se formou pouco a pouco o Bairro da Mouraria. O local ganhou essa designação depois da conquista (...)” (Aigualusa, 1999: 9).

Muito embora o fragmento acima tenha algumas imprecisões históricas e urbanas – uma das quais é que a Mouraria não se originou da praça – o seu interesse não é devido às suas aligeiradas citações históricas, mas justamente porque auxilia a compreender alguns dos elementos que contribuem para a construção de uma determinada tradição do bairro. O fragmento permite ilustrar três aspetos importantes: o

---

<sup>15</sup> Não deixa de ser curiosa a correspondência entre a ideia de uma *Lisboa de todas as cores* (Aigualusa, 1999) – e que no roteiro foi traduzido para *United Colours of Lisbon* – com o anúncio da Benetton (*United Colours of Benetton*). Já António P. Ribeiro, num artigo de opinião para o *Jornal Público* (16.11.2000), havia observado sobre o risco da utilização do conceito de multicultural como proposta de integração forçada das diferentes comunidades étnicas, através do efeito de *benettonização* da sociedade.

ponto de abertura do roteiro *Lisboa, cidade de exílios* é a conquista da cidade aos mouros; a demarcação da *origem* da multietnicidade com a Reconquista Cristã; e a demarcação da *origem* da Mouraria a partir da praça que, entretanto, recebeu o nome do lendário soldado.

Com a positivação do elemento *mouro*, a ideia de *vencido* que, normalmente, lhe era associada parece deixar de ter significado, dando-se uma espécie de transfiguração do seu significado através da utilização da designação *árabe*, desse modo, adquirindo, uma maior amplitude que, inclusivamente, faculta a aproximação com o universo de *além-mar*, o mundo ultramarino das descobertas portuguesas, com os aromas e cores também trazidos pelos indianos e africanos, seguidos dos chineses. Na sucessão de desapropriações e transformações da história local, e da sua interseção com momentos históricos fundamentais para a invenção da própria identidade nacional, verifica-se uma importante estratégia simbólica de positivação da imagem do *outro* que, assim, é transformado numa espécie de símbolo do lugar Mouraria.

As significações de um imaginário que se constrói por entre contradições e emblematizações, e que tanto podem descrever o bairro como *capela do fado*<sup>16</sup> ou pela *invasão da prostituição* (Guia *A Capital*, 16.07.1983), ainda causam espanto a alguns jornalistas quando se dão conta que *má fama* não é significado de insanidade por parte dos seus habitantes: “mesmo que essa má fama tenha alguma razão de existir, o certo é que na Mouraria as pessoas são, de um modo geral, sãs e possuidoras de um bairrismo pouco comum” (*O Dia*, 26.07.94). Aliás, as contradições da Mouraria parecem ser um dos temas mais evocados pelos de fora. Pois, como conciliar tipicidade, capela do fado, marginalidade, sagrado e profano, prostituição, sem-abrigo e multiculturalidade?

A construção de retratos ambíguos, contrastantes, estigmatizantes e, interessantemente, típicos de uma Mouraria que avança para o século XXI, relembra um conjunto de traços que têm sido referidos para descrever o bairro desde o final do século XIX, revelando como a imagem do bairro vem sendo construída através de uma mescla entre tipicidade e má fama.

Para uma trabalhadora de um cabeleireiro local, o bairro agora “até parece o Texas, há anos é que era um paraíso”. E um dos comerciantes indianos ali instalado, desde há alguns anos, porque “a *malta* de origem moçambicana já cá estava” e a zona já

---

<sup>16</sup> A sala do *Grupo Desportivo da Mouraria*, onde se realizam sessões de fado, chama-se *catedral do fado*. É corrente, ainda, a designação *templo do fado* ser associada à Mouraria.

era conhecida pelo tipo de comércio que ali se realiza, salientou que, apesar de já terem surgido muitas oportunidades, nunca pensou fixar residência com a família no bairro, por causa do “ambiente que ali existe, com os problemas de roubo, prostituição e os sem lar” (Menezes, 2003: 337). Por seu lado, uma portuguesa trabalhadora no comércio local, até gosta do bairro, mas acha “que o mal aspecto é que não dá bom ar, as vezes, em vez de ser pitoresco é decadente”. Para um comerciante português agora “é tanta mistura que é difícil dizer o que caracteriza o bairro, porque antes se dizia o peixe e as vendedeiras, o fado, mas agora é a droga”.

Bairro típico, bairrismo, festas populares, marcha, antigo, são alguns dos principais traços que caracterizam a Mouraria, segundo os comerciantes que participaram de um inquérito por questionário que realizámos, em 1999. Mas, enquanto os comerciantes portugueses acentuavam a tipicidade do bairro relacionado com o fado, as festas populares, a procissão e ainda à figura da Severa, os indianos mais facilmente atribuíam esta tipicidade à ideia de antigo, histórico e bairrismo.

*Chaga social* foi, contudo, o termo utilizado pelo Jornal das Regiões (02.04.2001), para retratar a mistura de “droga e prostituição” que atravessa o eixo Baixa-Arroios, onde se situam a Mouraria e o Martim Moniz, já que é um eixo “invadido por marginais de toda espécie”.

“Ai Mouraria!”<sup>17</sup> Bairro aclamado como típico e popular, e, mais recentemente, como multiétnico e multicultural. Bairro desdido como marginal e inseguro. Imagens desenhadas ao sabor das narrativas, das notícias, das festas e das ocorrências criminais. Aqui, interessa observar que as interseções entre o campo das significações imaginárias do bairro e a interligação com as práticas socioculturais e espaciais dos distintos indivíduos, sobretudo aquelas que se desenvolvem nos espaços público e semipúblico, revelam a íntima articulação entre a experiência dos diferentes atores sociais, os símbolos, os valores sociais e as imagens. Contudo, esta articulação é dinâmica e flexível, adequando-se aos distintos tempos (quotidiano e fora do quotidiano) e espaços, às diferentes situações percebidas, bem como às experiências dos diferentes atores sociais. O que, de um lado, permite salientar que as imagens produzidas pelos de fora contribuem para a construção de determinados significados urbanos e símbolos identitários, que, por sua vez, interferem no universo das práticas, experiências e

---

<sup>17</sup> “Ai Mouraria” é uma letra de fado.

representações. Enquanto, por outro lado, revela que as articulações existentes são, sobretudo, subsidiárias de uma lógica que prima pela ambiguidade. Daí que, como dispositivo de análise, parece-nos importante a realização de uma leitura tripartida das visões e imagens que os de fora elaboram da Mouraria. Isto porque essa leitura permite valorizar a ambiguidade como valor estrutural do processo de consolidação e reconfiguração das imagens do bairro, possibilitando observar a existência de uma intrincada rede de relações de oposição, contradição, dualidade, ambivalência, complementaridade e simultaneidade. Daí poder ter interesse abordar as imagens e visões exógenas do bairro sob três prismas: (1º) a utilização da miséria, do ambiente do fado e a má fama daí decorrente, como a importância de determinadas cerimónias e rituais, na construção de uma imagem identitária que se apoia nas tradições populares, permitindo a emblematização do bairro e a sua perpetuação; (2º) a ressignificação de alguns aspetos da história do bairro, através da recuperação da lenda de Martim Moniz e da posituação do convívio multiétnico, na construção de uma imagem identitária fundamentada nas tradições multiétnicas do bairro; (3º) a repercussão de um processo de segregação sócio-espacial na construção de uma imagem territorial estigmatizada, com a perpetuação de determinados traços socioculturais e urbanos, como a indexação de novos traços, simbolicamente ligados à miscelânea de liminaridades da atualidade.

### **3. Imagens trazidas com a reabilitação urbana**

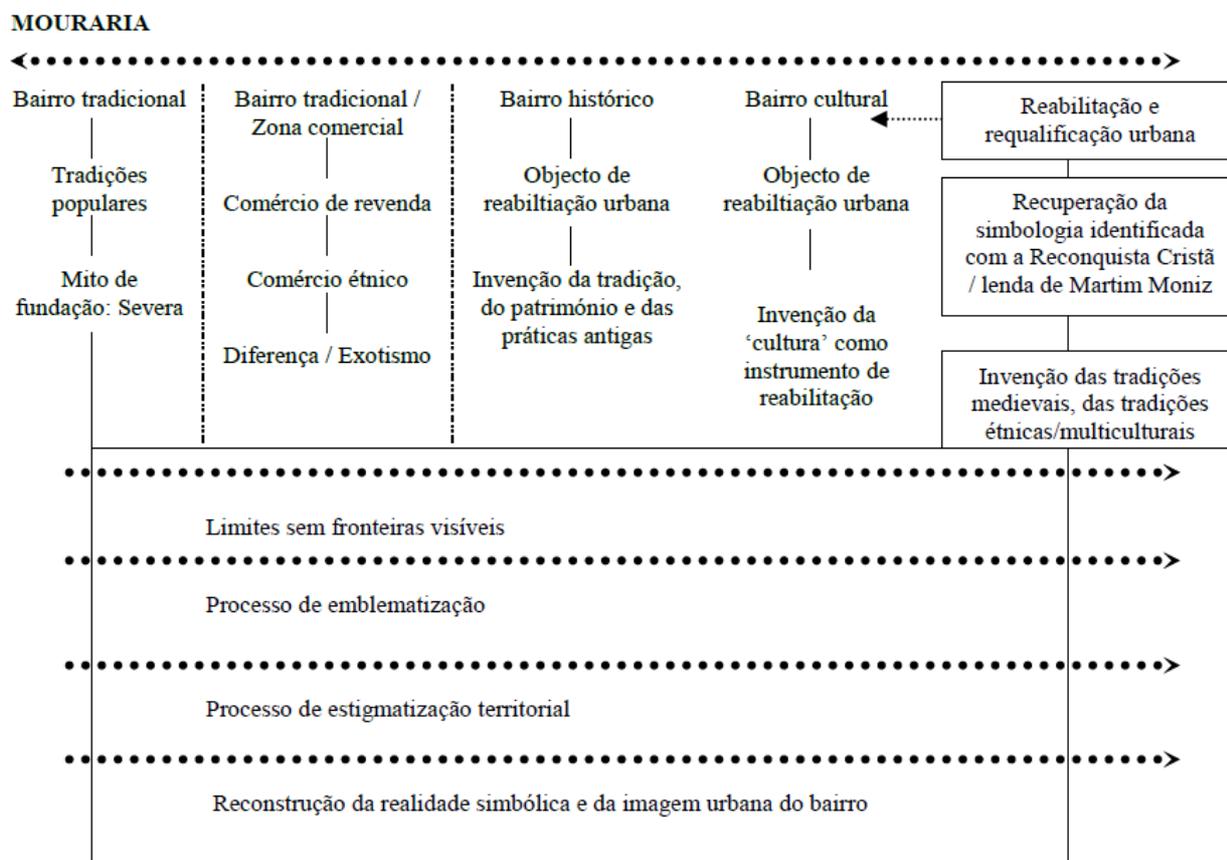
Em meados de 1980, o bairro constitui-se como “objecto de reabilitação urbana” (Firmino da Costa e Ribeiro, 1989). No âmbito deste novo ideal urbano, foi definido um conjunto de prioridades que primam pela valorização do património histórico-cultural, a partir da demarcação de princípios orientadores e de regras que viabilizem a transmissão da herança histórica e a responsabilização dos diferentes atores sociais no processo de manutenção e conservação do património (ver Figura 2). Pelo que visa-se “a fixação e melhoria das condições de vida dos residentes, proporcionando melhores condições de habitabilidade, reconvertendo e criando novos equipamentos. Pretende-se deste modo a revitalização económica, estimulando a população residente a participar neste processo global”<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Cfr.: Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria, Câmara Municipal de Lisboa, 1996: Vol. 4: 1.

A instalação, a aplicação e o desenvolvimento desta orientação urbana desencadeou, entretanto, um conjunto de novas dinâmicas sociais e urbanas, alterando as rotinas quotidianas há muito sedimentadas. O processo de reabilitação urbana induziu (e induz) à criação de novas lógicas de uso, apropriação e percepção do espaço do bairro bem como de novas relações com a cidade. A par da melhoria das condições de habitabilidade que, pontualmente, foram sendo proporcionadas, gradualmente o processo de reabilitação urbana apropria-se da imagem pública do bairro e, curiosamente, tradicional e histórico passam a ser associados a medieval, práticas antigas, multiculturalidade e multietnicidade.

**Figura 2 – Aspectos centrais da invenção da Mouraria (ii)**



Fonte: Adaptado de Menezes, 2003

Todavia, o bairro persiste como contexto de uma intervenção urbana que visa inverter a situação de degradação física, de precariedade social e de insegurança urbana, destacando-se o recente plano de intervenção camarária denominado *Programa de*

*Acção Mouraria – As cidades dentro da cidade*, datado de junho de 2010 e divulgado através de um logótipo que se socorre da expressão “Ai Mouraria!” – curiosamente, uma letra de fado que faz alusão a uma Mouraria perdida ... – através de um jogo entre a expressão “ai” e o final da palavra “ia” (Mouraria) pode-se deduzir a seguinte ideia: *ai morar ia* (ver Fig. 3).

O logótipo do Programa encontra-se, ainda, divulgado em cartazes situados em áreas estratégicas daquela zona da cidade, juntamente com cartazes alusivos ao “que vai mudar na Mouraria”. Isto é, mais do que a recuperação do passado, dá-se agora um futuro que parece pretender-se presente (Gomes, 2011).

**Figura 3 – Logótipo do “Programa de Acção Mouraria”**



Fonte: <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=661>

O referido Programa é apresentado no *site* da Câmara Municipal de Lisboa (CML) do seguinte modo:

“Face a um quadro de problemas sócio-urbanísticos geradores de exclusão identificados no bairro da Mouraria, sendo os mais evidentes a degradação do edificado e do espaço público, o envelhecimento da população, as carências económicas das famílias e a prática de comércios ilícitos, foi desenvolvido o Programa de Acção (PA) Mouraria: as cidades dentro da cidade, constituído por um conjunto de operações com vista ao reforço dos aspectos positivos do bairro, de que são exemplo o património material e imaterial, a actividade económica, a vitalidade populacional e a multiculturalidade”.

A “intervenção de maior visibilidade e indutora de novos comportamentos” será, no âmbito deste Programa, “a requalificação do espaço público” (*in site* da CML). Ao que, espera-se que tal requalificação viabilize “a divulgação da Mouraria nas rotas turísticas (...) com a criação de um Percurso Turístico-Cultural”. No seguimento destas preocupações de intervenção, determinados edifícios foram “identificados como estruturas identitárias”.

De entre as outras ações programadas, destaca-se a da “dimensão identitária e de integração”, entretanto protagonizada pela ação *Corredor Intercultural* e que “pretende funcionar como uma caixa de ressonância de valorização transversal da interculturalidade”, através de ações como: o festival multicultural *Há Mundos na Mouraria*, a promoção da gastronomia árabe e galega e da que “resulta da miscigenação étnica e cultural”, e, ainda, ações de “carácter cultural e de transmissão de conhecimento”, no sentido de aproximar a “população habitualmente considerada inculta a formas de expressão incluídas no que habitualmente se designa por cultura” (*in site* da CML).

Numa outra perspetiva, a CML, em conjunto com vários outros organismos e associações socioculturais promoveu a 3ª Edição do *Festival Todos*, que, realizado “para esta maravilhosa ‘ilha’ obscura que resiste no interior de Lisboa” (*in site* Todos – Caminhada de Culturas), desenvolve-se a partir de “seis formas de correr o mundo sem sair de Lisboa”, designadamente circo, teatro, música, gastronomia, dança e fotografia (*in site* Timeout), onde, entre outros aspetos, vislumbra-se o carácter internacional da Mouraria, através de um festival “(...) de dimensão internacional desenhado à medida do bairro, que propõe ao longo de 4 dias um contacto forte e íntimo com as culturas que habitam esta zona da cidade (...)” (*in site* Timeout), sendo ainda possível “(...) que se viaje pelo mundo sem sair de Lisboa. Só há um lugar assim nesta cidade (...)” (*in site* RTP Notícias).

Na verdade, os tantos hiatos liminares que preenchem a Mouraria, as suas manchas coloridas e os seus compassos socioculturais, são importantes contributos para a consideração de que o quotidiano local é rico em práticas e acontecimentos que fazem menção a uma certa marginalidade e informalidade, pobreza, tipicidade e tradições, como à presença de diferentes etnias e, enfim, patrimónios. Por certo, na Mouraria coexistem distintas ‘Mourarias’, provavelmente distintas ‘culturas’. Mas, afinal de que se fala quando se fala em ‘cultura’?

#### **4. A polifonia de um bairro em pleno século XXI**

A Mouraria é um bairro popular que tem sido saudosamente recordado pelo seu pitoresco e peculiaridade cultural de sina fadista, mas, contraditória e ambigualmente, também repellido por essas mesmas características, entretanto exacerbadas enquanto

vício, crime, atrofiamento urbano, miséria e insalubridade. Uma curiosa combinação que, convertida em tipicidade e tradição, tornou-se tema para a autorrepresentação do bairro nos arraiais e nas marchas populares da cidade, sendo, sobretudo, evocado o mito da Severa. Mais recentemente, a ideia de que o bairro é, secularmente, atravessado por dinâmicas multiétnicas e multiculturais, também tem contribuído para a invenção de uma outra tradição que, por sua vez, se espelha no par património/histórico e, que curiosamente recupera a lenda de Martim Moniz. No ímpeto das revitalizações, as dinâmicas de intervenção urbanística inscrevem-se no espaço e na esfera pública, reinventando cenários e imagens do que é tradicional e típico, ou, como referiu Bourdin (1984), criando novas maneiras de pensar e representar o espaço.

Na verdade, no processo de consolidação e reconfiguração das imagens identitárias, verifica-se que, a par da continuidade de determinados traços que são utilizados para caracterizar a Mouraria, outros vão sendo indexados ao campo das significações imaginárias do bairro (ver Quadro 1).

**Quadro 1 – Das metáforas às imagens da Mouraria**

MÁ FAMA E TIPICIDADE	COMPLICADO / CONTRADITÓRIO	MULTICULTURALIDAD E / MULTIETNICIDADE	CULTURAL
Vício	Insalubridade	Lenda de Martim	Culturas
Miséria	Falta de civilização	Moniz	Todos
Tempestuoso	Crime	Centro Comercial (da	Práticas antigas
Prostituição	Desordem pública	Mouraria e do Martim	Património material
Descaracterizado	Marginal	Moniz)	Património imaterial
Fado	Ilegalidades	Mistura social	Gastronomia árabe
Fadista	Gueto	Convívio multiétnico	Gastronomia galega
Bairrismo	Vale dos vencidos	Mundos	Internacional
Antigo	Texas	Mundo português	
Festas populares	Chaga Social	Espaço plural	
Marcha	Insegurança	Outros	
Procissão	Prostituição	Cosmopolita	
Pitoresco (ruas e edifícios)	Sem-abrigo	Outra geografia	
	Sem papeis	Fragrâncias e Odores	
	Imigrantes	Cores	
	Toxicodependentes /	Paladares	
	Traficantes		
	Degradação do		
	parque edificado		
	Precariedade social		
	Sujidade		

Fonte: Adaptado de Menezes, 2003

Mas a versão popular e típica como a versão multicultural do bairro são atravessadas por elaborados processos de estigmatização territorial e de emblematização, acentuando, assim, as tantas interconexões, complementaridades, contradições, oposições e complicações do bairro.

No século XXI, verifica-se a continuidade de determinadas imagens identitárias e simbólicas, mas agora sob a égide do efeito *cultura*, entretanto transformada em instrumento de reabilitação e revitalização urbana, dando lugar ao que alguns autores têm vindo a designar como “intervenções urbano-culturais” (Kara José, 2007), “urbanismo cenográfico” (Lacarrieu, Carman e Girola, 2006) ou “culturalização do planeamento e da cidade” (Vaz, 2004). Estas perspetivas parecem remeter para uma *estetização* dos processos de intervenção, como para a invenção de uma variedade de conceções de cidade: cidade-criativa, cidade-evento ou cidade-mercadoria. Parece-nos ser aqui evocativa a criação de uma “indústria do imaginário”, onde a *cultura* insurge-se contra os conflitos e a segregação, promovendo uma cidadania contemplativa e politicamente esvaziada (Lacarrieu, Carman e Girola, 2006). O que revela uma significativa alteração do papel da *cultura* no âmbito da relação entre património, cidadania, políticas de intervenção e cidade.

Todavia, os espaços públicos do bairro são, cada vez mais, ponto de encontro de diferentes etnias e essa visibilidade não passa despercebida aos olhos de um qualquer transeunte ou dos fazedores de imagens da cidade. Mas a procissão ainda atravessa as ruas do bairro e da cidade; os arraiais populares englobam a casa, a rua, o bairro e a cidade num só espaço; a marcha continua a representar determinados símbolos emblemáticos do bairro e a percorrer as passarelas da cidade; as relações de vizinhança são intensas; a prostituição continua; os delitos aumentaram; os sem-abrigo subsistem; a toxicodependência e o tráfico de droga são reais; a ilegalidade e a marginalidade existem; as casas caem e incendiam-se; e tais características estimulam a invenção de metáforas urbanas que também são fazedoras de imagens – endógenas e exógenas – do bairro.

As metáforas mais evocadas para mencionar o bairro contribuem para o processo de segregação e estigmatização territorial, como para o processo de emblematização do bairro. Pelo que, face à complexidade polifónica que tem lugar na Mouraria, parece-nos fundamental a realização de uma leitura da sua realidade social, cultural, simbólica e urbana, de modo a enfatizar a ambiguidade e a ambivalência. Sabendo que a

intervenção urbana visa atuar sobre o lado obscuro subjacente à ambiguidade dos espaços intersticiais, como temos vindo a salientar, talvez fosse de admitir que a ambiguidade e a intersticialidade são condições intrínsecas à nossa contemporaneidade, o que releva o interesse em considerar, também, as potencialidades inerentes a tais condições.

### Referências bibliográficas

- AGUALUSA, José Eduardo (1999), *Lisboa, Cidade de Exílios*, Lisboa, CML.
- ARAÚJO, Norberto (1931), *Fado da Mouraria*, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco.
- AUGÉ, Marc (1997), *Storie del Presente – Per una Antropologia dei Mundi Contemporani*, Milano, Il Saggiatore.
- (1999), *O Sentido dos Outros*, Petrópolis, Editora Vozes.
- BAGUINHO, Fernando da Costa (1999), *Sentimento Bairrista*, Lisboa, Edição de Autor.
- BARROS, Maria F. Lopes de (1998), *A Comuna Muçulmana de Lisboa – sécs. XIV e XV*, Lisboa, Hugin (Biblioteca de Estudos Árabes).
- BARTHES, Roland (1987), *Mitologias*, 7ª ed., São Paulo, Difel.
- BOURDIN, Alain (1984), *Le Patrimoine Réinventé*, Paris, PUF.
- CABRAL, João de Pina (1989), *Filhos de Adão, Filhas de Eva. A Visão do Mundo Camponesa no Alto do Minho*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (1996), *Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria*, Lisboa, DMRU, Gabinete Técnico Local da Mouraria.
- CASTILHO, Júlio de (1967 [1885]), *Lisboa Antiga – Bairros Orientais*, 3ª ed., Lisboa, Oficinas Gráficas da CML, Vol. III.
- CHAVES, Miguel A. (1996), *Da Gandaia ao Narcotráfico – Marginalidade Económica e Dominação Simbólica num Bairro de Lisboa*, Lisboa, ICS (Tese de Mestrado).
- CORDEIRO, Graça Índias (1995), *Um Bairro no Coração da Cidade. Um Estudo Antropológico sobre a Construção Social de um Bairro Típico de Lisboa*, Tese de Doutoramento, Lisboa, ISCTE.
- CORDEIRO, Graça Índias; FIRMINO DA COSTA, António (1999), “Bairros: contexto e intersecção”, in Gilberto Velho (org.), *Antropologia Urbana. Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, pp. 58-79.

- FARINHA, António Lourenço (1932), *Notícia Histórica do Bairro das Olarias (Lisboa)*, Lisboa, Cucujães.
- FIRMINO DA COSTA, António (1999), *Sociedade de Bairro*, Oeiras, Celta Editora.
- FIRMINO DA COSTA, António; RIBEIRO, Manuel João (1989), “A construção social de um objecto de reabilitação”, in *Sociedade e Território*, n.º 10-11, 85-95.
- FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (1991 [1924]), *Guia de Portugal (I) – Lisboa e Arredores*, 3ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- GOMES, Hélène Veiga (2011), “Le visuel dans le ville : croisements et perspectives à partir do Largo do Intendente”, in *Actas do SICYUrb*, Lisboa, ISCTE [Consult. a 1 novembro 2011]. Disponível em:  
<http://conferencias.cies.iscte.pt/index.php/icyurb/sicyurb/paper/view/219/133>.
- GUPTA, Akhil; FERGUNSON, James (2000), “Mais além da ‘cultura’: espaço, identidade e política da diferença”, in Antonio A. Arantes (org.), *O Espaço da Diferença*, Campinas, Papyrus, pp. 30-49.
- HANNERZ, Ulf (1997), “Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional”, in *Mana*, n.º 1, vol. 3, 7-39.
- HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (ed.) (1996), *The Invention of Tradition*, 12ª ed., Cambridge, University Press.
- KARA JOSÉ, Beatriz (2007), *Políticas culturais e negócios Urbanos. A Instrumentalização da Cultura na Revitalização do Centro de São Paulo – 1975-2000*, São Paulo, Annablume Editora.
- LACARRIEU, Monica; CARMAN, Maria; GIROLA, Florencia (2006), “Procesos de transformación urbana en lugares centrales y periféricos del área metropolitana de Buenos Aires: ganó el urbanismo escenográfico?”, in Heitor Frugóli Jr. e T. Andrade, *A cidade e seus Agentes: Práticas e Representações*, Belo Horizonte / São Paulo, PUC Minas, pp. 98-127.
- MACHADO PAIS, José (1985), *A Prostituição e a Lisboa Boémia do Século XIX aos Inícios do Século XX*, Lisboa, Editorial Quercó.
- MENEZES, Marlucci (1994), *Ecologia Social e Reabilitação Urbana. Curso de Introdução à Reabilitação Urbana*, ITECS 26, Lisboa, LNEC.
- (2003), *Mouraria: entre o Mito da Severa e o Martim Moniz – Estudo antropológico sobre o campo de significações imaginárias de um bairro típico de Lisboa*, Coleção Teses e Programas de Investigação, TPI 23, Lisboa, LNEC.
- (2004), *Mouraria, Retalhos de um Imaginário: significados urbanos de um bairro de Lisboa*, Oeiras, Celta Editora.
- (2005), “Património urbano: por onde passa a sua salvaguarda e reabilitação? Uma breve visita à Mouraria”, in *Cidades, Comunidades e Territórios*, n.º 11, 65-82.

- (2009), “A Praça do Martim Moniz: Etnografando Lógicas Socioculturais de Inscrição da Praça no Mapa Social de Lisboa”, in *Horizontes Antropológicos*, n.º 32, 301-328.
- (2011), “*Todos na Mouraria? Diversidades, desigualdades e diferenças entre os que vêm ver o bairro, nele vivem e nele querem viver*”, in *Actas do XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais (CONLAB)*, agosto, Universidade Federal da Bahia. Disponível em: [http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1306516109\\_ARQUIVO\\_MARLUCIMENEZES\\_TEXTO\\_CONLAB\\_2011.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1306516109_ARQUIVO_MARLUCIMENEZES_TEXTO_CONLAB_2011.pdf).
- OLIVEN, George Ruben (1992), *A Parte e o Todo: a Diversidade Cultural no Brasil-Nação*, Petrópolis, Vozes.
- PINHEIRO, Joaquim Gil (1905), *Roteiro de Lisboa – Histórico, Hydrographico, Chorographico, Archeologico e Estatistico*, São Paulo, Brasil.
- REIS, Luis da Câmara (1908), “A miséria em Lisboa”, in *Serões*, vol. VII, 324-343.
- RIBEIRO, Vitor (1907), “A Mouraria”, in *Serões*, 2ª série, vol. IV, 251-262.
- VAZ, Lilian Fessler (2004), “A *culturalização* do planeamento e da cidade – novos modelos?”, in *Territórios Urbanos e Políticas Culturais*, Cadernos PPG-AU/FAUNA, nº especial, 31-42.
- VELHO, Gilberto (1994), *Projecto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas*, Rio de Janeiro, Zahar Editor.
- WACQUANT, Loic (2006), “A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada”, in *Sociologia*, 16, 27-39.
- ZUKIN, Sharon (2000), “Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder”, in António A. Arantes (org.), *O Espaço da Diferença*, Campinas, Papirus, pp. 81-103.

### **Jornais consultados**

- GUIA A CAPITAL (16.07.1983), “Mouraria – Capela do Fado”.
- JORNAL DAS REGIÕES (02.04.2001), “Como nasceu a freguesia do Socorro – Sede paroquial em mudanças constantes”.
- O DIA (26.07.1994), “Lisboa Bairrista: Mouraria é riqueza da freguesia do Socorro”.

### **Sites consultados**

- CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA: <<http://www.cm-lisboa.pt/?idc=661>>. [Consult. a 15 março 2011].
- Blog – *Todos. Caminhada de Culturas*: <<http://todoscaminhadadeculturas.blogspot.com/>>. [Consult. a 15 março 2011].
- Timeout: <[http://timeout.sapo.pt/news.asp?id\\_news=5964](http://timeout.sapo.pt/news.asp?id_news=5964)>. [Consult. a 10 maio 2011].
- RTP – Notícias: <<http://www.rtp.pt/noticias/?t=Martim-Moniz-e-palco-do-Festival->

Todos.rtp&headline=20&visual=9&article=376435&tm=4>. [Consult. a 10 setembro 2011].  
Viver Lisboa: <<http://www.viverlisboa.org/?p=6912>>. [Consult. a 15 março 2011].

## **ABSTRACT/RÉSUMÉ/RESUMEN**

### **Abstract**

*Discussing myths, representations and beliefs about the invention of a Lisbon neighborhood*

This paper discusses the complementarities and setbacks regarding the invention of Mouraria quarter, in Lisbon. The focus is on the attempts to (re) invent the neighborhood, by proposing technical and urban interventions that plaster urban identity and symbols, especially enhanced through the idea of 'plural' and 'cultural' city. It also explores the hypothesis that the ambiguity and ambivalence, as the interconnections between the processes of emblematic and territorial stigmatization, are central to the interpretation of the 'polyphonic' reality of this particular neighborhood.

Keywords: Images of identity; Processes of emblematic and territorial stigmatization; Polyphonic; Neighborhood.

### **Résumé**

*Discuter des mythes, des représentations et croyances sur l'invention d'un quartier de Lisbonne*

Ce travail examine les complémentarités et les revers de l'invention du quartier Mouraria, à Lisbonne. L'accent est mis sur les tentatives de (re) invention du quartier à travers des propositions d'interventions techniques et urbanistiques de fixation des valeurs et des représentations identitaires, particulièrement renforcées autour de l'idée de ville 'pluriel' et 'culturel'. Ce document explore aussi l'hypothèse que l'ambiguïté et l'ambivalence, comme les interconnexions entre les processus de stigmatisation et d'emblématisations territoriales, sont primordiales pour l'interprétation de la réalité 'polyphonique' du quartier.

Mots-clés: Images de l'identité; Processus de stigmatisation et d'emblématisations territoriales; Polyphonique; Quartier.

### **Resumen**

*Debatiendo mitos, representaciones y convicciones sobre la invención de un barrio de Lisboa*

Este artículo analiza las complementariedades y las contrariedades de la invención del barrio de la Mouraria, en Lisboa. Se centra en los intentos de (re)invención del barrio mediante la

propuesta de intervención técnica y urbana que plasma identidades y símbolos urbanos, que a su vez son reforzados por las ideas de ciudad ‘plural’ y ‘cultural’. También se aborda la hipótesis de que la ambigüedad y la ambivalencia, como interconexiones entre los procesos de emblemización y la estigmatización territorial, son fundamentales para la interpretación de la ‘polifonía’ subyacente en la realidad particular de este barrio.

Palabras-clave: Imágenes de la identidad; Procesos de emblemización y estigmatización territorial; Polifónico; Barrio.



## Etnicização residencial e nobilitação urbana marginal: processo de ajustamento ou prática emancipatória num bairro do centro histórico de Lisboa?<sup>1</sup>

Jorge Malheiros<sup>2</sup>

Rui Carvalho<sup>3</sup>

Luís Mendes<sup>4</sup>

**Resumo:** À imagem do que acontece, atualmente, em muitas metrópoles da Europa do Sul, alguns bairros do centro histórico de Lisboa surgem marcados pela coexistência de dois processos de transição sócio-urbanística, nomeadamente a fixação de imigrantes não europeus e a evidência de uma nobilitação urbana marginal, cuja ocorrência paralela tem conduzido à diversificação cultural e étnica. Recorrendo à Mouraria como exemplo, procurar-se-á perceber como se materializa a interação e como são geridas as potenciais tensões entre os grupos que protagonizam os dois processos e, também, destes com a população “tradicional” do Bairro. Será conferida uma atenção particular aos *marginal gentrifiers*, procurando detetar eventuais paradoxos entre um discurso tolerante e localmente empenhado e práticas efetivas menos integradas nas redes sociais locais e, portanto, com menor potencial para promover a revitalização do lugar da Mouraria.

**Palavras-chave:** Diversidade sociocultural; Etnicização residencial; Nobilitação urbana marginal; Relações sociais.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi escrito no âmbito do projeto GEITONIES (FP7), coordenado pela Professora Lucinda Fonseca do Centro de Estudos Geográficos.

<sup>2</sup> Geógrafo, professor associado do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT-UL) e investigador dos núcleos MIGRARE e NETURB do Centro de Estudos Geográficos (IGOT-UL) (Lisboa, Portugal). E-mail: gatomaltes@netcabo.pt.

<sup>3</sup> Geógrafo e investigador do núcleo MIGRARE do Centro de Estudos Geográficos do IGOT-UL (Lisboa, Portugal). E-mail: racarvalho@fl.ul.pt.

<sup>4</sup> Geógrafo e investigador do núcleo NETURB do Centro de Estudos Geográficos do IGOT-UL (Lisboa, Portugal). E-mail: luis.mendes@ceg.ul.pt.

## **Introdução**

Durante as últimas décadas, os núcleos históricos das cidades tenderam a degradar-se como consequência de um modelo de crescimento urbano favorável à expansão para a periferia, em detrimento da revitalização das áreas centrais mais antigas e da coesão do tecido urbano já existente. O mercado habitacional concentrou os seus esforços num projeto imobiliário que se desenvolveu, predominantemente, ao longo dos grandes eixos rodo-ferroviários, em direção a áreas periféricas, cada vez mais afastadas dos centros, ao passo que estes sofriam um processo de despovoamento e de envelhecimento demográfico.

No entanto, o mercado de habitação das cidades portuguesas, à semelhança das do capitalismo avançado, começa a sofrer algumas transformações, do ponto de vista da emergência de novos produtos imobiliários e de novos formatos de alojamento, com consequências na organização espacial urbana (Mendes, 2008, 2009; Rodrigues, 2010). Na verdade, aos olhos de um conjunto amplo de autores, estas transformações configuram, já há algum tempo, o esboço de uma tendência de recentralização que, convém frisar, não substituiu, pelo menos até à presente fase de crise do capitalismo, a contínua desconcentração das residências e das atividades. A materialização desta tendência, que só recentemente começa a ultrapassar uma lógica quase exclusivamente pontual, está patente na forte atenuação do ritmo de perda demográfica de Lisboa observado no último decénio (-14,9% entre 1991 e 2001; apenas -3,4% entre 2001 e 2011) e, sobretudo, na recuperação populacional, registada no último período, em algumas freguesias do centro histórico, com destaque para Santa Justa e para o Socorro (INE, Censos de 2001 e 2011).

Note-se que a “recentralização diz respeito à revalorização de áreas na cidade interior e compreende a reabilitação de sítios antigos e o reaproveitamento de áreas subocupadas, para além dos processos mais permanentes de renovação pontual, ou em mancha” (Barata Salgueiro, 2001: 62). Trata-se, por um lado, de um processo associado à recomposição do sistema produtivo, cuja evolução se pauta por uma crescente terciarização e pela emergência de um novo modelo de acumulação capitalista mais flexível, que reconhece no (re)investimento no centro histórico – de capital imobiliário, e na sua circulação – uma mais-valia (Barata Salgueiro, 2006). Por outro lado, radica na reconfiguração da estrutura social sob o signo de uma condição urbana pós-moderna – aqui entendida como um conjunto articulado de mudanças culturais nas experiências e

práticas urbanas quotidianas – indissociavelmente ligada a uma cultura de consumo e à estetização da vida social.

No entanto, esta potencial revalorização do centro histórico por via de intervenções de qualificação do espaço público e do edificado, nomeadamente a reabilitação de edifícios e mesmo a implementação de alguma construção nova destinada a segmentos de população mais jovens e com mais recursos, é, nalguns bairros, concomitante com um processo de transição socioétnica que corresponde à chegada e fixação de imigrantes mais jovens, que desenvolvem estratégias de inserção económica em atividades de baixa qualificação. Efetivamente, nas áreas do centro histórico com menor *status* social, mais marcadas por imagens de degradação sócio-urbanística e menos sujeitas a processos de reapropriação por via da instalação de atividades culturais ou de lazer, os processos de regeneração tendem a ser mais tímidos e menos amplos, o que leva a que o surgimento de novos produtos imobiliários seja mais limitado.

Perante a pressão imigratória verificada em Portugal e em Lisboa, nos primeiros anos do decénio que abriu o século XXI, os imigrantes oriundos do Brasil e de países asiáticos como a China, a Índia ou o Bangladesh, tornaram-se clientela preferencial para as ofertas de alojamento situadas em áreas do centro histórico ou da sua vizinhança imediata, como as supracitadas freguesias do Socorro e de Santa Justa, ambas integradas na Mouraria, um Bairro da franja oriental da Baixa lisboeta, que corresponde ao segmento menos valorizado desta, por comparação com o espaço mais burguês e elegante do Chiado, situado na metade ocidental.

Tal transição étnico-demográfica, se bem que não se traduza numa redução das rendas imobiliárias, até porque estas sofrem, atualmente, um incremento, o que significa a obtenção de mais-valias superiores, pode, de algum modo, ser interpretada como um processo mitigado e potencial de *filtering down* no quadro de dinâmicas de invasão-sucessão (Bonvalet, Carpenter e White, 1995). Por um lado, as rendas atualmente obtidas acabam por ser inferiores às rendas potenciais para a área, se um processo de regeneração mais amplo ocorresse. Por outro, a substituição demográfica tem, na base, grupos étnicos cuja posição de classe não difere muito da população autóctone precedente, mas que possuem um *status* social menos reconhecido, o que pode sustentar a lógica *filtering down*. Efetivamente, estes imigrantes oriundos da Ásia e do Brasil, mesmo que tragam um efetivo contributo para a dinamização económica e demográfica desta área do centro de Lisboa, são, frequentemente, percebidos pela maioria autóctone

como responsáveis por um processo de desapropriação, marcado por componentes de degradação urbanística e social (Malheiros, 2001 e 2008).

Em suma, a Mouraria aparece, atualmente, marcada pela coexistência de dois processos de transição sócio-urbanística aparentemente paradoxais, o primeiro situado no âmbito da nobilitação marginal, que tem implícita uma ideia de *filtering up*, e o segundo associado ao estabelecimento da residência de imigrantes não europeus, o que conduz a um forte quadro de diversificação cultural e étnica que, numa leitura baseada nas referências tradicionais, corresponderia a uma lógica de *filtering down*. Perante este cenário, importa perceber como são geridas as tensões resultantes da progressiva coexistência, não apenas dos grupos que protagonizam os dois processos descritos, mas também destes com os restantes autóctones, que podem ser considerados a população “tradicional” do Bairro. Em termos mais específicos, pretende-se dar uma atenção particular ao papel dos *marginal gentrifiers* neste contexto, destacando eventuais paradoxos entre uma imagem e um discurso liberal, tolerante e localmente empenhado e práticas efetivas eventualmente menos integradas nas redes sociais locais e, portanto, com menor potencial para o processo de recomposição do lugar (espaço físico com uma identidade e uma comunidade nele inscrita) da Mouraria.

## **1. Nobilitação urbana marginal, diversidade cultural e etnicização residencial**

### **1.1 Acerca da natureza e da compatibilidade dos processos**

Na atualidade, a nobilitação urbana ocorre de várias formas em diferentes bairros de diversas cidades, concretizando-se em distintas trajetórias de mudança, o que implica uma variedade de protagonistas (Lees, 2000). No entanto, a discussão acerca da definição do conceito, que teve lugar ao longo dos últimos 40 anos, clarifica um conjunto de aspetos essenciais, afirmando Savage e Warde (1993) que a ocorrência de nobilitação no espaço urbano depende da coincidência de quatro processos: i) uma reorganização da geografia social da cidade, com substituição, nas áreas centrais da cidade, de um grupo social por outro de estatuto mais elevado; ii) um reagrupamento espacial de indivíduos com estilos de vida e características culturais similares; iii) uma transformação do ambiente construído e da paisagem urbana, com a criação de novos serviços e uma requalificação residencial que prevê importantes melhorias arquitetónicas; e iv) uma mudança da ordem fundiária, que, na maioria dos casos,

determina a elevação dos valores fundiários e um aumento da quota das habitações em propriedade.

Por definição, nobilitação urbana passou, assim, a designar o movimento de chegada de grupos de estatuto socioeconómico mais elevado, geralmente jovens e de classe média, a áreas centrais desvalorizadas da cidade. O efeito é que essas áreas se tornam social, económica e ambientalmente valorizadas, sofrendo um processo de *filtering up* (Hall, 1998). É um processo de mudança sócio-espacial, onde a reabilitação de imóveis residenciais situados em bairros da classe trabalhadora ou de génese popular/tradicional, atrai a fixação de novos moradores relativamente endinheirados, levando ao desalojamento de ex-residentes que não podem mais pagar o aumento dos custos de habitação que acompanham a regeneração (Pacione, 2001). Por conseguinte, é um processo pelo qual os bairros pobres e de classe trabalhadora na cidade centro são requalificados, através da entrada de fluxos de capital privado e de proprietários e inquilinos da classe média e média-alta. Note-se que, em muitos casos, estes bairros experimentam um processo prévio de desinvestimento e de êxodo da classe média baixa, frequentemente associado a perdas de população e à instalação de grupos sociais de nível socioeconómico ainda mais reduzido, em muitos casos de origem imigrante, designado, no contexto da Escola Ecológica de Chicago, por invasão-sucessão (Burgess, 1925).

Mais recentemente, como tivemos ocasião de discutir, os dois tipos de processos – nobilitação urbana e instalação de imigrantes com etnicização residencial – parecem ocorrer em simultâneo em determinados bairros das áreas centrais, mesmo que, a um nível mais fino, se verifique que têm lugar em blocos ou quarteirões distintos. Porque isto rompe com as lógicas tradicionais de interpretação da evolução das cidades do mundo capitalista ocidental, há autores, como Smith (1996), que destacam o facto de o processo sócio-espacial que a nobilitação urbana encerra representar uma inversão dramática e imprevisível do que a maioria das teorias urbanas do século XX tinham vindo a prever como evolução para a cidade centro.

Uma vez efetuado este enquadramento, deve referir-se que a nobilitação urbana se desdobra numa variedade de configurações sócio-espaciais e geográficas que precisam de ser distinguidas. Com o intuito de classificar e dar sentido a estas diferenças, Clay (1979) desenvolveu um modelo de estádios que tipifica um conjunto de aspetos, que vão desde a primeira fase da nobilitação (*pioneer gentrification*), até uma

quarta e última fase (*maturing gentrification*)<sup>5</sup>. As etapas finais deste modelo corporizam o paradigma convencional do que, vulgarmente, se designa por *gentrification*, envolvendo cada vez mais agregados familiares ou indivíduos de classe média-alta (*yuppies* e *dinks*) e promotores imobiliários que visam capitalizar a partir do “rent gap”<sup>6</sup> gerado pela oportunidade de investimento criada, aumentando o potencial de valor imobiliário nesses bairros, através da compra de habitações e posterior renovação e revenda para os membros mais ricos da nova classe média.

Pelo contrário, na primeira etapa da nobilitação urbana (primária), os grupos sociais pioneiros no processo apresentam características muito distintas daquelas que definem o *gentrifier* típico da fase final. Em termos gerais, afirmam-se a nível identitário pela “refutação do que interpretam como um estilo de vida suburbano das famílias de classe média e, em alternativa, valorizam a cidade interior histórica, vista como mais ‘humanizada’, e na qual as relações de proximidade e de vizinhança estão ainda presentes” (Rodrigues, 2010: 123). Na linha de pensamento de Caulfield (1994), Ley (1996) e Butler (1997) argumentam que uma das marcas destes *gentrifiers* consiste na sua capacidade para explorar o potencial emancipatório do centro da cidade, criando uma nova classe urbana, culturalmente sofisticada e menos conservadora. Ley e Mills (1986), por seu lado, tomando como referência as cidades do Canadá, defendem que a sua nobilitação foi iniciada por uma contracultura marginal que procurava espaços da cidade interior capazes de representar uma ideologia expressiva contrária à ideologia dominante do urbanismo moderno dos anos 50 e 60.

Referindo-se aos *gentrifiers* pioneiros, Rose (1984) desenvolveu o conceito de “*marginal gentrifier*”, conceptualizando-os como algo específico, distinto da *gentrification mainstream* e dos seus protagonistas-tipo. Este movimento, designado como “*marginal gentrification*”, corresponde, grosso modo, a franjas menos privilegiadas das novas classes médias, que apresentam uma significativa clivagem entre um capital escolar e cultural elevado e um nível mais baixo de capital económico. São indivíduos caracterizados por situações profissionais frequentemente marcadas pela instabilidade, e mesmo precariedade, mas que continuam a dar preferência às áreas centrais da cidade para fixar residência, tornando-se *gentrifiers* pioneiros,

---

<sup>5</sup> Esta teoria não foi aceite sem forte discussão e crítica conceptual, mas é útil na tipificação e definição de que a nobilitação urbana progride através de uma série de estádios (Lees, Slater e Wyly, 2008).

<sup>6</sup> Para uma clarificação em língua portuguesa do conceito de “rent gap”, consultar os trabalhos de Mendes (2008) e Rodrigues (2010).

presumivelmente atraídos pelo estilo de vida não-conformista e de ambiente urbano social e etnicamente misto e tolerante dos bairros da cidade centro, recusando a normatividade convencional suburbana.

Particularizando, e também de acordo com Rodrigues (2010: 123), o *marginal gentrifier* valoriza as áreas antigas da cidade centro pelo seu “urbanismo distinto, com a sua arquitetura e pelos seus bairros históricos, pelas ‘suas gentes’”, pelo seu cosmopolitismo e pelo seu comércio tradicional. Note-se que estes elementos da identidade local são compatíveis com as atitudes e práticas demonstradas pelos *marginal gentrifiers*, até porque o desalojamento não ocorre nesta fase, uma vez que os recém-chegados se apropriam, frequentemente, de uma habitação que está vaga, gerando mudanças insignificantes no parque edificado, sendo as acções de reabilitação e reconstrução efectuadas, na sua maioria, de modo directo pelos próprios ou conhecidos do meio social próximo. Aliás, a própria “natureza ‘faça você mesmo’ (do it yourself) do processo da nobilitação urbana, desta fase inicial, era um atributo inerente da própria identidade do processo e dos estilos de vida dos seus protagonistas” (Rodrigues, 2010: 124), designadamente jovens adultos das profissões sociais, intelectuais e artísticas. Todos estes fatores explicam a apropriação pontual e fragmentada do processo da nobilitação urbana no espaço-bairro. Tipicamente, a nobilitação é iniciada por alguns indivíduos em busca de pequenos espaços disponíveis em bairros desvalorizados que oferecem ambientes para estilos de vida alternativos (por exemplo, artistas de vanguarda, comunidades de *gays* e *lésbicas*). De acordo com Mendes (2008, 2009), esta primeira vaga corresponde a uma nobilitação urbana ainda em processo embrionário, de crescimento lento e esporádico, manifestando-se no espaço urbano de forma pontual e fragmentada, numa pequena escala circunscrita e limitada a apenas alguns fogos ou, quando muito, a alguns quarteirões de bairro, estando na base daquilo que este autor tem vindo a defender como geografias fragmentadas da nobilitação urbana.

É precisamente por ter estas características, que a nobilitação marginal pode ocorrer em áreas da cidade centro que experimentam, em simultâneo, outros processos de reconversão, de que é exemplo a instalação de vagas de imigrantes associada a um processo de etnicização residencial. Efetivamente, a obtenção de mais-valias fundiárias acrescidas nas áreas centrais das cidades sujeitas a processos prévios de desvalorização sócio-urbanística implica, numa primeira fase, formas de transição associadas à recolocação das habitações no mercado, frequentemente sem terem sido sujeitas a qualquer reabilitação ou assumindo esta um carácter claramente minimalista.

Adicionalmente, como este processo tende a preceder as operações de regeneração da cidade histórica inseridas no quadro das políticas públicas, a imagem negativa vai-se desvanecendo muito lentamente e a baixa qualidade do edificado e do espaço público prolongam-se no tempo, o que contribui para afastar, pelo menos na fase inicial da nobilitação, os segmentos mais solventes das classes altas e médio-altas. Em síntese, isto significa que ocorre uma reanimação limitada do mercado habitacional e que os valores de mercado do arrendamento se elevam mas que, no contexto da cidade, tendem a manter-se abaixo da média, permitindo o acesso de grupos sociais e étnicos com níveis médios e médio-baixos de solvência.

Para além dos motivos económicos relacionados com o mercado de alojamento, também no caso dos imigrantes há fatores de carácter social que tornam estas áreas de transição bastante interessantes. Por um lado, o centro histórico e, em particular algumas das suas praças, tendem a funcionar como a porta de entrada social na cidade, proporcionando contactos que ajudam a resolver problemas de emprego, alojamento ou carência de afetos. Uma localização nas “traseiras” destes espaços torna-os mais “próximos”, ao mesmo tempo que facilita a acessibilidade a outros pontos da cidade e da própria metrópole, uma vez que as linhas de autocarro e de metro tendem a estar bem presentes nestas áreas. Por outro lado, o efeito das redes sociais dos imigrantes que, em muitos casos, estabelecem lojas e restaurantes em áreas desvalorizadas na cidade-centro e das suas imediações, associado ao papel de alguns pioneiros que arrendam as primeiras habitações, vai funcionar no sentido de promover a fixação destas populações nestes bairros.

## **1.2. Diversidade e mix social na cidade centro: contradições entre discurso e práticas do *gentrifier***

Como percebido anteriormente, a nobilitação urbana tem sido associada a movimentos sociais na cidade centro que apelam à diversidade, à diferença e à mistura social. De acordo com as pesquisas sobre o processo, os desejos “liberais” dos membros das novas classes médias, com destaque para aqueles que protagonizam as fases iniciais da nobilitação, pela diferença e pela diversidade (n)da cidade, assumem-se como a chave explicativa para o processo de nobilitação e para a criação de uma cidade mais aberta e tolerante. Concomitantemente, do ponto de vista ideológico, também chamam a atenção para o modo como os benefícios da miscigenação social em comunidades

urbanas se tornaram numa temática de inquestionável importância no discurso político. A diversidade sociocultural sempre foi um *leitmotiv* para as novas procuras de habitação nos bairros históricos e tradicionais da cidade centro. É sabido que uma das excelentes amenidades da vida na cidade densa é a exposição à diversidade social, cultural e étnica. O ambiente urbano de diversidade é uma fonte contínua de estímulo, renovação e um lembrete da relatividade cultural de que se constroem as identidades e os próprios estilos de vida (Lees, 2008). De algum modo, este “espírito da diversidade” tem sido associado, até historicamente, à capacidade particular das cidades para serem criativas e gerarem inovação (Bairoch, 1985; Florida, 2005).

Inquestionavelmente, a problemática da mistura social migrou para a vanguarda do debate da *gentrification*, assumindo-se, frequentemente, a suposição de que a nobilitação ajuda a aumentar e a promover a mistura social e, assim, a incrementar o capital social e a coesão social das comunidades urbanas. Contudo, há diversos trabalhos (Rose, 2004; Davidson, 2010; Arbaci e Rae, no prelo) que enfatizam o facto de existirem poucas evidências que comprovem as supostas interações significativas entre as populações, tendo sido muito escassas as perceções compartilhadas de comunidade entre *gentrifiers*, população autóctone e populações imigrantes dos bairros entretanto nobilitados. Davidson (2010) afirma mesmo que o carácter particular das novas formas de nobilitação urbana (ex: condomínios privados de luxo) tem desempenhado um papel importante na emergência de uma certa “tectónica social”, influenciando, conseqüentemente, a organização espacial urbana em direção a uma crescente segregação a micro-escala e, também, a uma fragmentação do espaço urbano contemporâneo.

Alguns estudos sobre os níveis de interação social efetuados nesses bairros nobilitados apontam para a ideia de que as redes sociais entre vizinhos tendem a ser socialmente segregadas, especialmente em termos de estatuto socioeconómico e etnia. Um influxo de residentes endinheirados num bairro de classe média desfavorecida pode não aumentar a coesão social, uma vez que os contactos entre os indivíduos/agregados familiares de baixo rendimento e os de elevado tendem a ser superficiais, na melhor das hipóteses, e francamente hostis, na pior delas. As novas classes médias revelam no discurso um desejo de diversidade e diferença, mas tendem para uma prática quotidiana de apropriação social do espaço que parece assumir características de autosegregação. As noções de diversidade parecem residir apenas nas representações sócio-espaciais dos *gentrifiers* – no autoconceito de cidadãos cosmopolitas – não se manifestando de forma

real nas suas práticas, refletindo mais uma forma de se definirem e distinguirem enquanto fração específica de classe, do que de efetiva apropriação social do espaço de forma tolerante, aberta e plural.

No fundo, e como Davidson (2010) argumenta, os mundos de vida das duas populações raramente se cruzam. Não trabalham nos mesmos lugares, nem usam o mesmo modo de transporte. Não frequentam os mesmos restaurantes, nem os mesmos espaços públicos. Apresentam estruturas familiares diferentes. Revelam, igualmente, distintas expectativas e aspirações face à comunidade e à “suposta” mistura social, raramente emergindo laços sociais transversais à classe e às linhas étnicas.

Em grande medida, e sintetizando os conteúdos anteriores, pode afirmar-se que há uma “tese emancipatória” (Lees, 2000) que funciona, de algum modo, como uma reflexão acerca das ideologias associadas à nobilitação urbana marginal e pioneira. É neste quadro que surge um corpo significativo de argumentos sobre a nobilitação urbana como libertadora e crítica, que chegam mesmo a enquadrá-la no âmbito das lógicas de contracultura. Há, também, uma dimensão temporal subjacente ao entendimento do avanço do processo que encara a *gentrification* pioneira como apresentando, indubitavelmente, aspetos mais positivos do que as fases posteriores mais agressivas do processo. Adicionalmente, os discursos dos *marginal gentrifiers* parecem apontar no sentido de que estes indivíduos relevam valores como a diversidade de culturas e estilos de vida, ou a tolerância e a liberdade de expressão, identificando o centro histórico como espaço liminar e de emancipação. No entanto, a passagem dessas representações a práticas efetivas de mistura social, nem sempre parece ocorrer de forma linear, podendo até, em algumas situações, a sua presença atuar como catalisador de tensões e conflitos sociais.

## **2. Diversificação étnica e nobilitação urbana marginal: enquadrar o caso da Mouraria**

A Mouraria é um dos bairros históricos da cidade de Lisboa, situado na zona limítrofe ao seu centro tradicional. O tântame de compreensão das suas origens obriga a remontar ao século XII, aos anos subsequentes à conquista cristã da cidade de Lisboa, período durante o qual a área na qual hoje se constitui o Bairro se começou a afirmar como um espaço (extra muralhas da cidade) de concentração de moçárabes e mesmo muçulmanos.

O passar dos séculos, com particular relevo a partir do 18º centénio, enlevou o papel do Bairro enquanto espaço de receção de indivíduos provenientes de outras regiões do país (áreas rurais do interior) e, também, do exterior (com destaque para os originários da Galiza, especialmente durante os séculos XVIII e XIX).

A diversificação das origens geográficas dos migrantes que iam chegando ao Bairro vai ocorrer, com interessante notoriedade, a partir do terceiro quartel do século XX. Acompanhando o culminar dos processos de independência das colónias portuguesas em África, e em virtude da instabilidade social e política que se seguiu, em muitos dos casos, a tais ocorrências; vai-se assistir, a partir de meados dos anos 1970, à entrada de indivíduos provenientes dos designados Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), aos quais se seguiram, nas duas décadas seguintes, imigrantes provenientes do subcontinente asiático, originários de países como a Índia e, mais tarde, o Paquistão, o Bangladesh ou a China (Malheiros, 1996).

Os dados dos Censos 2001 (INE, 2001) – os últimos disponíveis sobre estas questões à data de elaboração deste trabalho – revelam, exatamente, as tendências anteriores, anunciando, para a área de estudo considerada<sup>7</sup>, um total relativo de cerca de 9% de indivíduos residentes de nacionalidade estrangeira, valor consideravelmente superior aos 3,5% referentes à média da cidade de Lisboa. Igualmente significativos se podem considerar os quantitativos referentes aos nacionais dos PALOP (25,3% dos estrangeiros), da Índia, Paquistão e China (22,2%) e de “outros países asiáticos” (12,5%) que somam, no seu conjunto, cerca de 60% do total dos não nacionais residentes no Bairro.

Os dados primários recolhidos aquando do trabalho de campo efetuado no âmbito do projeto GEITONIES (2009-2010) – que incluiu a aplicação de um questionário individual a residentes do Bairro – permitem, em decorrência do método de

---

<sup>7</sup> Resultado da riqueza da sua evolução histórica, fruto de múltiplas influências identitárias e culturais (de base étnica ou não), a definição de limites precisos para o Bairro da Mouraria revelou-se, à imagem do já reconhecido noutros estudos (Menezes, 2004), como um processo complexo. Tendo sido os dados primários utilizados recolhidos durante o projeto GEITONIES ([www.geitonies.fl.ul.pt](http://www.geitonies.fl.ul.pt)), foi respeitada a configuração seguida no referido trabalho. Assim, considera-se como “Bairro da Mouraria” a área delimitada: a Norte, pela Rua Nova do Desterro; a Leste, pelo eixo Rua das Olarias, Rua dos Lagares, Calçada de Santo André; a Sul, pela Costa do Castelo, Travessa da Achada, Rua da Madalena e Praça da Figueira; e a Oeste, pela Praça do Martim Moniz, Rua de São Lázaro e Rua do Desterro. A área considerada encerra a totalidade da população residente na freguesia do Socorro, cerca de ¾ da população de São Cristóvão e São Lourenço e pouco menos de 2/3 da de Santa Justa. No total, foram abrangidos pouco mais de 87% dos quase 5 mil habitantes das três freguesias (INE, 2001). Para uma explicação detalhada dos critérios inerentes à escolha e à delimitação desta área de estudo ver Fonseca *et al.* (2009). A configuração geral aqui utilizada é perceptível através da Figura 1.

amostragem aleatório seguido<sup>8</sup>, antever algumas dinâmicas demográficas e residenciais ocorridas durante o último período intercensitário.

Neste contexto, importa assinalar que 86 dos 100 indivíduos de origem imigrante inquiridos aleatoriamente se estabeleceram no Bairro durante a última década, valor que se torna ainda mais significativo quando se acrescenta que mais de metade (53%) dos imigrantes considerados residia no Bairro, à altura da sua inquirição, há menos de 5 anos. Tais valores parecem, por um lado, anunciar a elevada transitoriedade residencial associada à permanência (de curta duração) de alguns destes imigrantes, de resto já apontada por Fonseca (2007) e, por outro, destacar a crescente consolidação da importância da Mouraria enquanto espaço de receção de populações estrangeiras.

Adicionalmente, merece também relevo a aparente afirmação da posição relativa dos dois grupos de imigrantes acima destacados. Quase metade dos inquiridos (44%) afirmou ser originário de um país asiático – assumindo, de entre estes, destaque os chineses, os indianos e os bangladeshis, que totalizaram 38% –, enquanto cerca de ¼ dos respondentes revelou ter origem num dos PALOP. No entanto, e apesar de tal concentração de origens, a diversidade étnica encontrada foi assinalável, patenteada, por exemplo, pelos 29 países de origem mencionados, ou pela multiplicidade de afiliações religiosas afirmadas pelos imigrantes, de entre as quais se podem destacar o catolicismo romano (24%), o(s) islamismo(s) (22%), as religiões orientais (16%) e os protestantismos e cristianismos não romanos (10%).

Cumulativamente, também em termos da estrutura etária da população do Bairro, são visíveis os efeitos de tais movimentos migratórios. A este nível, importa notar que, segundo os dados provisórios dos Censos 2011 (INE, 2011), cerca de 24% da população residente das três freguesias total ou parcialmente abrangidas pelo Bairro apresentava 65 anos ou mais. Ora, os dados recolhidos na inquirição direta do projeto anunciam a dominância de um perfil etário bastante diferente para os imigrantes, pontificando os estratos de idade entre os 25-34 anos (26%) e os 35-49 anos (55%).

---

<sup>8</sup> Resumidamente, numa primeira fase, foi efetuada a inventariação funcional do edificado da área de estudo, a partir da qual se construiu uma lista numerada dos fogos suscetíveis de seleção. Após a aplicação de um sistema de validação (ou eliminação) dos agregados selecionados consecutivamente para angariação de respostas, acabou por ser inquirida uma amostra total de 200 indivíduos (um por morada), correspondendo a um total de 100 pessoas de origem imigrante e 100 de origem autóctone. O critério definidor da origem de cada inquirido foi o país de nascimento dos pais e não o do próprio. Apenas pessoas com idades superiores a 25 anos e residentes no bairro há mais de um ano foram elegíveis para inquirição. Para uma explicação mais detalhada do método de amostragem utilizado, consultar Fonseca *et al.* (2010).

Parece, assim, à luz de todos os dados apresentados anteriormente, ser possível atestar a consolidação, experienciada ao longo das três últimas décadas, da Mouraria enquanto área de receção de imigrantes provenientes de diversas origens, processo fundamental para compreender os padrões residenciais em formação e a dinâmicas económicas, paisagísticas e demográficas registadas nos últimos anos<sup>9</sup>.

Para além da importância da população imigrante e do seu contributo para a etnicização do alojamento, a análise dos dados recolhidos no projeto permitiu, ainda, identificar o aparecimento de outras dinâmicas novas – por enquanto, em escala reduzida – e que se referem à chegada ao Bairro de outro tipo de novos residentes, portadores de um capital económico e sociocultural que os afasta do perfil social e demográfico do tradicional morador da Mouraria, e os aproxima do protótipo do *marginal gentrifier* (nível educacional mais elevado, profissões mais qualificadas, maior juventude...), apresentado no ponto anterior.

Partindo do pressuposto da existência de indivíduos com estas características na amostra de 200 entrevistados do projeto *GEITONIES*, foi possível identificar e seleccionar um subconjunto de 25 inquiridos, que funciona como uma subamostra experimental e ilustrativa, passível de ser comparada com subamostras da mesma natureza, correspondentes a imigrantes e ao que podemos designar como indivíduos com um perfil de “residentes clássicos<sup>10</sup>”.

O subconjunto que passaremos a designar como *marginal gentrifiers* possui níveis de instrução elevados e uma sobrerrepresentação em atividades culturais e sociais. Assim, do total de 25 indivíduos considerados, mais de metade (13) desenvolve atividades laborais ligadas à cultura ou ao setor da chamada economia social. De entre estes, um total de 9 afirmou desenvolver funções ligadas às artes (fotógrafos, pintores, *designers*, etc.). No total, 19 (dos 25) destes inquiridos afirmou ter concluído (pelo menos) um nível de educação terciária, o que se diferencia, significativamente, da panorâmica global das freguesias abrangidas pelo Bairro que, de acordo com os dados provisórios dos Censos de 2011 (INE, 2011), registavam apenas 15,6% de residentes

---

<sup>9</sup> Por exemplo, nas três freguesias abrangidas pelo Bairro observou-se, entre 2001 e 2011, um crescimento demográfico de +8,8%, correspondente a cerca de +500 pessoas, enquanto o conjunto da cidade de Lisboa registou uma redução de -3% (dados provisórios dos Censos de 2011).

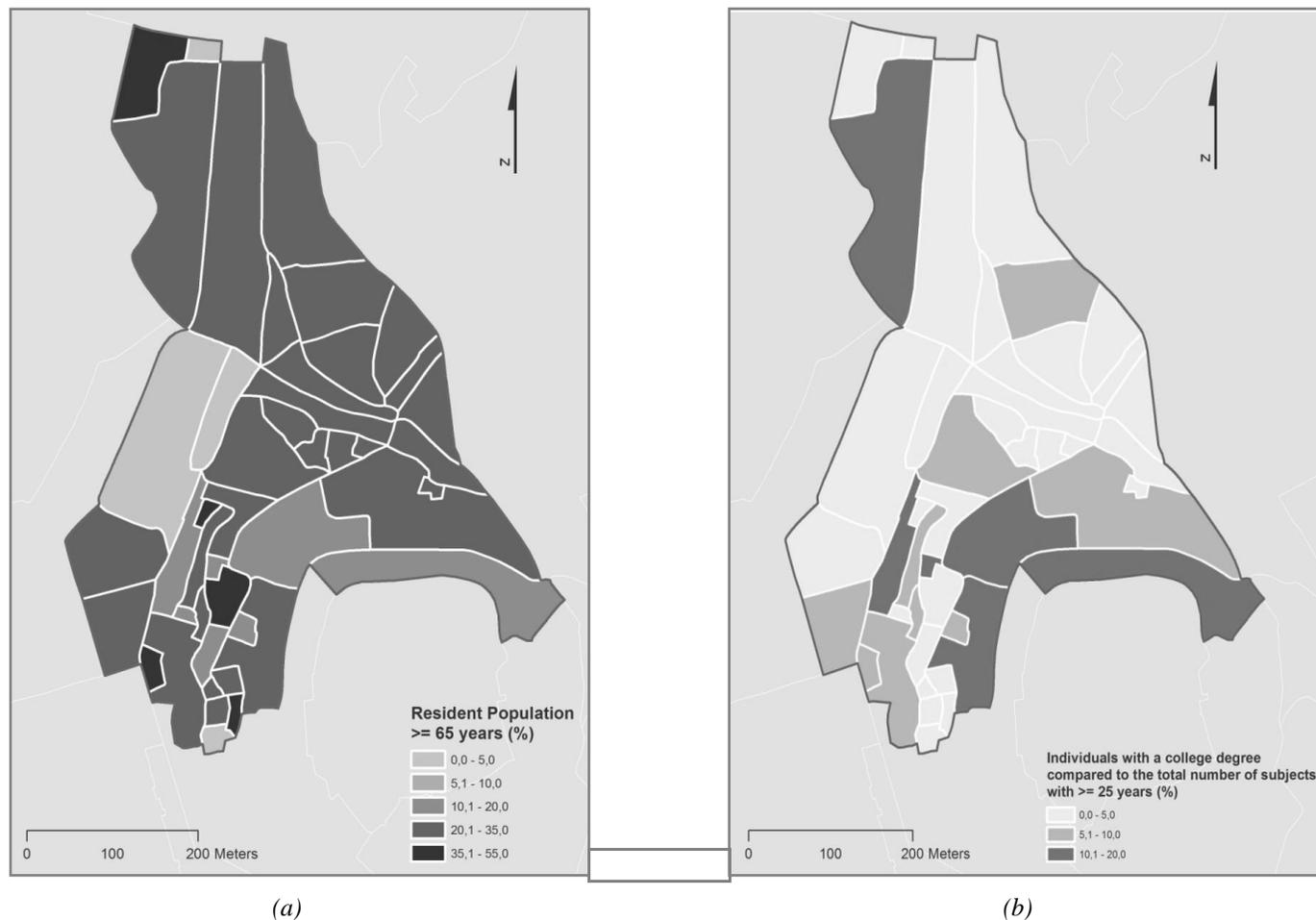
<sup>10</sup> Estes residentes clássicos têm um perfil que reproduz as características sociais dominantes entre a população autóctone do Bairro. Por razões metodológicas – ver ponto seguinte – o perfil demográfico deste grupo (p.ex. seleção de residentes mais jovens do que o perfil médio da população autóctone do Bairro) foi deliberadamente aproximado do correspondente ao dos *marginal gentrifiers*.

com 25 ou mais anos possuidores de um diploma do ensino superior. Por último, cerca de 90% destes *gentrifiers* apresentava, à altura do inquérito, idades inferiores a 50 anos.

Um dos aspetos mais importantes no que respeita à entrada destes “novos” residentes, refere-se à intensidade que o fenómeno parece estar a assumir nos últimos anos. Dos 25 indivíduos considerados, um total de 60% (15) afirmou ter chegado ao Bairro nos 5 anos anteriores à sua inquirição.

Ainda assim, e embora os resultados anteriores pareçam atestar a “novidade” inerente ao processo de nobilitação urbana marginal na Mouraria, uma análise mais fina (ao nível da subsecção estatística) dos dados dos Censos 2001 (INE, 2001) parece apontar alguns indícios do despontar do fenómeno ainda durante o decorrer da década de 1990. Efetivamente, a análise dos padrões geográficos referentes à estrutura etária e ao nível educacional da população residente no Bairro nessa altura permitem identificar algumas subáreas (a Sul-Sudeste, na área da Costa do Castelo e na Rua Marquês de Ponte de Lima) menos envelhecidas e com maior percentagem de residentes com (pelo menos) um grau de ensino superior completo (Figs. 1a e 1b). Tais padrões geográficos parecem ter vindo a consolidar-se durante a última década, argumento sustentado pelo facto de, aproximadamente, 70% dos *gentrifiers* inquiridos durante o trabalho de campo efetuado no âmbito do projeto GEITONIES residirem nas subsecções anteriormente destacadas.

**Figura 1 – Percentagem de população com 65 ou mais anos (a) e proporção de população com (pelo menos) um grau de ensino terciário completo, em função do número de moradores com 25 ou mais anos (b), residentes no Bairro da Mouraria, por subsecção estatística**



Fonte: Elaborado a partir de INE (2001).

A síntese empírica proporcionada pela apresentação dos dados anteriores permite identificar dois importantes processos de mudança, que vêm marcando, a diferentes ritmos ao longo das últimas décadas, a evolução da Mouraria, um bairro caracterizado por uma população residente “autóctone”, em geral idosa, reformada ou empregue no setor terciário indiferenciado, e com baixos níveis de escolarização.

Por um lado, vem-se assistindo, desde os anos 70 do século XX, e com maior intensidade nas duas últimas décadas, à chegada de imigrantes não europeus atraídos pelo baixo preço das rendas praticadas, por redes transnacionais de apoio e pelas elevadas potencialidades possibilitadas pela crescente afirmação da área enquanto enclave comercial étnico. Por outro, e com menor intensidade, parece estar a assistir-se, com particular incidência durante o último decénio, ao asseverar dos contornos de um processo de nobilitação urbana marginal ainda incipiente. No âmbito deste, indivíduos com uma maior vitalidade etária e um capital humano e cultural mais elevado, (apenas) em alguns casos acompanhado por um capital económico significativo, são atraídos pelas oportunidades económicas inerentes ao mercado residencial local e pelo “exotismo” propiciado pela genuinidade, pelo cosmopolitismo e pela alteridade social e cultural proporcionados pelo Bairro.

Para além dos inúmeros impactos identificáveis em termos estatísticos – por exemplo, ao nível da estrutura etária, do nível educacional, do perfil socioeconómico e das origens étnicas dos seus residentes – a chegada destes novos moradores (migrantes e *gentrifiers*), com novas matrizes e valores sociais e culturais, faz-se acompanhar de mudanças ao nível das paisagens (comerciais, residenciais, culturais) e das vivências e dinâmicas sociais e culturais do bairro, cujos efeitos importa explorar.

### **3. Do(s) discurso(s) à(s) prática(s): Diversificação cultural e (novas) dinâmicas de socialização na Mouraria**

#### **3.1. Nota metodológica**

Introduzidas algumas das dinâmicas demográficas e socioeconómicas em operação na Mouraria durante as últimas duas décadas, importa agora compreender os impactos de tais mudanças, por exemplo, ao nível das redes de socialização e dos padrões e valores culturais da população residente no Bairro. Parte-se da hipótese de que os imigrantes internacionais e os *marginal gentrifiers* trazem consigo um novo

quadro de valores, decorrentes, no primeiro caso, das especificidades inerentes ao seu *portfolio* de referências culturais de base étnica e, no segundo, do seu perfil socioeconómico e, principalmente, dos seus capitais humano e cultural.

Tendo sido identificados, na amostra de 200 inquéritos realizados no âmbito do projeto GEITONIES, 25 indivíduos residentes no Bairro com um perfil de *gentrifier*, decidiu-se, a partir desse conjunto, selecionar um grupo de controlo, igualmente constituído por 25 moradores, cuja composição geral deveria ser similar à dos *gentrifiers*, no que respeita às variáveis “sexo”, “idade” e “período de residência no Bairro”. Procura-se, desta forma, destacar os níveis educacionais e os perfis socioeconómicos dos indivíduos constituintes dos dois grupos, enquanto variáveis condicionadoras dos seus valores e, por conseguinte, dos seus comportamentos sociais e dos seus padrões de interação e de socialização. Em contrapartida, desvalorizaram-se as componentes temporais (idade dos indivíduos e tempo de residência no Bairro), assegurando a similaridade da composição dos dois grupos nestes domínios, uma vez que não se pretendia avaliar a importância destes fatores enquanto variáveis independentes, pelo menos de forma direta.

Aos anteriores dois grupos foi adicionado um terceiro, também ele constituído por 25 elementos, composto apenas por migrantes internacionais. Seguindo um procedimento semelhante ao anterior, e intuindo, desta feita, individualizar os efeitos da matriz étnica destes residentes, também se procurou que os elementos integrantes deste grupo apresentassem perfis semelhantes aos dos dois primeiros, no que respeita à idade, género e período de residência no Bairro. Sendo o tipo de atividade laboral desenvolvida e a proficiência linguística (esta última, apenas no caso dos imigrantes), também variáveis condicionadoras das possibilidades de interação e contacto, foram excluídos das amostras os indivíduos que apresentavam um domínio do português nulo ou reduzido, ou que desempenhavam uma atividade laboral de cariz comercial dentro da Mouraria.

Os perfis gerais de cada um dos três grupos descritos encontram-se apresentados no Quadro 1. A sua análise comparada torna perceptível a existência de uma assinalável homogeneidade no que respeita ao seu perfil etário, sexo e período de residência no Bairro. Como esperado, os *gentrifiers* selecionados acabam por apresentar níveis socioeconómicos mais elevados e maiores taxas de escolarização no ensino superior que a generalidade dos indivíduos dos restantes grupos. Pelo contrário, os reduzidos valores de escolarização terciária e os baixos perfis socioeconómicos dos elementos do grupo de

controlo permitem associar estes “novos” residentes a um perfil bastante similar ao do tradicional morador (não idoso) da Mouraria.

**Quadro 1 – Perfil comparativo dos três grupos de análise considerados**

Variáveis de controlo		<i>Gentrifiers</i>	Grupo de controlo	Imigrantes
Sexo	Masculino	14	12	15
	Feminino	11	13	10
Idade	Menos de 35	8	9	7
	35-49	14	14	14
	50-55	3	2	4
	Média	38.32	37.80	40.40
	Mediana	38.00	38.00	38.50
Período de residência no bairro	Menos de 5 anos	15	15	14
	Entre 5 e 10 anos	2	3	5
	Mais de 10 anos	8	7	6
	Média	7.38	7.88	7.88
	Mediana	3.00	5.00	5.00
Perfil socioeconómico <sup>11</sup>	Média ISEI	58.38	32.41	39.41
	Médio EGP	2.42	6.82	6.11
Nível educacional	Básico ou inferior	3	13	10
	Secundário	3	10	8
	Terciário	19	2	7
<b>Número total de indivíduos</b>		<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>

Fonte: Elaborado a partir de GEITONIES (2009-2010).

Tendo sido “isolados” empiricamente, através da constituição dos grupos anteriores, três elementos potencialmente condicionadores do quadro de referências culturais dos indivíduos – a matriz étnica, o perfil socioeconómico e o nível de escolarização – parecem encontrar-se reunidas as condições definidas, inicialmente, como necessárias para a análise dos efeitos e formas de expressão dos novos valores transportados para o Bairro, por imigrantes e *gentrifiers*, por exemplo, ao nível das suas dinâmicas de interação e socialização e das suas formas de (vi)ver (n)o bairro.

<sup>11</sup> O perfil socioeconómico dos grupos foi obtido através do cálculo de dois indicadores, nomeadamente, o *International Socioeconomic Index* (ISEI) e o *Erickson-Goldthorpe-Portocarero* (EGP) *Class Scheme*. Para mais informações sobre estes índices ver, por exemplo, Ganzeboom e Treinman (1996).

### 3.2. O(s) “discursos”: Atitudes, opiniões, valores e perceções

Uma das premissas iniciais do trabalho assentava na hipótese de que alguns dos novos residentes que iam chegando ao Bairro – *marginal gentrifiers* e imigrantes – apresentavam um capital cultural distinto dos tradicionais moradores da Mouraria. No caso dos imigrantes, o principal aspeto de divergência seria o seu quadro de referências e valores culturais de base étnica; para os *gentrifiers*, e em concordância com a generalidade da literatura, esperava-se que o seu maior capital humano (nalguns casos, secundado pelo capital económico) se refletisse num menor conservadorismo no que respeita aos valores ditos tradicionais e às suas atitudes e opiniões face ao “outro”.

Os dados recolhidos parecem confirmar esta última hipótese. Quando inquiridos acerca da sua crença em alguma religião, a maior parte (19) dos 25 *gentrifiers* manifestou não pertencer, ativa ou passivamente, a um movimento de cariz religioso, resultado contrastante com o obtido para os outros dois grupos.

Em concordância com a cisão anterior, também o posicionamento de aspetos como a “família”, os “amigos”, os “tempos livres/lazer” e o “trabalho” em escalas individuais de importância pessoal revelou nova distinção entre os *gentrifiers* e os demais grupos. Enquanto os imigrantes e a “população tradicional” destacaram o papel da família e do trabalho para a sua vida pessoal, em detrimento dos outros dois aspetos; os *gentrifiers*, embora também reconheçam, na sua maioria, a importância dos valores ligados à família e ao trabalho, demonstraram, de forma consistente e clara, uma maior preocupação com os amigos e com os seus tempos livres e/ou de lazer.

No que respeita às opiniões pessoais relativas à diferença e à alteridade – sendo, nestas questões, o “outro” personificado na figura do imigrante – de novo se verifica a anterior tendência de distinção entre testemunhos mais liberais apresentados pelos *gentrifiers*, contrastantes com os apelos mais conservadores dos elementos do grupo de controlo referente à “população tradicional”. Destaque-se, a título exemplificativo, o padrão de respostas à questão relativa à hipótese de os imigrantes virem a constituir uma ameaça futura à sociedade portuguesa: apenas cerca de 1/3 dos elementos do grupo de controlo manifestou opiniões positivas face à imigração, enquanto não mais do que 6 (dos 25) *gentrifiers* se afirmaram apreensivos em relação aos potenciais efeitos sociais negativos dos imigrantes e, mesmo estes, tenderam a direcionar a sua inquietude para a incapacidade das políticas de integração nacionais e não para os imigrantes *per se*.

Os resultados anteriores parecem, assim, efetivamente, confirmar a hipótese inicial que coloca os (*marginal*) *gentrifiers* enquanto parte de uma “*left liberal new middle class*”, menos conservadora e, em geral, mais tolerante e predisposta para lidar com a diferença e afirmar práticas emancipatórias (Ley, 1996; Butler, 1997; Lees, 2000).

Importa, então, perceber de que forma(s) é que os valores acima patenteados se refletem nas opiniões destes moradores acerca do Bairro e dos seus residentes. Tal objetivo poderá ser alcançado através da análise das identidades e dos sentimentos de pertença ao Bairro e das perceções referentes aos seus moradores e à sua segurança.

Antes de mais, há que referir que o nível de identidade com o Bairro foi relativamente semelhante para os três grupos. As respostas positivas foram sempre as mais comuns, não ultrapassando, as opiniões negativas, em qualquer dos casos, os 25% de ocorrências.

No entanto, a colocação de um leque de questões acerca das perceções pessoais sobre o Bairro (em geral), sobre as relações de vizinhança e sobre a segurança (no Bairro) permitem já identificar alguns padrões e diferenças interessantes entre os grupos. Desde logo, um aspeto a merecer destaque diz respeito ao facto das relações de vizinhança terem sido, unanimemente, classificadas de forma mais positiva que o Bairro e as suas estruturas físicas, enquanto as avaliações mais negativas foram, para qualquer dos três grupos, dirigidas às questões ligadas à segurança e à criminalidade no Bairro. No entanto – e se é verdade que, também para qualquer dos casos, as respostas positivas foram, em geral, mais comuns do que as negativas – desta feita, e ao contrário do que se verificou para as questões relativas aos valores e atitudes gerais, são os imigrantes quem mais se destaca apresentando, os *gentrifiers*, um leque de opiniões menos favoráveis e mais próximas às reveladas pelo grupo de controlo.

O cálculo da média aritmética das medianas das respostas providenciadas pelos três grupos<sup>12</sup> demonstra, exatamente, a anterior tendência, evidenciando, por um lado, a maior positividade das opiniões reveladas pelos imigrantes e, por outro, uma maior

---

<sup>12</sup> Apesar de as amostras serem compostas por apenas 25 indivíduos por grupo, o que inviabilizaria a legitimidade estatística de uma análise estritamente quantitativa destes dados, as medianas apresentadas referem-se ao total de respostas por cada dimensão de análise. Assim, estes valores são relativos, para cada um dos três grupos, a um total de 175 respostas para as perceções sobre as relações de vizinhança no bairro, 150 respostas para as perceções gerais sobre o bairro e 100 respostas acerca das perceções relativas à segurança e à criminalidade no bairro, o que, apesar do reconhecimento do elevado grau de correlação entre as questões formuladas no âmbito de cada dimensão de análise, confere já outra robustez estatística aos valores apresentados (Quadro 2).

proximidade entre os padrões de resposta dos restantes dois grupos, exceção feita às questões relativas à segurança, nas quais os *gentrifiers* voltam a evidenciar opiniões mais liberais, colocando-se numa posição intermédia entre os elementos do grupo de controlo (mais pessimistas) e os imigrantes (mais otimistas) (Quadro 2).

**Quadro 2 – Média aritmética das medianas das respostas referentes às dimensões de análise relativas às perceções sobre o Bairro e sobre os seus residentes**

Dimensões de análise		<i>Gentrifiers</i> (25 indivíduos)	Grupo de controlo (25 indivíduos)	Imigrantes (25 indivíduos)
Perceções e opiniões acerca de...	<b>Vizinhança</b> (175 respostas por grupo)	2.42	2.33	2.08
	<b>Bairro (em geral)</b> (150 respostas por grupo)	2.88	2.81	2.50
	<b>Segurança (no Bairro)</b> (100 respostas por grupo)	2.75	3.25	2.50

Fonte: Elaborado a partir de GEITONIES (2009-2010).

Nota: Valores mais baixos correspondem a respostas mais positivas (escala entre 1 e 5).

Em suma, parece confirmar-se a ideia de que a chegada de novos residentes ao Bairro se faz, efetivamente, acompanhar de uma alteração do quadro dos valores patenteados pelos seus residentes (tradicionais). Os imigrantes, por um lado, e apesar de professarem uma clara comunhão com muitos valores associados aos segmentos mais “tradicionais” da população (religião, família, trabalho), acabam por manifestar os maiores níveis de identificação com o Bairro, revelados, entre outros aspetos, em opiniões mais positivas sobre as relações de vizinhança, sobre a segurança e sobre o “lugar” no qual residem. Por seu turno, os *gentrifiers* evidenciam um menor conservadorismo no que respeita aos seus valores individuais que – apesar de acompanhados por posturas mais críticas face ao Bairro e aos seus residentes – se revelam, por exemplo, em posições claramente mais liberais face à segurança no Bairro, do que os indivíduos mais “tradicionais”.

### **3.3. A(s) “prática(s)”: Interações e redes sociais no Bairro**

Se a análise comparada dos “discursos” (valores, opiniões, percepções) apresentados pelos três grupos em análise permitiu perceber que marginal *gentrifiers* e imigrantes trazem para o Bairro um renovado quadro de valores e atitudes pessoais, importa agora aferir os efeitos de tais mudanças ao nível das práticas e dos comportamentos de cariz relacional destes indivíduos. Intuindo a prossecução de tal objetivo, procurar-se-á compreender de que modo(s) os ditos “discursos” se convertem (ou não) em “práticas”, ou seja, como é que os esses novos valores se manifestam em interações e redes sociais, particularmente dentro do Bairro.

Neste contexto, um primeiro aspeto a merecer análise diz respeito ao conhecimento que estes “novos” residentes apresentam sobre os seus vizinhos mais próximos. Quando confrontados com a pergunta “*conhece os seus vizinhos mais próximos pelo nome e morada?*”, a maior parte dos respondentes acaba, transversalmente, por responder de forma negativa. No entanto, merece destaque a maior concordância manifestada pelas opiniões da “população tradicional” e dos imigrantes, para os quais as respostas negativas foram, respetivamente, proferidas 13 e 14 vezes, valores, ainda assim, bastante mais positivos do que as 20 negações (80%) avançadas pelos *gentrifiers*.

Um segundo leque de questões, desta feita destinadas à angariação de dados sobre as interações casuais no Bairro, volta a demonstrar a mesma tendência, com imigrantes e grupo de controlo a apresentarem números similares e mais elevados de contactos positivos (expressos por conversas triviais e visitas) com os demais residentes do Bairro, do que os *gentrifiers*. No que concerne aos contactos negativos (conflitos), e apesar de uma aparente transversalidade no que respeita à existência de níveis bastante baixos de conflitualidade no Bairro, acabam por ser os imigrantes quem “descola” (ligeiramente e de forma positiva) dos outros dois grupos (Quadro 3).

**Quadro 3 – Média e mediana (entre parêntesis, e quando justificável) de efetivos referentes a três tipologias de contatos estabelecidos no Bairro pelos indivíduos dos três grupos de análise**

Interações sociais no bairro		<i>Gentrifiers</i> (25 indivíduos)	Grupo de controlo (25 indivíduos)	Imigrantes (25 indivíduos)
Com quantos moradores do Bairro teve (...) nos últimos 3 meses?	Conversas triviais	16.6 (5.0)	27.0 (21.0)	25.8 (16.5)
	Visitas	1.68	2.36	2.45
	Conflitos	0.57	0.52	0.23

Fonte: Elaborado a partir de GEITONIES (2009-2010).

Destaca-se, assim, uma maior similaridade nos comportamentos de interação no Bairro por parte dos dois grupos com valores mais tradicionais, ou seja, o grupo de controlo e o dos imigrantes, que apresentam, aparentemente, maiores níveis de contacto e de participação nas relações de vizinhança, estando os *gentrifiers* mais ausentes de tais processos interativos.

Tais considerações são apoiadas pela análise das redes sociais globais dos indivíduos que constituem os três grupos em estudo. O conjunto dos *gentrifiers* – que se constitui como aquele que enumerou maiores valores médios e medianos de elementos na sua rede social – é aquele que apresenta uma maior dispersão geográfica dos seus principais contactos sociais. De facto, não mais do que 3 (dos 25) *gentrifiers* considerados afirmou que “*mais de metade dos contactos com quem passo tempos livres residem no Bairro*”, valor que duplica no caso das respostas apresentadas pelos indivíduos do grupo de controlo. Do conjunto dos imigrantes, pouco menos de metade dos respondentes (11) respondeu positivamente à questão anterior.

Finalmente, uma análise da estrutura étnica da rede de contactos sociais de cariz mais pessoal demonstra a existência de padrões bastante similares de interação interétnica entre os três grupos, oscilando, o número total de respondentes que assumiu que “*mais de metade dos contactos com quem passo tempos livres é de outra origem étnica*”, entre 8 (para os *gentrifiers* e para o grupo de controlo) e 9 (para os imigrantes). No entanto, uma análise mais fina dos anteriores resultados, permite perceber que as “fontes” de contacto pessoal interétnico são diferentes entre grupos. No caso do grupo de controlo e dos imigrantes, são os contextos laborais (principalmente, na construção

civil ou em serviços domésticos ou de limpeza) e as relações de vizinhança no bairro, os principais indutores de tais contactos (interétnicos). Para os *gentrifiers*, o Bairro parece ser pouco influente, ocorrendo, a maioria de tais relacionamentos pessoais, por via de casamentos/uniões de facto (metade dos *gentrifiers* não solteiros afirmou estar envolvido numa relação internacionalidades) e, em menor escala, dos seus contextos profissionais.

Em resumo, e de acordo com os dados analisados, é possível afirmar que os *gentrifiers* aparecem, consistentemente, como aqueles que apresentam menores níveis de interação e relacionamento pessoal com os demais residentes do Bairro. As suas redes sociais, tendencialmente mais extensas do que as dos restantes grupos, são também, em geral, mais fragmentadas e menos influenciadas pelo seu “lugar” de residência. Maiores níveis de contacto quotidiano no Bairro são professados pelos elementos dos dois grupos mais “tradicionais”, grupo de controlo e imigrantes. Particularmente para estes últimos, o bairro acaba por se revelar como um importante espaço de socialização, não só no que respeita às suas interações mais casuais e de cariz quotidiano, mas também em termos das suas redes sociais (de convívio e apoio) mais próximas.

O carácter multiétnico do Bairro acaba por ser, em geral, fracamente operacionalizado em termos das redes sociais dos vários grupos. Ainda assim, imigrantes e população tradicional portuguesa não autóctone do Bairro parecem fazer um maior usufruto de tal característica. Por seu turno, se parece viável assumir que os valores (mais liberais) ligados à tolerância e à igualdade afirmados pelos *marginal gentrifiers* lhes conferem interessantes possibilidades a nível da promoção e intermediação de contactos entre grupos mais conservadores, a sua expressão prática ao nível das suas redes e interações no espaço do Bairro, revela-se, de acordo com os dados anteriores, bastante reduzida.

#### **4. Considerações finais**

Ao longo do presente artigo, analisámos os dois principais processos de transformação sócio-urbanística atualmente em curso no Bairro da Mouraria: i) a instalação de imigrantes não europeus inseridos, maioritariamente, no mercado de trabalho secundário, que contribuem para a diversidade cultural e para um maior nível de etnicização do mercado residencial; e ii) a nobilitação marginal, protagonizada pela

chegada de uma população mais jovem e qualificada, entendida na literatura como um segmento da “nova classe média”, possuidora de um elevado capital cultural que nem sempre corresponde a um capital económico equivalente.

Tratando-se de processos aparentemente paradoxais, tanto do ponto de vista social (contrapõe-se uma população autóctone, bastante qualificada e marcada por valores liberais e estratégias emancipatórias, a uma outra, culturalmente distinta, menos qualificada e tendencialmente mais conservadora), como urbanístico (aos imigrantes que se instalam nas áreas consolidadas do centro histórico das cidades, a literatura clássica sobre dinâmicas urbanas associa processos de desvalorização – *filtering down* – enquanto a nobilitação tende a ser interpretada como base para a revitalização – *filtering up*), importava perceber as bases para a sua coexistência e, também, o modo como se estabelece o quadro relacional, não apenas entre os membros destes dois grupos, mas também entre estes e a população autóctone, mais antiga e instalada. De resto, esta constitui um terceiro grupo bem distinto dos dois restantes, não apenas por ser mais envelhecida, mas, sobretudo, pelas suas características sociográficas (lusos, menos qualificados e com valores mais conservadores em relação a aspetos como a família ou a religião).

Embora seja necessário explorar esta questão, por exemplo com recurso a dados ainda não disponibilizados dos Censos de 2011, os resultados obtidos apontam para que a Mouraria seja, no contexto da cidade de Lisboa, o Bairro onde a coexistência entre os dois processos supracitados é mais significativa, ainda que esta ocorra de forma desequilibrada (a instalação de imigrantes residentes parece mais significativa do que a de *marginal gentrifiers*) e, aparentemente, em quarteirões não totalmente coincidentes. Os motivos para isto prendem-se com as características específicas deste Bairro, que conjugam uma imagem sócio-urbanística negativa com a existência de habitação antiga e degradada que, face à saída progressiva dos locatários mais antigos, tem vindo a ser recolocada no mercado a preços algo mais elevados. Adicionalmente, a localização na franja do centro, que tem uma tradição de presença de migrantes, internos e externos, e que há mais de 30 anos conhece a instalação de comércio étnico, sobretudo de asiáticos, levou ao progressivo desenvolvimento da rede social destas populações, aumentando o seu interesse pelo arrendamento de residências na área. Conjugando todos estes elementos – e ainda a iniciativa pública de reabilitação da Mouraria –, reúnem-se as condições para atrair populações interessadas em arrendar a preços médios e que não procuram áreas com uma imagem elitista, burguesa e marcada por preços de alojamento

elevado. Além disto, do ponto de vista sócio-cultural, a proximidade ao centro, porta de entrada social na cidade, e à rede de coétnicos justifica o interesse dos imigrantes, ao mesmo tempo que os valores dos *marginal gentrifiers* os levam a sentir empatia com um Bairro cosmopolita, com história, identidade e ofertas culturais diversas.

É, precisamente, esta última dimensão que está na base da segunda, e porventura mais relevante, questão abordada neste texto: a eventual diferença entre o discurso liberal, tolerante e valorizador do contexto local dos *marginal gentrifiers* e as suas efetivas práticas sociais. Relativamente a isto, a análise empírica demonstrou que este grupo, em comparação com os imigrantes e os autóctones “tradicionais”, tende a assumir valores menos conservadores, tanto ao nível geral (menor relevância da religião e da família; maior abertura à imigração e perceção desta como elemento positivo), como no que concerne à imagem do lugar da Mouraria, como atesta a sua posição mais favorável em relação às questões da segurança. No entanto, este discurso apresenta um razoável défice de sintonia com as práticas locais deste grupo, uma vez que estas revelam um posicionamento menos favorável face aos vizinhos e às relações de vizinhança e, também, um nível inferior de contatos com os outros residentes, o que aponta para níveis de interação mais baixos do que os experimentados por autóctones tradicionais e imigrantes.

Perante isto, e na sequência de estudos efetuados em outros locais – Rose (2004), para Montreal; Davidson (2010) ou Arbaci e Rae (no prelo) para Londres, por exemplo – é pertinente questionar, para o caso da Mouraria, o real papel dos *marginal gentrifiers* enquanto elementos de mobilização coletiva local, imbricados no tecido social do lugar e capazes de estabelecer pontes entre os vários grupos, contribuindo para uma efetiva revitalização. A partir da observação das suas práticas individuais, os *marginal gentrifiers* da Mouraria parecem privilegiar mais a sensação de proximidade face à diversidade e ao genuíno, do que uma efetiva experiência destes valores. No fundo, e partindo da questão enunciada no título deste artigo, em termos de interação individual, o ajustamento parece sobrepor-se a uma implementação explícita dos princípios emancipatórios.

Partindo para uma leitura mais abstrata, o caso da Mouraria legitima dúvidas relativamente aos efeitos potenciadores das classes médias instruídas nos processos de *mix* social, mesmo quando baseados em lógicas não planeadas e envolvendo populações com princípios liberais que valorizam a tolerância e a diversidade.

Este questionamento, assente em evidências empíricas baseadas nos limites das relações individuais e quotidianas, justifica, contudo, duas advertências finais. Por um lado, os *marginal gentrifiers* aparecem, com frequência, ligados a iniciativas coletivas que têm por objetivo a animação sociocultural do Bairro ou a contribuição para as operações de regeneração. Neste sentido, uma identificação completa do papel daqueles no quadro das relações locais e das dinâmicas sócio-urbanísticas exige uma análise do seu envolvimento em ações coletivas e na esfera pública, que também se verifica na Mouraria (e.g. projeto *Renovar a Mouraria*; contributos para o *Festival Todos*) e que não foi objeto de estudo neste trabalho. Por outro lado, estando a Mouraria a ser alvo de uma iniciativa pública de Reabilitação<sup>13</sup>, é fundamental perceber até que ponto esta é capaz de incorporar e conciliar os interesses e as expectativas dos três grupos de residentes identificados neste trabalho, contribuindo, por exemplo, para promover negociações e estabelecer pontes relacionais, que este estudo evidenciou estarem em défice.

### Referências bibliográficas

- ARBACI, S. & RAE, I. (no prelo), “Mixed tenure neighbourhoods in London: policy myth or effective device to alleviate deprivation”, in *International Journal of Urban and Regional Research*.
- BAIROCH, P. (1985), *De Jericho à Mexico: villes et économie dans l’histoire*, Paris, Gallimard.
- BARATA SALGUEIRO, T. (2001), *Lisboa, Periferia e Centralidades*, Oeiras, Celta Editora.
- (2006), “Oportunidades e transformação na cidade centro”, in *Finisterra*, 41 (81), 9-32.
- BONVALET, C.; CARPENTER, J. & WHITE, P. (1995), “The residential Mobility of Ethnic Minorities: A Longitudinal Analysis”, in *Urban Studies*, 32 (1), 87-103.
- BURGESS, E. (1925), “The growth of the city: introduction to a research project”, in R. Park [et al.] (ed.), *The City*, Chicago, Oxford University Press.
- BUTLER, T. (1997), *Gentrification and the Middle Classes*, Aldershot, Ashgate.

---

<sup>13</sup> Programa de Ação QREN Mouraria “as cidades dentro da cidade”, implementado pela Câmara Municipal de Lisboa.

- Malheiros, Jorge; Carvalho, Rui; Mendes, Luís – Etnicização residencial e nobilitação urbana marginal: processo...  
*Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*  
 Número temático: *Imigração, Diversidade e Convivência Cultural*, 2012, pág. 97-128
- CAULFIELD, J. (1994), *City Form and Everyday Life. Toronto's Gentrification and Critical Social Practice*, Toronto, University of Toronto Press.
- CLAY, P. (1979), *Neighborhood Renewal: Middle-Class Resettlement and Incumbent Upgrading in American Neighborhoods*, Massachusetts D. C. Heath, Lexington.
- DAVIDSON, M. (2010), "Love thy neighbour? Social mixing in London's gentrification frontiers", in *Environment and Planning A*, 42 (3), 524-544.
- FLORIDA, R. (2005), *Cities and the Creative Class*, New York, Routledge.
- FONSECA, M. L. (2007), "Inserção territorial – urbanismo. Desenvolvimento regional e políticas locais de atracção", in A. Vitorino (coord.), *Imigração: oportunidade ou ameaça?*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 105-150.
- FONSECA, M. L.; MCGARRIGLE, J.; ESTEVES, A. & MALHEIROS, J. (2009), *Lisbon City Report – GEITONIES*. (relatório não publicado)
- FONSECA, M. L. [et al.] (2010), *City Survey Report: Lisbon – GEITONIES*. (relatório não publicado)
- GANZEBOOM, H. & TREINMAN, D. (1996), "Internationally Comparable Measures of Occupational Status for the 1988 International Standard Classification of Occupations", in *Social Science Research*, 25, 201-239.
- HALL, T. (1998), *Urban Geography*, London, Routledge.
- INE (2001), *XIV Recenseamento Geral da População*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- (2011), *Censos 2011 – XV Recenseamento Geral da População; V Recenseamento Geral da Habitação – quadros por freguesia (Dados Provisórios)*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- LEES, L. (2000), "A reappraisal of gentrification: towards a geography of gentrification", in *Progress in Human Geography*, 24 (3), 389-408.
- (2008), "Gentrification and social mixing: Towards an inclusive urban renaissance?", in *Urban Studies*, 45 (12), 2449-2470.
- LEES, L.; SLATER, T. & WYLY, E. (2008), *Gentrification*, London, Routledge.
- LEY, D. (1996), *The New Middle Class and the Remaking of the Central City*, Oxford, Oxford University Press.
- LEY, D. & MILLS, C. (1986), "Gentrification and reform politics in Montréal 1982", in *Cahiers de Géographie du Québec*, 30 (81), 419-427.

- MALHEIROS, J. (1996), *Imigrantes na região de Lisboa: os anos da mudança*, Lisboa, Edições Colibri.
- (2001), *Arquipélagos Migratórios: transnacionalismo e inovação*, Dissertação de Doutoramento em Geografia, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade da Lisboa (policopiado).
- (2008), “Comunidades de origem indiana na Área Metropolitana de Lisboa – iniciativas empresariais e estratégias sociais criativas na cidade”, in C. R. Oliveira e J. Rath (org.), *Migrações*, n.º 3, pp. 139-164.
- MENDES, L. (2008), *A Nobilitação Urbana no Bairro Alto: Análise de um Processo de Recomposição Socio-Espacial*, Tese de Mestrado em Geografia, Lisboa, Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Edições EyeImage (policopiado).
- (2009), “Gentrification and new housing demands in Lisbon’s historical centre: Analysis of urban restructuring in *Bairro Alto*”, in *EURA/UAA International Conference: City Futures in a Globalising World*, Madrid, 4 a 6 de junho.
- MENEZES, M. (2004), *Mouraria. Retalhos de um imaginário: significados urbanos de um bairro de Lisboa*, Oeiras, Celta Editora.
- PACIONE, M. (2001), *Urban Geography. A Global Perspective*, London, Routledge.
- RODRIGUES, W. (2010), *Cidade em Transição. Nobilitação Urbana, Estilos de Vida e Reurbanização em Lisboa*, Oeiras, Celta Editora.
- ROSE, D. (1984), “Rethinking gentrification: beyond the uneven development of marxist urban theory”, in *Environment and Planning D: Society and Space*, 2 (1), 47-74.
- ROSE, D. (2004), “Discourses and experiences of social mix in gentrifying neighbourhoods: A Montreal case study”, in *Canadian Journal of Urban Research*, 13 (2), 278-316.
- SAVAGE, M. & WARDE, A. (1993), *Urban Sociology, Capitalism and Modernity*, London, Macmillan.
- SMITH, N. (1996), *The New Urban Frontier. Gentrification and the Revanchist City*, London, Routledge.

## **ABSTRACT/RÉSUMÉ/RESUMEN**

### **Abstract**

*Residential ethnicization and marginal gentrification: Process of adjustment or emancipatory practice in a neighborhood of the historic centre of Lisbon*

Following what is taking place in many cities of Southern Europe, some neighbourhoods of the historic center of Lisbon appear marked by the coexistence of two processes of socio-urban transition: the establishment of non-European immigrants and the development of marginal gentrification, whose simultaneous occurrence has led to cultural and ethnic diversity. Using the Mouraria neighbourhood in Lisbon as an example, this text aims to contribute to the understanding of the interactions and potential tensions that emerge between the two groups playing the key roles in these processes and also between them and the “traditional” local neighbours. A special attention will be given to the marginal gentrifiers, trying to detect paradoxes between a tolerant and locally committed discourse and real practices that seem to be poorly integrated in local social networks, therefore displaying a limited potential to contribute for the revitalization of the place of Mouraria.

Keywords: Socio-cultural diversity; Residential ethnicization; Marginal gentrification; Social relations.

### **Résumé**

*Ethnicisation résidentiel et gentrification urbaine marginale: Processus d'ajustement ou pratique émancipatrice, dans un quartier du centre historique de Lisbonne*

A l'image de ce qui se passe aujourd'hui dans de nombreuses villes d'Europe du Sud, certains quartiers du centre historique de Lisbonne sont marqués par la coexistence de deux processus de transition socio-urbain: l'établissement d'immigrants non européens et une nobilitation urbaine marginale, dont le développement simultané a conduit à une diversité culturelle et ethnique. En utilisant l'exemple du quartier lisboète de Mouraria, ce texte essaye de comprendre comment se concrétise l'interaction entre les groupes qui jouent les deux processus et comment se fait la gestion de potentielles tensions entre eux, et aussi avec la population traditionnelle du quartier. Sera accordée une attention particulière aux *marginal gentrifiers*, essayant de détecter possibles paradoxes entre un discours marqué par l'apologie de la tolérance et l'engagement local et une pratique effective faiblement intégrée dans les réseaux locales, et donc avec moins de potentiel pour la revitalisation de la Mouraria.

Mots-clés: Diversité socio-culturelle; Ethnicisation résidentiel; Gentrification urbaine marginale; Relations sociales.

## **Resumen**

*Etnización residencial y gentrificación urbana marginal: Proceso de ajuste o práctica emancipatoria en un barrio del centro histórico de Lisboa*

Como sucede en muchas ciudades del sur de Europa, algunos barrios del centro histórico de Lisboa, están marcados por la coexistencia de dos procesos de transición socio-urbana: la fijación residencial de inmigrantes no europeos y la evidencia de un proceso de *marginal gentrification*, cuya aparición simultánea es responsable por la diversificación cultural y étnica. Usando el ejemplo del Barrio de Mouraria en Lisboa, este artículo tratará de ver cómo se materializa la interacción y se logra la gestión de las tensiones potenciales entre los grupos que interpretan a los dos procesos, y también de estos con la población “tradicional” del Barrio. Se dará especial atención a los *marginal gentrifiers*, tratando de detectar posibles paradojas entre los discursos tolerantes y comprometidos a nivel local y las prácticas posiblemente menos integradas en las redes sociales locales, y por lo tanto con menos potencial para la revitalización del lugar de la Mouraria.

Palabras-clave: Diversidad socio-cultural; Etnización residencial; Gentrificación urbana marginal; Relaciones sociales.

**Anexo 1 – Dicionário de variáveis utilizadas, de acordo com as dimensões de análise definidas**

<i>Dimensão de análise</i>	<i>Questões / afirmações utilizadas</i>	Respostas
<b>Valores (tradicionais)</b>	Considera-se como pertencendo a um grupo religioso em particular ou a uma religião?	Sim / Não
	Diga quão importante é a sua <i>família</i> para a sua vida	Escala de 4 graus de importância, de “muito importante” a “nada importante”
	Diga quão importante são os seus <i>amigos</i> para a sua vida	
	Diga quão importante são os seus <i>tempos livres ou de lazer</i> para a sua vida	
	Diga quão importante é o <i>trabalho</i> para a sua vida	
<b>Atitudes para com os “outros”</b>	Os nativos residentes de Portugal são abertos aos imigrantes que vêm para cá viver	Escala de Likert com 5 graus, de “concordo plenamente” a “discordo plenamente”
	Os nativos residentes de Portugal tratam bem os imigrantes	
	É bom para a economia que venham para cá viver pessoas de outros países	
	No futuro a proporção de imigrantes não se vai tornar uma ameaça à sociedade?	
<b>Identificação com o bairro</b>	Diga, por favor, quão importantes são as <i>pessoas do seu bairro</i> para a sua vida	4 graus de importância
	Classifique numa escala de “força” a sua identidade com o seu bairro	6 graus de intensidade
<b>Perceções sobre as relações de vizinhança no bairro</b>	As pessoas daqui são acolhedoras para os novos moradores	Escala de Likert com 5 graus, de “concordo plenamente” a “discordo plenamente”
	Os moradores juntam forças / organizam-se para melhorar a área	
	Os moradores dão-se muito bem entre si	
	Os moradores conhecem-se bem (entre si)	
	Gosto das interações diárias com as pessoas no meu bairro	
	Sentiria falta das pessoas do meu bairro se tivesse de me ir embora	
<b>Perceções sobre o bairro</b>	As pessoas do meu bairro não me aborrecem / incomodam	Escala de Likert com 5 graus, de “concordo plenamente” a “discordo plenamente”
	Preocupo-me com o meu bairro	
	Tenho orgulho no meu bairro	
	Sinto-me ligado a este lugar	
	Não sairia deste bairro com prazer	
	Há bons locais e parques para as crianças brincarem	
<b>Perceções sobre segurança e criminalidade no bairro</b>	As escolas são boas	Escala de Likert com 5 graus, de “concordo plenamente” a “discordo plenamente”
	Não há frequentemente tensões entre diferentes grupos de pessoas neste bairro	
	As pessoas no meu bairro fazem-me sentir seguro/a aqui	
	Não me sinto ameaçado pelo comportamento das pessoas deste bairro	
	Esta é uma área segura com baixas taxas de criminalidade	

Fonte: Inquérito GEITONIES (2009).

## A diversidade como elemento de desenvolvimento/atração nas políticas locais urbanas: contrastes e semelhanças nos eventos de celebração intercultural

Nuno Oliveira<sup>1</sup> e Beatriz Padilla<sup>2</sup>

*Instituto Universitário de Lisboa*

**Resumo:** Em contextos de super-diversidade próprios das cidades globalizadas, resulta importante reflectir sobre vários aspetos associados às políticas culturais, relacionadas, direta ou indiretamente, com as migrações internacionais. Partindo de uma aplicação sociológica da metodologia das etnografias multi-situadas, comparamos dois eventos interculturais em dois territórios da Área Metropolitana de Lisboa, procurando identificar diferenças e semelhanças nas políticas de produção da interculturalidade. Concluimos que embora as políticas culturais locais tenham sabido assumir a necessidade de salvaguardar o espaço devido à diversidade cultural e étnica, é a sua maior ou menor aproximação a uma determinada ideologia do urbano e a estratégias urbanísticas das cidades criativas que se mostraram mais relevantes. Contrariamente, quando a dita ligação é mais ténue, verifica-se uma deficiente conjugação entre um território e as práticas mundanas das zonas de contacto.

**Palavras-chave:** Interculturalidade; Cidade criativa; Políticas culturais; Zonas de contacto.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e Investigador do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL) (Lisboa, Portugal). *E-mail:* nuno.oliveira@numena.org.pt

<sup>2</sup> Investigadora Sénior do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL) e Professora Auxiliar Convidada no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) (Lisboa, Portugal); coordenadora do projeto *Culturas de Convivência e Super-diversidade*. *E-mail:* beatriz.padilla@iscte.pt

## **1. Políticas culturais como vertente *in crescendo***

O fenómeno da imigração internacional tem adquirido relevância na vida quotidiana dos cidadãos na maioria dos países europeus, embora o seu impacto nem sempre tenha sido devidamente estudado ou considerado de uma forma mais integral. Pelo contrário, a maioria dos estudos tem incidido na chamada “integração” dos imigrantes no seu aspeto mais sistémico, formalizado e unidirecional (Portes & Rumbaut, 1990; Entzinger, 2000; Koopmans e Statham, 2000; Castles e Miller, 2003) e não nas inter-relações e na convivialidade com a sociedade de acolhimento. Interessa, contudo, considerar tanto as consequências da presença dos imigrantes, como a sua interinfluência com/na sociedade de acolhimento, ou seja, num sentido biunívoco. Esta adenda torna-se tanto mais importante quanto, recentemente, Vertovec chamou a atenção para a “diversificação da diversidade”, diversificação essa que resultaria não apenas da heterogeneidade das origens nacionais e étnicas, mas também de uma multiplicidade de fatores que afetariam “onde, como e com quem as pessoas vivem” (Vertovec, 2006: 1).

Neste contexto, resulta importante refletir sobre vários aspetos associados às políticas, tanto de integração como culturais, relacionadas, direta ou indiretamente, com as migrações internacionais em espaços de crescente diversificação dos modos de convivência intercultural.

Não é novidade que as zonas urbanas, especialmente as grandes cidades e áreas metropolitanas, são locais que acolhem diversidade cultural (Ray, 2003). Vários autores utilizam o conceito de cidade global para se referirem, não só ao processo de globalização, mas também à importância crescente de certas cidades, que alcançam notoriedade e influência a nível global nos âmbitos político, económico-financeiro, cultural, de conhecimento e inovação (Sassen, 1991; Castells, 1996; Friedmann, 1986). Se bem que o conceito de cidade global não guia a nossa investigação, é possível estabelecer um paralelo conceptual com o nosso interesse nas áreas metropolitanas, neste caso a Área Metropolitana de Lisboa, na medida em que se verificam vários dos processos e características que as grandes cidades têm sofrido como consequência da globalização e intensificação dos fluxos migratórios: a polarização da força de trabalho, a segregação espacial urbana e suburbana, e a sua internacionalização a nível político, económico, financeiro, cultural e religioso. A este contexto geral, acrescentamos um

outro facto, intimamente relacionado com este processo, que é o da crescente importância que assumem, não só as políticas nacionais, que sempre foram relevantes, mas também as políticas locais a nível das cidades. Segundo Ray (2003), as políticas sociais que incluem educação, saúde, apoios e subsídios têm sido os instrumentos dos estados (nacionais, regionais e estaduais) para diminuir a polarização social e gerir a diversidade, mas, cada vez mais, são as cidades e os governos locais, os agentes responsáveis por desenhar ferramentas políticas específicas para dar respostas mais precisas e ajustadas a nível local, tentando mitigar as práticas de exclusão e de segregação, tanto para os recém-chegados, como para os residentes de longa data. Em consequência, é preciso reconhecer que, a nível das políticas, estamos perante uma nova realidade, na qual o transnacional, o nacional e o local se intersejam, produzindo cenários que variam consoante o encontro destas forças.

Neste sentido, os governos locais têm utilizado várias estratégias e ferramentas de intervenção em diferentes frentes, que incluem desde planos de renovação e reabilitação urbana até planos de ação social e comunitária, orçamento participativo, e políticas culturais, entre outros. Este artigo pretende refletir sobre alguns aspetos específicos das políticas culturais locais desenvolvidas pelas câmaras municipais (neste caso dentro da Área Metropolitana de Lisboa) e que se relacionam com a diversidade e convivialidade a nível local (bairro ou território), utilizando como objeto de estudo os eventos inter ou multiculturais, por serem estes uma das ferramentas utilizadas pelos governos locais para promover/celebrar/reconhecer a presença da diversidade cultural nos seus territórios. Como consequência, tentaremos entender como os eventos organizados pelas autoridades municipais promovem ou não a diversidade e, em caso afirmativo, que tipo de diversidade. Por evento entendemos, não só o evento/festival propriamente dito, mas incluímos a sua planificação e conceção. Este olhar permite identificar tanto a filosofia e as motivações que sustentam o evento em si, como também perceber o envolvimento e a participação dos diferentes atores responsáveis pela sua organização e realização e o público que usufrui do mesmo.

## 2. Metodologia

O projeto *Culturas de Convivência e Superdiversidade* optou por metodologias qualitativas, especificamente pela realização de etnografias multi-situadas. Neste sentido, adaptou-se o método etnográfico aos eventos e locais escolhidos, criando-se grelhas de observação específicas e guiões de entrevista adequados aos diferentes atores/participantes envolvidos. As observações incluíram as reuniões de planificação dos eventos nos quais tivemos autorização de participar (complementado com material documental produzido para tais efeitos), entrevistas com os diversos atores e responsáveis dos eventos, desde políticos e funcionários, organizadores, programadores, a líderes associativos envolvidos, assim como a diários de campo, notas e material visual obtidos durante a participação/observação da realização do evento em si.

O conceito norteador é o de etnografia multi-situada, noção introduzida pelo antropólogo G. E. Marcus, em 1995. Não querendo enveredar pelos desacordos entre os seus utilizadores e questões de substância teórica (Falzon, 2009), utilizámos uma versão ligeiramente modificada do que geralmente se entende por etnografia multi-situada. Podemos, inclusivamente, designá-la como sociologia etnográfica multi-situada (Nadai e Maeder, 2009). A abordagem continua a privilegiar um olhar “de perto e de dentro” (Magnani, 2002 *cit. in* Menezes, 2009), onde se observem e, expectavelmente, compreendam as regularidades socioculturais produzidas por uma teia de sentidos partilhada pelos utilizadores do espaço em questão (Geertz, 1973). Os espaços e os territórios escolhidos para o estudo dentro da Área Metropolitana de Lisboa foram a Mouraria e Agualva-Cacém, e os eventos interculturais selecionados foram o *Todos. Caminhada de Culturas*, da Câmara Municipal de Lisboa (CML), que teve lugar na Mouraria, e o *Dia do Imigrante*, da Câmara Municipal de Sintra (CMS), que, embora não tenha acontecido em Agualva-Cacém, é um evento rotativo geograficamente e que, a nível municipal, tem sido o escolhido para “celebrar” o encontro de culturas “dos imigrantes”. Em 2011, realizou-se na Casa da Juventude, localizada na Tapada das Mercês.

Vale a pena salientar a origem destes eventos de forma resumida. O *Todos* foi concebido por um artista profissional e criativo, que fez uma proposta à CML que é aceite e levada a cabo, pela primeira vez, em 2009. Tratou-se de um caso especial, já que a CML abraçou uma proposta vinda dum empreendedor particular, que desenvolveu

uma parceria sobre uma ideia cultural e a sua implementação. Durante 3 anos, o *Todos* decorreu na Mouraria, pelo que teve oportunidade de crescer e se aperfeiçoar e, num futuro próximo, irá expandir-se, deslocando-se para outros bairros de Lisboa. O *Dia do Imigrante* é uma festa criada pela CMS, a partir de 2008, em celebração do Ano do Diálogo Intercultural, sendo um evento rotativo desde o início, liderado e chefiado pela CMS, com a participação das associações de imigrantes reconhecidas pela própria Câmara. Em 2009, ou seja, depois de uma primeira realização, ganhou uma menção honrosa no concurso “Distinção para as Melhores Práticas Municipais na Integração de Imigrantes”, promovido pela Plataforma da Imigração, adquirindo, assim, algum destaque.

Contudo, não é possível fazer uma análise dos eventos sem primeiro perceber os contextos selecionados e como eles se integram na temática mais geral do projeto de investigação. A proposta inicial visava estudar e comparar dois territórios diferentes pertencentes a uma mesma Área Metropolitana, para perceber melhor como acontece a convivialidade em contexto de diversidade cultural.

### **3. O conto das duas cidades e as suas políticas (inter)culturais**

A Mouraria é um bairro com um peso histórico assinalável nas cartografias representacionais da cidade de Lisboa (Menezes, 2004, 2009; Agualusa, 1999). A par da sua ligação à origem do fado, remanescem, ainda, como símbolos da tradição as memórias da reconquista cristã da cidade de Lisboa e a presença moura dentro das suas muralhas. No presente, a Mouraria é um bairro histórico degradado, com uma infraestrutura urbana fraca em termos de espaços públicos e privados, mas com um potencial enorme devido à sua localização estratégica para o consumo urbano e turístico, tendo em conta o seu património histórico, cultural, comercial e gastronómico. Conta com uma intensa vida de bairro, onde convivem os vizinhos e residentes com os visitantes, turistas e comerciantes. Como assinalado exaustivamente por Menezes (2004, 2009), qualquer iniciativa de intervenção urbana tem que ter em conta a sua dimensão histórica, embora atualizada até aos nossos dias, incluindo, assim, tanto as diferentes vagas migratórias internacionais (desde cidadãos dos PALOP, chineses, indianos, bangladeshis e paquistaneses), como a instalação de jovens e profissionais

mais recentes. Como todos os bairros é um lugar heterogéneo, mas a Mouraria apresenta, ainda, a peculiaridade de mostrar ao observador uma estratigrafia geracional das populações que foram sedimentando a vida do bairro. De uma população mais antiga, ligada aos símbolos tradicionais da Mouraria, como o fado “vadio”, e geralmente associada a práticas comerciais de caráter ilegal; a uma população imigrante que, paulatinamente, foi-se apropriando do espaço público, nomeadamente da Praça do Martim Moniz, e que é composta por pessoas de origem indiana, chinesa, brasileira e nepalesa, e que constitui hoje a matriz para a representação do bairro (Menezes, 2009: 316). Recortada por esta multiplicidade de origens, a Mouraria alia à memória tradicional de espaço marginalizado, da “malandragem”, com o seu *ethos* bairrista protetivo e fechado, a sua arquitetura juncada de inúmeras zonas cinzentas: a prostituição, a droga, os territórios perigosos, que foram sucedendo-se, de um encontro entre o popular, o marginal até ao multiétnico desconhecido. O estigma da perigosidade tem, não obstante, marcado a Mouraria nas suas diversas representações. Apesar disso (ou em parte por causa disso), a Mouraria, sem dúvida pela sua localização privilegiada no centro da cidade, tem atraído a atenção e o interesse dos *gentrifiers* (Barata Salgueiro, 2006).

Parece ter vindo a consolidar-se uma visão de planeamento estratégico das cidades onde noções como governança, patrimonialização e competitividade territorial abundam. E, sobretudo, onde a estreita articulação entre estas estratégias é considerada central para a atração de investimento. É, neste sentido, que, por exemplo, Florida salienta a importância da diversidade cultural como fator de tolerância, característica que parece funcionar como chamariz das classes criativas. Por outro lado, nada de excepcional existe nesta consideração estratégica. O recurso ao património histórico como parte das estratégias de valorização do espaço urbano, sobretudo aquelas que podem levar à *gentrificação*, é uma prática corrente nos projetos atuais de revalorização dos centros urbanos (Landry, 2000). Esta recuperação do património na lógica da competitividade dos territórios tem uma finalidade explícita e passa, em grande medida, pela requalificação dos espaços, por forma a torná-los atrativos para a nova “classe criativa” (Florida, 2002) ou para outros públicos fixos e transeuntes. É, neste sentido, que, segundo alguns autores, a “cidade criativa” passa a ser feita para a “classe criativa”, independentemente de qualquer consideração do nível de desigualdades

socioespaciais e do fomento de processos inerentemente segregacionistas que destas políticas possam advir (Judd e Fainstein, 1999; Clark, 2003; Clark e Navarro, 2009).

A definição de políticas culturais de âmbito urbano compreende aquilo que Sharon Zukin designou como “um meio poderoso de controlar a cidade”; um tal meio opera, ainda segunda a autora, através da definição de memórias e de imagens que definem quem pertence a um determinado espaço. Será, por conseguinte, determinante para uma qualquer observação do impacto e da penetração das políticas culturais ter em conta o papel, não apenas organizador ou dinamizador de novos espaços estéticos e criativos, mas, concomitantemente, a imbricação entre o empreendedorismo cultural, as políticas de produção da cidade (quer materiais, quer simbólicas) e a sua função marketizadora, que subjazem às economias simbólicas das cidades contemporâneas (Zukin, 1995; Harvey, 2001).

Esta articulação encontra-se presente na produção do chamado bairro cultural. E nela podemos identificar o encontro entre os fluxos da “*globalization from above*” com a “*globalization from below*”. Neste contexto, a intervenção urbana com o objetivo de produzir o bairro cultural constitui-se no eixo que traça o encontro entre estas duas dimensões da globalização. Mas não apenas no seu encontro, como também nas suas disjunções (Appadurai, 1996). Ou seja, seria erróneo pressupor uma articulação pacífica e adequada entre os dois tipos de globalização. Desde logo, porque a nossa compreensão das dinâmicas criadoras do bairro cultural fica, seguramente, coartada se não tiver em conta algumas das particularidades dos fluxos migratórios que ali se sucedem, em sequências mais ou menos estáveis, e, concomitantemente, a forma como o étnico e o económico se entrecem, dando origem a mais-valias simbólicas e culturais. Os benefícios daqui retirados não são dissociáveis da atração que o bairro possa exercer para os *gentrifiers* ou para a instalação de indústrias de alto valor acrescentado, como é o caso das indústrias culturais.

Situar a Mouraria no âmbito das políticas culturais da cidade de Lisboa significa recuar ao Plano Estratégico de Lisboa (PEL), de 1992 e, na sequência deste, ao Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria, de 1997. Na primeira fase do Plano Estratégico de Lisboa, pouca atenção é dedicada à gestão da diversidade cultural, sendo que os problemas suscitados com a integração de imigrantes passavam, sobretudo, pela

dimensão da exclusão social e da pobreza a ela associada (Fonseca *et al.*, 2011). Num sentido ainda mais restrito, o Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria incide, quase exclusivamente, no edificado e na dimensão material da intervenção (Diário da República, 1997).

Claramente, qualquer preocupação de natureza simbólica e a sua potencial conversão em capital económico, quer através do turismo, quer da fixação e do desenvolvimento de empresas ligadas à economia simbólica, estavam ausentes das orientações estratégicas municipais nesta fase inicial. Da mesma forma, a capacidade de reproduzir o padrão de atratividade étnica e multicultural observado noutras cidades europeias, onde a política de produção de “*cultural quarters*” se encontrava num estágio mais avançado (Londres, Birmingham, Copenhaga, entre outras), ainda não fazia parte do léxico da intervenção estratégica urbana. Será, pois, na estratégia definida para o período 2002-2012 que a diversidade surge enquanto vantagem (“*diversity advantage*”, na expressão de Landry, o guru das “Cidades Criativas”) sobretudo a diversidade étnica, que, na esteira da obra de Landry, torna-se transversal a qualquer política de inovação da cidade. Com efeito, dos quatro eixos estratégicos apresentados como estruturantes desta “Visão” por parte da CML, apenas um não salienta a vantagem da diversidade étnica; os restantes três eixos mencionam-na explicitamente (Câmara Municipal de Lisboa, s/d). No *Eixo 1*, Lisboa Cidade de Bairros, destaca-se a importância do comércio étnico para a “requalificação e diversificação da oferta comercial” (*Idem*: 70). No *Eixo 2*, Lisboa Cidade de Empreendedores, faz-se, novamente, a apologia das actividades comerciais “de âmbito multicultural” E, finalmente, no *Eixo 3*, Lisboa cidade de Cultura, onde a dimensão multicultural surge como um dos fatores fundamentais para a atratividade da cidade, “que se pretende cosmopolita e multicultural (...) local de grande diversidade étnica e de convergência de culturas, nacionalidades e línguas.” (*idem*: 84).

Por conseguinte, observa-se que a estratégia urbanística do Município Lisboaeta passou da estrita intervenção no edificado para a consideração do trinómio actividades artístico-culturais, interculturalidade, economia simbólica (sensivelmente desde 2009, quando esta estratégia é delineada pelo levantamento às actividades culturais feito por uma equipa do Dinâmia/ISCTE) (Câmara Municipal de Lisboa, 2009), ou seja, o fulcro do pensamento orientador do conceito de “cidade criativa”. Quanto a este aspeto, o eixo

Almirante Reis-Martim Moniz ocupa um lugar estratégico privilegiado, como se pode depreender do afirmado no excerto abaixo:

“A requalificação em curso do largo do intendente é muito importante como motor da dinâmica de requalificação deste eixo [...] para instalação de novas atividades comerciais, nomeadamente as de âmbito multicultural e étnico, em estreita articulação com as comunidades imigrantes presentes [...] é necessário reequilibrar essa densificação e qualificar a charneira oriental (Almirante Reis » Oriente), [...] com a terciarização e a instalação de atividades produtivas em setores de base tecnológica e da economia do conhecimento, geradores de emprego qualificado.”  
(*idem*, 75).<sup>3</sup>

O caso do Cacém (Aigualva-Cacém) encontra-se no pólo oposto, quando pensamos em termos de interseção entre valorização do espaço e diversidade cultural. O Cacém é um território suburbano cuja memória histórica ou matriz cultural não oferece, aparentemente, qualquer vantagem comparativa na lógica da competitividade territorial. Não é, certamente, um contexto *guetizado*, nem chega a ser só uma cidade-dormitório; pelo contrário, consegue ter uma vida própria, que se verifica no movimento quotidiano de pessoas nas ruas, nos pequenos centros e galerias comerciais, com alguma presença de comércio étnico.

A estratégia cultural de Sintra encontra-se, sobretudo, polarizada no valor patrimonial – histórico e natural – da vila de Sintra e suas freguesias limítrofes (entrevista com Fernando Seara, Presidente da CMS – Turismo de Lisboa, 2008). A interculturalidade, quando comparadas as estratégias, não ganha o mesmo relevo daquele que é assumido explicitamente pela *Visão Estratégica para o Concelho de Lisboa*. E isto apesar de Sintra ser o Concelho com mais população estrangeira no território nacional, atingindo os 6,5% do total de estrangeiros residentes, segundo os dados dos Censos 2001 (Instituto Nacional de Estatística). Concomitantemente, é o Concelho onde mais se encontram representadas as famílias com, pelo menos, um membro oriundo dos PALOP, e com uma das maiores presenças de brasileiros da Área

---

<sup>3</sup> Excerto retirado do eixo 2 – *Cidade de empreendedores*.

Metropolitana de Lisboa, sendo embora a imigração oriental (chineses, indianos, paquistaneses) relativamente reduzida (Fonseca, 2008; Padilla, 2006). No entanto, não significa que a dimensão étnica ou respeitante à diversidade cultural esteja ausente das políticas da CMS. Ela constitui, igualmente, um aspeto substantivo das orientações da Câmara, sobretudo quando se tem em conta a necessária preocupação com uma população que, na sua maioria, apresenta um perfil de baixa escolaridade, trabalho desqualificado e precário, condições habitacionais inadequadas (sobrelotação dos fogos) e forte incidência de desemprego nas camadas jovens (Fonseca, 2008).<sup>4</sup> O que se verifica nas retóricas da integração construídas e sustentadas pelos responsáveis públicos é, justamente, a saliência dos problemas ligados à exclusão social. A diversidade é vista através do prisma da exclusão e da necessidade, e apenas ocupa um lugar marginal na estratégia cultural do Concelho. Seguramente, a concentração de tais fatores pesará sobre os vetores que a Câmara identifica como prioritários e, por esse facto, a preocupação com o aprofundamento da cidadania dos imigrantes e dos seus descendentes surge como fator primordial da integração: “Os projetos e as iniciativas em curso nesta área específica procuram responder a dois grandes objetivos: O acesso ao exercício efetivo dos direitos e deveres nas diferentes dimensões da Cidadania e a promoção dos valores da Diversidade junto de todos os munícipes e organizações do Concelho.” (Câmara Municipal de Sintra, s/d a). Porém, considerando – como faz a própria Câmara –, os “valores da diversidade” como fundamentais para o aprofundamento da relação entre os munícipes e as suas organizações, este aspeto surge como compartimentado nas opções da CMS, não evidenciando a transversalidade que observamos na estratégia cultural de Lisboa. Esta compartimentação prende-se, diretamente, com a ideia de que existem problemas dos imigrantes e soluções para imigrantes, e isso reflete-se nas festividades realizadas em torno do tema da interculturalidade e das populações imigrantes, como veremos quando analisarmos o *Dia do Imigrante*.

---

<sup>4</sup> Referimo-nos aos *scores* apresentados no artigo de Fonseca (2008), onde é visível a combinação destes fatores na população dos PALOP residente nas freguesias do Sul do Concelho de Sintra (pp. 76-82).

#### **4. Eventos (inter/multi) culturais: O *Todos* e o *Dia do Imigrante* segundo a planificação**

Da comparação entre as duas iniciativas de âmbito cultural dois factores devem ser evidenciados: o peso que o contexto urbano específico possui na planificação, no desenho, e na disseminação das respetivas celebrações; e as representações que os atores implicados na planificação possuem do que deve ser a expressão da diversidade e como deve ela ser reproduzida num momento particularmente concebido para a sua exibição. Neste sentido, podemos observar duas modalidades de apresentação da interculturalidade decorrentes de investimentos diversos pelos atores envolvidos. Estes investimentos são diretamente resultantes – como explicitaremos abaixo – dos projetos dos atores implicados e das suas representações dos contextos e das relações sociais neles estabelecidas e que esses mesmos atores vindicam como representativas de uma determinada autenticidade vinculada ao território sobre o qual operam. Assim, as diferenças dos contextos reproduzem diferentes gramáticas da interculturalidade operando estas de forma específica ao espaço, à sua história, mas também à conceção mais alargada de cidade que os atores defendem. Como tal, podemos extrair desta imbricação que a interculturalidade, enquanto modelo, não é homogéneo nem se serve das mesmas linguagens; pelo contrário, as instituições e os seus atores ativam repertórios próprios (Douglas, 1987), fortemente matizados pelos espaços urbanos que estes procuram delinear e pelas estratégias (ou falta delas) que neles incidem. Por exemplo, ao nível material e simbólico da planificação, quer se trate de mobilização de recursos, quer da veiculação de imagens, as diferenças entre o *Todos – Caminhada de Culturas* são notórias. O *Todos* tem uma variedade enorme de folhetos com a programação, cartazes, vídeos, *website*, etc., sendo que aparece na programação turística e cultural da cidade de Lisboa, sendo publicitado tanto pela CML, como pelas associações e organizações envolvidas, denotando um grau de empenho e “apropriação” do evento, quer por parte das organizações implicadas, quer pelo público que se pretende atingir e aliciar à participação. O *Dia do Imigrante* repete a mesma imagem ou *logo* todos os anos, com mudanças mínimas sobre o local, a data e as horas. Na sua edição de 2011, o programa só esteve pronto “em cima da hora” e, uma semana antes do evento, ainda não era publicitado no *site* oficial da Câmara, nem o chegou a ser nas páginas *Web* das próprias associações envolvidas. Esta mesma divergência na gramática

da interculturalidade é observável, também, nas declarações dos responsáveis pelos eventos culturais que aqui estão a ser analisados. A Câmara de Sintra coloca a questão do enriquecimento cultural, a par com as dificuldades de integração, os choques entre interpretações culturais diversas, ou mesmo os problemas socioeconómicos decorrentes da posição fragilizada destas populações, referindo-se só às comunidades imigrantes e nunca às autóctones, nem à convivência entre elas.

“(...) e agora vamos ver o resultado com toda esta crise, se nós estamos a sentir agora [...] Portugal até há pouco tempo era um país atrativo para os imigrantes, neste momento está a deixar de o ser. Porque as dificuldades nomeadamente na construção civil, por exemplo, que abrangia muitas destas populações, como não há, as pessoas veem-se sem emprego, sem condições, com poucos apoios.”

(Responsável da CMS)

Será, igualmente, de salientar que a noção segundo a qual é uma diversidade de comunidades que se encontram em permanente negociação encontra-se bem mais presente do que no discurso dos responsáveis da CML. Ao passo que, no segundo caso, embora a insistência na negociação também faça parte do discurso dos responsáveis da Câmara, ela é vista, sobretudo, como aproximação de tendências estéticas e de tradições originariamente diferenciadas. Neste sentido, enquanto o interculturalismo é visto pela CML como mais-valia simbólica dentro de uma estratégia de *marketing* urbano, no caso de Sintra, o interculturalismo é um processo de reconhecimento dentro e para as próprias comunidades (o que contradiz a própria definição):

“(...) no fundo, o dia municipal do imigrante é para mostrar o trabalho desenvolvido por estas comunidades imigrantes residentes, mais expressivas. Portanto o objetivo final é esse. Foi precisamente a valorização dos grupos maiores que existem no concelho e claro que estão mais relacionados com comunidades africanas que é onde há maior choque cultural. Nós tínhamos uma comunidade muito grande de chineses, não sei como é que isso se perspectiva atualmente. Não participam, nada. Nós sabemos que eles cá estão porque estão nas lojas, porque há miúdos a frequentar as escolas, mas é uma comunidade que funciona para si, não interage umas com as outras.”

(Responsável da CMS)

Assim, o *Dia do Imigrante* é uma celebração só para imigrantes, para os quais se reserva um lugar próprio, contrariando até o espírito que o concebeu pela primeira vez, em 2008, durante o Ano Europeu do Diálogo Intercultural. Acresce que o *Dia do Imigrante*, segundo o referido tanto pela vereadora, como pela técnica, é suposto ser organizado e sustentado com os subsídios que as associações de imigrantes recebem anualmente.

O *Todos* – embora venha a ser diferente no futuro – usufruiu de orçamento próprio para sustentar tanto os espetáculos, como a encenação (decoração, loja do evento, etc.). Com efeito, na planificação do evento, o que transparece é o envolvimento de atores públicos, privados e locais, no sentido da requalificação dos espaços urbanos através da combinação de intervenções de reabilitação acompanhadas do aproveitamento das atividades criativas e culturais, seguindo uma estratégia cada vez mais presente na construção – quer no plano simbólico, quer material – das cidades culturais (Landry, 2000; Johnson, 2009).

De resto, as declarações de António Costa, Presidente da Câmara de Lisboa, por ocasião da abertura do *Festival Todos*, em 2011 – dia que coincidiu com a cerimónia da formalização da adesão de Lisboa à rede de cidades interculturais composta por vinte cidades europeias – evidenciam, justamente, esta dimensão abrangente e interrelacionada da planificação. Assim, e reafirmando o carácter intercultural da cidade de Lisboa, o autarca referiu-se à instalação do seu gabinete de trabalho, em pleno Largo do Intendente Pina Manique, como “um símbolo, um sinal para os comerciantes da zona de que vale a pena investir aqui e um estímulo para a requalificação da Mouraria”. Alvo de um programa com fundos do QREN, donde consta a requalificação do espaço público (Largo do Intendente, Rua do Benfornoso, Olarias, Rua das farinhas, etc.), reabilitação de diversos edifícios e um programa de valorização social dos moradores, posto que “a requalificação não é só do edificado”. António Costa forneceu exemplos deste programa, que conta com a instalação em edifícios já reabilitados da *Associação Cultural Sou*, de uma residência universitária e de *ateliers/residências* para 140 artistas. “A regeneração do bairro faz-se com atividades novas que tragam nova vida e mobilizem energias”, concluiu o edil lisboeta. Esta projeção de Lisboa não se faz apenas para o interior, mas com grande empenho também para o exterior. O diretor da Cultura

e Património Cultural e Natural do Conselho da Europa, Robert Palmer, convidado para a cerimónia, pontuou o seu discurso reconhecendo que Lisboa tem “um carácter exemplar no relacionamento e diálogo interculturais” e que a expressão disso seria, justamente, o *Festival Todos* (Câmara Municipal de Lisboa, 2011). Podemos identificar nestes excertos dois dos vetores principais da produção (ou da sua retórica) das “cidades criativas” na aceção que estas receberam no estudo de Landry, ou seja, o papel regenerador dos artistas para a revitalização de zonas urbanas degradadas (Landry, 2000: 124). Associada à ideia de “o artista como regenerador” do espaço urbano, encontra-se a recomendação para o estabelecimento de “um viver intercultural”, e Landry não se escusa de referir a importância do “híbrido” e do “intercultural” nos espaços de vivência quotidiana (*idem*: 259).

Torna-se, então, evidente que a interculturalidade veiculada, induzida e celebrada no *Festival Todos* é uma parte muito coerente com a nobilitação de Lisboa enquanto cidade cultural, da qual a interculturalidade se torna elemento indispensável.

O *Todos* surge, assim, como epítome do encontro das artes com a diversidade cultural e, neste sentido, assinala concretamente a lógica de produção das “cidades criativas”. Produzir cidades criativas equivale a aliciar as classes criativas para que estas funcionem como fomento da regeneração urbana (Florida, 2002, 2004). Mas, assim como Florida toma por assumido os valores da classe criativa (Pratt, 2008), também pouca reflexão dedica ao futuro da *underclass* que, geralmente, habita os espaços potencialmente regeneráveis pela sua congénere criativa.

Esta ambiguidade latente é detetada nas palavras de um líder associativo da *Associação Renovar a Mouraria* (ARM), ao relatar que as “imobiliárias entraram no bairro”, logo após o anúncio da instalação do gabinete do Presidente no Largo do Intendente. Para além disso, a construção de um condomínio de luxo no Largo da Rosa, para a “classe média-alta”, causa alguma apreensão, na medida em que determinadas “ruas ficarão com o trânsito condicionado”, estabelecendo desta forma barreiras que se identificam como tendo um recorte classista.

A este propósito convém dizer que, se do lado da CML a aposta na renovação da Mouraria é afirmada através de um repertório, cujos vetores principais são o potencial criativo e a interculturalidade, no caso da ARM estaríamos em presença de uma

“renovação vinda de baixo”, para glosar expressões como “*multiculturalism from below*” (Wise, 2007) ou “*transnacionalism from below*” (Guarnizo e Smith, 1998). Com efeito, os representantes da ARM enfatizam, sistematicamente, a necessidade de envolvimento dos moradores para além das potenciais barreiras etárias, nacionais e culturais. Da mesma forma, os responsáveis pela programação do evento salientam o esforço de mobilização feito em torno dos moradores e as diferentes modalidades de apropriação do festival que lhes são possibilitadas através do uso das várias expressões artísticas (fotografia, teatro, performances de rua, etc.) e como estas são, posteriormente, inscritas numa identificação comum. Neste esforço de recuperação de um certo sentir comunitário (Etzioni, 1993), o trabalho dos artistas e programadores nas associações, no espaço aberto da rua, funciona como um trabalho de reconhecimento mútuo, não apenas da heterogeneidade de expressões culturais que se procura convocar, mas igualmente, e sobretudo, do reconhecimento interindividual, onde a cultura, apesar de ser um veículo simbólico, surge apenas como um dos aspetos do reconhecimento de um projeto em comum.

Por conseguinte, na preparação e planificação destes eventos, os atores envolvidos refletem, igualmente, níveis de ambição dissemelhantes. O que esta disparidade indica é a maior ou menor inclinação da parte dos respetivos municípios em integrarem a celebração da interculturalidade como parte das suas estratégias culturais.

## **5. Os dois eventos vividos: espaços e práticas da construção da coexistência étnica**

### **5.1. *Todos: Caminhada de Culturas na Mouraria***

A festa do *Todos* possui uma intenção verdadeiramente intercultural, na medida em que procura o intercâmbio de expressões culturais diversificadas. Para além disso, procura que estas sejam vividas pelos habitantes e visitantes (muitos turistas) de forma pública e visível, circulando e ocupando o território em causa, e integrando nesta conceção a construção da imagem de um bairro onde a pluralidade cultural é considerada uma mais-valia.

É neste sentido que a abertura e o franquear livre dos diversos espaços associativos com sede na Mouraria corresponde a um equilíbrio entre o processo *top-*

*down*, promovido de cima para baixo pela Câmara enquanto motor da iniciativa, e a implicação das populações na preparação da mesma. Para além disso, a efetiva implicação das associações e a centralidade do seu esforço na organização do festival mostram como a intenção intercultural subjacente à planificação revela-se, igualmente, enquanto agência policêntrica onde se procura uma redefinição das forças e agentes responsáveis pela produção da vida do bairro.

Porém, e a despeito do trabalho propriamente comunitário realizado pelas associações locais, para alguns dos que assistiam ao evento, este não evitaria a “folclorização” das diferentes expressões culturais presentes. Para outros, isso seria secundário, tendo em conta a divulgação do bairro para o exterior dela resultante e o respetivo impacte económico que se faz sentir durante a realização do festival, assim como também na desconstrução de certa imagem negativa do bairro, associada à criminalidade (prostituição, tráfico e consumo de drogas). Aspetos que não devem ser menosprezados.

A programação do *Todos* 2011, o terceiro (e último) duma série de festivais de carácter rotativo (a serem levados aos diferentes bairros lisboetas com o intuito de *marketing* cultural, melhorar a imagem e promover o desenvolvimento socioeconómico e a coesão social), incluiu uma diversidade de espetáculos e eventos, tanto pontuais, como permanentes. Se bem que alguns deles implicaram a contratação de artistas e *shows*, outros envolveram as populações residentes ou trabalhadoras da Mouraria. Por exemplo, as sessões fotográficas (em 2011, com 4 fotógrafos diferentes) que dariam origem à exposição de fotografias no arquivo municipal (na Rua da Palma) e aos cartazes com fotografias de vizinhos e as suas famílias, expostas tanto na Praça do Martim Moniz, como ao longo da Rua do Benfornoso, procuraram envolver a população local. Durante o festival, observámos como os protagonistas procuravam as suas fotografias e as dos seus conhecidos, nos diferentes espaços públicos, e celebravam entusiasticamente quando as encontravam. Igualmente, alguns espetáculos incluíram residentes locais. É o caso da peça de teatro “Macondo” que, para além de atores profissionais, incluiu atores amadores de diferentes origens e idades que representaram o conto de Garcia Marquez.

Outros espetáculos foram contratados, mas souberam ganhar o apoio e a adesão da população local, especialmente o grupo de música de origem cigana que misturava estilos da Índia e Andaluzia, com o qual vários espectadores locais se deleitavam,

dançando e cantando ao ritmo da música, tanto durante o *show*, como nos ensaios realizados durante a tarde. As fanfarras e as marionetas também congregaram público e os jogos tradicionais (chineses e africanos), estrategicamente colocados na praça do Martim Moniz, atraíram os visitantes e propiciaram uma oportunidade para a convivência entre pessoas de diferentes origens e idades, residentes e visitantes. Ainda o pingue-pongue convocou jovens de diferentes etnias a jogar e a sociabilizar. E, finalmente, um momento muito esperado e celebrado foi a primeira apresentação, em público, da *Orquestra Todos da Mouraria*, integrada por músicos de diferentes origens nacionais.

Durante o festival, alguns vizinhos e populações residentes e visitantes (turistas e curiosos vindos de outros bairros de Lisboa) passearam pelas diferentes ruas da Mouraria, já que era preciso encontrar os locais onde aconteciam os eventos, segundo indicavam a programação e o mapa. Isto obrigava as pessoas a descobrirem becos, escadinhas, praças e locais nunca imaginados, salvo para os moradores que, por sua vez, também aprendiam e conheciam mais sobre as associações e as organizações da sociedade civil, que constituem parte do tecido social do bairro, mesmo que, muitas vezes, as relações entre elas não sejam as mais pacíficas e cordiais. Assim, a *Casa dos Amigos do Minho*, o *Clube Social e Desportivo da Mouraria*, a *Associação Renovar a Mouraria*, a *Casa da Achada*, entre outros, estiveram envolvidos e presentes no *Todos*.

Será, portanto, a combinação entre uma intensificação do turismo naquela área da cidade, uma revalorização da imagem do bairro através da narrativa da diversidade cultural harmónica, com as suas tonalidades cosmopolitas, na qual a noção de interculturalidade adotada se confunde, frequentemente, com a convivência sem entraves de qualquer espécie, sejam eles raciais, étnicos, classistas, que nos é dada a observar. Finalmente, a recuperação da dimensão propriamente tradicional, associada a elementos históricos (autóctones), como o fado, sobretudo o fado “impuro”, fado vadio cantado pelo povo e do qual a “Severa” se tornou emblemática. Esta mescla de tradições autóctones e alóctones encontra-se patente no discurso da responsável municipal pelo festival, quando afirma “para mim interculturalidade não é só ter estrangeiros em Lisboa. É também dar a conhecer a própria Lisboa, a cultura de Lisboa”.

Não esquecer que, segundo Gilroy, se a convivialidade é uma realidade dos espaços urbanos britânicos e das suas culturas juvenis, a melancolia é uma

representação quase omnipresente nos *media* e no discurso político. A ideia de melancolia de Gilroy decorre da noção freudiana e, sobretudo, das suas aplicações por parte de psicólogos na explicação do sentimento alemão do pós-guerra da “perda da fantasia de onipotência”. Por conseguinte, o *Todos* mistura convivialidade (incitada) com melancolia pós-colonial em doses proporcionais. Se, por um lado, a recuperação do bairro passa, em larga medida, por uma sua redefinição – se bem que ainda sem qualquer lastro memorial – como espaço intrinsecamente intercultural (convivialidade), por outro, a construção de uma tal narrativa, e padecendo esta de um excesso de presentificação, é funcional na construção de uma narrativa mais abrangente, simbolizada no *tropo* da “Lisboa encruzilhada de Mundos”, onde se investe toda a melancolia da grandeza imperial perdida. Com efeito, a “Encruzilhada de Mundos” lisboeta, ou o “Viajar pelo Mundo sem Sair de Lisboa” suscita todo um conjunto de memórias forjadas no imaginário imperial de outrora; imaginário esse sempre refratário à violência da relação colonial estabelecida entre colonizador e colonizado, e sempre reconfigurado enquanto resultado direto de uma natureza lusotropical, na qual Portugal seria, por definição ancestral e mítica, o “verdadeiro” cadinho de culturas.

Contudo, estaríamos certamente a exagerar se submetêssemos o *Todos* a uma lente estritamente pós-colonial. A ênfase exclusiva nesta dimensão desmerece, certamente, a vertente de reabilitação urbana, na qual o *Todos* se insere como revitalização da cultura de bairro. E, neste sentido, o conceito subjacente ao *Todos* surge como uma interessante tentativa de recuperar a imagem de um bairro que tem vindo a ser marcado como um território estigmatizado e o subtítulo *Caminhada de Culturas*, ilustra o convite para as pessoas passearem pelo bairro. As palavras da responsável pelo evento sintetizam este espírito, em relação à Mouraria:

“E é um espaço que estava ali morto. Sinto que começam a ser criadas condições locais para a interculturalidade funcionar. (...) Eu não sei quantas pessoas que moram em Lisboa – a começar por mim – alguma vez entraram naquele espaço, porquê? É o estranho, é o outro, é o medo; vamos tentar. Por outro lado, é o verdadeiro bairro, isto é, tem ainda as mercearias, tem ainda os clubes, tem um grupo para as marchas populares, tem uma procissão; tinha todos os elementos que podiam absorver um trabalho como o que nós queríamos fazer, como também serem componentes do nosso trabalho.”

(entrevista com funcionária responsável do *Todos*, fevereiro de 2011)

Por conseguinte, e procurando encontrar uma fórmula para aquilo que até agora ficou dito, devemos salientar como parte da especificidade da organização deste evento, o seu carácter deliberadamente público e o seu espírito deliberadamente cosmopolita. Não apenas enquanto veiculação para um público de uma imagem cuja pretensão ultrapassa os confins da Mouraria (Lisboa é por definição intercultural), mas, seguramente, no que tem de apropriação do espaço público (exterior) e afirmação desse mesmo espaço como do e para o público ou públicos diversos, é uma forma de democratizar as relações étnicas, entendidas estas como aproximação entre populações de diversas origens geográficas, cuja presença se faz sentir no quotidiano e cujos projetos de vida são induzidos a confluír, com maior ou menor intensidade, naquele momento particular.

Colocar-se-á, porventura, a questão da permanência, ou seja, o que remanesce após o evento ter acabado. Da parte dos moradores do bairro, esta percepção dependerá, em grande medida, dos seus próprios projetos: representação do bairro enquanto espaço de transitoriedade ou de investimento afetivo, material e social. Sucede que esta ambiguidade, que se encontra bem no centro do binómio permanência vs transitoriedade, constitui a matriz simbólica do *Todos*. Ou não fosse ele pensado, não como o festival da Mouraria, mas como iniciativa exportável para outras paragens urbanas, da qual se espera obter o mesmo efeito, tal como salientado nas entrevistas realizadas à funcionária responsável do *Todos* e a um dos responsáveis pela programação e execução do mesmo.

## **5.2. *Dia do Imigrante* – Celebração organizada pela Câmara Municipal de Sintra**

A comemoração do *Dia Municipal do Imigrante* nasce, em 2008, no sentido de “reconhecer a forte presença e o contributo dos cidadãos imigrantes na vida local” (Câmara Municipal de Sintra, s/d b) e pretende refletir a visão inclusiva do município, alicerçando-a, paralelamente, num discurso positivo sobre a presença de imigrantes. Em 2009, recebeu uma menção honrosa decorrente de uma candidatura à “Distinção para as Melhores Práticas Municipais na Integração de Imigrantes 2009”, promovida pela Plataforma da Imigração. Doravante, a celebração ocorreria anualmente em diversas

freguesias do Concelho, entre elas Sintra, o centro cultural do município, especificamente na biblioteca municipal. Uma das suas particularidades mais assinaláveis é ser um evento cuja organização parte, sobretudo, das associações, paróquias e outras organizações de cariz social. Neste contexto, a Câmara fornece, digamos, as infraestruturas, deixando o trabalho de organização cultural e expressiva ser negociado entre os atores coletivos da sociedade civil. A Câmara tem, no entanto, uma participação enquanto parceiro nas negociações e na planificação do evento.

“As associações também têm os seus programas de apoio. A Câmara apoia o grosso da atividade: é a Câmara que paga o som, que dá as instalações, o palco, a luz. Tudo isso é a Câmara que no fundo é tudo aquilo que dá mais custos. Depois cada entidade, cada associação leva o seu espaço e dinamiza-o conforme achar melhor.”

(entrevista com líder associativo 1)

A celebração do *Dia do Imigrante*, embora com maior expressão institucional visto que é a CMS a promovê-la, não constitui uma iniciativa isolada no panorama da celebração da interculturalidade no município. Se a ela acrescentarmos outras comemorações de pendor popular, a exemplo das festas da Nossa Senhora da Boa Viagem, nas quais a *Associação Cabo-verdiana de Sintra* (ACAS) possui um papel central na organização, vimos que existe uma responsabilidade partilhada nas iniciativas que visam celebrar (produzir) a interculturalidade. Significa, por conseguinte, que, para além da oficialização que dá corpo à celebração do *Dia do Imigrante*, existem outros espaços que lhe são concorrentes na divulgação das expressões culturais e artísticas das populações imigrantes. Note-se, ainda, que esta concorrência não passa apenas pelos territórios, visibilidade e intervenção de quem organiza, mas, igualmente, pela sua realização temporal. Com efeito, a quase simultaneidade dos dois eventos, embora não seja esta sentida como comprometedora por parte dos responsáveis implicados (nem os responsáveis da CMS, nem os líderes associativos colocaram o problema), é, no entanto, reconhecida pelas associações a necessidade da divisão de esforços que obriga a fazer opções:

“Como já é muito trabalho e também já são bastantes entidades, criámos dois grupos de trabalho: um para o dia do imigrante e o outro preparou outras atividades no ano. Logo aí afastou um bocadinho uma parte das associações porque depois não estando no grupo, mesmo podendo vir a todas, o trabalho é muito, as pessoas andam sempre cheias de trabalho, acabou por não se envolver tantas associações.”

(entrevista com líder associativa)

Em 2008, o primeiro ano das celebrações do *Dia do Imigrante* ocorreu na vila de Sintra, a um dia de semana, com a presença do Presidente da Câmara, de um representante do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI) e outras entidades convidadas para o efeito. Foi, por conseguinte, uma expressão oficial da celebração. Contrariamente, e para convocar mais aderentes, no segundo ano procurou-se que, quer as celebrações oficiais do *Dia do Imigrante*, quer as comemorações organizadas pelas associações por ocasião das festas da Nossa Senhora da Boa Viagem, coincidissem. A este propósito, é-nos relatado que a participação foi muito maior, não sendo apenas o efeito da consolidação gradual do evento e das suas celebrações, como poderíamos ser levados a pensar, mas antes o resultado do encontro entre expressões de “baixo” e planificação centralizada de “cima” que não se excluíram, nem foram forçadas a negociar os tempos de realização dos respetivos eventos. No entanto, face a alguns distúrbios durante o evento, as celebrações adotaram outro modelo, pelo que, no terceiro e quarto anos, insistiu-se na separação entre as duas comemorações e na sua realização num espaço fechado (controlado), e a audiência dividida entre a expressão oficial do evento e a configuração mais popular acabou por recair, maioritariamente, na segunda. Na medida em que ambos os eventos são realizados no mês de Setembro, com apenas duas semanas a separá-los, é natural que os esforços envidados sigam prioridades diferenciadas por parte dos atores associativos envolvidos, consoante se pretenda investir fundamentalmente na expressão de raiz ou na expressão oficial. O facto de o *Evento Comunitário e Multicultural em Honra da Nossa Senhora da Boa Viagem*, organizado pela ACAS no bairro do “Pika Pau” (um bairro social localizado na Serra das Minas e assim batizado pela população), datar de 2003, precedendo em 5 anos as comemorações do *Dia do Imigrante*, sugere que a CMS procurasse capitalizar a

existência de um evento de carácter popular, especialmente considerando que o primeiro ano em que se realizou o *Dia do Imigrante* coincidiu com o *Ano Europeu do Diálogo Intercultural*, durante o qual as autoridades aproveitaram a relevância internacional dada à celebração do interculturalismo. Todavia, parece que a multiplicação de tais iniciativas, sobretudo quando situadas num intervalo temporal tão curto, não produz mais adesão, mas antes mais divisão (ver página *Web* da ACAS sobre evento comunitário – Associação Luso Caboverdeana de Sintra, 2008).

As celebrações do *Dia do Imigrante* da CMS, em 2011, tiveram lugar na Casa da Juventude da Tapada das Mercês, a 24 de setembro, uma semana após o *Dia Municipal do Imigrante*, oficializado que seria dia 17 de setembro. A Casa da Juventude é um edifício novo, judiciosamente entalado entre a linha do comboio e as traseiras de um prédio de subúrbio igual a tantos outros. Quem não conhece a zona tem alguma dificuldade em encontrar o local devido à fraca divulgação do evento que foi feita. Não se vislumbravam cartazes a anunciar a iniciativa, nem nas imediações do edifício, nem na Tapada das Mercês, tão-pouco nas freguesias circunvizinhas. O *Jornal de Sintra*, o principal jornal da região, na edição de 23 de outubro de 2011, fez-lhe uma referência breve numa das páginas interiores (Jornal de Sintra, 2011). Neste caso, como se trata de uma celebração acantonada a um bairro e sem demasiada divulgação fora ou dentro dele – no interior de uma qualquer fronteira imaginária de natureza jurídico-administrativa, também nada se vê que indicie tal ato oficialmente celebratório – o alcance de uma definição tão alargada como *Dia Municipal do Imigrante* surge como, certamente, exacerbada. É certo que as autoridades da edilidade lá se encontravam, discorrendo sobre a contribuição das comunidades imigrantes para o Concelho e a necessidade de reconhecimento como atores principais do seu quotidiano, contribuindo, assim, para uma presença simbólica da Câmara que, de outra maneira, estaria ausente. Porém, terminados os discursos cerimoniais, a presença das autoridades da CMS é fugaz.

Certamente que a ideia, segundo a qual este é um dia cuja contribuição deve vir fundamentalmente da sociedade civil, do trabalho das associações de e para os imigrantes, pesa na retirada dos representantes principais da edilidade. O evento é, geralmente, descrito como sendo o seu programa proposto pelas associações envolvidas. Para 2011, segundo o *press release* da Câmara, as atividades foram propostas pela *Afrunido - Associação Sociodesportiva e Cultural*, *A Comunidade Islâmica das Mercês*

e Mem Martins, a Associação Luso Cabo-verdiana de Sintra (ACAS), Casa Seis - Associação para o Desenvolvimento Comunitário, Olho Vivo - Associação para a Defesa do Património e Direitos Humanos. Neste sentido, e como, em parte, referido atrás, a Câmara de Sintra parece surgir nas celebrações mais como providenciadora de recursos, do que tendo um papel ativo na programação. Lembremos, no entanto, que as associações são igualmente sustentadas por projetos e parcerias, ora financiados pela própria Câmara, ora pelo ACIDI. Consequentemente, significa que, embora exista uma autonomia das associações na preparação do evento, ela é ajustada e sustentada pelo vínculo de dependência financeiro que estas possuem com as instituições estatais.

Regressando às comemorações e terminada a fase protocolar de discursos, começou o evento, ora no auditório, ora no *lobby* do edifício, alternando entre números com músicos tradicionais (neste caso da Guiné), e *workshops* de crioulo e árabe. Também o evento incluiu um *atelier* de pintura para as crianças, *workshops* de dança africana e do ventre, e mais representações no auditório, as últimas das quais envolveram jovens descendentes de imigrantes que dançaram músicas tradicionais, assim como também *hip-hop* e *rap*. Alguns dos jovens artistas eram convidados de outros municípios, e embora isto não colocasse um problema para os espectadores, levou a que o que era suposto ser uma iniciativa do município, com a participação de munícipes, contasse com grupos de dança da Damaia, município da Amadora. Significa, portanto, que as fronteiras administrativas não delimitavam nenhuma presença necessária e que as identificações culturais e artísticas, e por que não dizê-lo, étnicas, se sobrepunham a qualquer identificação de tipo territorial.

No entanto, não deixou de surpreender que, no público assistente, não estivessem nem as famílias e amigos dos artistas, especialmente dos jovens, nem vizinhos do bairro. A esse respeito, e a confirmar esta ideia, a fraquíssima adesão da população do bairro indicava a expressão praticamente nula que o evento teve na vida do bairro. E não apenas na vida do bairro das Mercês, como nas freguesias circunvizinhas, sobretudo se pensarmos que as freguesias do município de Sintra estão ligadas numa malha urbana indistinta, cujas fronteiras são pouco evidentes, de tal forma o contínuo urbanizado é alheio às divisões administrativas. A fraca (ou inexistente) presença dos habitantes da freguesia das Mercês é reforçada pela falta de qualquer

publicidade do evento na área exterior. Sucede que o fechamento deste evento, a sua fraca publicitação nos espaços exteriores e, conseqüentemente, a sua reduzida audiência, implicam uma não intrusão da interculturalidade e do seu imaginário no espaço público.

## **6. Lições sobre os eventos “interculturais” em causa**

A definição do espaço de comemoração da interculturalidade, enquanto espaço fechado, restrito (e restritivo) que nos é oferecido no *Dia do Imigrante*, em Sintra, contrasta vivamente com o caráter público do *Festival Todos*. O aproveitamento do espaço público, as performances com a participação dos moradores, que passam desde a sua inclusão em peças de teatro até à sua representação fotográfica, são a manifestação concreta de uma apropriação do espaço público pela simbólica da interculturalidade. Significa, por conseguinte, que a Mouraria é reinventada através da performatividade das zonas de contacto; ou seja, o espaço social da transculturalidade encarnado pelas diversas etnias e expressões culturais nos seus encontros quotidianos é transformado numa performance que procura fixar um conjunto de operadores simbólicos como “autenticidade” desse mesmo bairro (Zukin, 2010). Por conseguinte, o novo imaginário intercultural serve para a construção do bairro cultural planeado pelos diversos atores que nele se encontram a investir material, simbólica e economicamente (desde a CML, passando pelas indústrias da cultura e acabando nas associações locais). Com efeito, a produção do espaço da interculturalidade (como em qualquer produção do espaço, assinala-se) alicerça-se, em larga medida, na retórica que elabora uma determinada imagem da cidade. No caso do *Todos*, a retórica que constrói a imagem de uma Lisboa cosmopolita, cruzamento imemorial de culturas, cidade aberta e plural, é objetivada na performance artística e no entrelaçar planificado das suas várias manifestações culturais. Recordemos que estamos em presença de uma estratégia de intervenção urbana que enseja reabilitar a Mouraria, aproveitando o seu potencial turístico e nobilitável para o inscrever no modelo de produção de um bairro cultural. Desde a ótica do urbanista e da intervenção social, existe uma necessidade de pensar o projeto de renovação da Mouraria dentro de um espaço urbano mais alargado, indissociável da presença cada vez maior de hotéis na Almirante Reis e transversais a esta avenida. Turistas queixam-se, por sua vez, da insegurança; e a Mouraria encontra-se no eixo turístico do Castelo e

de Alfama, e, portanto, tem vindo a atrair cada vez mais a presença de turistas. Desde os tempos em que João Soares sonhara com uma *Chinatown* na Mouraria, até ao projeto de renovação social e intercultural do bairro, o alvo tem sido criar mais-valias com o turismo e integrar estas mais-valias na economia simbólica das atividades culturais. Ao étnico exótico juntam-se as indústrias da cultura e a possibilidade de criar economias de escala, com o reaproveitamento do espaço urbano, alicerçado na reconstrução das memórias e imagens afetas a um determinado local.

Contrariamente, as celebrações do *Dia do Imigrante* em Sintra não possuem um caráter público e são, por definição, dos imigrantes para os imigrantes. A falta de implicação da restante população, um certo desinvestimento no próprio evento por parte, quer do poder autárquico, quer das associações implicadas, e ainda o acantonamento das celebrações a um espaço institucional fechado, traduz-se num entrave à contaminação do espaço público por parte da simbólica da interculturalidade. Ora esta reserva – à falta de melhor termo – quanto à invasão da diversidade cultural é, em grande medida, respaldada na descoincidência entre a imagem de um território e os repertórios institucionais que servem para interpretar a presença da diversidade cultural.

O mesmo é dizer que nem todos os territórios são afeitos à expressão da interculturalidade e, menos ainda, se planeia e incita esta quando não existe qualquer ligação entre as conceções urbanísticas e essas mesmas expressões. Daí que se deva evitar olhar para as políticas culturais locais desencarnadas da planificação do território e de uma ideologia do urbano que a formata. Por outro lado, nem toda a expressão intercultural carrega, por si só, uma abertura cosmopolita. Ao invés, quando esta é pontual e desarraigada de um projeto mais vasto, parece conduzir a um reforço do fechamento e a uma intensificação da fronteira entre espaço público e privado.

**Tabela 1 – Sistema de oposições na promoção da interculturalidade**

	<i>Festival Todos – Mouraria</i>	<i>Dia do Imigrante – Sintra</i>
<b>Mobilização</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação diferenciada das Associações;</li> <li>• Ampla divulgação na agenda cultural da cidade e das associações;</li> <li>• Infraestrutura e recursos próprios.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Envolvimento associativo limitado ou por compromisso;</li> <li>• Divulgação muito limitada;</li> <li>• Sem infraestrutura e recursos específicos;</li> </ul>
<b>Reimaginação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Representações do território associadas a um interculturalismo endógeno;</li> <li>• Localização cêntrica da cidade, mesmo que bairro degradado.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Representações do território associadas a um interculturalismo exógeno;</li> <li>• Localização periférica e itinerante.</li> </ul>
<b>Expressão pública</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Promove convivência no espaço público;</li> <li>• Participação alargada dos moradores.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Convivência limitada num espaço fechado;</li> <li>• Participação exígua dos moradores.</li> </ul>
<b>Adequação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Inserido na renovação urbana;</li> <li>• Gera/fomenta negócios/economia local;</li> <li>• Programação terciarizada mas coordenada pela Câmara.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Programação isolada;</li> <li>• Proibição de negócio/venda;</li> <li>• Programação centralizada pela Câmara mas com participação das associações.</li> </ul>
<b>Marketing</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interculturalidade valoriza território para diferentes públicos;</li> <li>• Programação combina artistas consagrados internacionais e locais (orquestra, peça de teatro).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interculturalidade valoriza território para um público específico (imigrantes e filhos de imigrantes);</li> <li>• Programação com artistas locais e mais folclórica.</li> </ul>

Neste sentido, e com base nos exemplos aqui apresentados, podemos definir distintas formas de promoção da interculturalidade, formas essas que serão interpretadas

através de um sistema de oposições: a) ao nível da capacidade de mobilização num projeto comum transcultural; b) ao nível da sua função perfunctória na reimaginação dos respetivos territórios; c) ao nível da sua expressão pública; d) ao nível da sua adequação a uma determinada ideologia do urbano; e) ao nível da sua capacidade marketizadora de um território. A tabela 1 resume o esquema proposto.

## **7. Políticas de intervenção urbana: a interculturalidade como novo elemento**

A consideração da interculturalidade entrou, definitivamente, nos discursos das duas instituições aqui abordadas. Todavia, a sua maior ou menor aproximação a uma determinada ideologia do urbano e aos planos urbanísticos que nela se alicerçam implica o caráter mais ou menos retórico destas enunciações. Entendendo as políticas culturais locais como forma de produzir a diversidade, ao invés de simplesmente acolher ou fornecer um espaço onde dar lugar a uma qualquer sua expressão espontânea, os eventos aqui analisados podem ser considerados como lugares de produção do encontro dessa mesma diversidade. No mundo de fluxos globais em que vivemos, a fluidez das fronteiras, do que eram anteriormente círculos concêntricos em torno de modos de vida, confere à cultura uma dinâmica de conjunções e disjunções que não se fixam em torno de categorias e marcadores simbólicos uniformes. A porosidade dessas mesmas fronteiras é facilitadora do trânsito de pessoas e símbolos entre os espaços culturais irregularmente definidos. Essa porosidade, quando interpretada através do prisma da interculturalidade, é lida como comunicação. Não por acaso, as diversas metáforas para a enunciarem possuem sempre esse sentido dialógico, sentido esse contido em expressões como “diálogo” e “encontro”, evocativas de uma horizontalidade sem atritos. Segundo, produzir esse encontro significa torná-lo visível. E visibilizá-lo equivale a reservar-lhe um lugar, considerado legítimo, no espaço público.

As políticas culturais têm sabido assumir a necessidade de salvaguardar o espaço devido à diversidade cultural e étnica, não apenas porque uma tal escolha decorre, necessariamente, de uma orientação para o aprofundamento da cidadania, mas porque a cidade do futuro imagina-se como cidade intercultural, onde reina a tolerância e a aceitação relativamente ao estrangeiro. Tolerância e interculturalidade não são meras invocações humanistas de uma moral social mais robusta. Enquanto expressões, signos,

elas acomodam-se ao *marketing* em torno da cidade e tornam-se tanto mais relevantes, quanto fazem parte integral de uma estratégia de requalificação e reimaginação dos territórios intervencionados. Ou seja, a sua linguagem torna-se tanto mais efetivamente prática quanto se encontra associada a uma determinada ideologia do urbano. Neste caso, no momento em que as prioridades da planificação urbana e do *marketing* coincidem, a diversidade e a tolerância que faz com que ela possa persistir tornam-se igualmente planeadas, reguladas, legitimadas e, eventualmente, mercadorizadas como parte da imagem da cidade e da forma como esta responde à procura de certos públicos que pretende atrair.

Por outro lado, o aproveitamento do potencial autogénico das zonas de contacto (utilizamos aqui a noção de zona de contacto como exposta por Amanda Wise, ou seja, os “modos mundanos de cruzamento intercultural em zonas de diversidade cultural” (Wise, 2007: 2) gerador dessa “transversalidade quotidiana” de que fala a autora, quando combinado com a ação planeada, resulta sem dúvida em sinergias entre os dois fatores. Por um lado, dá-se ao reconhecimento da população envolvida que aquilo que os indivíduos fazem quotidianamente é reassumido e reinterpretado publicamente enquanto prática intercultural. Da sua dimensão improvisada subimos (porque uma tal deslocação implica uma hierarquia) na escala semiótica e agora as práticas quotidianas fazem parte de uma deliberada estratégia de reimaginação da cidade, ou de um território, enquanto intrinsecamente intercultural. Se ao nível da mundanidade do quotidiano, nenhuma planificação está presente, logo nenhuma tecnologia é convocada, já a produção do “evento intercultural” é uma produção de segundo grau, ou seja, é a produção do espaço onde a junção entre o conhecido e o estrangeiro é formatada de maneira a parecer mundana e, esta sim, exige tecnologias específicas: planificação, enquadramento no discurso do desenvolvimento urbano, lógicas urbanísticas de valorização da cidade, construção do bairro cultural e as equipas técnicas que a sustentam, e finalmente, valorização ética (tolerância) e económica (indústrias culturais, comércio étnico) dessa mesma diversidade, através de um discurso especializado interdisciplinar.

Vimos, pelos exemplos apresentados, embora não lhes imputando nenhum carácter generalizador, que a aproximação a estratégias urbanísticas, definidas segundo a imagem da cidade criativa, implica considerar a diversidade como parte infraestruturante dessa mesma imagem (adequação). Contrariamente, quando a ligação

entre estes dois aspetos é ténue, ou mesmo inexistente, verifica-se a dissociação entre expressões de diversidade cultural e étnica e o espaço. Quando esta não se encontra integrada numa lógica de *marketing* urbano, só muito tangencialmente é que se verifica um investimento na territorialização da interculturalidade, isto é, na conjugação entre um espaço específico e as práticas mundanas das zonas de contacto e, conseqüentemente, na ocupação efetiva do espaço público pela produção dessa mesma interculturalidade. Quando não existem zonas de contacto, a interculturalidade não é viável, salvo retoricamente.

### **Referências bibliográficas**

- AGUALUSA, José Eduardo (1999), *Lisboa, Cidade de Exílios*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- BARATA SALGUEIRO, T. (2006), “Oportunidade e Transformação na Cidade Centro”, in *Finisterra*, XLI, 81, 9-32.
- BRUNN, S.; WILLIAMS, J.; ZEIGLER, D. (eds) (2003), *Cities of the World, U.S.A.*, Rowman & Littlefield Publishers.
- CASTELLS, M. (1996), *The Rise of Network Society*, Oxford, Blackwell Publishing.
- CASTELS, Stephen ; MILLER, Mark J. (2003), *The Age of Migration*, New York, Guilford Press.
- CLARK, T. N. (ed.) (2003), “Introduction: Taking Entertainment Seriously”, in T. N. Clark (ed.), *The City as an Entertainment Machine, Research in Urban Policy*, Vol. 9, Oxford, Elsevier, pp. 1-17.
- CLARK, T. N.; NAVARRO, C. (2009) “Governing Cultural Issues and Scenes: Towards the Emergence of a ‘Local Cultural Policy Domain’?”, in *City Future '09 Conference* EURA/UAA, Madrid, 4-6 June 2009 [Consult. em 13 de dezembro de 2011]. Disponível em: [http://www.cityfutures2009.com/PDF/39\\_Navarro\\_Clemente.pdf](http://www.cityfutures2009.com/PDF/39_Navarro_Clemente.pdf).
- DIÁRIO DA REPÚBLICA (1997), II Série, nº 239, de 15 de Outubro de 1997, 12643-12652.
- DOUGLAS, Mary (1987), *How Institutions Think*, London, Routledge and Kegan Paul.

- ENTZINGER, Han (2000), “The Dynamics of Integration Policies. A Multidimensional Model”,  
*in* Ruud Koopmans & Paul Statham (eds.), *Challenging Immigration and Ethnic Relations Politics. Comparative European Perspectives*, Oxford, Oxford University Press, pp. 97-118.
- ETZIONI, Amitai (1993), *The Spirit of Community: Rights, Responsibilities, and the Communitarian Agenda*, New York, Crown.
- FALZON, Mark (2009), “Introduction: Multi-sited Ethnography: Theory, Praxis and Locality in Contemporary Research”, *in* Mark Falzon (ed.), *Multi-sited Ethnography. Theory, practice and locality in contemporary research*, Aldershot, Ashgate, pp.1-24.
- FLORIDA, Richard L. (2002), *The rise of the creative class: and how it's transforming work, leisure, community and everyday life*, New York, NY, Basic Books.
- (2004), *Cities and the creative class*, London, Routledge.
- FONSECA, Maria Lucinda (2008), “Imigração, Diversidade e Novas Paisagens Étnicas e Culturais”, *in* Mário Ferreira Lages e Artur Teodoro de Matos (coord.), *Portugal, Percursos de Interculturalidade, Contextos e Dinâmicas*, Vol. II, Lisboa, ACIDI, pp. 49-96.
- FONSECA, Maria Lucinda [et al.] (2011), *Imigração, Diversidade e Política Cultural em Lisboa, Working paper*, Migrare, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, UL.
- FRIEDMANN, J. (1986), “The world city hypothesis”, *in* *Development and Change*, 17, 69-83.
- GEERTZ, Clifford (1973), “Thick Description: Toward and Interpretive Theory of Culture”, *in* *The Interpretation of Cultures. Selected Essays*, New York, Basic Books, pp. 3-30.
- GUARNIZO, L. E.; SMITH, Michael P. (1998), “The Locations of Transnationalism”, *in* L. E. Guarnizo & Michael P. Smith (eds.), *Transnacionalism from Below, Comparative Urban and Community Research V6*, New Brunswick, Transaction Publishers, pp. 3-34.
- HARVEY, David (2001), *Spaces of Capital: Towards a Critical Geography*, Edinburgh, Edinburgh University Press.
- JOHNSON, Luise C. (2009), *Cultural Capitals. Revaluing the arts, Remaking Cultural Urban Spaces*, Aldershot, Ashgates.
- JUDD, D. R.; FAINSTEIN, S. S. (eds.) (1999), *The Tourist City*, New Haven, Yale University Press.

- Oliveira, Nuno; Padilla, Beatriz – A diversidade como elemento de desenvolvimento/atração nas políticas urbanas...  
*Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*  
Número temático: *Imigração, Diversidade e Convivência Cultural*, 2012, pág. 129-162
- LANDRY, C. (2000), *The Creative City: A Toolkit for Urban Innovators*, London, Comedia/Earthscan.
- KOOPMANS, Ruud; STATHAM, Paul (eds.) (2000), *Challenging Immigration and Ethnic Relations Politics: Comparative European Perspectives*, Oxford, Oxford University Press.
- MARCUS, George E. (1995), "Ethnography of the world-system: The emergence of multi-sited ethnography", in *Annual Review of Anthropology*, 24, 95-117.
- MENEZES, Marlucci (2004), *Mouraria, Retalhos de um Imaginário: significados urbanos de um bairro de Lisboa*, Oeiras, Celta Editora.
- (2009), "A Praça do Martim Moniz: Etnografando Lógicas Socioculturais de Inscrição da Praça no Mapa Social de Lisboa", in *Horizontes Antropológicos*, ano 15, nº 32, 301-328.
- NADAI, Eva; MAEDER, Christoph (2009), "Contours of the field(s): Multi-sited ethnography as a theory-driven research strategy for sociology", in Mark Falzon (ed.) *Multi-sited Ethnography. Theory, practice and locality in contemporary research*, Aldershot, Ashgate, pp. 233-250.
- PADILLA, Beatriz (2006), "Brazilian Migration to Portugal: Social Networks and Ethnic Solidarity", *CIES e-Working Paper, Nº 12/2006*, Lisboa, CIES-ISCTE.
- PORTES, A.; RUBAUT, R. G. (1990), *Immigrant America: A portrait*, Berkeley, CA, University of California Press.
- PRATT, Andy C. (2008), "Creative cities: the cultural industries and the creative class." In *Geografiska annaler: Series B - Human geography*, 90 (2), 107-117.
- RAY, Brian (2003), "The Role of Cities in Immigrant Integration", in *Immigration Information Source, Migration Policy Institute*, online, [Consult. em novembro de 2011]. Disponível em:  
<http://www.migrationinformation.org/Feature/display.cfm?ID=167>.
- SACHS-JEANTET, C. (2005), "Managing Social Transformations in Cities", in *UNESCO website* [Consult. em novembro de 2011]. Disponível em:  
<http://www.unesco.org/most/sachsen.htm#GlobalCity>.
- SASSEN, S. (1991), *The Global City*, Princeton, NJ, Princeton University Press.

VERTOVEC, Steven (2006), *The emergence of super-diversity in Britain*, WP 25, Oxford, COMPAS.

WISE, A. (2007), “Multiculturalism from below: Transversal crossings and working class cosmopolitans”, paper given at the *Biennial Conference of the European Association of Social Anthropologists*, Bristol.

ZUKIN, Sharon (1995), *The Cultures of Cities*, Cambridge, Blackwell.

– (2010), *Naked City: The Death and Life of Authentic Urban Places*, Oxford, Oxford University Press.

### **Sites consultados**

ASSOCIAÇÃO LUSO CABOVERDEANA DE SINTRA (2008), *ACAS realiza o VIII Evento Comunitário e Multicultural*, [Consult. em 23 de novembro de 2011]. Disponível em:

[http://www.acas.pt/acas\\_realiza\\_VIII\\_evento\\_comunitario\\_e\\_multicultural.html](http://www.acas.pt/acas_realiza_VIII_evento_comunitario_e_multicultural.html).

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (2009), *Estratégias para a cultura em Lisboa, 2009*, [Consult. em 23 de novembro de 2011]. Disponível em: <http://cultura.cm-lisboa.pt/>.

– (2011), *Lisboa adere à rede de cidades interculturais*, [Consult. em 11 de novembro de 2011]. Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=42&idi=58272>.

– (s/d), *Quatro eixos de desenvolvimento da visão*, [Consult. em 23 de novembro de 2011]. Disponível em: [http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/009/pdf/02\\_quatro\\_eixos\\_visao.pdf](http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/009/pdf/02_quatro_eixos_visao.pdf).

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA (s/d a), *Apoio aos imigrantes e minorias étnicas*, [Consult. em 23 de novembro de 2011]. Disponível em: <http://www.cm-sintra.pt/Artigo.aspx?ID=2988>.

– (s/d b), *Câmara é distinguida pelas boas práticas na integração de imigrantes*, [Consult. em 23 de novembro de 2011]. Disponível em: <http://www.cm-sintra.pt/NoticiaDisplay.aspx?ID=6096>.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE), *Censos 2001*. Disponível em: [www.ine.pt](http://www.ine.pt).

JORNAL DE SINTRA (2011), *Edição de 23-09-2011*. Disponível em: <http://www.jornaldesintra.com/ultima-edicao2/edicao-de23-09-2011/>.

OLHO VIVO (s/d), *A Casa dos Povos – Centro Intercultural*, [Consult. em 23 de novembro de 2011]. Disponível em: [http://www.olho-vivo.org/Casadospovos/cp\\_apresentacao.html](http://www.olho-vivo.org/Casadospovos/cp_apresentacao.html).

REVISTA TURISMO DE LISBOA (2008), nº 60, 40-44. [Consult. em 23 de novembro de 2011].  
Disponível em: <http://www.visitlisboa.com/getdoc/bd981890-11f2-4465-86ee-bbcb21cca2f9/RTL60-Dez08.aspx>.

## **ABSTRACT/RÉSUMÉ/RESUMEN**

### **Abstract**

*Diversity as an element of development/attraction in local urban policies: contrasts and similarities in the celebration of intercultural events*

As globalized cities become the harbors of super-diversity, it has proved ever more important to reflect on aspects associated with cultural policies, directly or indirectly related to international migrations. Starting from a sociological application of the multi-sited ethnography methodology, we compare two intercultural events in different territories of the Lisbon Metropolitan Area, seeking to identify differences and similarities in the way the intercultural is produced. We conclude that although interculturality has become part and parcel of the institutional repertoires, it is the greater or lesser affinity with a particular ideology of the urban and to urbanistic strategies of the creative city what becomes more relevant. Conversely, when this link is weaker, the result is the inadequate conjunction between a territory and the worldly practices of the contact zones.

Keywords: Intercultural; Creative city; Cultural policies; Contact zones.

### **Résumé**

*La diversité comme un élément de développement / d'attraction dans les politiques urbaines locales: les contrastes et les similitudes dans les célébrations interculturelles*

Dans le contexte de la Super-diversité propres des villes mondialisées, est donc important de réfléchir sur différents aspects associés aux politiques culturelles liées, directement ou indirectement, aux migrations internationales dans les espaces de croissante diversification des modes de coexistence interculturelle. Ayant come point de départ une application sociologique de la méthodologie des ethnographies multi-situées, nous comparons deux événements culturels, dans deux territoires de la Région Métropolitaine de Lisbonne, afin

d'identifier les différences et les similitudes dans les politiques de production de l'interculturalité. Nous concluons que, bien que les politiques culturelles locales sont en mesure d'assumer la nécessité de préserver l'espace de la diversité culturelle et ethnique, c'est cependant le degré de proximité à une idéologie particulière de l'urbaine et des stratégies urbaines définies à l'image de la ville créative, qu'implique la prise en compte de la diversité comme infrastructurante dans le cadre de cette image. Inversement, lorsque ladite connexion est faible ou inexistante, il ya une dissociation entre les expressions de la diversité culturelle et ethnique et l'espace, c'est à dire, un lien insuffisant entre le territoire et les pratiques mondaines des zones de contact.

Mots-clés: Interculturel; Ville créative; Politiques culturelles; Zones de contact.

### **Resumen**

*La diversidad como elemento de desarrollo/atracción en las políticas urbanas locales: contrastes y semejanzas en los eventos que celebran la interculturalidad*

En contextos de superdiversidad propios de las ciudades globalizadas, es importante reflexionar sobre los varios aspectos vinculados a las políticas culturales relacionadas directa o indirectamente con las migraciones internacionales. Partiendo de una aplicación sociológica de la metodología de etnografías multisituadas, comparamos dos eventos interculturales en dos territorios del Área Metropolitana de Lisboa, buscando identificar diferencias y semejanzas en las políticas de producción de dicha interculturalidad. Concluimos que aunque las políticas culturales locales hayan sabido asumir la necesidad de salvaguardar el espacio debido a la diversidad cultural y étnica, es su mayor o menor aproximación a una determinada ideología de lo urbano y a las estrategias urbanísticas de la ciudad creativa, lo que se muestra más relevante. Por el contrario, cuando la conexión entre estos dos aspectos es débil, existe una conjugación inadecuadas entre el territorio y las prácticas mundanas de las zonas de contacto.

Palabras-clave: Intercultural; Ciudad creativa; Políticas culturales; Zonas de contacto.

## O Espaço é o Lugar: O Martim Moniz na *Migrantscape* de Lisboa<sup>1</sup>

Paula Gésero<sup>2</sup>

*Universidade Técnica de Lisboa*

**Resumo:** O Martim Moniz é, atualmente, uma das zonas de Lisboa marcada pela diversidade social, étnica, cultural e geracional, concentrando-se ali um número expressivo de residentes e trabalhadores imigrantes de origem estrangeira. Os movimentos migratórios constituem um traço importante no crescimento e transformação urbana, configurando-se como um dos maiores agentes para a sua mudança social, económica e espacial. Esta análise pretende demonstrar que essas alterações se estendem, igualmente, à paisagem urbana (física e móvel) e à imagem da cidade. A zona do Martim Moniz emerge como um dos palcos da vibrante *migrantscape* de Lisboa.

**Palavras-chave:** Imigração; Martim Moniz; *Migrantscape*; Paisagem Urbana.

---

<sup>1</sup> O texto que aqui se apresenta constitui parte de um capítulo da dissertação de Mestrado Integrado para obtenção do Grau Mestre em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, intitulada *Configuração da Paisagem Urbana pelos grupos Imigrantes – O Martim Moniz na Migrantscape de Lisboa*, amavelmente orientada e coorientada, respetivamente, pela Professora Doutora Isabel Raposo (Urbanismo) e pela Professora Doutora Manuela Mendes (Sociologia).

<sup>2</sup> Arquiteta e Mestranda na Faculdade de Arquitetura, Universidade Técnica de Lisboa (Lisboa, Portugal).  
Blogue: <http://cvpgesero.blogspot.com/>. E-mail: paulagesero@gmail.com.

Cabeleireiros africanos, brasileiros e chineses; lojas “dos chineses” e “dos indianos”; supermercados brasileiros, chineses, muçulmanos e russos; mesquitas sunitas e ismaelitas, sinagogas, templos hindus e *sikhs*, igrejas ortodoxas e anglicanas; carne *halal*, comida *kosher*, cachupa, moqueca, sushi e chamuças; restaurantes de culinária de origem europeia alemã, belga, inglesa, francesa ou russa, mediterrânica, espanhola, italiana, grega ou israelita, cozinha árabe, turca, libanesa e marroquina, culinária africana, angolana e cabo-verdiana, centro e sul-americana cubana, argentina, brasileira, mexicana e uruguaia e cozinha asiática balinesa, tailandesa e malaia, japonesa, chinesa e chinesa-macaense, coreana, indiana, indiana-goesa ou indo-chinesa; festas do cinema francês, italiano, brasileiro e japonês (Público, 2011); discotecas de música angolana, cabo-verdiana e brasileira. Trata-se de uma miríade de cores e texturas, sons, paladares e cheiros que, ao contribuir para a construção de uma imagem e paisagem urbana das cidades, nos transportam para quase todos os cantos do mundo.

Numa tentativa de melhor entender, conhecer e tornar mais visível a contribuição dos imigrantes e da sua diversidade étnica, social, cultural, religiosa e linguística no aumento e na diversificação da riqueza da paisagem urbana, será o tema deste artigo uma introdução à perceção do complexo processo da transformação e configuração da paisagem urbana pela ação e presença dos imigrantes, centrando-se num estudo de caso – a zona do Martim Moniz / Bairro da Mouraria, em Lisboa.

Com o auxílio de análises e reflexões de outros autores sobre temas correlacionados, parte-se do reconhecimento dos efeitos resultantes da presença dos grupos imigrantes como fator acrescido na formação, na constituição e no desenvolvimento da imagem e da paisagem urbana da cidade. Neste contexto, o estudo exposto na dissertação de mestrado referida, constitui-se por uma reflexão e equação de quais os indicadores físicos, sociais e simbólicos que contribuem para a perceção desta transformação e configuração da paisagem urbana por grupos imigrantes na cidade, em geral, e no lugar do Martim Moniz, em particular, tendo sido feita uma abordagem, ao mesmo tempo, teórica e empírica, utilizando uma metodologia qualitativa, com recurso a técnicas de recolha e de análise bibliográfica e iconográfica, bem como a observações do local escolhido e a entrevistas a alguns dos atores locais da zona em estudo.

Neste artigo irá ser feita, em primeiro lugar, uma pequena introdução contextual do conceito operacional proposto, seguindo-se, num segundo e num terceiros pontos, as duas diferentes interpretações do conceito de “lugar”, tomando como referente o local de estudo, a zona do Martim Moniz em Lisboa. Finaliza-se num último quarto ponto, com algumas conclusões aferidas pela investigação supracitada.

### **1. Configuração da Paisagem Urbana pelos Imigrantes: uma *Migrantscape*?**

Na disciplina do urbanismo, Gordon Cullen, em 1961, introduziu a noção de “*townscape*”. O termo está relacionado com o modo como entendia a cidade que, para além de ser uma “organização funcional, viável e saudável” é, em primeiro lugar, uma “ocorrência emocionante no meio-ambiente” (Cullen, [1961] 2008: 10). Este “ambiente”, segundo o autor, pode ser percecionado através de dois pontos de vista que, parecendo em princípio concorrentes, são na verdade complementares: um primeiro, de carácter objetivo, em que “através do senso comum e da lógica baseadas nos princípios benevolentes da saúde, amenidade, conveniência e privacidade” a cidade pode ser construída; e um segundo, de carácter completamente “subjetivo”, é “a execução da criação empregando os valores subjectivos daqueles que habitarão [esse] mundo criado” (*idem*: 195).

Assim, é a partir de três aspetos que a “paisagem urbana” pode ser percecionada: o primeiro, a “visão serial”, a paisagem urbana “surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas” (*idem*: 11); o segundo ponto de vista, relacionado com a nossa posição no espaço, a cidade passa a ser “uma experiência eminentemente plástica”, um “percurso através de zonas de compressão e de vazio, constaste entre espaços amplos e espaços delimitados, alternância de situações de tensão e momentos de tranquilidade” (*idem*: 12); finalmente, o terceiro aspeto relaciona-se com a “própria constituição da cidade”, ou seja, “a sua cor, a sua textura, escala, o seu estilo, a sua natureza, a sua personalidade e tudo o que a individualiza” (*idem*: 13). Através de características e de categorias determinadas, e auxiliado por numerosos exemplos práticos em cidades de quase todo o mundo, o autor listou os elementos que compõem a “*Concise*

*Townscape*”, reivindicando para ela justamente uma contribuição “para o levantamento da estrutura do mundo subjectivo” (*idem*: 196).

Também para os sociólogos Robert E. Park e Ernest W. Burgess ([1925] 1967), dois dos fundadores da “Escola de Chicago”, a cidade é “algo mais do que um conjunto de indivíduos e de vantagens sociais: mais do que uma série de ruas, edifícios, luzes, elétricos, telefones, etc., algo mais, também, do que uma mera constelação de instituições e campos administrativos: tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de toda a espécie. A cidade é principalmente um estado de espírito (*a state of mind*), um conjunto de costumes e tradições, com os sentimentos e atitudes inerentes aos costumes, e que se transmitem pela tradição. A cidade, por outras palavras, não é apenas um mecanismo físico ou uma construção artificial. Está implicada no processo vital da população que a compõe; é um produto da natureza, e em especial da natureza humana” (Park e Burgess, [1925] 1967 *in* Goitia, [1982] 2010: 32).

Igualmente para o geógrafo português Orlando Ribeiro (1968), as identidades e as imagens das cidades são algo mais que os seus traços morfológicos, espaciais ou funcionais, delas fazendo parte, igualmente, o seu colorido, os seus odores e as suas sonoridades próprias (Ribeiro: 1968 *in* Fortuna: 1999b: 106). Assim, e para além de muitas outras “paisagens” que não importam tanto para este debate, existem ainda as “*soundscape*” (Schafer, [1977] 1993 e Fortuna, 1999b) e as “*smellscape*” (Porteous, 1985 e Fortuna, 1999a).

Justamente no sentido da continuação deste debate ir-se-á contribuir com um neologismo, que se pretende que opere uma espécie de cristalização do objeto de estudo, a configuração da paisagem urbana pelos grupos imigrantes. Partindo da noção de “paisagem urbana” de Cullen (1961), é intenção desta análise situar a “*migrantscape*” como uma categoria da “*townscape*”, ou seja, como se de um “elemento estranho” se tratasse, ou uma “nova qualidade” que, trazida por estas novas populações imigrantes, se sobrepõe, imbrica e convive, interligando-se, e de certa forma, sendo igualmente assimilada e assimilando a paisagem urbana autóctone das nossas cidades. À semelhança da “*townscape*”, são considerados dois pontos de vista nesta conceção. Um, mais objetivo, em que se inserem os “elementos fixos”, os “elementos arquitetónicos característicos das regiões de origem dos imigrantes, locais de culto religioso, organização interna das habitações, pátios, janelas,

varandas, jardins e diversos elementos decorativos”, tais como dragões, balões de papel, pórticos em tons dourados e vermelhos, publicidade nas fachadas pintada à mão ou nas línguas originais, etc., que podem ser mais facilmente observados nos “múltiplos estabelecimentos de comércio étnico”, tomando a lista de Lucinda Fonseca (2008a: 73). Outro, mais subjetivo, onde se incluem os “elementos móveis”, tais como a “variedade das formas de vestuário”, os “cheiros e sabores das comidas tradicionais de diferentes regiões do mundo”, as “sonoridade das línguas que se ouvem nas ruas e noutros espaços públicos”, a música e as “formas de expressão artística e cultural transportadas de países e regiões dispersas por todo o planeta” (*ibidem*), ou as “*smellscapes*” e “*soundscape*s” imigrantes, assim como a convivência e a interação social entre os grupos imigrantes e as populações nacionais.

Esta “*migrantscape*” é, também, uma “paisagem vernacular” já que também ela, ao processar-se na vida social, pode ser uma ilustração da evolução e do estabelecimento, refletindo o caráter físico, biológico e cultural do quotidiano, dos grupos imigrantes na sociedade de acolhimento. Reflete, igualmente, os fenómenos transnacionais e interculturais derivados da difusão espacial globalizada das comunidades étnicas da “*ethnoscape*” de Appadurai (1996), assim como podem ser encarados os elementos móveis e fixos, como uma territorialização das memórias das minorias étnicas imigrantes da “*ethnoscape*”, de A. D. Smith ([1988] 2002).

Finalmente, é também uma “paisagem multicultural”, no sentido em que, na mesma paisagem urbana, coexistem marcas distintas de vários grupos étnica, social e culturalmente diferenciados.

## **2. O Espaço transforma-se em Lugar**

Nesta análise adota-se esta abordagem ambivalente do conceito de “lugar”, tomando como referente o “lugar do Martim Moniz” enquanto construção social e espacialização das experiências dos indivíduos que o habitam, sendo flexível, elástico e plástico, e sendo ainda possível concebê-lo, conceptualmente, como “*migrantscape*”.

## 2.1. O Lugar é vivido, representado e representante

Na psicologia ambiental, o “espaço” é considerado como possuindo dimensões e formas bem definidas sendo, por isso, geométrico, e o “lugar” como sendo a percepção pelos sentidos em que estão envolvidos os sentimentos, sendo, por isso, uma percepção psicológica individual (Rio, 2003: 11). O “espaço” é, assim, em primeiro lugar, percecionado, e depois, através da atribuição de significados, transformado em “lugar”. Deste modo, para o psicólogo suíço Jean Piaget ([1947] 2004), a percepção ou o conhecimento do ambiente (ou espaço) é dividido em dois tipos. O primeiro tipo é o relacionado com o saber figurativo, no qual o homem se relaciona com os lugares por meio de esquemas simbólicos e abstratos e que representam as relações que tem com o ambiente. O segundo está relacionado com o saber operativo sobre os lugares, no qual o homem se relaciona com os lugares através de uma noção operativa, mais profunda no sentido do conhecimento das relações entre os elementos que o constituem (Piaget, [1947] 2004: 119, 120). Para o psicólogo David Canter (1977), por sua vez, a percepção ou conceção de um lugar é combinada individualmente, estando dependente da interseção de três esferas de percepção do ambiente construído: os atributos físicos do espaço, as atividades nele desenvolvidas pelos sujeitos e as conceções individuais (Canter, 1977).

Na disciplina de Urbanismo, a formação do espaço é caracterizada pela percepção de uma série de elementos fixos e móveis, através da visão e de sentimentos de identificação conferidos ao seu conteúdo. Deste modo, para Lynch ([1960] 1996), na formação da imagem do espaço ou do meio-ambiente, para além dos efeitos de elementos físicos perceptíveis, são concorrentes na sua definição, o “significado social de uma área, a sua função, a sua história ou, até, o seu nome” (Lynch, [1960] 1996: 57). Para Cullen ([1961] 2008), como já referido anteriormente, a “paisagem urbana [do lugar]”, é percecionada a partir de três aspetos fundamentais, a “óptica”, o “local” e o “conteúdo”. “A visão permitiu constatar que o movimento não é apenas [uma] progressão facilmente mensurável e útil para a planificação, mas [que] se divide em duas componentes distintas: o ponto de vista e a sua imagem emergente. O homem tem em todos os seus momentos a percepção da sua posição relativa, sente a necessidade de se identificar com o local em que se encontra, e

esse sentimento de identificação, por outro lado, está ligado à percepção de todo o espaço circundante” (*idem*: 14).

O processo de atribuição de significados ao espaço público urbano, a montante, e à paisagem urbana, a jusante, pode ser, igualmente, observado através de variados pontos de vista.

Assim, na Antropologia, e tomando como exemplo os estudos realizados pela antropóloga Marluce Menezes (2009) acerca da noção de lugar como resultado da atribuição de significados ao espaço, denota-se que é através das práticas sociais que os significados do espaço público urbano são configurados e reconfigurados (Menezes, 2009: 303). Esta atribuição de significados ao espaço é feita através de um “conjunto de operações que colocam em relação o masculino e o feminino, a casa e a rua, o privado e o público, o local e o global, o jovem e o velho, o nós e os outros, o sagrado e o profano, o tempo e o espaço, o quotidiano e o extraordinário, o lazer e o trabalho” (*ibidem*). Neste processo de construção social do espaço, tanto os significados atribuídos, como as representações produzidas, resultam de uma combinação de variados fatores: o controlo estatal, a influência do poder económico, os valores culturais distintos, as formas de uso e de apropriação do espaço, as visões de ordem social e de comportamentos apropriados, assim como o próprio desenho do espaço e “os diferentes significados simbólicos e afectivos que se encontram em jogo” (*ibidem*).

Por conseguinte, os habitantes e os utilizadores da zona, ao estarem, emocional e culturalmente, ligados ao lugar, concedem significados ao espaço geométrico, transformando-o no lugar da Mouraria ou no lugar do Martim Moniz, consoante se é nacional “de dentro” do bairro, ou estrangeiro “de fora” do bairro (imigrante ou autóctone), respetivamente. O espaço tem, assim, uma qualidade de “*multilocality*” (Rodman, 1992), na qual “uma única paisagem física pode formar e expressar significados polissémicos de um lugar para diferentes utilizadores” (*idem*: 647).

Em Sociologia, por exemplo, é de trazer a debate a perspectiva de Sharon Zukin (1996), que se centra na importância da economia simbólica, enquanto “representações de grupos sociais e meios visuais de exclusão ou inclusão em espaços públicos e privados” nos quais “a negociação interminável de significados culturais no edificado – em edifícios, ruas, parques, interiores – contribui para a construção das identidades sociais” (Zukin, 1996: 43

in Krase, 2004b). O sociólogo Mark Gottdiener (1994) realça a importância da decifração da complexidade dos significados da metrópole através da semiótica espacial, definida como o “estudo das culturas que liga os símbolos aos objectos” (Gottdiener, 1994: 16 in Krase, 2004b). Assim, um estudioso desta disciplina reconhecerá que os significados sociais e culturais estão ligados às paisagens urbanas, bem como às pessoas e às atividades observadas no local, sendo a noção mais primária no estudo urbanístico, justamente o espaço de assentamento que é mutuamente construído e organizado (*idem*). Isabel Guerra (2008) evidencia a relevância da noção de espaço público enquanto uma das variáveis estruturantes dos modos de vida e reflexo das formas de organização social da sociedade. Assim, e embora esta não seja uma variável explicativa por si própria, o espaço público é como uma “sala de visitas” da vida coletiva, refletindo os projetos, as opções, os valores e os conflitos da sociedade em que se insere (Guerra, 2008).

Assim, poder-se-á argumentar que, naquela zona, os habitantes e os utilizadores imigrantes e nacionais, ao atribuírem também eles significados e simbologias ao espaço, transformando-o em lugar, tornam-se eles próprios nos produtores de espaço (Lefebvre, [1974] 1991). O lugar do Martim Moniz é, por conseguinte, não só vivido pelos seus habitantes e utilizadores, mas também mutuamente representado e representante, pois ao estarem ligados ao espaço emocional e cultural, atribuem-lhe significados e símbolos que, simultaneamente, mostram e refletem os seus projetos, opções e valores, ou seja, o sujeito tem um papel ativo na transformação e construção do espaço.

### **3. O Lugar é conceptualizado**

Toma-se, agora, o ponto de vista no qual a noção de “lugar” é entendida como o cenário de localização dos conceitos, particularmente neste caso, do conceito de “*migrantscape*”. Igualmente, esta abordagem pode ter dois pontos de vista concomitantes que se completam, pois pode, simultaneamente, ser o palco (onde a “*migrantscape*” acontece e se desenrola) e o cenário (onde a “*migrantscape*” é observada) da configuração da paisagem urbana pelos grupos imigrantes, sendo também deste modo, vivida, representada e representante.

### 3.1. Localização da “migrantscape” no Martim Moniz

Para Jerome Krase (2004a, 2004b, 2009), que tem estudado e analisado a forma como as “pessoas comuns” modificam os significados dos espaços e lugares ao alterarem o seu aspeto, é possível observar, nos “bairros de imigrantes e étnicos” (como a Mouraria e Martim Moniz, por exemplo), que ocupam uma posição nos sistemas nacionais e globais, que “o mais insignificante elemento da população urbana” pode tornar-se no agente social da reprodução local de relações sociais regionais, nacionais e globais (Krase, 2004b). Deste modo, “quando os imigrantes alteram o território que lhes é permitido, tornam-se, simultaneamente, parte da paisagem urbana transformada” (*idem*). Segundo o autor, a criação de imagens transforma-se na sua representação, exemplificando, deste modo, o processo em que as “práticas materiais espaciais” de Lefebvre ([1971] 1991) se transpõem de “representações do espaço” para “espaços de representação” (*idem*).

Dá-se, assim, o aparecimento das “Etni-Cidades” (“*EthniCities*”) (Roseman, Laux *et al.*, 1996), entendido como uma consequência da reestruturação política e económica (em consequência, por exemplo, da “globalização”), provocando um aumento na diversificação do capital e, conseqüentemente, na mobilidade de trabalho. Estas cidades estão associadas a fenómenos como “migrações internas, migrações internacionais regionais, migrações globais, migrações ilegais e migrações de refugiados” (Roseman *et al.*, 1996: p. xviii *in* Krase, 2009: 21). Tal é o caso do bairro da Mouraria e da zona do Martim Moniz, pois tomando em linha de conta a sua história demográfica mais recente, convivem ali, simultaneamente, quer autóctones, quer indivíduos provenientes das regiões rurais do país, quer indivíduos provenientes de países da União Europeia, assim como de outros países do mundo, havendo pessoas com estatuto regularizado e outras com o seu estatuto não regularizado.

Os grupos imigrantes têm tido uma longa tradição na escolha da zona para se instalarem (cerca de trinta anos) e, atualmente, são as populações estrangeiras as mais visíveis “passando a ser os principais utilizadores deste espaço público” (Malheiros, 2008: 150). Deste modo, e gradualmente desde os finais dos anos setenta, o Martim Moniz “passou a ser um ponto de referência para estas populações, quer porque a sua oferta comercial se dirige aos segmentos menos solventes da população (em que estão sobre

representadas as minorias étnicas), quer porque já estavam instalados alguns comerciantes não portugueses” (*ibidem*).

Assim, considerando a perspectiva de Krase (2004a), na qual a definição de comunidade é vista “não como uma entidade real, com substância física e atributos”, mas como “uma realidade social” que pode ser “confirmada através da observação e interpretação de referências simbólicas”, resultando deste modo numa transformação do “objecto empírico para uma possibilidade fenomenológica” (Krase, 2004a: 157), forjando-se aqui o conceito de “*migrantscape*”.

Serão, igualmente, englobados pela noção de “*migrantscape*”, através dos seus símbolos e significados, a ilustração dos seus limites temporais, bem como das tendências das existências simultâneas entre localização e globalização, heterogeneidade e homogeneização, na paisagem urbana do Martim Moniz (Costa, 2002).

Deste modo, tal como Hirsch sustenta (1995: 1), o conceito de “*migrantscape*” resulta de um determinado ponto de vista objetivo do lugar do Martim Moniz em que se considera a “suposição de que os países personificam a sua própria e distintas cultura e sociedade” (Low e Lawrence-Zúñiga, 2003: 28), no sentido em que se tomam como alóctones, todos os elementos físicos (no edificado) e simbólicos (nos significados) na paisagem urbana que não pertencem à paisagem urbana “matricialmente portuguesa”.

No entanto, no sentido de uma ilustração possível dos limites temporais do conceito proposto, e para além do ponto de vista de Tiryakian (2003), no qual as sociedades multiculturais historicamente sempre existiram, é intenção sustentar a afirmação de que, tivesse esta investigação sido realizada e observada noutra contexto urbano ou realidade cultural, como, por exemplo, o continente asiático ou o africano, porventura fará sentido considerar como “*migrantscape*” as marcas urbanas físicas e simbólicas no tecido e no edificado deixadas pelos portugueses e por outras culturas “ocidentais”, aquando da ocupação daqueles territórios pelos ex-colonizadores.

Entende-se que esta “*migrantscape*” no lugar do Martim Moniz, e em concordância com Hirsch (1995), não é uma “paisagem absoluta”, isto é, a sua hermenêutica depende do contexto cultural e histórico em que se insere, sendo um processo que se desenrola entre o “lugar e o espaço, o dentro e o fora, a imagem e a representação” (Hirsch, 1995: 23).

Igualmente se recupera o termo de “*ethnoscape*” de Appadurai (1996) e de Smith ([1988] 2002). Lembra-se que é visto, pelo primeiro autor, como uma descrição dos fenómenos transnacionais e interculturais, derivados de mudanças globais na sociedade realizadas pela espécie humana e tratando da difusão espacial globalizada das comunidades étnicas (Appadurai, 1996 *in* Schetter, 2005: 2), e, pelo segundo autor, como uma “territorialização da memória étnica” ou “a crença compartilhada por grupos étnicos num quadro comum de origem espacial” (Smith, 1988 *in* Schetter, 2005: 2). Poder-se-á argumentar que a “*migrantscape*” é, deste modo, simultaneamente local e heterogénea, global e homogénea.

A *migrantscape* é local e heterogénea porque, constituindo-se como uma categoria da “*townscape*” de Cullen ([1961] 2008), sobrepondo-se, imbricando e convivendo, sendo assimilada e assimilando a paisagem urbana autóctone do lugar do Martim Moniz, consequentemente, única e composta por várias partes.

As características físicas deste território, nomeadamente a idade e o estilo (mais ou menos) “quinhentista”, “pombalino” (Ferreira, Carvalho *et al.*, 1987) ou “moderno” ou “pós-moderno” na volumetria e nas configurações exclusivas do seu edificado, mas particularmente na sua localização em relação à exposição solar e na sua topografia acidentada, que resulta num urbanismo sinuoso muito específico, assim como o grande vazio da Praça do Martim Moniz (considerado por alguns dos entrevistados<sup>3</sup> como um “jardim” ou uma “alameda”), são completamente locais, contextuais e inerentes àquela zona da cidade.

A estrutura da matriz predial, resultante de quase nove séculos de ocupação permanente, é também muito característica do lugar, pois resulta, não só numa alta densidade de construção, mas também, e particularmente nas ruas com ocupações urbanas comerciais, em lotes relativamente pequenos, que provocam uma configuração retangular e um ritmo perfeitos nas fachadas dos edifícios, pois, ao originar uma multiplicação de

---

<sup>3</sup> Na investigação supra-citada, utilizou-se como metodologia de investigação uma abordagem, simultaneamente, teórica e empírica, de acordo com o proposto por Raymond Quivy (1998). Nas dezanove entrevistas realizadas, no sentido de conhecer e avaliar as opiniões de residentes, comerciantes e visitantes nacionais sobre o entendimento e percepção da evolução da configuração da paisagem urbana pelos grupos imigrantes, utilizou-se o formato da entrevista semi-directiva, tendo a sua análise sido efectuada através de técnicas de exame de conteúdos temáticos, cruzando as várias opiniões e procurando uma leitura exógena das mesmas.

diferentes espaços comerciais, resulta naquilo que Gehl (2010 e 2011) identifica como as bordas ou arestas suaves da cidade (“*soft edges*”), indispensáveis para a vida vibrante na cidade (“*lively city*”) (Gehl, 2010: 75).

Igualmente, nas características subjetivas, e tomando a classificação de Cullen ([1961] 2008) na sua categoria “local”, que diz respeito às reações dos humanos perante a sua posição no espaço (*idem*: 11), pode-se encontrar muitas e variadas perceções, mais um vez, únicas daquele território.

É possível, então, enumerar algumas dessas características. Assim, é exequível considerar a zona como uma das unidades urbanas (*idem*: 29) da cidade, desnivelada, com os seus recintos exteriores delimitados, dos quais é possível ter uma vista exterior ou as perceções do aqui e além; com os seus pontos focais ou as suas áreas de viscosidade; nas suas ruas, existem saliências e reentrâncias, estreitamentos, muitas delas são onduladas, parecem ser muitas vezes misteriosas e com vãos insondáveis; a Praça do Martim Moniz, com o seu pavimento diferenciado tem, uma perspetiva grandiosa estando truncada, por sua vez, através de um edifício barreira, a vista da silhueta do bairro da Mouraria. Finalmente, em várias ocasiões festivas, quer a população local, quer outras entidades, promovem várias iniciativas que contribuem fortemente para “animar” a face urbana da zona (*idem*).

Também os elementos sonoros, odorantes ou de textura são singulares. Tomando como exemplo as perceções de um indivíduo cego, para o qual os sentidos da audição, do tato ou do olfato (os recetores “à distância” e “imediatos” referidos por Hall, [1966] 1986: 56) têm uma importância fulcral para a perceção do ambiente que o rodeia, o lugar do Martim Moniz é composto por elementos exclusivos. Assim, o tal indivíduo cego, português e de Lisboa, não se deixaria enganar quanto ao local onde estava, pois será porventura o único em que a multiplicidade das sonoridades das línguas ouvidas, em conjunto com determinados odores e texturas próprias, o caracterizam de tal maneira singular, que deixa de ser confundido, por exemplo, com outros “bairros históricos” ou outras zonas da cidade.

Certas características do lugar do Martim Moniz, como odores menos agradáveis a urina, a anormal quantidade de insetos voadores dípteros em dias quentes ou a clareza na audição devido à quase ausência de trânsito automóvel, não lhe são únicos, mas certamente que a textura dos seus passeios em calçada portuguesa daria, imediatamente, a pista ao

indivíduo cego do exemplo, que se encontrava, pelo menos, em Portugal. Pormenores sonoros, tais como os trinados de pequenos pássaros presos em gaiolas penduradas nas varandas, o som do bater das asas e do arrulhar dos pombos, um longínquo bater dos sinos às horas certas, as vozes e os instrumentos musicais gravados que se ouvem a tocar o fado ou outras expressões musicais tradicionais de diferentes países, o som metálico das rodas dos carros elétricos ou da suas campainhas, e o invisual poderia vir a concluir que se encontrava num ambiente urbano neste país.

Cruzados com todos os outros sons, ouvem-se as línguas latinas, arábicas, “sâncritas”, “mandarinas” ou eslavas. A língua portuguesa é exprimida, também, com múltiplos sotaques. Além de se poder considerar a existência de um sotaque próprio no português ouvido em certos “bairros históricos” de Lisboa (Lindegaard, 2008), misturam-se no Martim Moniz, os sotaques angolano, moçambicano, guineense ou cabo-verdiano, brasileiro, chinês, indiano, bangladeshiano, paquistanês, romeno ou russo, sendo definida, assim, na confluência de todos estes sons, a “*soundscape*” (Schafer, [1977] 1993 e Fortuna, 1999b) particular do lugar do Martim Moniz.

Perpassam, igualmente, no espaço público, odores mais ou menos fortes de várias proveniências. Do “cheiro-da-roupa-lavada” (pendurada das janelas ou varandas em pequenos estendais), ao desagradável “cheiro-a-lixo” (em alguns cantos menos ventilados e salubres), ao “cheiro-a-caril” (isto é, à mistura de especiarias usadas na cozinha de origem indiana), ao “cheiro-a-sândalo” (dos incensos a queimar em algumas lojas), ao “cheiro-a-almíscar” (nos dias sagrados para os muçulmanos), todos contribuem para a definição da “*smellscape*” (Fortuna, 1999a) peculiar deste local.

O sujeito invisual, embora já pudesse ter ouvido a eufonia de línguas estrangeiras noutros locais deste país ou do resto do mundo, poderia deduzir que estaria na zona do Martim Moniz, porque será, possivelmente, o único lugar em Lisboa em que todos os elementos acima descritos concorrem num mesmo local.

A *migrantscape* é, no entanto, também *global*, porque tal como a pessoa privada do sentido da visão possa ter ouvido a mesma mistura nas línguas faladas ou a mesma combinação de cheiros acres e adocicados noutros sítios ou cidades do mundo, constitui, assim, prova de que esta categoria da “*townscape*” pode ser encontrada em muitas outras

paisagens urbanas, em locais maiores ou menores, metrópoles ou pequenas vilas, na globalidade do resto do mundo urbano.

É, simultaneamente, homogénea porque, assim como as “lojas dos chineses” podem parecer às pessoas autóctones todas idênticas, considera-se a opinião, que existe uma certa homogeneização nestas “migrantscapes” urbanas. Ou seja, esta categoria, não só é observável em muitas outras cidades e locais do mundo, mas também parece mostrar um tipo de homogeneidade na sua aparência, em que as mercearias paquistanesas, as lojas chinesas ou as lojas de vestuário de revenda, não só se aparentam, como são reconhecíveis na sua identidade figurativa e organizacional comum, quase como um “*franchising*” de uma marca comercial, quer estejam em Lisboa no Martim Moniz, quer em Londres em Shoreditch, ou em Nova Iorque em Queens.

É como se essa mistura, apesar de representar culturas e povos de várias nações, se pudesse constituir como uma paisagem de uma só substância, como se fosse um conjunto das representações, uma antologia (Ribeiro, 2002: 75) ou uma colagem (Rowe e Koetter, 1984), a “*migrantscape*” autóctone de um país imaginário.

Neste país imaginário de fantasia, nas suas metrópoles, cidades, vilas e aldeias, nas suas avenidas, estradas, ruas, nas suas praças e largos, nas suas esquinas, cantos e becos, ouvir-se-ia e sentir-se-ia uma babilónia de línguas e odores, nas fachadas dos seus edifícios estariam representados todas as épocas e estilos arquitetónicos, despontariam lado a lado, nos vãos das suas portas e janelas, os dragões, os balões de papel, os pórticos em tons dourados e vermelhos, a publicidade em todas as cores do arco-íris estaria escrita em caracteres mandarins, *farsis* ou *urdus*, cirílicos ou latinos, a bandeira nacional pendurada teria todas as cores de todas as bandeiras de todos os países do mundo, nas montras das suas lojas, estariam amontoados ou arrumados nas prateleiras de estantes metálicas, pacotes de idêntico tamanho em plástico transparente e brilhante embrulhando túnicas, calças largas ou lenços em fibra de seda, algodão ou poliéster com “cheiro-a-naftalina”, os tachos e panelas de alumínio brilhante indianos, os “*wok*” e recipientes orientais em bambu-claro para cozer a vapor o arroz ou os *dim-sum*, vasos altos em cerâmica azul e branca, pálidas reinterpretações de um suposto estilo *ming*, cinzeiros de todos os tamanhos e feitos em metal, vidro, madeira ou plástico, estatuetas luminosas de todos os deuses e santos de todas as religiões, malas, maletas e bolsas com apliques brilhantes, em escuro áspero veludo ou

em colorida suave napa, caixas, caixinhas e caixotes em madeira de pinho, ao natural ou envernizada, canetas, lápis e borrachas, brincos e colares de fantasia. Cada restaurante daquele país, seria, mais ou menos, exótico no seu tema étnico e culinária condizente, *pakora, wonton, solyanka, vatapá, tabouleh, keng massaman, schnitzel, muzongué, tortilla, teriyaki, ayam pelalah, rognons de boeuf, golubtsy*, seriam servidos aos clientes em cada um. Nos seus supermercados, igualmente “etno-temáticos”, poderiam ser encontrados, na secção da mercearia, *petha, baingan, adrak, chiku, uglis, aboirana, sorva, knolkol*; no talho, a carne *halal, kosher, kutha* ou *chatka* estaria em exposição; na prateleira frigorífica, para além do leite de vaca, ovelha, cabra ou búfalo, o *ghee, magerquark* ou *sahnequark, tvorog, biezpiens, paneer, curd, clabber, crème fraîche, toufu* ou o *sour cream*, estariam arrumados em pacotes cilíndricos ou retangulares. Era um país composto por todas as nacionalidades do mundo.

O lugar do Martim Moniz e a *migrantscape* sendo deste modo, ambos locais e heterogéneos, globais e homogéneos, constituem-se também, por conseguinte, numa relação dual entre a infirmação e confirmação das teses sobre “o fim do contexto local” e a “globalização”, respetivamente.

## Conclusões

No sentido de encontrar a resposta à questão inicial na qual a multiculturalidade, resultante da presença de grupos imigrantes na cidade, é vista como um possível fator acrescido na constituição, na formação e no desenvolvimento das paisagens urbanas e da imagem da cidade, observam-se alguns indicadores que atestam esta asserção. Através desta investigação de carácter teórico e empírico, em que se encontraram os elementos distintivos dessa multiculturalidade na paisagem urbana, é possível afirmar que os movimentos migratórios, para além de se configurarem como um dos maiores agentes para a mudança social, económica e espacial dos ambientes urbanos, são igualmente importantes para a configuração e transformação das paisagens urbanas e da imagem da cidade, constituindo assim uma *migrantscape* distinta. Esta, enquanto categoria da *townscape*, configura-se como o somatório e cruzamento dos elementos trazidos pelas novas

populações imigrantes, sobrepondo-se, imbricando-se e interligando-se, convivendo numa relação de conexão mútua com a paisagem urbana autóctone das cidades.

Em Lisboa, a zona do Martim Moniz, onde se concentra um número muito expressivo de residentes e trabalhadores imigrantes de origem estrangeira, é, atualmente, uma das zonas mais representativas desta *migrantscape* na cidade, devido, não só à copresença e convivência destes grupos naquele lugar, mas também à grande diversidade social, étnica, cultural e geracional por eles gerada.

Ao nível empírico, principiou-se por tentar compreender a configuração da paisagem urbana e a organização espacial e de usos daquela área, antes dos atuais grupos imigrantes ali se terem estabelecido. Ao longo de mais de oitocentos e cinquenta anos de ocupação urbana ininterrupta, em que passou de arrabalde semirrural da cidade murada no século XII, a um bairro denso e histórico do centro de Lisboa no século XXI, certas marcas estigmatizantes persistem associadas ao bairro da Mouraria. Estes sinais caracterizadores distintivos do bairro são apontados, não só pela população autóctone, mas também pela restante população da cidade. Com o objetivo de uma reabilitação urbana e de uma regeneração dos significados associados a aspetos negativos naquela zona, foi iniciado, em 2009, um Programa de Ação de responsabilidade municipal (no âmbito do QREN), que, justamente apostando na diversidade social, étnica, cultural e geracional presente na área, devido à comunidade imigrante que ali se estabeleceu comercial e residencialmente, visa reconverter os usos urbanos, tentando atrair mais investimentos para o aumento da exploração comercial, de lazer e turística, e uma revitalização social, ou seja, mais concretamente o rejuvenescimento da população do bairro, através de medidas urbanas e económicas que incentivem a vinda de famílias jovens, bem como a promoção das condições de vida dos residentes atuais, a fixação de outras atividades económicas e a visita de turistas nacionais e estrangeiros.

Esta transformação, com grande probabilidade de vir a ser concretizada, poderá ter efeitos perversos, como se verificou noutras experiências de renovação e revitalização de tecidos antigos, gerando uma gradual “*gentrification*” da população nacional e imigrante mais empobrecidas, afastadas por processos de especulação imobiliária desencadeados pela intervenção, assim como um crescimento de sentimentos e opiniões de carácter xenófobo em relação às populações imigrantes. Poder-se-á agravar, com efeito, o atual convívio marcado

por algumas tensões, observado entre as populações originais autóctones e as recentes alóctones, com fenómenos de exclusão social, associados aos processos de especulação urbana.

Em relação aos elementos morfológicos, sociais e simbólicos, resultantes da presença de grupos imigrantes, que configuram a imagem e paisagem urbana da zona em estudo, foram considerados dois pontos de vista na conceção da *migrantscape*. Um, mais objetivo, que tem sido explorado por autores como Cullen ([1961] 2008), Kruse (2004a, 2004b, 2009), Malheiros (2008), Menezes (2004, 2009), em que se consideraram os “elementos fixos”, tais como os elementos arquitetónicos originários dos países ou lugares de proveniência dos grupos imigrantes, nomeadamente, os locais de cultos religiosos por eles frequentados, a organização interna das habitações, pátios, janelas, varandas, jardins, assim como a presença de elementos decorativos, informativos ou publicitários, tais como dragões, balões de papel, pórticos em tons dourados e vermelhos, bandeiras de diversas nações, anúncios ou divulgação de serviços em variadas línguas, publicidade nas fachadas pintada à mão ou nas línguas originais, etc. Estes últimos elementos decorativos foram, principalmente, observados nos múltiplos estabelecimentos comerciais explorados por empresários imigrantes na zona em estudo.

No outro ponto de vista, mais subjetivo, foram ponderados os “elementos móveis” referidos por Appadurai (1996), Malheiros (2008), Menezes (2004, 2009), Park e Burgess ([1925] 1967), Ribeiro (1968) e Smith (2002), em que se integram as variadas formas de vestuário usadas por alguns dos indivíduos imigrantes naquela zona da cidade, os odores e os paladares das diversas comidas tradicionais de diferentes regiões do mundo que se podem sentir pelas suas ruas e becos, as múltiplas sonoridades de línguas estrangeiras ou sotaques de todas as partes do mundo, a música e as diversas formas de expressão artística e cultural trazidas pelos imigrantes, as novas convivências e as interações sociais entre os grupos imigrantes e as populações nacionais, ou seja, as “*smellscapes*”, “*soundscape*” e “paisagens culturais” imigrantes, assinaladas por Fortuna (1999a, 1999b), Porteous (1985) e Schafer ([1977] 1993). Do ponto de vista simbólico, foi identificada uma alteração na nomeação daquela área da cidade, passando a ser mais referida pelos habitantes da cidade de Lisboa, visitantes e população alóctone do bairro, como Martim Moniz em vez de Mouraria, estando esse facto associado à alteração dos significados atribuídos à zona.

Embora não seja, aqui, o lugar para aprofundar a percepção por parte da população nacional face a esta mutação na paisagem urbana daquele bairro, e de que modo se processa a convivência e a interação entre as populações autóctones e alóctones, refira-se, sucintamente, que as entrevistas exploratórias e as em profundidade realizadas permitiram ressaltar alguns ressentimentos e/ou sentimentos menos positivos, tendo sido apontados como elementos mais perturbantes neste convívio, certos hábitos culturais, tais como o uso de véu pelas senhoras muçulmanas ou alguns elementos olfativos considerados como desagradáveis, particularmente o forte cheiro a especiarias culinárias, vulgo “caril”.

Penso que esta investigação poderá ser uma contribuição para o debate da importância dos movimentos migratórios para o desenvolvimento social, económico e espacial das cidades, pois, através de uma abordagem urbana e arquitetónica ao tema, o contributo será certamente útil, pois estes processos desenrolam-se, justamente, em ambiente urbano. Nesta análise encontrou-se mais um ponto de vista, o da paisagem urbana, interessante pela sua grande diversidade e riqueza de matizes que a configuram.

### **Referências bibliográficas**

- APPADURAI, A. (1996), *Dimensões Culturais da Globalização*, Lisboa, Teorema.
- CANTER, D. (1977), *The psychology of Place*, London, Architectural Press.
- COSTA, A. F. D. (2002), “Identidades Culturais urbanas em época de Globalização”, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17, 48, 15-30.
- CULLEN, G. ([1961] 2008), *A Paisagem Urbana*, Lisboa, Edições 70.
- FERREIRA, F. C.; J. S. CARVALHO [et al.] (1987), *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa*, Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses.
- FONSECA, M. L. (2008a), “Imigração, diversidade e novas paisagens étnicas e culturais”, in *Portugal: percursos de interculturalidade, II Contextos e Dinâmicas*, 49-96.
- FORTUNA, C. (1999a), “Paisagens Olfactivas: a construção da cidade *trompe-nez*”, in C. Fortuna, *Identidades, Percursos e Paisagens Culturais: Estudos sociológicos de Cultura Urbana*, Oeiras, Celta, pp. 93-102.

- (1999b), “Paisagens Sonoras: sonoridades e ambientes sociais urbanos”, in C. Fortuna, *Identidades, Percursos e Paisagens Culturais: Estudos sociológicos de Cultura Urbana*, Oeiras, Celta, pp. 103-117.
- GEHL, J. (2010), *Cities for People*, Washington, Island Press.
- (2011), *Life Between Buildings: Using Public Space*, Washington, Island Press.
- GOITIA, F. C. ([1982] 2010), *Breve História do Urbanismo*, Lisboa, Editorial Presença.
- GOTTDIENER, M. (1994), *The New Urban Sociology*, New York, McGrawHill.
- GUERRA, I. (2008), “A cidade multicultural e multiétnica: gestão da diversidade e procura da democracia”, in *Portugal: percursos de interculturalidade, II Contextos e Dinâmicas*, 97-118.
- HALL, E. T. ([1966] 1986), *A Dimensão Oculta*, Lisboa, Relógio d'Água.
- HIRSCH, E. (1995), “Introduction: Landscape: between place and space”, in E. Hirsch & M. O'Hanlon, *The anthropology of landscape: perspectives on place and space*, Oxford, Clarendon Press, pp. 1-30.
- KRASE, J. (2004a), “Seeing Community in a Multicultural Society: Theory and Practice”, in M. Mesia, *Perspectives of Multiculturalism – Western and Transitional Countries*, Zagreb, Faculdade de Filosofia da Universidade de Zagreb, Croácia para a Comissão da UNESCO, pp. 151-177.
- (2004b), “Navigating Ethnic Vernacular Landscapes”. [Consult.a 2 de Junho de 2011]. Disponível em:  
[http://www.brooklynso.org/docs/Krase\\_NavigatingEthnicVernacularLandscapes.pdf](http://www.brooklynso.org/docs/Krase_NavigatingEthnicVernacularLandscapes.pdf).
- (2009), “A Visual Approach to Multiculturalism”, in G. B. Prato, *Beyond Multiculturalism: Views from Anthropology*, Surrey, Ashgate Publishing Limited, pp. 21-38.
- LEFEBVRE, H. ([1974] 1991), *The Production of Space*, Oxford, Blackwell Publishing.
- LINDEGAARD, V. M. L. (2008), “Português de Lisboa: ao que isto chegou...”. [Consult. a 27 de Setembro de 2011]. Disponível em:  
<http://lindgaard.blogspot.com/2008/02/portugus-da-lisboa-ao-que-isto-chegou.html>.
- LOW, S. M.; LAWRENCE-ZÚÑIGA, D. (2003), “Locating Culture”, in S. M. Low & D. Lawrence-Zúñiga, *The anthropology of space and place: locating culture*, Malden USA, Oxford UK, Victoria Australia, Blackwell Publications, pp. 1-47.
- LYNCH, K. ([1960] 1996), *A Imagem da Cidade*, Lisboa, Edições 70.
- MALHEIROS, J. (2008), “Comunidades de origem indiana na Área Metropolitana de Lisboa – iniciativas empresariais e estratégias sociais criativas na cidade”, in *Revista Migrações*, Número Temático Empreendedorismo Imigrante, 3, 139-164.

- MENEZES, M. (2004), *Mouraria, retalhos de um imaginário*, Oeiras, Celta Editora.
- (2009), “A Praça do Martim Moniz: Etnografando Lógicas Socioculturais de Inscrição da Praça no Mapa Social de Lisboa”, in *Horizontes Antropológicos*, 15, 32, 301-328.
- PARK, R. E.; E. W. BURGESS ([1925] 1967), *The City*, Chicago, University of Chicago Press.
- PIAGET, J. ([1947] 2004), *The Psychology of Intelligence*, London, New York, Routledge.
- PORTEOUS, D. (1985), “Smellscape”, in *Progress in Physical Geography*, 9, 3, 356-378.
- PÚBLICO. (2011), Guia do Lazer, [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-08-15 no endereço <http://lazer.publico.pt/default.asp?id=39>.
- QUIVY, R.; L. V. CAMPENHOUDT (1998), *Manual de investigação em ciências sociais*, Lisboa, Gradiva.
- RIBEIRO, A. P. (2002), “Cidade e Política Cultural”, in *Seminário de Arquitectura Prototipo '01 Cidade em Performance*, D. S. Lopes e P. S. Lopes, Porto, Assírio e Alvim Editores, III, 74-76.
- RIBEIRO, O. (1968), *Mediterrâneo: Ambiente e Tradição*, Lisboa, FCG – Fundação Calouste Gulbenkian.
- RIO, V. D. (2003), “Construindo o nosso lugar - intersecções entre o mundo interior e o ambiente”, in *Cadernos do ProArq*, 7, 7, 3-18.
- RODMAN, M. (1992), “Empowering Place: Multilocality and Multivocality”, in *American Anthropologist*, 94, 640-656.
- ROSEMAN, C.; LAUX, H. D. [et al.] (1996), “Introduction”, in C. Roseman, H. D. Laux & G. Thieme, *Ethnicity: Geographic Perspectives on Ethnic Change in Modern Cities*, Lanham, London, Rowman & Littlefield Publishers, Inc., vii - xxviii.
- ROWE, C.; KOETTER, F. (1984), *Collage City*, Cambridge, Londres, The MIT Press.
- SCHAFFER, R. M. ([1977] 1993), *The soundscape: our sonic environment and the tuning of the world*, USA, Destiny Books.
- SCHETTER, C. (2005), “Ethnoscapes, National Territorialisation, and the Afghan War”, in *Geopolitics*, 10, 1, 50-75.
- SMITH, A. D. ([1988] 2002), *The Ethnic origins of nations*, Oxford UK, Basil Blackwell.
- TIRYAKIAN, E. A. (2003), “Assessing Multiculturalism Theoretically: E Pluribus Unum, Sic et Non”, in *International Journal on Multicultural Societies – UNESCO*, 5, 1, 20-39.
- ZUKIN, S. (1996), “Space and Symbols in an Age of Decline”, in A. D. King, *Re-presenting the City*, London, MacMillan, pp. 43-59.

## ABSTRACT/RÉSUMÉ/RESUMEN

### Abstract

*Space is the Place: The Martim Moniz in Lisbon's Migrantscape*

Martim Moniz is currently one of Lisbon's zones defined by its social, ethnic, cultural and population diversity, supporting an expressive number of residents and works of foreign origin.

The migration movements are an important element in the development and transformation of specific urban areas as a relevant agent of social, economical and spatial change. This analysis will attempt to showcase the affectation of such change in the urban landscape – permanent and transient – and in the image of the city. The Martim Moniz area, emerge as a visible stage of Lisbon's “*migrantscape*”.

Keywords: Immigration; Martim Moniz; *Migrantscape*; Townscape.

### Résumé

*L'espace est le lieu: Le Moniz Martim à Lisbonne Migrantscape*

Martim Moniz est actuellement unes des zones de ville de Lisbonne marquée par la diversité social, ethnique, culturel et de génération, une fois qu'ici on trouve un numéro expressif de résidents et immigrants d'origine étrangère. Les mouvements migratoires constituent un trace remarquable au niveau du développement et transformation urbaines dans quelques zones de la ville de Lisbonne, et donc un des plus importants agents pour le changement sociale, économique et espaciale. Cette analyse prétende démontrer que ces changements s'étendent également au paysage urbain (physique et mobile) et à l'image de la ville. La zone du Martim Moniz, emerge comme un des plateaux de la vibrante "*migrantscape*" à la ville de Lisbonne.

Mots-clés: Immigration; Martim Moniz; *Migrantscape*; Townscape.

### Resumen

*El espacio es el lugar: El Martín Moniz en la Migrantscape de Lisboa*

Martim Moniz es actualmente una de las zonas de la ciudad de Lisboa marcadas por la diversidad social, étnica, cultural y generacional, ya que aquí se concentra un número significativo de residentes y trabajadores inmigrantes de origen extranjero. Los movimientos migratorios

constituyen un factor muy importante en el crecimiento urbano y en la transformación urbana. Se configura así como uno de los mayores agentes de cambio social, económico y espacial. Este análisis pretende demostrar que esas alteraciones se extienden igualmente al paisaje urbano (físico y móvil) y a la imagen de la ciudad. La zona de Martim Moniz emerge como uno de los escenarios, quizás el más visible, del vibrante *migrantscape* en la ciudad de Lisboa.

Palabras-clave: Inmigración; Martim Moniz; *Migrantscape*; Multiculturalismo; Paisaje urbano.

## Desigualdades de desempenho escolar: etnicidade, género e condição social em escolas básicas da Área Metropolitana de Lisboa

Teresa Seabra<sup>1</sup>

*Instituto Universitário de Lisboa*

**Resumo:** O artigo explora a relação entre resultados escolares dos alunos descendentes de imigrantes e um conjunto diversificado de variáveis de caracterização dos alunos e das famílias em que se inserem (sexo, origem nacional, escolaridade e classe social dos progenitores), considerando cada uma *per si* ou diversas em simultâneo. O referencial empírico que se convoca para a análise reporta-se a resultados obtidos em duas investigações realizadas na Área Metropolitana de Lisboa: a trajectória escolar de 837 alunos do 5º e 6º anos e os resultados obtidos por 45093 alunos nas provas de aferição do 4º e 6º anos em 2009. Dos resultados salienta-se a persistência de desigualdades escolares que remetem para a etnicidade, apesar de estas se atenuarem quando todos os alunos partilham de semelhantes condições sociais, em especial se estas são desfavorecidas.

**Palavras-chave:** Desempenho escolar; Imigração; Desigualdades sociais.

---

<sup>1</sup> Socióloga, Professora Auxiliar do Departamento de Sociologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e investigadora do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL) (Lisboa, Portugal).  
*E-mail:* teresa.seabra@iscte.pt

As desigualdades relativas à etnicidade, assim como as relacionadas com o género, enquadram-se no estudo mais recente das desigualdades sociais (e escolares) e, por isso, são frequentemente designadas como fazendo parte das “novas desigualdades”. Serão os alunos sancionados por fazerem parte de famílias com origem em países diferentes do país em que se encontram? Será a etnicidade uma variável estruturadora da desigualdade de resultados escolares ou ficará subsumida quando consideramos desigualdades de outra ordem como a classe social ou o género?

Sabe-se que o êxito escolar é maior no caso das raparigas, que este varia na razão directa do estatuto socioeconómico da família dos alunos e que, com algumas excepções, os alunos descendentes de imigrantes conhecem menos o sucesso escolar que os seus pares autóctones. Portugal dispõe de informação estatística sobre os resultados escolares dos alunos do ensino básico segundo o sexo do aluno, e de alguns dados relativos à variação destes segundo a profissão e a escolaridade dos progenitores ou as origens culturais/nacionalidades. Porém, desconhece-se, em absoluto, no contexto nacional, o efeito cruzado destas variáveis no desempenho escolar dos alunos.

A questão que se coloca é a de sabermos se os descendentes de imigrantes que frequentam o nosso sistema de ensino têm ou não resultados escolares semelhantes aos dos alunos autóctones, quando todos partilham a mesma condição de classe e escolaridade dos pais. Quanto à diferenciação de género, será que a supremacia generalizada das raparigas nas trajetórias escolares com sucesso é afectada por condições particulares relacionadas com a etnicidade?

A investigação desenvolvida no sentido de averiguar estes efeitos simultâneos em países com maior tradição imigratória que o nosso (Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, França...) tem assinalado, ora o total esbatimento das diferenças entre descendentes de imigrantes e autóctones, ora a sua aproximação com permanência de diferenças significativas (para alunos de certas origens nacionais manter-se-ão as vantagens e para outros as desvantagens).

## **1. Revisão da literatura**

Moudon (1984), a partir das estatísticas do sistema de ensino francês, constata que ser filho de imigrante pode ser benéfico do ponto de vista dos resultados escolares: “o estudo do desenvolvimento da escolaridade no primeiro e segundo ciclos [1º ao 12º

ano] mostra que a percentagem de alunos que prosseguem até ao terminal é mais elevado para os alunos estrangeiros nascidos em França do que para os Franceses pertencendo às mesmas categorias sociais.” (p. 12). Nos Estados Unidos, Kao e Tienda (1995) também constataram existir esta supremacia dos filhos dos imigrantes, na medida em que, quando se controlavam as características socio-económicas, atingiam maior graduação em provas de Matemática e de Leitura.

No entanto, a grande maioria dos trabalhos detecta uma igualdade de desempenho quando se controla a condição social das famílias ou identifica essa superioridade de resultados apenas nos casos das condições sociais mais desfavorecidas: a pesquisa de Boulot e Boyzon-Fradet (1988) detecta uma igualdade na situação escolar dos alunos estrangeiros e na dos outros estudantes quando se mantém constante a condição operária das famílias ou o número de crianças na família; o estudo de Vallet e Caille (1996), bastante exaustivo do ponto de vista das variáveis que integra e do controlo das mesmas, reforça a ideia de que a trajetória escolar dos alunos estrangeiros nascidos em França é muito parecida com a dos franceses do mesmo nível social. Como explicam Vallet e Caille:

“Os filhos dos imigrantes têm mais frequentemente uma escolaridade difícil na escola elementar; entre os que têm quatro atributos estrangeiros, é a reprovação a situação mais frequente. A distância deve-se muito a um forte efeito da estrutura ligada, sobretudo, às diferentes posições sociais das famílias, do nível de educação dos pais e do número de filhos. Com efeito, desde que a análise estatística considere estas diferenças e que raciocinemos assim para situação social e familiar idêntica, nem a nacionalidade estrangeira, nem o tempo de permanência em França dos pais, nem a utilização familiar de uma outra língua que não o francês constituem em si mesmos factores que tenham contrariado o bom desenvolvimento da escolaridade elementar. (...) O estudo dos desempenhos em provas nacionais de avaliação na entrada no 6º ano faz aparecer uma ligeira inferioridade em francês em relação aos seus condiscípulos franceses, mas só para a população dos rapazes. Em contrapartida, qualquer que seja o sexo, não há distâncias nos desempenhos a matemática.” (2000: 295-6).

O relatório da OECD (2006) evidencia que, quando é controlada a escolaridade dos pais e o seu estatuto profissional, as diferenças entre os resultados nas provas de

avaliação da literacia Matemática dos alunos imigrantes (1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> geração) e dos alunos nativos<sup>2</sup> não desaparecem, mas reduzem-se significativamente em todos os países do estudo. Em alguns países, a mudança ocorrida com o facto de se ter controlado o efeito das condições sociais nos resultados é mais expressiva: i) na Austrália o desempenho dos imigrantes passa de negativo a positivo (a diferença entre os estudantes continua a não ser estatisticamente significativa); ii) nos Estados Unidos a diferença de desempenho desaparece no caso dos descendentes de 2<sup>a</sup> geração; iii) na Suécia deixou de ser estatisticamente significativa a diferença entre os resultados; iv) e no Canadá, onde a diferença de resultados já era favorável aos filhos de imigrantes de 2<sup>a</sup> geração, essa diferença passou a ser estatisticamente significativa.

Uma pesquisa publicada em Inglaterra, por Demack, Drew e Grimsley (2000), acrescenta consistência a estas conclusões, uma vez que faz o controlo progressivo das diferentes variáveis em presença. Concluem os autores que: i) as maiores diferenças nos resultados estão na classe social e na etnicidade e muito menos no género; ii) tendo em conta apenas os factores relacionados com a etnicidade, os melhores resultados são os dos jovens de origem chinesa, depois os de origem indiana, seguidos de muito perto pelos *brancos*, e no final, quase coincidentes temos os jovens oriundos do Paquistão e do Bangladesh e os negros, com o pior desempenho; iii) quando se controla o efeito da classe social, é nos grupos sociais menos favorecidos que os efeitos se fazem sentir: enquanto nas classes “não manuais” a hierarquia e a distância relativa se mantêm, nas classes “manuais”, apesar de se manter a hierarquia entre os grupos, as distâncias entre estes reduzem-se muito, com os brancos, os negros e os oriundos do Bangladesh quase a coincidirem e ainda mais intenso é o efeito no caso dos “desqualificados e sem classe”, uma vez que todos coincidem no desempenho e apenas os negros ficam ligeiramente abaixo; iv) os resultados dos alunos negros parecem menos afectados pela condição de classe.

A centralidade das classes sociais na configuração dos resultados escolares persiste, mas é interessante constatar que esta diferenciação não submerge as variáveis relacionadas com a etnicidade. Para além do estudo de Demack, Drew e Grimsley,

---

<sup>2</sup> Foram considerados como *imigrantes de primeira geração* os estudantes que nasceram fora do país onde estudam e cujos pais também nasceram fora do país; *imigrantes de segunda geração* são os que já nasceram no país onde estudam mas cujos pais nasceram num país diferente e *nativos* os estudantes que tenham nascido no país e tenham pelo menos um dos pais nascidos também nesse país.

acabado de referir, também os resultados das pesquisas conduzidas pelos norte-americanos Hirschman e Fálcon (1985)<sup>3</sup> e Portes e MacLeod (1996 e 1999) coincidem quanto à persistência dos efeitos da etnicidade no desempenho escolar, ou seja, defendem que a etnicidade também tem algum poder na estruturação das trajectórias escolares.

Hirschman e Fálcon detectaram que as diferenças educacionais entre grupos são atribuíveis, sobretudo, ao nível de escolaridade dos pais, particularmente das mães, e às características profissionais dos pais, mas que, mesmo controlando estas variáveis, há grupos que se distinguem pela positiva (asiáticos) e outros pela negativa (mexicanos), relativamente às habilitações literárias atingidas. Portes e Macleod também verificaram que “o handicap inicial ou a vantagem associada a específicas origens nacionais não desaparece depois de estatisticamente serem removidos os efeitos do capital humano e do capital social” (1999: 391) e que “a origem nacional desempenha um significativo papel independente. (...) A relativa vantagem ou desvantagem associada a comunidades imigrantes específicas não só permanece depois de se ter controlado o estatuto socio-económico familiar mas também interage de forma inesperada com os contextos escolares experienciados pelas crianças de segunda geração.” (1996: 270)

Outra indicação importante que a investigação nos tem dado é a de existir uma superioridade no desempenho escolar dos jovens de “segunda geração”, tanto em relação à primeira, como às que lhe são subsequentes. Smith e Tomlinson (1989) verificaram que esta geração fazia melhor que a primeira especialmente nos testes de língua. Moudon (1984) reúne dados que salientam, precisamente, a desvantagem de não se ter nascido no país de acolhimento: se em média 15% dos alunos de origem francesa filhos de operários entrados no *bème* (nosso 6º ano) chegam ao *terminal* (nosso 12º ano), esse é o caso para 18% dos filhos dos estrangeiros nascidos em França enquanto que só é verdade para 13% dos filhos de estrangeiros nascidos no estrangeiro. Vallet e Caille (2000) também verificaram o efeito negativo da migração do próprio aluno: os nascidos no estrangeiro e sobretudo os que passaram mais de 2 anos escolares fora de França reprovam com mais frequência. São penalizados sobretudo nos testes de língua, mas deixa de haver diferença significativa quando a família reside em França pelo menos há 5 anos e para aqueles em que pelo menos um dos pais viveu sempre em

---

<sup>3</sup> Referido em Portes (1999).

França. Um relatório europeu publicado em 2004 (EUMC) também conclui que a “segunda geração” de imigrantes, na maior parte dos casos, faz melhor do que os seus pais.

A vantagem parece ainda maior quando se está inserido nas condições sociais mais adversas, caso de alguns grupos que vivem nos Estados Unidos (haitianos e mexicanos), cujos resultados deixam de ser muito piores do que a média (Portes e MacLeod, 1996: 270) ou quando se comparam com outros filhos de operários: “Para os filhos de operários não qualificados, 23% dos estrangeiros que não nasceram em França chegam ao *collège* em idade normal, 51% para os que nasceram em França” (Cacouault e OEuvrard, 2003: 45). Assim, será desvantajosa para o êxito escolar a chegada recente ao país de acolhimento. Laurens sintetiza bem as conclusões a que se tem chegado: “É melhor que o aluno tenha nascido em França, (...) [m]as é preciso que a imigração não seja muito recente de modo a que os pais tenham tido tempo de acumular suficiente estabilidade, e também de aprender a língua, a fim de poderem ajudar as crianças no trabalho escolar.” (1992: 217).

Alguns estudos realizados nos Estados Unidos apontam para a hipótese de o prolongamento da estadia não se traduzir, necessariamente, numa vantagem para o desempenho escolar: Kao e Tienda (1995), tendo por base um inquérito realizado a nível nacional em 1988, detectam que, mesmo em grupos com tradicional sucesso escolar, como é o caso dos asiáticos, se verifica um ligeiro abaixamento dos resultados, deixando de ser superior aos dos nativos brancos, a partir da segunda geração; explicam o excepcional êxito desta geração com base no melhor conhecimento do inglês (em relação aos seus pares nascidos no estrangeiro) e no facto de acumularem essa maior competência com outro benefício: o optimismo dos pais (e respectivo investimento). Também numa pesquisa realizada junto de estudantes filhos de imigrantes a residirem nos estados da Califórnia e da Florida, foi possível detetar que “a duração de residência nos Estados Unidos reduzia as classificações no final da adolescência, indicando uma tendência para o baixo rendimento dos jovens mais assimilados” (em Portes e Hao, 2005: 15-16).<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Os dados são do CILS, estudo que abrangeu 5.266 filhos de imigrantes: alunos que no ano de 1992-93 estavam no 8º e 9º anos e que 3 anos mais tarde foram de novo contactados (83% da amostra original). Estes dados deste inquérito longitudinal deram origem a várias publicações: Portes e MacLeod (1996); Portes e Rumbaut (2001) e Portes e Hao (2005).

Quanto à diferenciação de género, dispomos de reduzida informação, pois poucas pesquisas têm tratado de forma sistemática a questão e sobressai a falta de coincidência nas conclusões das mesmas.

No contexto da sociedade francesa, temos conclusões contraditórias: Tribalat (1995) conclui, contrariamente à tendência geral, ser mau o desempenho escolar das raparigas de origem imigrante (em especial das de origem portuguesa), com a única excepção das raparigas espanholas que obtêm melhores resultados que os seus pares masculinos; por sua vez, o estudo de Vallet e Caille (1996) conclui pelos melhores resultados das raparigas relativamente aos rapazes, incluindo o caso das raparigas de origem argelina,<sup>5</sup> com destaque para o *collège*, onde o distanciamento pela positiva se faz por parte dos descendentes de imigrantes, como vimos, *especialmente no caso das raparigas*; Hassini (1997) verifica entre as famílias operárias diferenças relacionadas com o género mas que, neste caso, dão a supremacia às filhas de imigrantes e aos rapazes autóctones.<sup>6</sup>

Na sociedade inglesa, Foster, Gomm e Hammersley (1996) revelam existir um avanço das raparigas, mesmo em áreas como a Matemática e as Ciências, apenas com a excepção das estudantes com origem no Bangladesh. O relatório do OFSED (1997)<sup>7</sup> restringe a superioridade nos resultados das raparigas aos alunos *brancos*, enquanto no estudo de Demack, Drew e Grimsley (2000) foi evidente essa supremacia na conclusão do ensino secundário, para todos os grupos étnicos. A esta última conclusão também chegou o relatório da União Europeia (Eumc, 2004).

## **2. Desempenho de alunos do ensino básico (1º e 2º ciclos): resultados de duas pesquisas**

O referencial empírico que se convoca para a análise reporta-se a resultados obtidos em duas investigações recentemente conduzidas no quadro do CIES, que, sendo

---

<sup>5</sup> Gibert (1989) também detectou um melhor desempenho nas raparigas transversal aos autóctones e aos estrangeiros mas assinalou ser mais marcante a diferença no caso dos primeiros e mais ténue para os alunos magrebins (p.131-2).

<sup>6</sup> Do 6º ao 9º ano de escolaridade, Hassini verifica que não sofreram reprovação 65% das filhas de imigrantes, 57% dos rapazes autóctones, 53% das raparigas autóctones e 49% dos rapazes filhos de imigrantes. O autor realizou um inquérito a 784 alunos da região de Nantes, sendo 24% de origem magrebina, 8% com outras origens e 68% autóctones.

<sup>7</sup> Referido em Demack, Drew e Grimsley (2000:118).

temporal e significativamente diferenciadas, partilham do mesmo tipo de preocupações e dão indicações igualmente válidas para os objectivos em presença.<sup>8</sup>

Estas pesquisas compararam os resultados dos alunos do ensino básico residentes na Área Metropolitana de Lisboa (AML) confrontando os alunos de origem imigrante com os seus colegas autóctones. Na primeira foi realizado um inquérito por questionário a alunos de Lisboa e de Loures (IALL), cuja aplicação decorreu entre março e abril de 2003, e na segunda procedeu-se à análise dos resultados nas Provas de Aferição (PA) do 4º e 6º ano de escolaridade, realizadas no final do ano lectivo de 2008/09.

Para o IALL foram seleccionadas escolas com significativa presença de alunos de origem cabo-verdiana e/ou indiana, tendo sido contemplados 837 alunos do 5º e 6º ano distribuídos por 8 escolas básicas de 2º e 3º ciclos, sendo descendentes de imigrantes 44% dos alunos. Esta amostra intencional procurou diversificar, simultaneamente, a origem nacional dos alunos e a condição social das suas famílias, por forma a tornar possível a análise pretendida. A sua construção foi baseada na informação de alguns agentes relacionados com as comunidades de origem cabo-verdiana e indiana e socorremo-nos da técnica *snowball*.

Na análise dos resultados obtidos nas PA foram considerados os resultados obtidos por 45093 alunos, distribuídos de forma quase equitativa pelos 4º e 6º anos de escolaridade, tendo origem imigrante 20% destes alunos. A informação foi resultante da junção de duas bases pré-existentes realizada pelo Ministério da Educação, a pedido da equipa de investigação: a do Gabinete de Avaliação Educacional (GAVE), com os resultados das provas e a do Gabinete Coordenador do Sistema de Informação (MISI), com o perfil social dos alunos.

Para efeitos da análise, foi considerada a diversidade de condições socioculturais dos alunos, especificamente a condição de género e as condições familiares no tocante à escolaridade atingida, à classe social e à origem nacional e contemplados os percursos escolares dos mesmos: no IALL foi considerado o número de reprovações ocorridas ao longo da trajetória – sucesso escolar foi entendido como inexistência de reprovações - e nas PA foi considerada a classificação obtida que varia entre A e E, correspondentes, respectivamente, a 5 pontos e a 1 ponto.

---

<sup>8</sup> Ambas financiadas pela FCT: POCTI/SOC/38835/2001 e FSE/CED/83589/2008.

## 2.1 Resultados considerando as variáveis separadamente

Os resultados obtidos pelo IALL permitiram corroborar, uma vez mais, o sentido da variação dos resultados em função do sexo do aluno, da classe social<sup>9</sup> e da escolaridade da família em que se insere: as raparigas conhecem menos a repropoção, a escolaridade da mãe constitui a variável mais diferenciadora dos resultados obtidos pelos alunos, seguida da condição de classe da família. No que se refere às origens nacionais, verificou-se que os alunos de origem cabo-verdiana têm uma trajetória escolar bastante penalizada pela repropoção e os alunos de origem indiana obtêm mais êxito escolar que os alunos autóctones (quadro 1).

**Quadro 1 – Alunos sem repropoção, segundo sexo, condição social e origem nacional**

		(%)	Δ%
<b>Sexo</b>	Raparigas	66.2	9.0 (+)
	Rapazes	57.2	
<b>Escolaridade mãe</b>	Secundário./Licenciatura	81.6	32.6 (+)
	1º ciclo EB	49.0	
<b>Classe social</b>	Classes Médias/Altas	75.2	20.3 (+)
	Classes Populares	54.9	
<b>Origem nacional</b>	Origem cabo-verdiana	43.6	29.8 (-)
	Origem indiana	73.4	11.7 (+)
	Autóctones	61.7	

<sup>9</sup> A tipologia de classes utilizada é a desenvolvida por João Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado (ACM) e resulta da prévia classificação da categoria socioprofissional do pai e da mãe (profissão e situação na profissão). Neste caso, aplicou-se o procedimento de Costa (1999). Foram agrupadas nas Classes médias/altas as seguintes categorias: Empresários, Dirigentes e profissionais Liberais (EDL); Profissionais Técnicos de Enquadramento (PTE) e Trabalhadores Independentes (TI); Nas classes populares foram incluídos os Empregados Executantes (EE), os Assalariados Executantes pluriactivos (AEpl) e o Operariado industrial (OI).

Quando passamos para um universo muito mais amplo e consideramos exclusivamente a média de classificações obtida por cada grupo de alunos, em provas nacionais estandardizadas, num determinado ano lectivo (quadros 2 e 3), verificamos alguma constância nas conclusões: a diferenciação de género é a menos expressiva na discriminação dos resultados obtidos; a escolaridade da mãe assume lugar de destaque na diferenciação dos resultados, atingindo o seu potencial máximo no caso das classificações a Matemática dos alunos descendentes de imigrantes.

Na comparação entre os resultados obtidos no 4º e no 6º anos de escolaridade verificamos que, neste último ano, o valor médio dos resultados foi inferior, especialmente no caso da Matemática. Se consideramos a diferenciação de género, constatamos que esta se atenua do 4º para o 6º ano no caso da Matemática e aumenta no caso do Português.

**Quadro 2 – Classificação média obtida nas Provas de Aferição de Português (2009)**

		4º ano				6º ano			
		Autóctones		Desc. imig.		Autóctones		Desc. imig.	
		média	$\Delta$	média	$\Delta$	média	$\Delta$	média	$\Delta$
Sexo	Masculino	3,24	<b>0,18</b>	3,00	<b>0,16</b>	3,16	<b>0,27</b>	2,83	<b>0,28</b>
	Feminino	3,42		3,16		3,43		3,11	
Classe Social	Classes Médias/Altas	3,54	<b>0,30</b>	3,38	<b>0,35</b>	3,53	<b>0,37</b>	3,28	<b>0,39</b>
	Classes gg Populares	3,24		3,03		3,16		2,89	
Escol. mãe	Ensino Superior	3,72	<b>0,61</b>	3,63	<b>0,69</b>	3,80	<b>0,76</b>	3,58	<b>0,79</b>
	1.º/2.º.C.EB	3,11		2,94		3,04		2,79	
Escol. pai	Ensino Superior	3,75	<b>0,58</b>	3,52	<b>0,57</b>	3,86	<b>0,76</b>	3,50	<b>0,69</b>
	1.º/2.º.C.EB	3,17		2,95		3,10		2,81	

**Quadro 3 – Classificação média obtida nas Provas de Aferição de Matemática (2009)**

		4º ano				6º ano			
		Autóctones		Desc. imig.		Autóctones		Desc. imig.	
		média	$\Delta$	média	$\Delta$	média	$\Delta$	média	$\Delta$
Sexo	Masculino	3,41	<b>0,16</b>	3,08	<b>0,11</b>	3,01	<b>0,05</b>	2,62	<b>0,09</b>
	Feminino	3,25		2,97		3,06		2,71	
Classe Social	Classes Médias/Altas	3,59	<b>0,38</b>	3,36	<b>0,39</b>	3,32	<b>0,45</b>	3,07	<b>0,50</b>
	Classes Populares	3,21		2,97		2,87		2,57	
Escol. mãe	Ens. Superior	3,88	<b>0,81</b>	3,69	<b>0,83</b>	3,65	<b>0,90</b>	3,46	<b>0,99</b>
	1.º/2.º C.EB	3,07		2,86		2,75		2,47	
Escol. pai	Ens. Superior	3,92	<b>0,78</b>	3,52	<b>0,65</b>	3,70	<b>0,88</b>	3,36	<b>0,84</b>
	1.º/2.º C.EB	3,14		2,87		2,82		2,52	

No caso destas provas nacionais, os alunos descendentes de imigrantes obtêm uma média de classificações sempre inferior à dos alunos autóctones, qualquer que seja a disciplina, o ano de escolaridade ou a origem nacional específica, e a diferença entre os dois grupos aumenta do 4º para o 6º ano (quadro 4). Podemos, ainda, constatar que: i) ter membros da família nascidos em Portugal parece ser vantajoso para o desempenho nas provas e ii) os alunos com origem moçambicana<sup>10</sup> ou brasileira são os obtêm classificações mais similares às dos seus colegas autóctones e, em situação inversa, se encontram os alunos que têm origem cabo-verdiana ou santomense (gráfico 1).

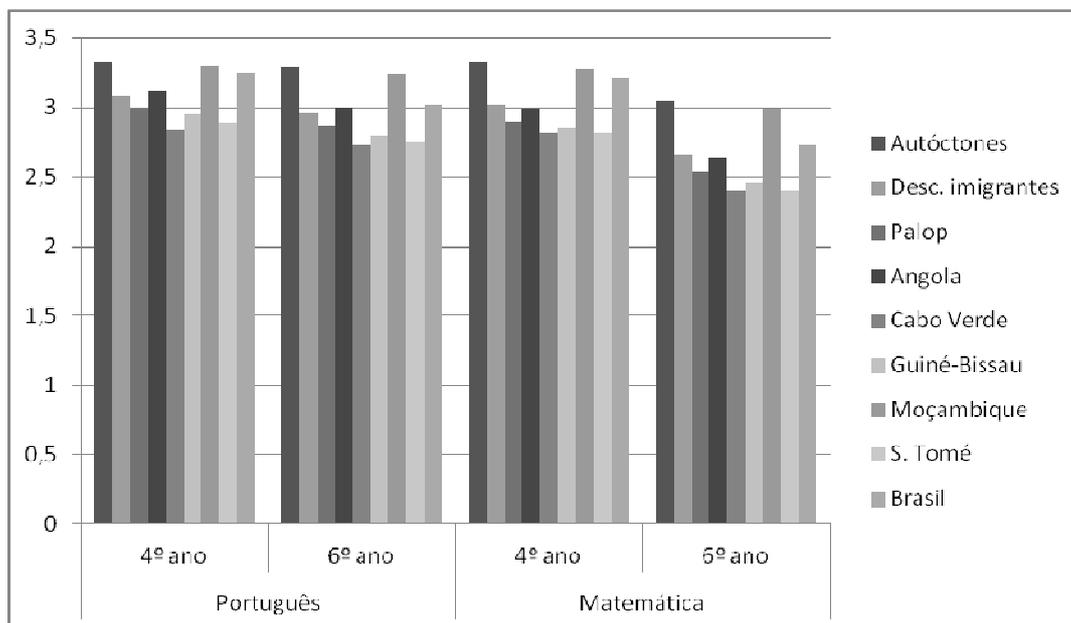
**Quadro 4 – Classificação média obtida nas Provas de Aferição (2009), segundo grau de contacto com Portugal (C Pt)<sup>11</sup>**

	Português		Matemática	
	4º ano	6º ano	4º ano	6º ano
Autóctones	3,33	3,29	3,33	3,04
Descendentes de imigrantes	3,08	2,96	3,02	2,66
C Pt:2	3,23	3,11	3,18	2,82
C Pt:1	3,04	3,01	2,94	2,68
C Pt:0	3,02	2,86	3,00	2,57

<sup>10</sup> Pela experiência tida na recolha de dados em projeto anterior (2003) sabemos que entre estes alunos estão muitos alunos de origem indiana cujos progenitores nasceram em Moçambique.

<sup>11</sup> O indicador usado foi o nº de membros da família nascido(s) em Portugal: quando o aluno e um dos seus progenitores nasceu em Portugal=2; quando apenas o aluno nasceu em Portugal = 1; quando nenhum dos pais nem o aluno nasceram em Portugal = 0.

**Gráfico 1 – Resultados nas Provas de Aferição (média) segundo as origens nacionais**



## 2.2 Resultados controlando o efeito do sexo e das condições sociais das famílias

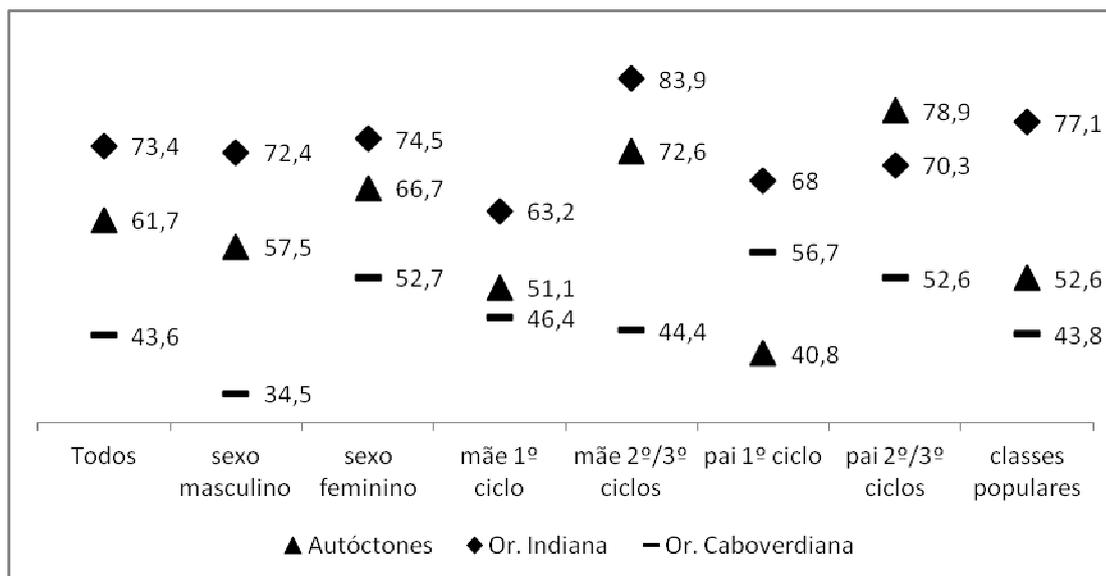
O que acontece se acionarmos, em simultâneo, dois ou mais eixos de diferenciação? Que alterações ocorrem no que se refere à diferença dos resultados entre os diferentes grupos de alunos? A diferença de resultados entre rapazes e raparigas manter-se-á quando consideramos exclusivamente os alunos de origem imigrantes? O que mudará nas diferenças de desempenho entre alunos autóctones e descendentes de imigrantes quando todos partilham semelhantes condições familiares? Quando se consideram resultados obtidos em diferentes disciplinas, os efeitos variam com estas?

Os dados do IALL revelam que a partilha de condições de género, de escolaridade da mãe ou do pai, bem como de classe social produz alterações significativas às condições de partida: os alunos de origem cabo-verdiana têm um desempenho abaixo dos alunos autóctones em 18 pontos percentuais e 30 em relação aos colegas de origem indiana; os alunos desta origem têm melhor desempenho que os autóctones em 12 pontos percentuais. Como é observável no gráfico 2, as principais mudanças são as seguintes:

- i) Altera-se a hierarquia entre os grupos quando os alunos partilham as mesmas condições de escolaridade do pai: quando é baixa (apenas completaram o 1º ciclo), os alunos de origem cabo-verdiana suplantam o desempenho dos colegas autóctones e quando esta escolaridade é média (2º ou 3º ciclos), o dos alunos com origem indiana são ultrapassados pelos colegas autóctones;
- ii) As diferenças de desempenho escolar entre os grupos esbatem-se fortemente quando todas as mães têm baixa escolaridade (apenas o 1º ciclo) ou todos os alunos são raparigas e potenciam-se quando todos são rapazes ou as mães completaram uma escolaridade média;
- iii) A distância entre os alunos de origem cabo-verdiana e os alunos autóctones, que era globalmente de 18%, passa a ser de apenas 5% quando todas as mães têm baixa escolaridade, invertem a situação quando todos os pais têm baixa escolaridade, superando em 16% os colegas autóctones e reduz-se para 9% quando todos se inserem em famílias das classes populares.

Em resumo, a partilha de condições sociais desfavorecidas (baixa escolaridade dos progenitores) revela uma clara melhoria das condições de insucesso relativo de que eram alvo os alunos de origem cabo-verdiana que era notório quando considerados todos os alunos indiferenciadamente e a partilha da inserção em famílias das classes populares potencia a vantagem dos alunos de origem indiana sobre os colegas autóctones.

**Gráfico 2 – Sucesso escolar (%) segundo o sexo e condição social dos progenitores<sup>12</sup>**



Ao compararmos as classificações obtidos nas Provas de Aferição pelos alunos autóctones e pelos alunos com ascendência imigrante homogeneizando o sexo do aluno, a escolaridade da mãe ou a condição de classe dos progenitores (gráficos 3 e 4), concluímos que existe sempre uma aproximação entre os resultados dos dois grupos, mas esta é mais marcada quando a escolaridade da mãe é alta, quando todos os alunos se inserem em famílias com condições sociais mais favorecidas (EDL ou PTE) ou mais desfavorecidas (OI).

A diferença observada entre os resultados das duas pesquisas é apenas aparente, uma vez que a análise realizada a partir do IALL não pode contemplar as classes sociais médias/altas, nem a situação em que os progenitores tinham escolaridade superior, dado o número reduzido de casos que estas situações integravam. Continua a ser verdade que, na partilha das condições sociais mais desfavorecidas, a diferença entre os resultados escolares dos alunos descendentes de imigrantes, em condição de maior desvantagem, e os dos alunos autóctones se reduz.

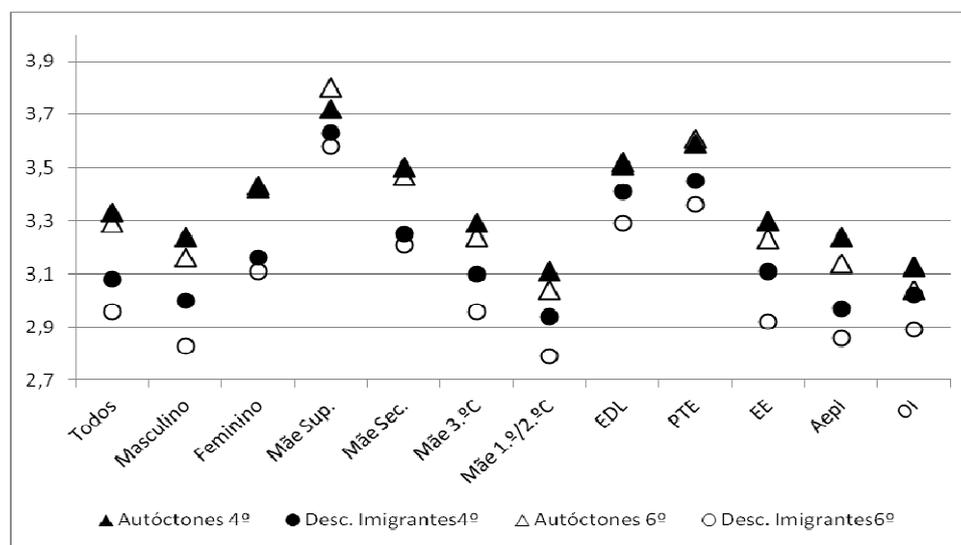
O melhor desempenho escolar dos descendentes de imigrantes inseridos nas classes populares em relação aos seus pares de igual condição social estará relacionado com duas ordens de factores: i) uma maior mobilização parental na escolaridade,

<sup>12</sup> No caso da escolaridade da mãe e do pai temos um número significativo de “não respostas”: para os alunos de origem cabo-verdiana só estão nestes casos considerados 66 casos com informação relativa ao pai e 64 relativa à mãe e para os de origem indiana temos 81 e 82 casos, respectivamente.

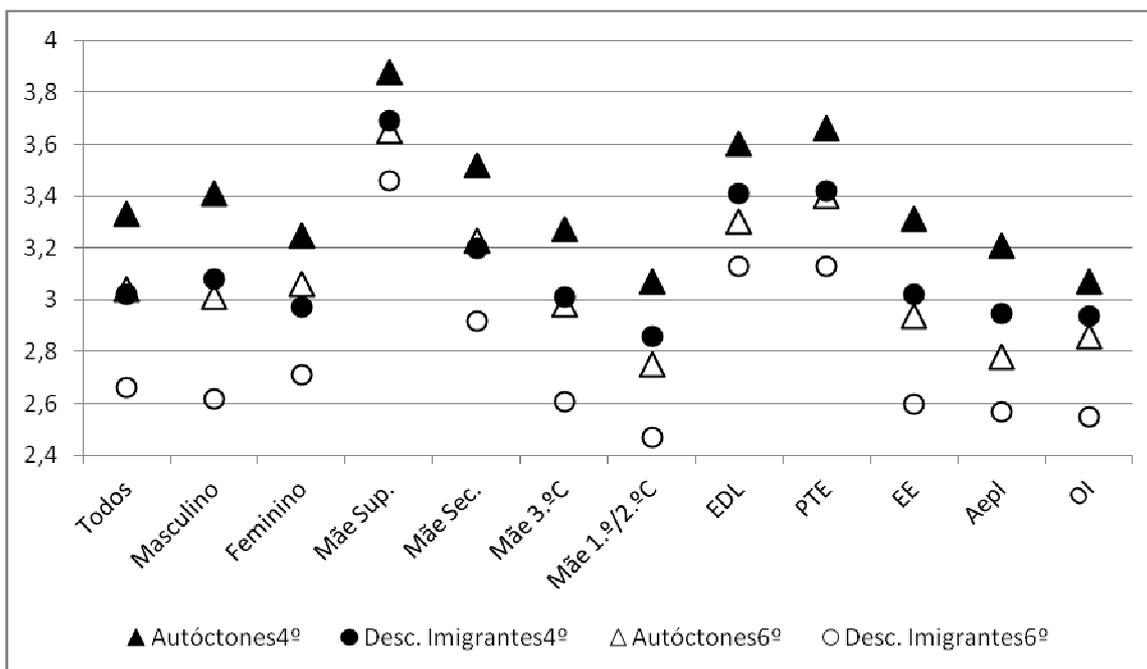
atendendo a que a sua baixa escolaridade se deverá ao pouco desenvolvimento do sistema de ensino do país de origem, e não será atribuível às dificuldades experimentadas na frequência da escola como acontecerá com os nativos (Vallet e Caille, 2000); ii) uma relação particular destes jovens com a escola que lhes poderá ser favorável. No caso dos alunos negros americanos constata-se que “são muito menos numerosos que os seus colegas brancos das classes populares a rejeitar conscientemente as aprendizagens e os saberes escolares ou os professores.” (Van Zanten e Anderson-Levitt, 1992: 94). Esta maior adesão dos negros à ideologia do êxito através da escola teria relação com uma visão mais positiva do seu presente e futuro, pois poderiam acusar a discriminação racial, e não os membros da sua família ou comunidade, pela sua posição de subordinação (MacLeod, 1987 *in* Van Zanten e Anderson-Levitt, 1992: 95).

Podemos, ainda, concluir que, tendencialmente, a hierarquia prévia entre os grupos se mantém quando se homogeneízam as condições em análise e que, em provas estandardizadas, a desvantagem dos alunos descendentes de imigrantes não conhece excepção.

**Gráfico 3 – Classificação média obtida nas Provas de Aferição de Português (2009)**



**Gráfico 4 – Classificação média obtida nas Provas de Aferição de Matemática (2009)**



### 2.3 A diferença dos resultados escolares e o poder explicativo das diferentes variáveis

Tendo por base a informação recolhida no IALL, e com o objectivo de avaliarmos a intensidade da relação entre as diferentes variáveis em estudo e a trajetória escolar dos alunos, foi calculada a associação entre as primeiras e o desempenho escolar, para a totalidade dos alunos inquiridos e para cada um dos subgrupos em estudo (quadro 5).<sup>13</sup> Verificou-se ter uma relação mais intensa com o desempenho escolar o nível de escolaridade atingido pelos progenitores e o sexo do aluno revelou-se a variável com menor poder explicativo deste. Comparando os diferentes grupos de alunos, podemos concluir que, no caso dos alunos de origem cabo-verdiana, os seus resultados aparecem relacionados, sobretudo, com a escolaridade da mãe e é neste grupo de alunos que o sexo mais afecta o desempenho.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Intensidade medida pelo valor de VCramer (por não presidirem a esta análise fins de generalização, limitamo-nos a indicar o valor da associação entre as variáveis, sem ter em conta o valor do Qui<sup>2</sup>); 3 categorias: “sem reprovação”; “com 1 reprovação”; “2 ou mais reprovações”.

<sup>14</sup> O estudo desenvolvido (Seabra, 2010) estendeu a análise do desempenho escolar a um contexto muito mais vasto de variáveis (individuais, familiares e escolares) tendo sido possível verificar que os desempenhos escolares, no seu conjunto, aparecem mais fortemente associados ao perfil do aluno

**Quadro 5 – Associação entre o número de reprovações e o sexo e a condição social familiar (IALL)**

	Todos os alunos	Autóctones	Origem caboverdiana	Origem indiana
Sexo	0.10	0.09	0.19	0.07
Classe social	0.20	0.25	0.25	<b>0.30</b>
Escolaridade mãe	0.21	0.23	<b>0.29</b>	0.22
Escolaridade pai	<b>0.23</b>	<b>0.32</b>	0.19	0.09
Origem nacional	0.14	-	-	-

Numa análise similar das classificações obtidas nas Provas de Aferição,<sup>15</sup> foi possível verificar que a variável que mais influencia estes resultados, tanto no 4.º como no 6.º ano, é a escolaridade dos pais e, de entre estes, a da mãe. A classe social e a origem nacional são, por esta ordem, as variáveis que revelam, depois da escolaridade, maior poder explicativo de diversidade de resultados obtidos. O sexo do aluno revela ter a menor influência no desempenho das provas.

Comparando os resultados obtidos nas duas disciplinas, as classificações a Matemática são mais sensíveis às variáveis de caracterização social do aluno e, tanto no 4.º ano como no 6.º ano, são menos afectados pelo sexo do aluno, ou seja, ser rapaz ou rapariga afecta mais o desempenho a Língua Portuguesa do que a Matemática.

Quando todos os alunos partilham a origem imigrante (última linha do quadro 6), o país de origem afecta os resultados com uma intensidade próxima da classe social de pertença da sua família. Considerando, ainda, este conjunto de alunos podemos constatar que o país de origem afecta, sobretudo, o seu desempenho a nível das provas do 6.º ano, em especial os resultados obtidos na Matemática.

---

(conformidade às regras escolares e aspirações escolares) e, num segundo patamar, aparecem as variáveis de caracterização socioprofissional e socio-educacional dos progenitores. Sabemos da relação estreita entre estes dois tipos de variáveis, mas os dados indicam-nos, precisamente, serem os comportamentos do aluno e as suas aspirações ainda mais decisivos para a sua carreira escolar *extravasando* o quadro de possibilidades e de constrangimentos definidos pelo contexto familiar em que se inserem. No quadro dessa análise emergiu a importância de outras variáveis: a *estrutura demográfica da família*, tanto para os alunos de ascendência cabo-verdiana com indiana, a *discriminação sentida em contexto escolar* e as *estratégias de aprendizagem*, para os primeiros e a *língua falada em casa* para os segundos.

<sup>15</sup> Esta análise só foi possível com o contributo de Patrícia Ávila, membro da equipa do projeto *(In)sucesso escolar dos descendentes de imigrantes – Origens nacionais e condições sociais e escolares na escola básica portuguesa*.

**Quadro 6 – Poder explicativo das variáveis relativas ao perfil do aluno nos resultados das PA<sup>16</sup>**

Variáveis	4.º Ano		6.º Ano	
	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
Sexo	0,089	0,110	0,036	0,178
Escolaridade da mãe	<b>0,337</b>	<b>0,312</b>	<b>0,391</b>	<b>0,363</b>
Escolaridade do pai	0,299	0,278	0,354	0,327
Classe Social	0,266	0,253	0,322	0,299
Origem Nacional	0,171	0,162	0,228	0,211
Origem Nacional (sem autóctones)	0,243	0,232	0,318	0,271

A análise da associação de cada uma das variáveis em estudo com os resultados obtidos nas PA foi complementado com uma análise multivariada (regressão múltipla) visando a combinação, num mesmo modelo, do conjunto de variáveis relacionadas com os resultados e, deste modo, hierarquizar o contributo de diferentes variáveis na explicação dos resultados dos alunos e, ainda, obter uma medida global do efeito conjunto do modelo (quadro 7).<sup>17</sup> Retiraram-se as seguintes conclusões:

- i) A capacidade explicativa global dos modelos varia entre os 12% e os 18,5%, sendo que é no 6º ano que as percentagens são mais altas. Assim, é possível afirmar que o efeito das origens sociais nos resultados escolares se acentua fortemente do 4º ano para o 6º ano; enquanto no 4º ano as variáveis independentes apenas explicam entre 12 e 13% das notas dos alunos, no 6º ano a capacidade explicativa dos mesmos factores sobe para valores entre 18 e 18,5%;

<sup>16</sup> Foi calculado o coeficiente ETA que varia entre 0 e 1 e quanto mais perto de um, maior é a variabilidade dos resultados nas Provas de Aferição explicada pelas diversas variáveis em análise. Considerando os resultados nas Provas de Aferição (como *variável dependente*) e o conjunto de variáveis de caracterização do perfil dos alunos (como *variáveis independentes*), foi calculado o coeficiente para cada uma das variáveis.

<sup>17</sup> Foi realizada uma análise para cada disciplina e para cada um dos anos em análise (4º e 6º ano), tendo sido apurados os resultados de quatro modelos. Em cada um deles a *variável dependente* são as classificações nas PA. As *variáveis independentes* foram as seguintes: escolaridade da mãe (número de anos); sexo (masculino=1; feminino=0); intensidade do contacto com Portugal (1= imigrantes; 2=pais imigrantes, filhos nascidos em Portugal; 3=pai ou mãe nascidos em Portugal; 4=autóctones); Classe social (classes médias/altas=0; outras=1).

- ii) Todas as variáveis independentes contribuem, em termos estatísticos, significativamente para a explicação dos resultados escolares, mesmo que nalguns casos esse contributo seja pequeno;
- iii) Com excepção da variável sexo, o sentido da relação entre as variáveis independentes e os resultados escolares é transversal aos quatro modelos: quanto mais elevada a escolaridade da mãe, a classe social e maior a proximidade a Portugal, melhores os resultados escolares dos alunos. Em todos os modelos, a escolaridade da mãe é a variável com maior capacidade explicativa dos resultados escolares dos alunos.

**Quadro 7 – Factores explicativos dos resultados obtidos nas Provas de Aferição**

Variáveis independentes	Matemática (4º ano)		Língua Portuguesa (4º ano)	
	Beta	R <sup>2</sup> semi-parcial	Beta	R <sup>2</sup> semi-parcial
Escolaridade da mãe	0,282 (1)	6,1%	0,258 (1)	5,1%
Sexo (Masculino)	0,080 (3)	0,6%	-0,120 (2)	1,5%
Contacto com Portugal	0,096 (2)	0,9%	0,092 (3)	0,8%
Classe social (Médias/Altas)	-0,078 (4)	0,5%	-0,074 (4)	0,4%
R <sup>2</sup>	13%		12%	
Variáveis independentes	Matemática (6º ano)		Língua Portuguesa (6º ano)	
	Beta	R <sup>2</sup> semi-parcial	Beta	R <sup>2</sup> semi-parcial
Escolaridade da mãe	0,317 (1)	7,7%	0,293 (1)	6,6%
Sexo (Masculino)	0,032 (4)	0,1%	-0,174 (2)	3,0%
Contacto com Portugal	0,121 (2)	1,4%	0,124 (3)	1,5%
Classe social (Médias/Altas)	-0,117 (3)	1,0%	-0,100 (4)	0,8%
R <sup>2</sup>	18%		18,5%	

### Conclusões e reflexões finais

A análise do desempenho escolar dos alunos descendentes de imigrantes que frequentam escolas da AML, considerando, quer as reprovações (in)existentes ao longo da sua trajectória escolar, quer as classificações obtidas em provas nacionais estandardizadas evidenciou que: i) quando considerados em conjunto, estes alunos

obtêm uma média de resultados inferior à dos colegas autóctones; ii) a distância entre os resultados obtidos por estes dois grupos se potencia quando se trata do desempenho a Matemática; iii) se discriminarmos a origem nacional destes alunos, os que têm origem cabo-verdiana e santomense apresentam os resultados menos favoráveis, o que contrasta com os alunos de origem moçambicana e brasileira que têm resultados mais próximos dos alunos autóctones; iv) o desempenho melhora à medida que se intensifica o contacto com Portugal.

Foi ainda possível analisar o poder explicativo de cada uma das variáveis em estudo sobre os resultados escolares obtidos e concluir que: i) o sexo do aluno é a variável que afecta menos o desempenho (excepto no caso dos alunos de origem cabo-verdiana); ii) a escolaridade da mãe é a variável que revela um maior poder explicativo dos resultados (tanto quando as variáveis são consideradas uma a uma como no modelo que as integra simultaneamente); iii) a origem nacional revela maior poder de afectação dos resultados quando se trata das provas nacionais a Matemática.

Do exercício de homogeneização das condições de género, escolaridade dos pais e classe social levada a efeito resultaram as seguintes conclusões:

- i) Tendencialmente a hierarquia prévia existente entre os grupos mantém-se e em provas estandardizadas a desvantagem dos alunos descendentes de imigrantes parece ser mais persistente;
- ii) Na partilha das condições sociais mais desfavorecidas a diferença entre os resultados escolares dos alunos descendentes de imigrantes, em condição de maior desvantagem, e os dos alunos autóctones reduz-se;
- iii) A diferença entre os resultados dos alunos descendentes de imigrantes e os alunos autóctones aumenta sempre que todos os alunos são do sexo masculino;
- iv) Os efeitos da homogeneização diferem de grupo para grupo, ou seja, os efeitos para os alunos com determinada origem nacional podem diferir dos efeitos num grupo com outra origem nacional.

Este cenário de tendencial e sustentada desvantagem dos alunos com origem imigrante nos resultados escolares obtidos é complementado pela confirmação, que o IALL tornou possível, do persistente sucesso e insucesso escolares dos alunos com origem indiana e cabo-verdiana, respectivamente. O contraste entre o desempenho

escolar destes dois grupos de alunos e a exploração que foi possível realizar do “jogo” das múltiplas variáveis com potencial explicativo e compreensivo do fenómeno (Seabra, 2010) impele-me a evocar, nesta reflexão em torno das conclusões, e tendo como preocupação contribuir para o debate público das estratégias de intervenção social conducentes a potenciar o sucesso escolar dos alunos descendentes de imigrantes que são alvo de fortes processos de exclusão escolar (e também social), o contributo de dois antropólogos americanos que se dedicaram à compreensão da desigualdade de desempenho escolar de grupos específicos de filhos de imigrantes – John Ogbu estudou, em particular, os jovens negros e Margaret Gibson os de origem indiana.

Desde cedo, Ogbu (1974, 1978) defendeu que o problema do insucesso escolar de certos grupos de alunos descendentes de imigrantes reside na orientação cultural que os grupos projectam sobre a escola e que está fortemente relacionada com o contexto histórico particular do contacto com o grupo maioritário. No caso dos alunos negros, o mais importante seria a “sua percepção da ‘realidade social’, que contém os elementos da sua visão sobre as vias de êxito para os negros, da sua estratégia de sobrevivência face às barreiras de emprego, da sua desconfiança em relação aos brancos e às escolas que eles controlam, assim como da sua identidade e do seu quadro de referência cultural de oposição.” (1992: 23).

Nesta acepção, ganham centralidade os factores socio-históricos mais amplos na configuração dos modos de relacionamento da sociedade maioritária com os grupos minoritários e destes com a sociedade no seu conjunto, da qual faz parte a escola. Estão em causa, sobretudo, as relações anteriores (de subordinação ou não), a forma como a sociedade de acolhimento recebeu essa minoria e com ela se relaciona e, ainda, o modo como esta percebe, interpreta e responde a esse relacionamento, que o autor designa por *forças comunitárias*.

Em obras que publica nos anos setenta, o autor assinala três tipos de tratamento das minorias na educação que afectam o seu desempenho escolar: as políticas e práticas educativas (segregação escolar, desiguais recursos nas escolas das minorias); a forma de tratamento na sala de aula (ex.: baixas expectativas, encaminhamento...); e, ainda, o modo como as minorias são remuneradas pelo seu sucesso académico, especialmente no mercado de trabalho e em termos de vencimento. Mas o autor lembra que todas as minorias são sujeitas a processos de discriminação e esta não explica porque alguns grupos, mesmo em situação de tratamento diferenciado, têm bons resultados escolares.

A explicação estará, então, nos diferentes modos de incorporação na sociedade, porque a adaptação gera “forças comunitárias, crenças e comportamentos no interior das comunidades minoritárias que influenciam o ajustamento e o desempenho escolar das minorias.” (Ogbu, 2003).

Gibson corrobora a tese da centralidade atribuída aos padrões de adaptação desenvolvidos pelos diferentes grupos minoritários associados a diferentes modos de entender o processo de aculturação em curso. No caso da comunidade indiana que estudou, os alunos revelavam elevadas performances escolares, apesar da discriminação de que eram alvo (no passado e no presente) por parte da maioria branca (na escola e fora desta). A autora concluiu que esta comunidade não opta pela assimilação à sociedade de acolhimento, mas por uma “acomodação sem assimilação”, ou seja, a sua estratégia é a aquisição de competências na cultura dominante e, simultaneamente, a manutenção da sua identificação social primária (1988: 170). Estamos perante a defesa da tese de que a preservação de uma identidade própria, enquanto padrão de inserção na sociedade de acolhimento, contribuirá para um melhor desempenho escolar.

Deixo a interrogação: em vez de os grupos minoritários em desvantagem escolar esperarem por mudanças a nível da escola e da sociedade não será mais proveitoso apostar na organização comunitária, com desenvolvimento de estratégias “ofensivas” que, por um lado, vão no sentido de reforçar a relação com o património cultural dos ascendentes e, por outro, minore as dificuldades no domínio da língua, nomeadamente, no que se refere à clara distinção entre o português e os crioulos?

### **Referências bibliográficas**

- BOULOT, S.; BOYZON-FRADET, D. (1988), *Les immigrés et l'école: une course d'obstacles*, Paris, L'Harmattan – CIEMI.
- CACOUAULT, M.; OEUVRARD, F. (2003), *Sociologie de l'éducation*, Paris, La Découverte.
- COSTA, A. F. (1999), *Sociedade de Bairro – Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta.

- DEMACK, S.; DREW, D. e GRIMSLEY, M. (2000), “Minding the Gap: ethnic, gender and social class differences in attainment at 16, 1988-95”, in *Race Ethnicity and Education*, 3 (2), 117-143.
- EUMC (2004), *Migrants, Minorities and Education. Documenting discriminations and integration in 15 member States of the European Union*, Luxemburgo, EUMC.
- FOSTER, P.; GOMM, R.; HAMMERSLEY, M. (1996), *Constructing Educational Inequality*, London/Washington, The Falmer Press.
- GIBERT, S. (1989), “La scolarisation des élèves étrangers – Eléments de synthèse statistiques”, in B. Lorreyte (org.), *Les politiques d’intégration des jeunes issus de l’immigration*, Paris, CIEMI/L’Harmattan.
- GIBSON, M. A. (1988), *Accommodation without Assimilation – Sikh immigrants in a american high school*, Ithaca and London, Cornell University Press.
- HASSINI, M. (1997), *L’école: une chance pour les filles de parents magrébins*, Paris, CIEMI/L’Harmattan.
- HIRSCHMAN, Ch.; WONG, M. G. (1986), “The Extraordinary Educational Attainment of Asian-Americans: A Search for Historical Evidence and Explanations”, in *Social Forces*, 65 (1), 1-27.
- KAO, G.; TIENDA, M. (1995), “Optimism and Achievement: The Educational Performance of Immigrant Youth”, in *Social Science Quarterly*, 76 (1), 1-19.
- LAURENS, J.-P. (1992), *1 sur 500 – la reussite scolaire en milieu populaire*, Toulouse, Press Universitaire du Mirail.
- MOUDON, P. (1984), “Quelques aspects de la scolarisation des enfants étrangers à partir des statistiques”, in *Migrants-Formation*, 58, 6-14.
- OCDE (2006), *Where immigrant students succeed – A comparative review of performance and engagement in PISA 2003*, Paris, OCDE.
- OGBU, J. (1974), *The next generation: An ethnography of education in an urban neighborhood*, New York, Academic.
- (1978), *Minority education and caste: The American system in cross-cultural perspective*, New York, Academic.

– (2003), *Black American Students in a Affluent Suburb – A Study of Academic Disengagement*, Mahwah, Lawrence Erlbaum Associates.

PORTES, A. (1999), *Migrações internacionais: Origens, tipos e modos de incorporação*, Oeiras, Celta.

PORTES, A.; HAO, L. (2005), “La educación de los hijos de inmigrantes: efectos contextuales”, in *Migraciones*, 17, 7-44.

PORTES, A.; MACLEOD, D. (1996), “Educational Progress of Children of Immigrants: The Roles of Class, Ethnicity and School Context”, in *Sociology of Education*, 69 (October), 255-275.

– (1999), “Educating the Second generation: determinants of Academic Achievement among Children of Immigrants in United States”, in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 25 (3), 373-396.

PORTES, A.; RUMBAUT, R. (2001), *Legacies: The Story of Immigrant Second Generation*, Berkeley, California University/Fundation Russel Sage.

SEABRA, Teresa (2010), *Adaptação e Adversidade – O Desempenho Escolar dos Alunos de Origem Indiana e Cabo-Verdiana no Ensino Básico*, Lisboa, ICS-UL.

SEABRA, Teresa [et al.] (2010), *(In)sucesso escolar dos descendentes de imigrantes – Origens nacionais e condições sociais e escolares na escola básica portuguesa*, Relatório Final de Pesquisa, Lisboa, CIES-IUL.

SMITH, D. S.; TOMLINSON, S. (1989), *The School Effect – A study of Multi-Racial Comprehensives*, London, Policy Studies Institute.

VALLET, L.-A.; CAILLE, J.-P. (1996), “Les élèves étrangers ou issus de l’immigration dans l’école et le collège français. Une étude d’ensemble”, in *Les dossiers d’Éducation et Formations*, 67, Paris, Direction de l’évaluation et de la prospective, Ministère de l’Éducation National.

– (2000), “La scolarité des enfants d’immigrées”, in A. Van Zanten (org.), *L’école – l’état des savoirs*, Paris, La Découverte, pp. 293-301.

VAN ZANTEN, A. (1996), “La scolarisation des enfants et des jeunes des minorite ethniques aux Etats-Unis et en Grande-Bretagne”, in *Revue Française de Pédagogie*, 117 (octobre-novembre-décembre), 117-149.

VAN ZANTEN, A.; ANDERSON-LEVITT, K. (1992), “L’Anthropologie de l’éducation aux Etats-Unis: methodes, theories et applications d’une discipline en evolution”, in *Revue Française de Pédagogie*, 101 (octobre-novembre-décembre), 79-104.

## **ABSTRACT/RÉSUMÉ/RESUMEN**

### **Abstract**

*Inequalities in school performance: ethnicity, gender and social conditions in schools in the Lisbon Metropolitan Area*

This article explores the relationships between the school performance of the children of immigrants and a set of diversified variables that characterises children and their families (sex, national origin, parents’ social class), considering each variable per se and in simultaneous with others. The empirical evidence used comes from results from two different research projects carried out in the Lisbon Metropolitan Area: the trajectory school of 837 students of 5th and 6th years and the results obtained from national tests of 45093 pupils from 4 and 6 years (2009). From homogenising gender, parents’ education and social class in both projects, we encountered inequalities in school performance according to ethnicity. These differences become less obvious when students share the same social conditions mainly for less privilege classes.

Keywords: School performance; Immigration; Social inequalities.

### **Résumé**

*Inégalités de réussite scolaire : ethnicité, genre et condition sociale dans les écoles de l’aire métropolitaine de Lisbonne*

Cet article analyse des résultats scolaires des élèves issus de l’immigration exploités en fonction d’un ensemble diversifié de variables de caractérisation des élèves et de leurs familles (sexe, origine nationale, scolarité et classe sociale des parents), compte tenu de l’influence de chacune ou de plusieurs à la fois. Le référentiel empirique retenu pour cette analyse renvoie aux résultats de deux recherches réalisés dans la zone métropolitaine de Lisbonne: la trajectoire scolaire de 837 élèves de 5e et 6e années et les résultats à des tests nationaux de 45093 élèves en 4ème

année et 6e en 2009. Les résultats ont débouché sur la persistance d'inégalités scolaires fondées sur l'ethnicité, bien qu'elles s'atténuent lorsque tous les élèves partagent les mêmes conditions sociales, en particulier si elles sont défavorisées.

Mots-clés: Réussite scolaire; Immigration; Inégalités sociales.

## **Resumen**

*Desigualdades de desempenho escolar: etnicidad, género e condición social en escuelas del Área Metropolitana de Lisboa*

El artículo explora la relación entre los resultados de los alumnos descendientes de inmigrantes y un conjunto diversificado de variables de caracterización de los alumnos y sus familias (sexo, origen nacional, escolaridad y clase social de los progenitores), analizándolas en forma separada y en simultáneo. El referente empírico utilizado para el análisis son los resultados obtenidos en dos investigaciones en el área metropolitana de Lisboa: la trayectoria escolar de 837 alumnos de 5º y 6º años y los resultados obtenidos en las pruebas nacionales de 45093 alumnos de 4º y 6º años en 2009. Los resultados ponen de manifiesto la persistencia de desigualdades escolares que remiten a la etnicidad, a pesar de que estas se atenúan en los casos de iguales condiciones sociales, especialmente en el caso de las clases desfavorecidas.

Palabras-clave: Desempeño escolar; Inmigración; Desigualdades sociales.

## Espaços de religiosidade no Porto: o seu papel na integração dos imigrantes brasileiros

Maria João Oliveira<sup>1</sup>

*Universidade do Porto*

**Resumo:** Enquanto processo de inúmeras mudanças e ruturas, as migrações emergem, frequentemente, como situações críticas da integração social dos migrantes nas sociedades de chegada. Neste contexto, assume um papel relevante a pertença a redes relacionais que se entende funcionarem como elementos potencialmente facilitadores da participação dos imigrantes na nova ordem interativa. Em particular, propomo-nos refletir sobre o modo como espaços de religiosidade distintos – concretamente, a Obra Católica Portuguesa de Migrações (OCPM) e a Igreja Pentecostal das Missões (IPM), igreja evangélica de origem brasileira – contribuem para potenciar a formação de redes e a integração social dos imigrantes brasileiros no Porto.

**Palavras-chave:** Religião; Imigrantes brasileiros; Redes; Porto.

---

<sup>1</sup> Bolseira de Doutoramento em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP); membro do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (ISFLUP) (Porto, Portugal). *E-mail:* maria.joao.oliveira@hotmail.com

“The newcomer is expected to change many things about him – nationality, language, culture. One thing, however, he is not expected to change – and that is his religion.”

(Herberg, 1983: 23)

## **Introdução**

Num contexto de crescente interligação global e de mudança significativa no espaço onde ocorrem as relações sociais, o aumento da extensão e da intensidade das interações globais tem potenciado a mudança da geografia das relações. A diversidade, que outrora coexistia em distância espaço-temporal, deslocaliza-se e recontextualiza-se numa interseção da estranheza com a familiaridade e, ao mesmo tempo que o nosso quotidiano não deixa de estar associado à familiaridade do local, a deslocalização faz dele um cenário cultural e informacional globalizado (Giddens, 1995). O problema desta imbricação entre o local e o global nos quotidianos é que, da mesma forma que se possibilita o conhecimento e o contato com o diferente, se colocam também em evidência novos confrontos entre os fundamentalismos e a tolerância cosmopolita (Touraine, 1997).

Neste âmbito, enquanto processo de mudança social intersistemas de ordem e de interação (Pires, 2003: 59), as migrações apresentam-se como situações potencialmente críticas da participação dos migrantes na nova ordem interativa, cujas condicionantes podem dar origem às mais diferentes formas de inserção nas sociedades de acolhimento. Entre outras dimensões da nossa análise<sup>2</sup> (política, social, cultural e territorial), na abordagem aos processos de integração social – o que ainda consideramos ser parte da dimensão cultural do fenómeno – daremos um particular enfoque à análise das redes de sociabilidade e, portanto, à noção de *capital social* (Bourdieu, 1980). Para além das redes familiares, de amizade, família e vizinhança, assumem, neste contexto, um papel

---

<sup>2</sup> Este artigo resulta da pesquisa *Os imigrantes brasileiros no Grande Porto: mobilidade social e apropriações espaciais*, no âmbito do doutoramento em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Este projeto, sob orientação da Professora Doutora Helena Vilaça, tem ainda o acolhimento do Instituto de Sociologia da UP e é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia do Ministério da Educação e Ciência (SFRH/BD/65264/2009).

integrador relevante as comunidades religiosas que, não se limitando ao suprimento das necessidades espirituais, se tornam também espaços de encontro, de expressão de identidades culturais, de equilíbrio emocional e até de resolução de problemas de natureza material e logística da vida quotidiana (Vilaça, 2008).

Para o aprofundamento desta problemática, elegemos o Porto porque, apesar do crescente desinteresse em torno da região, propiciado pela diminuição relativa da lógica de “contracorrente” (Malheiros, 2007), em termos absolutos, os fluxos de brasileiros para o Porto não têm parado de crescer, ocupando mesmo a primeira posição no *ranking* das nacionalidades estrangeiras mais representativas no distrito, desde os anos oitenta, e atingindo, em 2010, um contingente de cerca de 9200 indivíduos, o que representa 34% do total, de acordo com os dados mais atuais do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF).

Do ponto de vista das técnicas de recolha de informação, depois de uma incursão exploratória no terreno, realizaram-se entrevistas semidiretivas a diferentes representantes religiosos, entre as quais à coordenadora da Pastoral e Ação Social do Secretariado Diocesano das Migrações do Porto da Obra Católica Portuguesa de Migrações (OCPM) e ao pastor fundador e presidente da Igreja Pentecostal das Missões no Porto (IPM)<sup>3</sup>. Entrevistas levadas a cabo com o objetivo de compreender do ponto de vista das instituições o trabalho que tem sido realizado, ao longo do tempo, com os imigrantes brasileiros no Porto.

## **1. Espaço social em contexto urbano: as múltiplas possibilidades de convivência**

Mais do que referir o espaço físico ou geográfico, interessa-nos falar em espaços sociais em contexto urbano, isto é, da pertinência de uma análise focada nas comunidades religiosas no Porto. Interessa-nos, particularmente, compreender de que forma estas comunidades funcionam como espaços de integração social num contexto onde a “proximidade territorial já não é a base prioritária da proximidade cultural e as formas culturais autonomizam-se em relação ao enraizamento regional de tal modo que o papel do espaço se vai reduzindo no fechamento das redes de interdependência”

---

<sup>3</sup> As entrevistas realizaram-se, respetivamente, em 4 de maio de 2011 e 8 de novembro de 2011.

(Rémy e Voyé, 2004: 87). Por esta razão, com base na noção simmeliana de espaço social, Paula Guerra (2003) sustenta que o espaço e a sua morfologia não têm interesse por si mesmos para a abordagem sociológica, mas aquilo que se reveste de real importância para esta abordagem são as relações sociais que se desenvolvem dentro do espaço urbano e das suas formas.

Os ganhos no espaço social podem ser de três tipos segundo Bourdieu (2003): ganhos de localização, ganhos de posição ou de classe (particularmente, os simbólicos, de distinção, ligados à posse monopolística de uma propriedade distintiva), mas podem ser, também, ganhos de ocupação ou de acumulação, que mantêm à distância ou excluem toda a espécie de intrusão indesejável. A cidade é, neste sentido, de acordo com Paula Guerra (2003), um conceito descritivo, isto é, remete para as materialidades concretas, o domínio do construído sobre o não construído, mas é, igualmente, um conceito interpretativo, no sentido da existência de uma grande imbricação entre a apropriação do espaço e a emergência de uma dinâmica coletiva. Privilegiando os lugares onde os diferentes grupos encontram entre si possibilidades múltiplas de coexistência e de trocas mediante a partilha de um mesmo espaço, daqui resulta uma multiplicidade de expressões simbólicas heterogêneas e, assim, descontinuidades sócio espaciais, pelo que se tem verificado o facto de muitas populações necessitarem de pontos de referência evidentes, situação geralmente mais proeminente em grupos sociais desfavorecidos, que assumem a sua segurança ontológica e entendimento teórico nas relações de conhecimento pessoal e nas relações de vizinhança. Pontos de referência assentes, frequentemente, no familiarismo, no carácter fechado das associações, em reivindicações regionais ou institucionais e, até, uma certa xenofobia, enquanto características de uma sociedade em que o coletivo se tende a dissolver pela generalização do individualismo (Fernandes, 1990).

Há aqui, portanto, uma dimensão relacional onde as redes sociais desempenham um papel fundamental, tão mais relevante quanto falamos de migrantes. Tem que ver com a questão da minimização da insegurança ontológica de que nos fala Pires (2003) e que promove, tendencialmente, que os indivíduos migrem do conhecido para o menos desconhecido, para a qual muito contribui a rotinização dos fluxos migratórios e, por conseguinte, a construção de redes relacionais.

As redes de comunicação fundadas nos espaços de residência e de vivência potenciam uma progressiva integração de diferentes comunidades étnicas e a inserção

dos indivíduos num todo urbano mais vasto, sendo, em parte, responsáveis pelas oportunidades económicas e sociais com que estes se deparam. Ao mesmo tempo, influenciam os seus valores e preferências, ajudando a traduzir as perceções que conduzem ao aproveitamento das oportunidades sociais e económicas emergentes (Rebelo, 2006). Remete para o conceito de *capital social* de Bourdieu, enquanto “conjunto dos recursos actuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizada de inter-conhecimento e de inter-reconhecimento; ou, noutras palavras, a adesão a um grupo, como conjunto de agentes que não são apenas dotados de propriedades comuns, mas estão também unidos por ligações permanentes e úteis” (Bourdieu, 1980: 2). Uma rede de ligações que é produto de estratégias de investimento social, consciente ou inconscientemente, orientadas para a institucionalização ou a reprodução das relações sociais como forma de angariar os benefícios associados a essa pertença.

Em suma, cada espaço, para além da sua localização geográfica específica – espaço absoluto –, exhibe características de espaço relativo (associado aos movimentos espaço-temporais e às características dos movimentos das pessoas, serviços e bens), e de espaço relacional (Harvey cit. por Rebelo, 2006). Este último “envolve toda a rede de relações estabelecidas no dia-a-dia pelos indivíduos no seu relacionamento com o ambiente que os rodeia, no contexto temporal passado, presente e através das expectativas que se delineiam em relação ao futuro, e que se traduz numa enorme complexidade de relações entre as pessoas, os bairros, os locais de residência, trabalho, distração e passeio” (Rebelo, 2006: 59).

Por isso, a cidade é também, necessariamente, um espaço de classes, de probabilidades de aproximação e de distanciamento, de representações sociais, políticas, culturais e religiosas. Se o espaço urbano construído é uma objetivação do social, ele também se constrói e vivencia de acordo com vários códigos e diversos universos simbólicos, nem sempre visíveis no emaranhado do espaço objetivado. É, por isso, que nos propomos conhecer as apropriações sociais não no reflexo exclusivo do real social construído – uma análise sempre pertinente –, mas sobretudo como a emergência de uma dinâmica coletiva, associada às possibilidades de coexistência e de trocas entre indivíduos que partilham um mesmo contexto. Uma análise que privilegia os ligames sociais – que estão, frequentemente, associados a espaços concretos, como o local de trabalho, a residência, o lazer, as religiosidades, etc. – para dar conta do potencial do

estabelecimento de determinadas redes em processos de integração social e urbana mais vastos.

## **2. Os espaços de religiosidade em contexto migratório**

Assim emerge a pertinência de uma análise focada nos espaços de religiosidade que, enquanto núcleos secundários de sociabilidade, têm o potencial de aumentar a formação de redes e interdependências que, por sua vez, potenciam – embora não de forma direta e necessária – o capital social *externo* e/ou *interno* (Machado e Abranches, 2007). De outra forma, à posse de uma rede de relações estará associado o alargamento do *capital social externo*, se essa rede for interétnica ou, pelo contrário, o reforço do *capital social interno*, se a rede for predominantemente intraétnica. Tem que ver, portanto, com a existência (ou não) de pontes de contacto que a comunidade religiosa permite estabelecer com a sociedade de acolhimento e de origem e com os ganhos que daí advêm. Não se trata, portanto, de uma noção reificada de comunidade – o que está, frequentemente, associado a um conceito de organização sob a forma comunitária – mas, pelo contrário, trata-se de uma noção que invoca a dinâmica coletiva, e que para ser reconhecida como tal deve ter forte relevância social, cultural ou política (Machado, 2002). Desta forma, o capital social assume um carácter coletivo e pode ser perspectivado como uma característica das próprias comunidades religiosas. Tem que ver com a noção durkheimiana de religião (Durkheim, 1990), definida pela experiência partilhada do sagrado.

“A teoria do sagrado em Durkheim significa a transcendentalização do sentimento colectivo. Assim, se a religião se traduz num sentimento colectivo e se, por seu lado, o religioso é uma dimensão intrínseca à sociedade, tal produzirá um efeito de dependência dos indivíduos em relação à sociedade. Dito de outro modo, a religião desempenha uma função de integração social e de guardião da ordem social.”  
(Vilaça, 2006: 73).

Por esta razão, Durkheim mostrava-se fortemente preocupado com o estado de anomia social associada à fragilização da religião, excluindo assim da sua teoria a

dimensão conflitual da mesma – crítica que lhe foi frequentemente apontada. A Sociologia compreende hoje, contudo, que nem todas as redes têm exatamente os mesmos efeitos, ou seja, como refere Portes (2000), existe *capital social negativo*, no sentido em que o capital social apropriado pode produzir consequências menos desejáveis, nomeadamente a exclusão dos não-membros, as exigências excessivas aos membros do grupo, a restrição à liberdade individual e o estabelecimento de normas de nivelção descendente, que funcionam para manter os membros de um grupo oprimido no seu lugar de oposição às tendências sociais dominantes.

Não funcionando mais como principal mecanismo de integração nas sociedades contemporâneas, todavia, a religião e, em particular, a ótica durkheimiana do papel integrador da religião mantém as suas virtualidades, continuando a ser possível constatar empiricamente a religião como um elemento estruturante da identidade coletiva (Vilaça, 2006) ou como um *expert system* – no sentido de Giddens – porque oferece as soluções para uma série de problemas da vida, através de um processo de reapropriação que se faz da religião para fazer sentido à identidade pessoal (Tshannen, 1998). Para lá das teorias da secularização ou do desencantamento do mundo, a religião, em geral, e as comunidades religiosas, em particular, continuam assim a orientar a vida dos migrantes nos mais “variados níveis: cívico, económico, afectivo, cultural, linguístico e, certamente, religioso. Todas estas dimensões adquirem especial relevância e transversalidade no caso das comunidades de imigrantes” (Vilaça, 2008: 25).

## **2.1 A Igreja Católica: Obra Católica Portuguesa de Migrações no Porto**

As Igrejas foram as primeiras instituições e, durante muito tempo, quase as únicas a congregar imigrantes e a oferecer-lhes diversos serviços. Historicamente, de acordo com um levantamento de Milesi, Bonassi e Shimano (2001), a questão migratória torna-se uma preocupação da Igreja Católica pela primeira vez em 1891, quando, por consequência da carta encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII e direcionadas para a ação pastoral junto dos migrantes, surgem as congregações dos missionários e missionárias de S. Carlos Borromeo, fundadas por João Scalabrini, bispo em Itália. Entretanto, mais de meio século depois (1952), a Constituição *Exsul Familia* dá origem a uma rede de organismos nacionais e diocesanos, nas Igrejas de saída e

destino, com o objetivo de apoiar com os serviços necessários os migrantes. Mas é só após o Concílio Ecuménico Vaticano II, nos anos sessenta, que de um novo diálogo entre a Igreja Católica e o mundo moderno nasce uma série de documentos sobre as migrações e se evidencia a preocupação e o compromisso da Igreja com os migrantes e refugiados. Daqui resultaria, ainda, a criação da Pontifícia Comissão para a Pastoral das Migrações e do Turismo, atualmente conhecida por Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes.

Atualmente, no caso das ditas Igrejas históricas, sublinha Vilaça, mesmo que estas não sejam, como no passado, instituições imprescindíveis à coesão social, as mesmas têm (re)criado “mecanismos de ordem diversa com vista à sua integração sistémica, contribuindo, na sequência disso, para a integração social dos indivíduos a variados níveis” (Vilaça, 2008: 25) e que são particularmente relevantes no caso dos imigrantes: cívico, económico, afetivo, cultural, linguístico e religioso.

No caso da Igreja Católica portuguesa, esta é, ainda, a instituição mais importante na receção dos imigrantes na sociedade. Além da sua importante ação visível nos muitos católicos comprometidos (especialmente jesuítas), alguns dos quais ocupando posições nos principais órgãos do Estado, como o Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI) ou o Observatório da Imigração (OI), a Igreja desempenha um papel fundamental através da Obra Católica Portuguesa de Migrações (OCPM). Trabalho que suporta, desde final dos anos sessenta e início dos anos setenta do século XX, as dioceses, com a importante missão de acolher e ajudar as comunidades de outras nacionalidades em Portugal, bem como as comunidades de refugiados e requerentes de asilo – em sua maioria não-católicos (Vilaça e Oliveira, no prelo). No entanto, nem todas as dioceses têm a oportunidade de desenvolver este trabalho da mesma forma. Isso depende, como constatou Vilaça (2008), do tamanho, recursos, localização geográfica e do comprometimento e competência dos protagonistas, pelo que, em algumas secretarias do interior, por exemplo, apenas esporadicamente se organiza uma ou outra atividade cultural.

No Porto, a ação do Secretariado Diocesano das Migrações funciona desde 1998 e tem lugar no Seminário de Vilar, na freguesia de Massarelos. Um trabalho que, para termos uma ideia, durante o ano de 2010, envolveu cerca de trinta mil euros gastos, entre outros, em alojamento, alimentação, transportes, despesas de saúde, funerais, custos com o SEF, vistos, despesas com os cursos de português e atividades culturais.

Entre os 2099 casos atendidos em 2010, apenas trinta e quatro perfazem o total do conjunto dos imigrantes africanos, brasileiros e chineses. Maioritariamente procurado por cristãos ortodoxos dos países de Leste, nomeadamente, da Rússia, da Ucrânia e da Roménia, o Secretariado questiona-se sobre a razão dos brasileiros, que representam a maior comunidade de imigrantes em Portugal e no Porto, procurar tão pouco os serviços da OCPM.

“Nós durante os primeiros anos pensávamos, mesmo quando reunimos em formação, a nível nacional, ‘como é que a comunidade brasileira é a maior e não se veem, não há, não estão nas nossas atividades?’. (...) Nós temos uma relação excelente, mas é com aquele grupinho reduzido, pronto, mas que são os amigos da presidente, os grupinhos da direção, da associação. Mas não se chega ao brasileiro vulgar, pronto. (...) Mesmo a associação não consegue, é muito difícil mobilizá-los. É complicado.”

A questão linguística é, certamente, uma explicação ponderável que, por exemplo, justifica a não necessidade de apoio na tradução de documentos, no preenchimento de formulários, na compreensão das leis de imigração e a não necessidade de intermediação junto de entidades como o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), o Consulado do Brasil ou a Segurança Social. Mas o aprofundamento da conversa permite-nos perceber outras explicações.

Desde logo, razões de cariz religioso. O *bricolage* religioso, frequentemente apontado como uma característica da sociedade brasileira, é também reconhecido pelo próprio secretariado como um entrave quando procuram trabalhar com os imigrantes brasileiros. Pese embora, ao contrário da Igreja Católica, como o próprio secretariado frequentemente se apercebe, grande parte das denominações religiosas a que estão ligados os brasileiros não tenham propriamente um trabalho de apoio à imigração, mas antes uma exclusiva missão de evangelização.

“E temos visto que os brasileiros, ao longo deste tempo que os vamos conhecendo, vêm por intermédio de outras pessoas e tal, mas depois não há o interesse em continuar porque eles têm as coisas mais variadas, o espiritismo, aquelas seitas todas, da igreja não sei do quê, que ninguém sabe o que são. E depois, dentro das próprias seitas e disso tudo, eles também são muito mentalizados, aquelas lavagens

cerebrais, e em que pessoas fragilizadas facilmente entram (...) há ali uma mistura, que eles não sabem o que são, não têm uma identidade religiosa definida. E então, como já há uns que estão não sei onde, na igreja messiânica não sei de quê, outros estão não sei onde, eles vão uns atrás dos outros e toda aquela movimentação, que às vezes não é tão saudável quanto isso, do nosso ponto de vista, daquilo que conhecemos, mas que de certa forma os fecha. É um bocado disso e eu penso que andará muito por aí.”

Ao contrário dos muçulmanos e dos cristãos ortodoxos, por exemplo, com quem desenvolvem grande parte do trabalho, sem que uns ou outros interfiram nas pertenças religiosas, os brasileiros são apontados pelo secretariado como uma comunidade fechada nas suas “seitas”, nos seus “espiritismos”. Um discurso que não é, de todo, indissociável do facto de estas serem as igrejas que mais competem com a Igreja Católica no campo religioso, ao contrário dos muçulmanos ou cristãos ortodoxos.

“Estamos para apoiar e se organizarmos atividades conjuntas podemos orar em conjunto e não se mistura nada, e eles [muçulmanos] percebem isso. E, portanto, têm várias ações connosco, desde sempre. Os ortodoxos percebem perfeitamente e continuam a ser ortodoxos, e eu continuo a ser católica, e vou às celebrações deles e eles vêm às nossas, e faz-se muita coisa em conjunto, mas sem ferir a identidade de ninguém, nem nada disso. E eles [brasileiros] não, não sei, fecham-se muito nessas comunidades pequeninas, nessas coisas.”

Por esta razão, o único trabalho com a população brasileira tem-se dado, muito recentemente, sobretudo a nível cultural, através da Associação Mais Brasil (AMB) – única associação na região do Porto que representa a comunidade brasileira e cuja presidente é católica –, nomeadamente, no âmbito de encontros, confraternizações ou festejos. Acontecimentos onde, ainda assim, como se pôde constatar em alguns eventos ao longo do decorrer desta investigação, a própria AMB consegue mobilizar pouco mais do que os seus dirigentes e amigos.

“Mas lá está, dos brasileiros é um grupo muito pequenininho, sempre. Mesmo a associação não consegue, é muito difícil mobilizá-los. (...) Não sei porquê, porque se propomos um nível espiritual, como já fizemos, vêm três ou quatro... Acharam

engraçado e pronto. O lado cultural, pronto, umas exposições e tal, mais ou menos a coisa vai, mas também não vem muita gente, é só o núcleo.”

Para além das associações, o Secretariado trabalha de forma articulada com o ACIDI, aliás, este último com um trabalho muito próximo, que começou, inclusive, antes da existência do ACIDI, quando abriu no Porto o Centro Nacional de Apoio ao Imigrante (CNAI) e o Padre Vaz Pinto, então Alto-Comissário para a Imigração e Minorias Étnicas<sup>4</sup>, pediu a colaboração do Secretariado. Mais uma situação que é exemplificativa da cooperação e até dependência do Estado português em relação à Igreja nas questões sociais, mas revela, também, uma grande inexperiência do Estado nas questões migratórias, pelo que, até aos inícios da década de 90, com a chegada de fluxos de migrantes brasileiros, a imigração não tinha chegado à agenda política e à opinião pública como um efetivo problema sobre o qual era preciso legislar.

“(…) e veio para o Porto e aí pediram-nos colaboração, porque também estavam um bocado a começar assim sem... E trabalhámos muito em conjunto, e aliás, temos duas pessoas do secretariado que trabalham no ACIDI, neste caso no CNAI. Uma das advogadas que começou a trabalhar com o ACIME no princípio ainda em Carlos Alberto, ainda não havia CNAI. E que depois passou para o CNAI, e ainda está lá, no departamento jurídico, mas é nossa já há muito tempo.”

Ainda ao nível do poder instituído, destacamos o trabalho que o Secretariado procura articular com os consulados e embaixadas. Um trabalho que, mais uma vez, esbarrou ao longo dos anos em dificuldades com o Consulado do Brasil no Porto, situação para a qual o Secretariado não encontra uma explicação. Recentemente, já durante o ano de 2011, através de alguns encontros que a AMB promoveu<sup>5</sup> e onde se

---

<sup>4</sup> O Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME) – atual Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI) – é um organismo do Estado que surgiu em 1996, com o objetivo de coordenar interministerialmente o trabalho de integração social, envolvendo, simultaneamente, as associações de imigrantes na discussão sobre a imigração e discriminação racial. Mais tarde, em 2004, com algumas reformulações, vieram ainda a ser criados pontos de apoio e atendimento especializados a imigrantes (CNAI), sobretudo em Lisboa e no Porto, e outros de âmbito mais local (CLAII), em zonas cuja concentração de imigrantes o justifica.

<sup>5</sup> São exemplos deste esforço o *Lanche Benéfico em Apoio aos Reclusos Brasileiros*, que decorreu no dia 17 de abril e o *1º Encontro Transnacional de Associações Brasileiras*, no dia 2 de maio.

contou com a participação da então vice-consulesa, uma nova expectativa emergiu, pese embora o imigrante “comum” aparecer como pouco envolvido.

“Agora temos uma relação institucional, obviamente, mas até muito cordial, mais próxima, porque devido aos encontros promovidos pela Mais Brasil, em que a senhora vice-cônsul, a Dra. Rosely, se aproximou muito, e realmente é uma senhora espetacular, com uma abertura muito boa, e que quis muito conhecer-me. (...) Mas até aqui não, até aqui nós convidámos os consulados sempre que há atividades, o cônsul da Ucrânia vem sempre, esse nosso amigo está sempre; do consulado do Brasil nunca, nem resposta. Nunca vinha, era uma ausência completa.”

Aos fatores linguísticos, de cariz religioso, e fatores de dificuldade relacional com o poder instituído, que cumulativamente parecem contribuir para explicar o difícil trabalho do Secretariado com os imigrantes brasileiros, acresce um outro, um problema organizacional interno à Igreja. Longe de ser um problema particular com os brasileiros, a difícil coordenação entre o Secretariado e as paróquias explica também, do nosso ponto de vista, um trabalho pouco conseguido.

“Nós tentamos, mas isso também é um processo muito complicado com as paróquias, entre a cúria e as paróquias. Isto parece assim bocado mau, dizer isto, mas essa é a nossa grande batalha. Não é minha, é de todos os secretariados. Há uma enorme dificuldade de comunicação entre a cúria e os párocos. Os párocos estão muito na sua quintinha e, portanto, por muito que a gente telefone, por muito que a gente comunique, por muito que se peça para avisar, por muito que se mande não sei quantas mil coisas, acaba tudo por ficar calado e eles continuam a funcionar na sua... É muito difícil essa comunicação com os serviços centrais da Diocese, muito complicado, mas a todos os níveis.”

Mais, o estigma aparece, também, no seio da Igreja e quem o admite é a própria coordenadora do Secretariado. A imagem da mulher brasileira associada à prostituição não é apenas uma representação dos portugueses em geral, mas também uma ideia entre alguns sacerdotes. Corrobora-se, assim, o que defende Menjívar (1999, cit. por Curtinhal, 2007), quando acusa a Igreja Católica de ser excessivamente burocratizada,

hierarquizada e de estar embrenhada em processos contraditórios de homogeneização cultural e de pluralismo comunitário, característicos da modernidade.

“Porque também os nossos padres também não têm um bocadinho (...) Não são todos, mas pronto, esse estigma que a mulher brasileira tem também é um bocado (...) interfere muito em todas as coisas.”

A Igreja Católica e, em particular, a OCPM, através do seu secretariado no Porto, revela-se um núcleo que não potencia junto destes imigrantes qualquer tipo de dinâmica coletiva para além da institucional. Concluímos que, apesar de ser a principal instituição portuguesa na esfera do trabalho social e com serviços especificamente direcionados para os imigrantes, a Igreja Católica neste contexto e com estes imigrantes não forma “comunidade”, porque as redes sociais entre os imigrantes brasileiros nem sequer chegam a formar-se para que daí resultem quaisquer tipos de ganhos ou limitações, isto é, para que daí advenha capital social *positivo* ou *negativo*.

## **2.2 Os evangélicos: o caso da Igreja Pentecostal das Missões no Porto**

Ao contrário da Igreja Católica, que se caracteriza por ser fortemente institucionalizada, as igrejas evangélicas “por serem mais pequenas, menos burocratizadas, menos hierarquizadas, frequentemente mais recentes e mais receptíveis à mudança, revelam-se melhor equipadas para responder aos desafios colocados pelo transnacionalismo e mais aptas para operar em novos espaços religiosos” (Curtinhal, 2007: 38). A própria *conversão* ou *conversão interna*, como lhe apelida LeBlanc (isto é, entre diversas manifestações de uma mesma tendência religiosa), representa uma certa fluidez religiosa, onde o proselitismo adquire novos contornos e as práticas religiosas dos migrantes se permitem não ser, nem réplicas exatas das do país de origem, nem construções completamente novas. São práticas que se constroem em relação com o lugar de origem e a sociedade de imigração, mas também a partir de “entre-lugares” que articulam as ligações transnacionais (Meintel e LeBlanc, 2003). Juntam-se a estas características a importância da missão evangelizadora, a livre interpretação bíblica e da vivência religiosa, funcionando como um elemento facilitador para que qualquer crente possa sentir o chamamento e criar uma nova seita, denominação ou Igreja (Rodrigues, 2007).

O pentecostalismo, que encontrou no seio do protestantismo a sua marca distintiva no *falar em línguas*<sup>6</sup>, entrou em Portugal, à semelhança do que aconteceu no Brasil e, antes disso, como até então se havia expandido nos Estados Unidos, através dos migrantes. Num movimento que é, assim, reflexo de um movimento de diáspora mais vasto, em que o pentecostalismo e os migrantes se têm movido lado a lado. À semelhança, também, do que havia acontecido no Brasil – onde o pentecostalismo veio a proporcionar ao migrante coesão, segurança e novas oportunidades sociais e económicas<sup>7</sup> –, em Portugal o pentecostalismo brasileiro foi já reconhecido como um elemento de supressão da necessidade de identificação para os imigrantes que, num ambiente onde se sentem estranhos e frequentemente desconfortáveis, procuram distanciar-se do estereótipo que os portugueses têm sobre os brasileiros e fazem-se reconhecer como diferentes<sup>8</sup> diante dos outros indivíduos (Téchio, 2008). Referimo-nos, particularmente, a uma imagem simbólica negativa construída em torno da associação dos brasileiros à prostituição e à vida fácil, sobretudo no caso das mulheres (Padilla, 2007), mas também à violência urbana, à alegria e à carnavalização em detrimento do trabalho (Machado, 2009).

Por outro lado, as igrejas pentecostais, contrariamente às igrejas tradicionais, abrem ainda possibilidades à mulher no púlpito e às camadas populares, estas que se expressam sem estruturas institucionais fortes que dividem o povo do ‘clero’, permitindo que “povo pregue para povo” (Téchio, 2011). São igrejas conhecidas por «igrejas do pobre» e não «a igreja para o pobre», como a Igreja Católica (Rodrigues, 2007: 139).

“Diferentemente dos líderes em igrejas tradicionais que muitas vezes parecem distintas das carências e problemas reais da comunidade, os líderes pentecostais, oriundos do mesmo meio, tem uma compreensão do sentido da vida, dos sofrimentos e aspirações e seus membros, e isto se torna um conhecimento poderoso no trato da comunicação e influência.” (Téchio, 2011: 96-97).

---

<sup>6</sup> Falar em línguas é a evidência do batismo com Espírito Santo.

<sup>7</sup> Para um conhecimento mais profundo sobre as origens do pentecostalismo brasileiro, entre outros, recomenda-se a obra de Paul Freston, *Protestantes e política no Brasil*, 1993.

<sup>8</sup> Sobre os processos de *distanciamento* versus *proximidade* à imagem ideal dos brasileiros em relação aos seus compatriotas recomenda-se a leitura da obra de Igor Renó Machado, entre os quais, o livro *Cárcere público: processos de exotização entre brasileiros no Porto*, 2009.

É neste contexto que surge o interesse pelo trabalho das igrejas pentecostais e, em particular, pela Igreja Pentecostal das Missões (IPM), por ser, curiosamente, uma igreja de origem brasileira que surge pela primeira vez no Porto, cidade que é ainda hoje a sua sede mundial. Com um total de treze igrejas em Portugal e dezoito no Brasil<sup>9</sup>, a IPM emergiu em 2007 de uma cisão com a Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA)<sup>10</sup> que espoletou alguns problemas doutrinários. Ao querer atender aos antigos membros da IPDA, a IPM precisava manter uma doutrina rígida<sup>11</sup>, o que não era atrativo para a captação de novos membros, nomeadamente junto da população portuguesa (Téchio, 2011). Percebemos isso nas palavras do pastor Aparecido Corrêa, fundador da IPM:

“(...) eu vim para aqui para a Europa, eu comecei a ver que a cultura era diferente e para trazer as pessoas para aqui eu tinha que abrir mão de algumas coisas que eu não concordava, está entendendo? Porque o que é que acontece? Isso não é evangelismo! (...) Aqui na nossa igreja nós temos algumas regras de trajar, mas é mais para o culto, para se apresentar na igreja, mas por outro lado a gente é flexível.”

Esta cisão doutrinária teve como consequência, por exemplo, que fossem predominantemente as classes dos “congregados” (pessoas que frequentam regularmente os cultos, mas não são batizados) e “visitantes” (simpatizantes que ocasionalmente vão aos cultos), e não a classe dos “membros” (o que implica o batismo), quem seguiu com o pastor Aparecido para a nova igreja. Diríamos, assumindo a proposta de Enzo Pace (2005) sobre possíveis modelos abstratos para regular as relações entre o sistema de crença e o meio ambiente no caso de grupos de imigrantes, que a IPM interpreta uma situação de *diáspora*, o que implica uma reinterpretação da norma a fim de manter a própria especificidade do grupo em relação à sociedade de acolhimento, mas também para ganhar a sua própria independência em termos de regras com relação à sua sociedade de origem. Num ambiente social e cultural

---

<sup>9</sup> A IPM em Portugal tem ministérios em Águeda, Almeirim, Alverca, Aveiro, Braga, Cacém, Entroncamento, Lisboa, Melgaço, Monção, Monte Redondo (Leiria), Porto e Valença do Minho. Para além destas, em Portugal, a IPM teve mais onze igrejas que o Pastor Aparecido deixou com outros pastores independentes. IPM no Brasil: nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Amazonas, São Paulo e Pará.

<sup>10</sup> Para uma melhor compreensão deste processo de cisão devemos ler Téchio, 2011.

<sup>11</sup> A IPDA é conhecida pelas suas doutrinas de não socialização.

maioritariamente católico, como é o caso da sociedade portuguesa, e em que muitas das igrejas pentecostais são olhadas como seitas (no seu sentido pejorativo), a identidade e as práticas religiosas obrigam-se a uma reinvenção como forma de sobrevivência. Isto é tão mais necessário quanto percebemos que são igrejas que se voltam, essencialmente, a evangelizar novas sociedades, não desenvolvendo um trabalho específico com os seus migrantes. O facto de servirem uma função social junto da sua comunidade de origem em países de acolhimento é um acontecimento lateral, não intencionado.

“Nós damos apoio aos nossos compatriotas também que chegam aqui e se perdem, ficam desorientados, nós damos apoio, mas o intuito da igreja é atingir aquela nação onde nós estamos, aquelas pessoas.”

Apesar disso, a IPM parece mobilizar muitos brasileiros. O pastor fala em cinquenta por cento dos seus congregados, um número que a observação nos permite aceitar com algum realismo<sup>12</sup>. São, essencialmente, imigrantes em condição socioeconómica fragilizada, alguns deles recuperados da rua onde a equipa de evangelismo os encontra.

“Geralmente quem sai de lá e vem para cá, já vem, como diz o ditado, para fazer um pé-de-meia, para ganhar dinheiro. Então, a pessoa já vem de lá para cá totalmente desfalecido financeiramente, não é? (...) Tem muitos que até dormem na rua. Por exemplo, nós temos uma equipe de evangelismo, que faz evangelismo à noite, e a gente encontra muita gente, encontramos aí um ex-jogador de futebol que perdeu a família, perdeu tudo e estava ali jogado, dormindo na rua, entendeu? E nós acolhemos.”

Pessoas a quem ajudam na superação das necessidades mais básicas, nomeadamente com a alimentação e o vestuário que conseguem através de doações, mas também a quem assistem na resolução de problemas como de habitação e emprego.

---

<sup>12</sup> A observação dos cultos não nos permitiu avançar com uma análise quantitativa do público, uma vez que os indivíduos não possuem uma etiqueta que os distinga como brasileiros, mas o sotaque das conversas e das orações em voz alta permitiram-nos perceber a sua forte expressão.

“Por exemplo, o camarada do Brasil chega aqui, ele vai alugar um apartamento, por exemplo, ele precisa de um avalista, mas às vezes ele não tem condições de bancar aquela renda. Aí a gente dá um jeito, a gente conhece as pessoas e arruma um quarto barato ou aluga um apartamento e divide por dois, entendeu? A gente ajuda nessa parte também, orienta em emprego. Nós, por exemplo, na igreja, perguntamos se sabem de algum trabalho que precisem de alguém e vai encaixando. Temos ajudado muita gente.”

Por outro lado, a IPM prima, ainda junto dos migrantes, por uma postura que é não apenas de não exclusão de um público diverso – composto, maioritariamente, por portugueses e brasileiros, mas também por africanos e ciganos –, como por uma postura de caloroso acolhimento, expresso, nomeadamente, através dos afetos.

“E eu noutra dia estava na igreja e fui lá e abracei os ciganos e um pastor meu amigo “Você é louco, você é doido, rapaz! Nem chega nem perto dessa pessoa”. Não é a roupa, não é o cheiro dele, eu tenho que ver que é uma alma. Como nós vamos ensiná-los se a gente fizer segregação de pessoas? Vêm para a igreja, nós convidamos, nós evangelizamos, e eles chegam aqui, porque é cigano, porque é africano, porque... cheirando mal, porque não está bem assim, isso não se faz. A igreja não faz segregação de pessoas, entende? E Deus é isso. O Senhor é isso, Deus não olha para a classe, para a posição, para a nacionalidade.”

Dentro do que consideram “viável” servem, ainda, de intermediários com outras instituições para resolução de problemas com documentação, desde que, como afirma o pastor, “não vai contrariar aquilo que nós pregamos a gente trabalha em conjunto também, sim.” Um trabalho que é muito mais de intermediação com o poder instituído do que de procura de cooperação, como acontece no caso da Igreja Católica. Mais uma vez, um exemplo de um trabalho não intencionado, mas que, em situação de necessidade e pela proximidade que mantém com os seus membros, a IPM ajuda a resolver. Para além da função *manifesta* de salvação (Wilson, 1988), podemos verificar que a IPM cumpre uma série de funções sociais de natureza material e logística no dia a dia destes imigrantes que, embora *manifestas*, não são primárias aos objetivos da igreja, estando, sobretudo, enquadradas no trabalho de proselitismo e captação de novos membros.

Na IPM, os ganhos de *ocupação* ou de *acumulação*, de que nos fala Bourdieu (2003), são claros, estabelecendo-se uma diferença entre os que pertencem à igreja e os outros, de quem se distinguem nas suas práticas religiosas, mas também nos princípios de classificação, de visão e de divisão. Princípios que assumem, por isso, um caráter simbólico e que, cumulativamente, refletem ganhos de *posição* através da posse do capital religioso. Mas se os ganhos da participação neste contexto são evidentes, as limitações ou contrapartidas são, também, mais apertadas.

“Primeiro passo: tem que aceitar Jesus! Quer dizer, aceitar a Cristo com a sua vida. Depois que ela faz isso, ela vai ser o quê? Ela vai ter um discipulado, ela vai passar a ter uns três meses de ensinamento, tudo o que é ser um cristão, a ética, enfim, as responsabilidades, o batismo. (...) Depois de ser batizado, ele tem de ser...seguir as normas da igreja, não é? Que toda a igreja, toda a instituição tem certas normas. Nós temos algumas normas. (...) A frequência nos cultos, o participar da santa ceia, o participar das atividades da igreja, cooperar com a igreja, cooperar com as atividades que a igreja tem como assistente social... [e] ser fiel aos dízimos.”

Ao contrário da Igreja católica, na IPM o efeito “comunidade” operacionaliza-se por si mesmo, através de uma dinâmica coletiva que emerge do contato entre as pessoas e não antes delas, numa estrutura menos rígida hierarquicamente do que a Igreja católica, mas nem por isso menos estruturada.

### **Considerações finais**

Analisamos, aqui, dois casos totalmente distintos em forma e conteúdo. Por um lado, a Igreja Católica, maioritária, com longa experiência de trabalho social e vocacionada a acolher imigrantes, mas que não consegue chegar ao imigrante brasileiro. Por outro, a IPM, uma igreja da esfera religiosa minoritária, quase despercebida aos olhos de quem passa à sua porta e sem qualquer estrutura preparada previamente para ir ao encontro dos migrantes, mas que consegue reunir algumas dezenas de brasileiros. Obviamente, não temos um indicador disponível de comparação direta sobre a presença dos brasileiros nas igrejas católicas, mas podemos pensar que se, de alguma forma, as paróquias fossem visivelmente frequentadas por brasileiros, o secretariado teria disso

conhecimento – o que não acontece. Esta constatação levanta-nos a questão: o que explica esta aparente paradoxalidade?

Tentamos elencar algumas explicações que recolhemos junto dos protagonistas. Do lado da Igreja Católica, referimos os fatores linguísticos, de cariz religioso, fatores de dificuldade relacional com o poder instituído e fatores organizacionais internos, todos funcionando de forma cumulativa na tentativa de compreender as falhas de alcance a esta população. Do lado da IPM, constatamos uma estratégia de adaptação, um trabalho de proximidade, de acolhimento caloroso e expressão de afetos. Mas serão estas diferenças as únicas?

A perspetiva de uma análise explicada a partir do país de origem também não é de desconsiderar. Embora o Brasil permaneça com o maior contingente populacional católico do mundo, sabemos que o número de evangélicos e, particularmente, evangélicos pentecostais tem crescido de forma acentuada e o catolicismo tem lutado para não perder os seus fiéis. Para termos uma ideia, dados de uma pesquisa sobre o mapa religioso brasileiro (Neri, 2011) revelam-nos que, em 2009, o catolicismo brasileiro atingiu a menor participação de sempre, com 68,43% de brasileiros a assumirem-se como católicos, contra 12,76% de evangélicos protestantes (sobretudo pertencentes à Assembleia de Deus) e 7,47% de outros evangélicos (maioritariamente da Igreja Evangélica Batista). Podemos, então, levantar a hipótese de, no contexto migratório portuense, se estar a refletir uma tendência mais global que tem origens na sociedade de partida, mas esta explicação não é linear, nem se explica por si mesma. A mesma pesquisa revela-nos que a maior parte dos evangélicos pentecostais no Brasil pertence às classes económicas intermédias inferiores, seguida dos pobres. Precisamente, uma característica daqueles que, nos últimos anos, têm perfilado a conhecida “segunda vaga” de imigrantes brasileiros, frequentemente menos escolarizada, direcionada para segmentos de trabalho mais pobres e oriunda de “camadas sociais médias ou, com um relevo crescente, médias-baixas” (Peixoto e Figueiredo, 2007: 94). Condição que, ao contrário do que muitas vezes se pensa, não é uma característica exclusiva dos imigrantes brasileiros que vivem na Área Metropolitana de Lisboa. No Porto, Renó Machado encontrou imigrantes brasileiros maioritariamente pobres, mais “*garçons* que dentistas, mais músicos que professores de ginástica, mais jogadores de futebol que todas as categorias de profissionais liberais juntas” (Machado, 2007: 172). Então, provavelmente, o que acontece é que são os evangélicos os que mais

emigram e, como referia Herberg (1983), do imigrante espera-se que mude muitas coisas sobre si – a nacionalidade, a língua e até a cultura –, mas não se espera que mude de religião.

No entanto, tal não significa que a pertença religiosa seja uma marca predominante entre os brasileiros. O que a nossa pesquisa nos tem mostrado é que a maioria não procura essa dimensão na sua vida, pelo menos, em contexto migratório. Aliás, um estudo relativamente recente dá conta que o apoio aos imigrantes brasileiros é, sobretudo, dado por familiares, amigos e conhecidos, sendo que o recurso a associações de imigrantes e às diversas organizações de apoio, nomeadamente religiosas, são referidas apenas por uma minoria (3,7%) dos imigrantes (Lages *et al.*, 2006). São, por isso, as formas de solidariedade informais as que prevalecem, o que é ainda mais interessante se olharmos ao facto de, nos últimos anos, terem surgido inúmeras associações e estruturas de suporte. A explicação parece, então, mais complexa.

Tal como Téchio (2008) concluiu sobre a IPDA, o que parece acontecer é que, quando a identidade religiosa se sobrepõe, encontramos nas igrejas evangélicas, particularmente evangélicas pentecostais, núcleos que, ainda que pequenos, funcionam como forma de manutenção dessa mesma identidade, na medida em que o indivíduo/imigrante “procura aproximar-se de pessoas com aparências/interesses semelhantes (crentes/pentecostais), sobrepondo as diferenças da nacionalidade, situação social, grau de formação académica, etc. (...) Dessa maneira, observa-se que o grupo pentecostal brasileiro, entendido enquanto comunidade imaginada (Anderson, 2008) ajuda a suprir esta necessidade de identificação para os imigrantes que procuram distanciar-se do estereótipo dos brasileiros em Portugal” (Téchio, 2008: 103). Renó Machado havia já apreendido isso quando, com a sua pesquisa, concluiu que a comunidade brasileira no Porto não quer “enxergar-se como um grupo de pessoas dividindo concepções semelhantes” (Machado, 2009: 143).

Pelo contrário, como parece ser o caso da maior parte dos imigrantes brasileiros no Porto, quando há manifestação de uma vontade de afastamento a uma pertença comum – tão mais frequente entre os indivíduos melhor posicionados socialmente porque não precisam de se aproximar da imagem ideal da identidade brasileira para se inserir em Portugal (Machado, 2009) – acresce a ausência de identificação religiosa (porque simplesmente não existe ou porque, perante o novo contexto, fica relegada a um

plano individual), então, encontramos o brasileiro mais “comum”. Indivíduos que negam a existência de uma comunidade brasileira, que afirmam a desunião e que assentam, predominantemente, as suas estratégias de integração (de forma consciente ou não) nas redes de solidariedade mais informais. São estas e outras questões que aqui se levantam, sobretudo sob forma de reflexão, e que queremos deixar. Questões que poderão ser alvo de pesquisas autónomas, mais focalizadas, mas as quais também tentaremos aprofundar com a nossa própria pesquisa em curso.

### Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre (1980), “Le capital social: notes provisoires”, in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, vol. 31, nº. 1, 2-3.
- (2003), “Efeitos de lugar”, in Pierre Bourdieu [et al.], *A miséria do mundo*, Petrópolis, Vozes, pp. 159-166.
- CURTINHAL, Elisabete (2007), “*Deus é brasileiro*”: vivências religiosas e o quotidiano entre imigrantes brasileiros católicos e evangélicos, Dissertação de Mestrado em Antropologia, Lisboa, ISCTE.
- DURKHEIM, Émile (1990), *Les formes élémentaires de la vie religieuse : le système totémique en Australie*, Paris, PUF.
- FERNANDES, António Teixeira (1990), “Individualismo, subjectividade e relação social”, in *Filosofia*, Revista da FLUP, série II, vol. 07, 59-82.
- GIDDENS, Anthony (1995), *As consequências da modernidade*, Oeiras, Celta Editora.
- GUERRA, Paula (2003), “A cidade na encruzilhada do urbano: elementos para uma abordagem de um objecto complexo”, in *Sociologia*, Revista da FLUP, série I, vol. 13, 69-119.
- HERBERG, Will (1983), *Protestant, Catholic, Jew: an essay in American religious sociology*, Chicago, University of Chicago Press.
- LAGES, Mário F. [et al.] (2006), *Os imigrantes e a população portuguesa: imagens recíprocas. Análise de duas sondagens*, Lisboa, OI.
- MACHADO, Fernando Luís (2002), *Contrastes e continuidades: migração, etnicidade e integração dos guineenses em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
- MACHADO, Fernando Luís; ABRANCHES, Maria (2007), “O capital social externo dos imigrantes”, in Jorge Vala e Anália Torres (orgs.), *Contextos e atitudes sociais na Europa. Atitudes sociais dos portugueses*, 6, Lisboa, ICS, pp. 251-269.

- MACHADO, Igor Renó (2007), “Reflexões sobre as identidades brasileiras em Portugal, in Jorge Malheiros (coord.), *Imigração brasileira em Portugal*, Lisboa, OI, pp. 171-189.
- (2009), *Cárcere público: processos de exotização entre brasileiros no Porto*, Lisboa, ICS.
- MALHEIROS, Jorge (2007), “Os brasileiros em Portugal – a síntese do que sabemos”, in Jorge Malheiros (coord.), *Imigração brasileira em Portugal*, Lisboa, OI, pp. 11-37.
- MEINTEL, Deirdre; LEBLANC, Marie Nathalie (2003), “Présentation: la mobilité du religieux à l’ère de la globalisation”, in *Anthropologie et Sociétés*, vol. 27, n° 1, 5-10.
- MILESI, Rosita; BONASSI, Margherita; SHIMANO, Maria (2001), *Migrações internacionais e sociedade civil organizada: entidades confessionais que atuam com estrangeiros no Brasil com brasileiros no exterior*, Brasília, SDS.
- NERI, Marcelo (2011), *Novo mapa das religiões*, Rio de Janeiro, FGV/CPS.
- PACE, Enzo (2005), “Religion and migration”, in Wolfgang Bosswick e Charles Husband (orgs.), *Comparative European research in migration, diversity and identities*, Bilbao, University of Deusto, pp. 113-123.
- PADILLA, Beatriz (2007), “A imigrante brasileira em Portugal: considerando o género na análise”, in Jorge Malheiros (coord.), *Imigração brasileira em Portugal*, Lisboa, OI, pp. 113-134.
- PEIXOTO, João; FIGUEIREDO, Alexandra (2007), “Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal”, in Jorge Macaísta Malheiros (coord.), *Imigração brasileira em Portugal*, Lisboa, OI, pp. 87-111.
- PIRES, Rui Pena (2003), *Migrações e integração: teoria e aplicações à sociedade portuguesa*, Oeiras, Celta Editora.
- PORTES, Alejandro (2000), “Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea”, in *Sociologia, Problemas e Práticas*, n° 33, 133-158.
- REBELO, Emília Maria (2006), *Planeamento urbano para a integração de imigrantes*, Lisboa, ACIME.
- RÉMY, Jean; VOYÉ, Liliane (2004), *A cidade: rumo a uma nova definição?*, Porto, Afrontamento.
- RODRIGUES, Donizete (2007), *Sociologia da Religião: uma introdução*, Porto, Afrontamento.
- TÉCHIO, Kachia (2008), “Fronteiras religiosas na metrópole portuguesa: o caso dos brasileiros pentecostais”, in *Revista Migrações*, Abril 2009, n.º 4, 81-107.
- (2011), *Transformando a água em sangue: uma análise sobre a exportação evangélica brasileira através das performances da IPDA*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Lisboa, FCSH.
- TOURAINÉ, Alain (1997), *Iguais e diferentes: poderemos viver juntos?*, Lisboa, Instituto Piaget.

TSHANNEN, Olivier (1998), “Religion as a resource for the creation of personal identity in a secularized context”, in Rudi Laermans, Bryan Wilson, Jaak Billiet (orgs.), *Secularization and social integration: papers in honor of Karel Dobbelaere*, Louvain, Leuven University Press, pp. 253-260.

VILAÇA, Helena (2006), *Da Torre de Babel às Terras Prometidas: pluralismo religioso em Portugal*, Porto, Afrontamento.

– (2008), *Imigração, etnicidades e religião: o papel das comunidades religiosas na integração dos imigrantes da Europa de Leste*, Lisboa, ACIDI.

VILAÇA, Helena e OLIVEIRA, Maria João (no prelo), “Portrait du Catholicisme au Portugal”, in Pérez-Agote, Alfonso [et al.], *Portraits du catholicisme: Belgique, Espagne, France, Italie, Portugal*, Paris, Éditions de Rennes.

## ABSTRACT/RÉSUMÉ/RESUMEN

### Abstract

*Spaces of religiosity in Oporto: their role in the integration of Brazilian immigrants*

As a process of numerous changes and ruptures, migrations often emerge as critical situations of migrants' social integration in the arrival societies. In this context, it confers an important role the belonging to relational networks which are understood as elements that potentially facilitate the immigrants' participation in the new interactive order. In particular, we will reflect on how different spaces of religiosity – specifically the Portuguese Catholic Organization for Migration (OCPM) and the Pentecostal Missions Church (IPM), an evangelical church of Brazilian origin – contribute to enhance the formation of networks and the social integration of Brazilian immigrants in Oporto.

Keywords: Religion; Brazilian immigrants; Networks; Oporto.

### Résumé

*Espaces de religiosité à Porto: leur rôle dans l'intégration des immigrants brésiliens*

En tant que processus de nombreux changements et ruptures, les migrations apparaissent souvent comme des situations critiques de l'intégration sociale des les migrants dans les sociétés

d'arrivée. Dans ce contexte, assume un rôle pertinent l'appartenance à des réseaux relationnels qui se comprennent fonctionnent comme des éléments potentiellement facilitateurs de la participation des immigrés dans le nouvel ordre interactif. En particulier, nous nous proposons de réfléchir sur comment espaces de religiosité distincts – concrètement, l'Action Catholique Portugaise des Migrations (OCPM) et l'Église Pentecôtiste des Missions (IPM), église évangélique d'origine brésilienne – contribuent à potentialiser la formation des réseaux et de l'intégration sociale des immigrés brésiliens à Porto.

Mots-clés: Religion; Immigrés Brésiliens; Réseaux; Porto.

### **Resumen**

*Espacios de religiosidad en Oporto: su papel en la integración de los inmigrantes brasileños*

Como proceso de innúmeros cambios y rupturas, las migraciones surgen frecuentemente como situaciones críticas de la integración social de los migrantes en las sociedades de llegada. En este contexto, asume un papel de destaque la pertenencia a redes de relaciones que se entiende funcionaren como dispositivos que potencian y facilitan la participación de los inmigrantes en una nueva orden interactiva. En particular, nos proponemos reflexionar sobre cómo espacios de religiosidad distintos – en concreto, la Obra Católica Portuguesa de Migraciones (OCPM) y la Iglesia Pentecostal de las Misiones (IPM), iglesia evangélica de origen brasileña – contribuyen para fomentar la formación de redes y la integración social de los inmigrantes brasileños en Oporto.

Palabras-clave: Religión; Inmigrantes Brasileños; Redes; Oporto.

## Regimes de Coexistência Interétnica no Brasil e na Alemanha: Contribuições a um debate inexistente

Sérgio Costa<sup>1</sup>

*Freie Universität Berlin e Centro Brasileiro de Análise e Planejamento*

**Resumo:** O artigo examina os regimes de coexistência interétnica no Brasil e Alemanha, a partir de três níveis de análise: discursos, marcos regulatório e esfera cotidiana. A despeito das diferenças observadas nos dois casos, o trabalho postula que os regimes de coexistência vigentes em ambos países passam por uma crise de legitimidade. No Brasil, o elogio da nação mestiça, harmônica e igualitária, choca-se com a profusão de grupos étnicos a reivindicar, publicamente, justiça e equidade. Na Alemanha, prevalece ainda o ideal romântico da nação predestinada definida pelos laços de ancestralidade. Essa imagem destoa da realidade de uma sociedade culturalmente plural e etnicamente heterogênea.

**Palavras-chave:** Coexistência interétnica; Brasil; Alemanha.

---

<sup>1</sup> Sérgio Costa é professor titular de Sociologia da Freie Universität Berlin (Berlim, Alemanha) e pesquisador associado do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) (São Paulo, Brasil).

Contato: Prof. Dr. Sérgio Costa, Soziologie

Lateinamerika-Institut, Freie Universität Berlin

Rüdesheimer Str. 54-56

D-14197 Berlin – Germany

Tel.: +49 30 83855446

Fax: +49 30 838 55464

<http://www.lai.fu-berlin.de/homepages/costa/index.html>

*E-mail:* [sergio.costa@fu-berlin.de](mailto:sergio.costa@fu-berlin.de)

O tema a que se dedica esse artigo, como indicado no título, é certamente atual, mas difícil. Por diversas razões. Primeiro, porque no mais tardar desde o 11 de setembro de 2001, termos como cultura e etnicidade perderam, por assim dizer, sua inocência. Cultura e etnicidade se transformaram em campos políticos de batalha. Segundo, porque não há nesse âmbito de discussões qualquer certeza. Quando se trata de discutir a coexistência interétnica, sociólogos, cientistas políticos e antropólogos tateiam no escuro. Nessa área, não é fácil construir a chamada observação de segunda ordem. Nossas impressões se confundem com as dos próprios atores sociais, tal é a forma como estamos envolvidos nas controvérsias e disputas que nos cabe estudar. Por último, como o subtítulo do artigo sugere, não existe um debate estabelecido que discuta e compare regimes de coexistência no Brasil e na Alemanha. Não há referências às quais se possa recorrer ou, como é comum no debate acadêmico, teses estabelecidas que se possa negar ou afirmar. O artigo tem, por isso, um caráter exploratório, visando estimular e encorajar um debate que entendo ser promissor.

Uma forma abreviada, mas equivocada, de conduzir esse debate seria sugerir que o Brasil possui uma longa tradição de acomodar diferenças culturais e que, portanto, a experiência brasileira poderia ser útil para auxiliar a Alemanha a se reinventar, no Século XXI, como um país de imigrantes. Isto é, a alegada habilidade desenvolvida pelos brasileiros em absorver e transformar em unidade todas as diferenças e incongruências deveria inspirar a Alemanha a encontrar o caminho para aplinar suas diferenças internas.

Essa foi precisamente a expectativa da UNESCO, quando, no começo dos anos 1950, encomendou um amplo estudo sobre as relações étnicas no Brasil. A esperança dos humanistas da UNESCO era poder apresentar ao mundo, ainda traumatizado pelas barbáries da Segunda Guerra Mundial, o exemplo positivo de uma sociedade que lograra superar o racismo e a discriminação étnica (Maio, 2000). A investigação detalhada e profunda patrocinada pela UNESCO permitiu avançar muito o conhecimento sobre as relações étnicas e raciais no Brasil, favorecendo, ainda, a formação de uma nova geração de sociólogos, como Otávio Ianni (1962, 1966) e Fernando Henrique Cardoso (Cardoso e Ianni, 1960; Cardoso, 1962). Não obstante, seus resultados frustraram as expectativas da UNESCO. O país que emergiu desses estudos não correspondia à festejada harmonia e igualdade de todos. Ao contrário: os estudos

revelaram um país que discrimina, sistematicamente, pessoas de pele escura, relegando-as a uma posição subordinada na sociedade.

De sorte a dar conta, ao menos de forma indicativa, da tarefa complexa que é discutir os desafios da coexistência interétnica na Alemanha e no Brasil, gostaria de sugerir que as relações concretas entre os diferentes grupos socioculturais, étnicos ou raciais se inserem no contexto de regimes de coexistência de diferenças.

Minha tese central é que, tanto o regime de coexistência de diferenças vigente hoje na Alemanha, como aquele que vige no Brasil enfrentam, no momento, problemas de legitimação.

Desenvolverei meu argumento em quatro passos. Primeiro, buscarei definir o que entendo por regime de coexistência de diferenças (1). Depois, reconstruo brevemente o desenvolvimento recente dos regimes de coexistência observados no Brasil (2) e Alemanha (3). Por último, na seção conclusiva (4), busco comparar os desafios observados nos dois países no presente momento.

## **1. Regimes de coexistência de diferenças**

O conceito de regime tem usos bastante distintos na Sociologia e na Ciência Política contemporâneas.<sup>2</sup> Na Ciência Política, o uso do termo regime tem lugar, em geral, no âmbito dos debates em torno da transnacionalização da política e da multiplicação de atores e marcos regulatórios que escapam ao âmbito de competência dos estados nacionais. Assim, a idéia de regime é utilizada para demarcar o escopo completo de leis, convenções e acordos, como também agências de regulação e mesmo agentes privados e organizações não governamentais que atuam dentro de um campo determinado. Este uso privilegia desenvolvimentos positivos, na medida em que aponta para uma extensão da esfera de regulação política e para um incremento das possibilidades de conter comportamentos contrários às expectativas morais e políticas da sociedade mundial. Refere-se, assim, ao regime (interamericano ou mundial) dos direitos humanos, do clima, etc. para caracterizar o conjunto de mecanismos que, de alguma maneira, permitem à comunidade internacional evitar ou dissuadir atos de violação dos direitos humanos ou do direito ambiental, onde quer que se cometam tais

---

<sup>2</sup> Como venho usando o conceito de regime para análises de contextos variados, sirvo-me, nessa seção, de formulações desenvolvidas mais extensamente em Costa 2011a, Costa 2011b.

atos e independentemente do grau de tolerância dos governos locais ou nacionais para com essas violações (ver, entre muitos outros, Haggard e Simmons, 1987).

O uso sociológico do termo regime, por sua vez, remonta a Michel Foucault (1994) e a sua noção de “governamentalidade” (*gouvernementalité*). Nesse caso, se entende por regime o conjunto de discursos, instrumentos e práticas através das quais o poder disciplinador busca “normalizar” sujeitos e interações sociais, de forma a estender seu domínio e controle a todas as esferas da vida social. Este é o sentido que se dá ao conceito no âmbito dos estudos pós-coloniais, como mostram o trabalho paradigmático do cientista político Partha Chatterjee (2007). Para ele, as tecnologias de governo transformaram os cidadãos em meros objetos de políticas públicas que se destinam não a constituir sujeitos políticos autônomos, mas a supervisionar e controlar todas as esferas da vida. Isso sucede especialmente naquelas sociedades que foram colônias das potências européias. Para Chatterjee, se assiste, nesses casos, a um avanço significativo do processo de fragmentação da cidadania e de hierarquização e vigilância dos grupos populacionais. Esse exercício de classificação e controle se vale de categorias classificatórias que, introduzidas na época colonial, continuam moldando o cotidiano das sociedades contemporâneas. *Ipsis verbis*:

“Con éxito variable, y en algunos casos con un fracaso estrepitoso, los Estados poscoloniales pusieron en marcha las más avanzadas tecnologías gubernamentales para promover el bienestar de sus pobladores, incitados y auxiliados por las instituciones multilaterales y por organizaciones no gubernamentales de diversa índole. En el proceso de implementación de las estrategias de modernización y desarrollo, los viejos conceptos etnográficos han penetrado el campo del conocimiento acerca de los grupos de población, como categorías descriptivas funcionales susceptibles de ser utilizadas para clasificar los grupos de personas que son el blanco potencial de las políticas administrativas, legales, económicas o electorales. En muchos casos, criterios clasificatorios usados por la administración colonial han permanecido vigentes en la época poscolonial, definiendo tanto el modo concreto de articular las demandas políticas de la población como las estrategias de las políticas desarrollistas de los gobiernos” (Chatterjee, 2007: 193).

Na maneira como o utilizo aqui, o conceito de regime é sociológico e político. Tem, na verdade, um sentido descritivo e busca caracterizar o marco de referência

amplo adotado em cada Estado-nação particular para regular a coexistência entre diferenças culturais. Dado o objetivo de comparar os dois países evito, também, uma distinção conceitual rígida entre diferenças culturais e diferenças étnicas e, por consequência, coexistência intercultural e coexistência interétnica. Uso esses termos, nesse artigo, de forma intercambiável.

De forma esquemática, podem-se identificar três elementos ou níveis constitutivos dos regimes de coexistência interétnica, a saber:

- o nível discursivo;
- o nível do marco regulador;
- o nível das relações cotidianas.

O âmbito do discurso diz respeito ao conjunto de interpretações e símbolos que constroem a nação historicamente. Conforme mostrou o teórico da cultura Homi Bhabha (1990), o discurso nacional comporta um momento pedagógico e um momento performático. No momento pedagógico, os membros da nação são o alvo e objeto do discurso nacional reconstruído a partir de relatos históricos, dos feitos bélicos ou das glórias no esporte, das narrativas da mídia e do enaltecimento das supostas virtudes de um povo determinado. No segundo momento, o momento da performance, os membros da nação passam de objeto a sujeito do discurso nacional. Isto é, os cidadãos se inscrevem no discurso nacional e abraçam, a partir dele, uma identidade como brasileiros, alemães, paraguaios ou portugueses. Nesse momento, os membros da nação se sentem efetivamente portadores e guardiões dos atributos nacionais, conferindo materialidade e consistência à comunidade nacional imaginada.

O nível do marco regulador contempla o conjunto de leis e de políticas públicas que orientam a coexistência entre os diferentes grupos sócio-culturais. Esse marco normativo modificou-se, profundamente, nas últimas três décadas em todo mundo, no âmbito do que Will Kymlicka (2007) chamou de odisséia multiculturalista. Em diferentes sociedades, os direitos de minorias culturais, como o estímulo ao multilinguismo ou a garantia de direitos territoriais no caso de povos indígenas e “comunidades tradicionais”, foram profundamente ampliados. Rompe-se, assim, a crença estabelecida no imediato pós-guerra de que a heterogeneidade cultural constitui uma ameaça à estabilidade do Estado-nação:

“(…) the architects of the UN, and of post-war regional organizations, assumed that minority rights were not only unnecessary for the creation of a viable new international order, but indeed destabilizing of such an order. Today, however, it is widely asserted, the accommodation of ethnic diversity is not only consistent with, but in fact a precondition for, the maintenance of a legitimate international order” (Kymlicka 2007: 45).

Por último, o nível do cotidiano ou do mundo da vida remete ao padrão de relações concretas verificado entre os diferentes grupos sócio-culturais. Trata-se, aqui, da forma como os grupos se percebem mutuamente e como interagem. Interessa saber, aqui, se o contato entre os diferentes grupos é marcado pela indiferença, pela tensão, pelo conflito ou pela disposição de superar as fronteiras simbólicas através das quais os grupos se constituem. O sociólogo britânico Paul Gilroy (2004) refere-se a essas formas de relação entre os diferentes grupos sócio-culturais como *conviviality*. O autor observa que, na Europa contemporânea, a despeito da persistência do racismo e do crescimento da islamofobia, vêm surgindo formatos de convivência que borram completamente as barreiras e fronteiras étnicas e culturais. Trata-se, para Gilroy, de uma nova multiculturalidade que supera e dilui fronteiras culturais. Isto é, se o multiculturalismo buscou garantir a coexistência de supostas identidades culturais, uma ao lado da outra, a multiculturalidade contemporânea implica a convivência e a interação entre diferenças culturais, permitindo a articulação de novas formas de identificação cultural.

Esses três níveis ou dimensões dos regimes de coexistência estão estreitamente articulados entre si e, de algum modo, se codeterminam. Ou seja, se, por exemplo, no âmbito do discurso, predominam posições nacionalistas que buscam uma definição restritiva do nacional, cresce a pressão por legislações e políticas hostis a minorias. Ao mesmo tempo, discursos e políticas nacionalistas restritivas também afetam as relações cotidianas, na medida em que legitimam atitudes discriminatórias.

A partir dessa definição dos regimes de coexistência das diferenças, gostaria a seguir, de analisar, brevemente, como esses níveis, quais sejam, o discurso, o marco regulatório e a esfera cotidiana, estão estruturados primeiro no Brasil e depois na Alemanha, contemporaneamente.

## 2. Regimes de coexistência interétnica no Brasil

O elogio da mestiçagem se estabeleceu como discurso nacional no Brasil nos anos 1930. No âmbito narrativo, o livro *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre (1999 [1933]), representa o relato que, de algum modo, permitiu que a nação se reinventasse. Ao recontar a história colonial brasileira não mais pela ótica do genocídio indígena e da escravização dos africanos, mas como um privilegiado encontro cultural de europeus, indígenas e portugueses, Freyre constrói um lugar de sujeito no discurso nacional para todos os que viviam no interior das fronteiras do país. Isto é, se o discurso até então prevalecente, legado pela recepção do racismo científico europeu, reservava o lugar de sujeito para os brancos, na comunidade mestiça imaginada por Freyre também indígenas e negros podiam reivindicar a condição de brasileiro. A genialidade da obra de Freyre consiste em deslocar o discurso nacional da biologia para a cultura, alargando, desse modo, as fronteiras da pertença nacional. Cito passagem muito conhecida de *Casa Grande & Senzala*, repetida por muitos brasileiros como expressão fiel de sua própria identidade:

“Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo [...] a sombra ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro.” (Freyre 1999 [1933]: 281)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Fato ainda pouco estudado no pensamento de Freyre e no discurso da mestiçagem por ele defendido são suas consequências xenófobas. Com efeito, a brasileiroidade mestiça concebida por Freyre acaba por impor o “abrasileiramento” dos imigrantes e seus descendentes a partir do modelo de nação assente na unidade idiomática. Sua posição com relação aos imigrantes serve, entre outros, para respaldar, nos anos 1940, a chamada Campanha da Nacionalização desencadeada pelo ditador Getúlio Vargas visando assimilar os imigrantes, sobretudo, alemães à nação brasileira (ver, entre outros: Seyfert, 1997). A passagem abaixo extraída de uma entrevista de Freyre concedida a um jornal no momento em que o exército brasileiro buscava “abrasileirar” imigrantes no sul do Brasil é expressiva das ambiguidades implícitas no modelo de nacionalidade proposto pelo autor:

“Seria absurdo admitirmos ao neo-brasileiro, o direito de florescer, em grupos maciços ou compactos, à parte da cultura básica e essencial do Brasil que é a luso-brasileira e a do sentimento e formas cristãs. Seria absurdo reconhecermos no polonez ou no alemão ou no japonês o direito de aqui viver, em tais grupos, hostil ou simplesmente alheio à língua portuguesa. Por um lado, não me parece acertado exigir de qualquer neo-brasileiro naquelas condições o abandono absoluto e imediato de todas as suas tradições, de todos os seus estilos provincianos de vida (das suas províncias de origem, a grande maioria deles sendo gente do campo), de suas comidas. Valores, tantos desses, necessários para conservar o moral daqueles neo-brasileiros na sua fase de transição de mundos velhos para um mundo novo; valores, também, que poderão ser incorporados com vantagem à nossa cultura e à nossa vida. Na própria conservação dos idiomas nativos pelos colonos não vejo mal nenhum mas vantagem para o Brasil, no

Com a democratização iniciada nos anos 1980 e a emergência de importantes movimentos sociais articulados por negros, indígenas, quilombolas<sup>4</sup> e outros grupos que, de algum modo, reivindicam uma identidade cultural própria, o discurso da nacionalidade mestiça vai perdendo sua legitimidade. Fundamentalmente, esses grupos mostram que, por trás do elogio da mistura étnica e cultural, subsistem estruturas e comportamentos racistas e sexistas responsáveis por manter uma distribuição desigual de oportunidades da qual se beneficiam os homens brancos. Desde que emergiram esses novos movimentos sociais, o discurso nacional vem se moldando e se ajustando, de sorte a permitir que essas injustiças sejam discutidas publicamente. O elogio da mestiçagem não desapareceu, mas vem sendo, no momento, matizado e relativizado (ver, entre outros: Almeida, 2000; Guimarães, 2002; Hofbauer, 2006; Costa, 2006: cap. VII).

No nível do marco regulatório, observam-se também mudanças importantes, tanto no plano legal, quanto no que se refere à implementação de políticas públicas. No âmbito legal, a inflexão mais importante coincide com a nova Constituição sancionada em 1988. Pela primeira vez no Brasil, a Constituição apresenta a sociedade brasileira como multicultural e multiétnica e amplia, consideravelmente, os direitos das minorias étnicas. Particularmente significativos são os artigos que tratam do direito indígena e de quilombolas, na medida em que, ao contrário do que constava nas constituições anteriores, a Constituição de 1988 não prescreve a assimilação cultural desses grupos à cultura nacional. Ao contrário: busca defender e assegurar as possibilidades de reprodução dos modos de vida específicos e dos repertórios culturais próprios a essas minorias (Hoffman, 2009; Costa, 2010).

---

caso de idiomas do rico conteúdo cultural do alemão ou do italiano, uma vez – este é ponto que é preciso tornar bem claro – que taes idiomas se conservem não como substitutos mas como acessórios da lingua tradicional, geral e nacional do Brasil que é a lingua portugueza. O neo-brasileiro que ignora a lingua portugueza ou a conheça e não encontre nella o seu meio principal de expressão é um brasileiro incompleto, necessitado de integrar-se na nossa vida e na cultura brasileira” (Freyre, 1942, número de pág. não disponível).

<sup>4</sup> Conforme a definição oficial, “as comunidades quilombolas são grupos étnicos, predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana, que se autodefinem a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias. O Governo Federal já mapeou 3500 comunidades [quilombolas]...”

Cf. [http://www.mda.gov.br/portal/aegre/programas/Ilt\\_Comunidades\\_Quilombol](http://www.mda.gov.br/portal/aegre/programas/Ilt_Comunidades_Quilombol).

No âmbito das políticas públicas podem ser identificadas, grosso modo, três gerações de medidas que buscam responder aos anseios de justiça e igualdade de tratamento vocalizados por atores sociais como movimentos indígenas, movimentos negros e outras mobilizações de caráter étnico-cultural.

A *primeira geração* de medidas busca eliminar todas as formas de discriminação de minorias ou grupos raciais e envolvem um amplo conjunto de ações que vão desde a oferta de assessoria legal às vítimas de discriminação, até a implementação de programas de educação que visam combater o preconceito nas escolas.

A *segunda geração* de medidas pode ser definida como medidas voltadas para ampliar os direitos culturais das minorias e compreendem um elenco de ações que implica, entre outros, o fomento do ensino bilíngue nas comunidades indígenas, um amplo programa de apoio a quilombolas, programas de incentivo a populações ribeirinhas ou caboclas, tratadas como “comunidades tradicionais”.

Finalmente, a *terceira geração* de medidas busca compensar as desigualdades de oportunidade decorrentes da discriminação e do preconceito de grupos raciais ou étnicos. Particularmente expressivas desse último conjunto de medidas são as cotas introduzidas em universidades para a admissão preferencial de alunos afro-descendentes e, em alguns casos, indígenas.

As medidas da terceira geração começaram a ser adotadas depois da Conferência das Nações Unidas contra o racismo e a discriminação que teve lugar em Durban, em 2001. Em consonância com as resoluções da conferência é criada no Brasil, em 2003, a Secretaria Especial de Políticas para a Igualdade Racial, com *status* de ministério federal (Costa, 2010). Essas medidas representam o reconhecimento de que existe uma desigualdade estrutural de oportunidades e que cabe ao Estado buscar formas de reparar as injustiças existentes.

Conforme o censo brasileiro de 2010, e seguindo as categorias empregadas, 47% dos cerca de 190 milhões de brasileiros são brancos, 43% são pardos, 8% pretos, sendo o restante da população constituído por indígenas e asiáticos (cf. <http://www.ibge.gov.br>). O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, fundação pública vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República no Brasil, mantém o portal mais abrangente sobre dados relativos às desigualdades sociais entre os diferentes grupos de cor no Brasil. Depreende-se daí que os negros brasileiros, englobando as categorias censitárias pardo e preto, ocupam uma posição sócio-

econômica desvantajosa quando comparada com a posição ocupada por brancos em todos os âmbitos, do mercado de trabalho às condições de moradia e o acesso a serviços públicos. Particularmente desfavorecidas são as mulheres negras, cujos rendimentos médios não chegam a um terço do rendimento médio dos homens brancos (cf. <http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/>).

Essa desigualdade pode ser explicada apenas em parte, por diferenças de escolaridade e de qualificação. Em seu núcleo, essas desigualdades têm origem na discriminação que, no Brasil, alija mulheres e negros dos cargos mais bem remunerados e dos postos de maior prestígio e poder.

No âmbito do cotidiano, a sociedade brasileira contemporânea tem muito pouco a ver com a proximidade entre os diferentes grupos étnicos celebrada por Gilberto Freyre. Ao contrário: o Brasil é marcado, hoje, por uma profunda segregação social, racial e espacial. Ricos, independentemente da cor de sua pele, vivem, muitas vezes, em condomínios fechados, matriculam seus filhos em escolas particulares, não usam transporte coletivo, não andam pelas vias públicas e fazem suas compras em *shopping centers* frequentados por pessoas igualmente ricas. Aos pobres, em sua maioria negros, o acesso a esse mundo de muros dos ricos é vedado, não porque existam leis que os impeçam de frequentar esses espaços. A barreira é, antes de tudo, econômica.

Ao lado da segregação econômica, persistem mecanismos de classificação e discriminação racial. O antropólogo social Livio Sansone descreveu com propriedade essas formas de segregação racial, ao distinguir áreas moles e áreas duras do racismo no Brasil:

“... delinea-se um quadro no qual a cor é vista como importante no [para] orientar as relações de poder e sociais em algumas áreas e momentos. [...] As áreas ‘duras’ [...] são: (1) o trabalho e a procura do trabalho em particular; (2) o mercado matrimonial e da paquera e (3) os contatos com a polícia. [...] Já as áreas ‘moles’ são todos aqueles espaços no qual ser negro não dificulta e pode às vezes até dar prestígio. Abrange o domínio do lazer, em particular o botequim, o dominó, o baba, o bate-papo com os vizinhos na esquina, o sambão, o carnaval, o São João (as quadrilhas, o forró, as visitas aos vizinhos), a torcida, a seresta e naturalmente a própria turma – grupo de ‘iguais’ com os quais se compartilha uma boa parte do lazer em público. Há também a Igreja Católica, as crentes e os círculos espíritas. Estes podem ser considerados espaços negros implícitos, lugares nos quais ser

negro não deveria ser um obstáculo. Há também os espaços negros mais definidos e explícitos, os lugares nos quais ser negro pode ser uma vantagem: o bloco afro, a batucada, o terreiro de candomblé e a capoeira. [...]. Nestes espaços implícitos geralmente evita-se falar em termos de cor e menos ainda de racismo; o importante é ser cordial e se dar bem com todas as pessoas compartilhando o mesmo contexto. [...] A presença desta hierarquização de domínios e espaços em relação à importância da cor – percebida através de entrevistas conduzidas com pessoas de diferentes cores – cria um continuum: na procura de trabalho há o máximo de racismo; nos espaços negros explícitos, o mínimo”. (Sansone, 1998, p. 211, *apud* Cruz, 2002; ver também Sansone, 2003)

Com efeito, a investigação de Sansone ajuda a entender a dinâmica da convivência entre os diferentes grupos de cor no Brasil. Isto é, quando se trata de partilhar momentos de lazer, como a roda de samba ou o futebol na praia, a cor da pele perde a força de determinação dos padrões de convivência. Essa é uma esfera branda do racismo. Quando se trata, contudo, de escolher o funcionário que será admitido ou promovido numa empresa, ou a pessoa com a qual se vai casar, entramos numa esfera dura do racismo. Nesses casos, a cor da pele continua sendo um critério fundamental para orientar das escolhas individuais.

### **3. Regimes de coexistência na Alemanha**

Para entender as inflexões contemporâneas nos discursos, políticas e padrões de convivência interétnica na Alemanha faz-se necessária uma breve digressão à história da imigração no país. Diferentemente do padrão brasileiro de constituição nacional, segundo o qual, espelhando o modelo francês, o que unifica a nação é o projeto comum de futuro, o princípio de pertença inscrito no autoentendimento da nação alemã é referido ao passado<sup>5</sup>. Ou seja, a nação, seguindo a origem romântica sobre a qual está assente, é concebida, na história alemã, como o povo unificado pela cultura e pela ancestralidade comuns. Desse modo, a nação vai sendo construída imaginariamente como ligadura idealizada, capaz de reconciliar a natureza individual idiossincrática de cada um de seus membros com o coletivo nacional, supostamente predestinado à vida em comunidade (Giesen, 1999: 178). Esse tipo de construção simbólica da nação, ao

---

<sup>5</sup> Essa seção recorre, em parte, a argumentos desenvolvidos mais extensamente em Costa (2008).

não prever a possibilidade de incluir membros não portadores da ancestralidade alemã, acarreta, ao longo da história, um conjunto importante de consequências para a coexistência entre “nacionais” e imigrantes e seus descendentes.

Ainda que a literatura sobre imigrantes na Alemanha se concentre, de forma geral, no período pós-guerra, a história da imigração e das políticas imigratórias começa muito antes disso. Assim, em 1910, já trabalhavam no chamado Reino da Alemanha 1,26 milhões de trabalhadores estrangeiros, provenientes, fundamentalmente, de regiões da Polônia, Áustria-Hungria e Rússia, o que fazia do país um importante empregador de trabalhadores estrangeiros. Não obstante, prevalece no período anterior à Primeira Guerra Mundial, a política de contratação de trabalhadores por tempo limitado e para setores específicos, enquanto a saída de emigrantes, em ondas sucessivas, funcionava como “válvula social”, na medida em que permitia que, nos momentos de baixa performance econômica e de crescimento das taxas de desemprego, parte da população afetada deixasse o país, evitando crises sociais de maior amplitude (Ha, 2003: 67).

No período subsequente, o movimento de imigrantes na Alemanha é determinado, fundamentalmente, pelas guerras. Assim, durante a Primeira Guerra, órgãos públicos e empresas privadas recorrem, amplamente, ao trabalho compulsório de estrangeiros, mantidos em regime de semiescravidão. No período entre-guerras, o perfil dos imigrantes se modifica radicalmente, uma vez que há um forte declínio da contratação de trabalhadores estrangeiros e um dramático crescimento de fugitivos e asilados políticos provenientes, sobretudo, das regiões que formariam a União Soviética.

Durante a Segunda Guerra, estima-se que a Alemanha chegou a contar com 10 milhões de pessoas ocupadas em condições de trabalho forçado na economia de guerra, os quais, em parte, deveriam suprir a saída dos “membros do povo alemão” (Volksdeutschen), enviados sistematicamente para o Leste europeu, com o objetivo de ocupar a região. As consequências da Segunda Guerra para os movimentos populacionais perduram após o fim do conflito e até, pelo menos, 1950, período em que cerca de 12 milhões de sobreviventes dos campos de concentração, prisioneiros de guerra e outros “desplazados” buscam (re)encontrar seu lugar de residência (Oltmer, 2005).

Com a divisão da Alemanha no período pós-guerra, desenvolvem-se duas histórias distintas da imigração. A República Democrática Alemã restringe a entrada de

imigrantes a asilados políticos e imigrantes provindos de uns poucos países aliados, basicamente, Polônia, Vietnã e Moçambique, sendo que o total de imigrantes, em todo o período de existência da Alemanha socialista, não chega a ultrapassar a casa do 1% do total da população. Eram, basicamente, imigrantes temporários, tratados como trabalhadores individuais vinculados a uma unidade de produção específica e sobre os quais pesava um rígido controle do Estado. Eram impedidos, por exemplo, de mudar sua ocupação ou mesmo de constituir família: quando uma estrangeira engravidava “prevalciam como alternativas ou o aborto ou a deportação” (Bade & Oltmer, 2004).<sup>6</sup>

A República Federal Alemã se vê envolvida, nos anos que se seguem à Segunda Guerra, inicialmente, com a absorção de milhões de “desplazados”, deportados e fugitivos políticos, entre esses, mais de 3 milhões de alemães orientais que buscaram asilo na Alemanha capitalista até 1961, quando, então, é construído o Muro de Berlim, como forma de conter a perda de população pelo país socialista.

A partir de meados da década de 1950, com a retomada do crescimento econômico, tem início a política de recrutamento de mão de obra estrangeira, através de acordos bilaterais com os países dos quais saíam os trabalhadores, quais sejam: Itália (1955), Espanha e Grécia (1960), Turquia (1961), Marrocos (1963), Portugal (1964), Tunísia (1965) e Iugoslávia (1968). Os imigrantes que ingressaram no país no âmbito de tal política de recrutamento eram tratados como trabalhadores temporários (*Gastarbeiter*), esperando-se que esses regressassem a seu país de origem tão logo deixassem de ser necessários para a economia alemã ou pudessem ser substituídos por nova leva de contratados, num idealizado sistema de rotação.

Tal rotatividade não se deu na forma esperada, de sorte que a maior parte dos *Gastarbeiter* permaneceu no país, juntando-se a eles, mais tarde, os demais membros da família que, porventura, tivessem ficado no país de origem (Reisslandt, 2005). Esse sistema de recrutamento de trabalhadores estrangeiros é ainda hoje objeto de pesadas críticas, das quais se destacam duas.

A primeira crítica diz respeito à preferência da Alemanha pelos imigrantes europeus e a recusa explícita ou velada de imigrantes provenientes da Ásia e da África. Schönwälder (2004) estuda os debates políticos que acompanham a definição das diretrizes imigratórias até o começo dos anos 1970, destacando, por exemplo, como no caso da contratação de trabalhadores portugueses, temendo-se a vinda de trabalhadores

---

<sup>6</sup> Esta e outras citações originais em alemão foram traduzidas pelo autor para o português.

das colônias, informa-se às autoridades de Portugal que “German employers were not interested in dark-skinned workers” (Schönwälder, 2004: 250).

A segunda crítica ao sistema de recrutamento dos *Gastarbeiter* está relacionada com o foco exclusivamente econômico da política adotada, gerando o paradoxo celebrizado na frase irônica do escritor suíço Max Frisch: “Nós queríamos trabalhadores mas recebemos pessoas”. Ou seja, a lógica do sistema dos *Gastarbeiter* era contratar braços para responder à demanda de um mercado de trabalho em expansão, sem qualquer política orientada para promover o bem estar do imigrante (Ha, 2003).

Em 1973, a recessão econômica motivada pela crise do petróleo leva o governo alemão a suspender a política pública de recrutamento de trabalhadores. Desde então, os imigrantes que entram no país são, fundamentalmente, familiares dos imigrantes vindos nas fases anteriores, asilados políticos, trabalhadores contratados individualmente, além, obviamente, da imigração não legalizada, sobre a qual não há cifras precisas.

Hoje, entre os cerca de 82 milhões de habitantes da Alemanha, cerca de 7 milhões de estrangeiros. Conta-se, também, estatisticamente a população com histórico de imigração (Migrationshintergrund), incluindo-se além de estrangeiros, filhos de imigrantes, alemães nascidos no exterior e pessoas naturalizadas o que eleva o número total para 18,6% do total da população. Os países de origem mais representados entre a “população com histórico de imigração” são, nessa ordem: Turquia, antiga União Soviética e antiga Iugoslávia (Cf. Brückner & Fuhr, 2011: 188 s.).

De forma similar à pele escura no Brasil, o histórico de imigração parece, na Alemanha, funcionar como estigma que limita as chances sociais.<sup>7</sup> A posição da população com histórico de imigração é desfavorável em todos os indicadores sociais, em geral, empregados. As diferenças são, contudo, bem menores que aquelas encontradas no Brasil e vêm declinando, ao longo dos últimos anos, na medida em que a população com histórico de imigração vem aumentando seu nível de escolaridade (ver Brückner & Fuhr, 2011: 190 ss).

Os virulentos debates ocorridos durante o verão de 2010, depois que um, então diretor do Banco Central alemão, Thilo Sarrazin, publicou o livro de maior sucesso editorial na história recente da Alemanha, revela alguns dos dilemas da nacionalidade e

---

<sup>7</sup> A comparação entre a situação da população negra no Brasil e dos imigrantes e descendentes de imigrantes na Alemanha é, conceitualmente, imperfeita. Trata-se, no primeiro caso, de diferenças que são tratadas politicamente com o vocabulário da raça. Na Alemanha, as diferenças são tematizadas como diferenças étnicas ou culturais.

da coexistência interétnica na Alemanha contemporânea. Em seu livro, Sarrazin (2010) costura, de maneira eclética e pouco rigorosa, resultados de pesquisas nas áreas da Sociologia, da Demografia e da Neurociência, para mostrar os supostos riscos que os imigrantes e seus descendentes, sobretudo os muçulmanos, representariam para a nação alemã. Para ele, se não houver uma reação política enérgica e decidida, a Alemanha, em 100 anos, será um país, no qual em vastas extensões de seu território, se falará turco e árabe e o ritmo diário será ditado pelas orações divulgadas pelos autofalantes instalados nos minaretes da mesquita mais próxima.

Contra esse tipo de interpretação, tem se voltado o próprio presidente alemão. Christian Wulff, quem, entre os conservadores alemães, mais vem atuando no sentido de admitir que a Alemanha se tornou um país de imigrantes e que, como o cristianismo e o judaísmo, o islão também faz parte, hoje, do país.<sup>8</sup> A constatação de que muçulmanos e imigrantes são, hoje, parte da Alemanha, trivial do ponto de vista sociológico e demográfico, gera, ainda, forte reação de políticos de direita. O Partido Social-Cristão, CSU, em princípio aliado de Wulff, se opõe publicamente a essa posição, afirmando o caráter judaico-cristão da cultura alemã e dizendo que a Alemanha não necessita de imigrantes de “outros círculos culturais” (<http://www.zeit.de/politik/deutschland/2010-10/seehofer-integration-zuwanderer>).

Voltando ao teórico Homi Bhabha referido antes, podemos afirmar que as posições assumidas pelo Presidente alemão vêm buscando permitir que muçulmanos e/ou descendentes de imigrantes turcos e árabes possam se inscrever no discurso nacional alemão e construir, a partir dele, sua condição de sujeito. Explico-me: num contexto em que a nacionalidade, como se mostrou acima, é definida pelos laços de ancestralidade e sangue, um filho, neto ou mesmo bisneto de imigrantes, sobretudo turcos e árabes, mesmo que tenha nascido na Alemanha, fale alemão sem sotaque e revele um profundo patriotismo constitucional não é admitido, subjetivamente, pela sociedade majoritária como membro pleno da comunidade alemã. Seu nome, sobrenome

---

<sup>8</sup> Os pronunciamentos de Wulff estão reunidos em: <http://www.bundespraesident.de>. É preciso mencionar que o Presidente perdeu muito sua legitimidade, depois da revelação, em dezembro de 2011, de detalhes relativos ao favorecimento de Wulff por um empréstimo bancário em condições excepcionalmente vantajosas, no período em que governava o estado federado da Baixa Saxônia. Nos primeiros dias de janeiro de 2012 contava-se com a renúncia breve do Presidente (Fried, 2012).

ou traços físicos são classificados pelos alemães sem histórico de imigração como pouco compatíveis com sua própria definição do que é ser alemão.<sup>9</sup>

Aqui se situa, precisamente, o impasse no discurso nacional alemão hoje. Descendentes de imigrantes, mesmo possuindo a cidadania formal alemã, ocupam o lugar de alvos e de destinatários do discurso nacional, mas não podem ser sujeitos desse discurso. Isto é, não podem “performar” sua condição de alemães. Há algumas poucas exceções a essa regra: em alguns programas das emissoras de televisão de massa, na música ou no esporte, descendentes de imigrantes vivem, às vezes, o momento performático de membro da nação. Ou seja, quando se destacam em concursos artísticos, se tornam *rappers* conhecidos ou marcam os gols que leve a seleção de futebol adiante, os descendentes de imigrantes vivem seus dias de alemã ou alemão. Em todos os outros dias e em todas as outras situações, são, contudo, pessoas com histórico de imigração.

Mal comparando, a Alemanha vive, hoje, o dilema vivido pelo Brasil até os anos 1930, quando os nacionalistas inspirados pelo racismo científico celebravam, num país onde metade da população era negra, o ideal da nação de pessoas de pele clara.

A saída para a Alemanha não será, certamente, celebrar a mestiçagem, como fez o Brasil há 80 anos atrás. Alguma reinvenção do discurso nacional majoritário, contudo, é inescapável. É preciso criar um contexto discursivo, no qual também a adolescente muçulmana de véu na cabeça e o verdureiro, neto de turcos provindos da Anatólia, possam se articular como sujeitos e ser reconhecidos como membros plenos da nação.

No que diz respeito ao marco regulatório, o direito de nacionalidade está baseado, desde 2000, no *ius solis*, de sorte que filhos de imigrantes nascidos na Alemanha adquirem automaticamente a nacionalidade alemã. Há também, no âmbito da União Européia e da própria legislação alemã, mecanismos legais que buscam impedir a discriminação de estrangeiros e seus descendentes em todas as esferas da vida social. Não obstante, estudos qualitativos revelam o desfavorecimento de descendentes de

---

<sup>9</sup> A definição racial da nacionalidade pode explicar até mesmo as formas mais radicais e violentas de nacionalismo, como no caso revelado recentemente da célula terrorista neonazista NSU (Nazionalsozialistischer Untergrund). Desde final dos anos 1990, o grupo assaltou bancos, cometeu atentados à bomba e assassinou pelo menos 9 pequenos empresários com histórico de migração. Conforme K. N. Ha (2011):

“As vítimas do NSU foram mortas, porque não correspondiam à identidade racializada da nação que vigora. A idéia fixa da defender a nação e sua identidade contra o alienígena, definido em termos raciais, mostrou aqui ser um fundamento ideológico efetivo que o centro político compartilha com as forças extremistas de direita e, em menor escala, até mesmo com a esquerda nacionalista.”

imigrantes, principalmente turcos e árabes, no mercado de trabalho. Um estudo recente simulando candidaturas de emprego com nomes turcos e alemães, apresentando currículos *vitae* equivalentes, mostra que as chances de sucesso na postulação de emprego caíam consideravelmente quando o nome sugere origem turca (Kaas & Manger, 2010).

De todo modo, cabe registrar que a Alemanha é, hoje, um dos únicos países europeus ocidentais que não têm partidos claramente islamóforos representados no parlamento ou no governo, no âmbito federal. Mesmo que pesquisas de opinião apontem um crescimento das atitudes hostis aos muçulmanos junto à população alemã, a avaliação dos analistas políticos é que um partido populista de direita como a Liga Norte italiana ou o Partido para a Liberdade do radical de direita holandês Wilders não teria, na Alemanha, grandes chances de êxito eleitoral.

Ainda no que diz respeito ao marco regulatório, cabe mencionar os programas e políticas orientados pela idéia de integração dos imigrantes. O conceito de integração que orienta essas medidas é quase sempre sinônimo de promessa de assimilação que, contudo, não se concretiza. O tema gênero tornou-se crucial nas políticas de integração, na medida em que é assumido que imigrantes em geral e, sobretudo, aqueles de origem árabe e turca, não aceitam a igualdade das mulheres e são, por razões culturais, homóforos. Boa parte dos chamados cursos de integração e também muitas das questões nos testes de naturalização visam precisamente avaliar se esses imigrantes são capazes de aceitar a união de pessoas do mesmo sexo e os direitos de autodeterminação da mulher.

Um estudo cuidadoso do sociólogo Jin Haritaworn (2010) mostra, entretanto, como esse tipo de política acaba, ao final, criando o homóforo ou o sexista que se quer combater, na medida em que não gera um outro lugar de sujeito ao imigrante que não seja aquele do homóforo violento ou do marido machista.

Do ponto de vista do cotidiano, a Alemanha apresenta melhores condições estruturais que o Brasil para favorecer os contatos interétnicos, uma vez que, no país, a segregação espacial e social, ainda que existente, é muito menor que no Brasil. À exceção dos muito abastados que preferem matricular seus filhos em escolas particulares, crianças de diferentes classes sociais frequentam, em geral, a escola pública do bairro onde residem. Pessoas de classes sociais distintas dividem, também, o

espaço de lazer nos parques e nos equipamentos esportivos, servem-se do mesmo transporte público e circulam pelas mesmas vias públicas.

Não obstante, a origem étnica constitui fator importante para estruturar a convivência cotidiana. A tabela abaixo reproduzida de estudo de Haug (2010) é elucidativa a esse respeito:

**Tabela 1 – Porcentagem das pessoas de origem alemã entre amigos próximos conforme histórico de imigração – 2006**

Origem	Alemanha	Turquia	Ex-Iugoslávia	Itália	Grécia	Aussiedler*	Outros
Amigo 1	98,0	25,1	36,6	37,3	28,0	65,1	61,9
Amigo 2	98,1	26,4	40,9	44,0	30,1	64,3	60,0
Amigo 3	97,6	25,4	44,2	49,1	32,7	65,7	64,2

Fonte: Haug, 2010: 30)<sup>10</sup>.

\*Aussiedler são descendentes de alemães nascidos sobretudo no leste europeu e que imigraram para a Alemanha principalmente depois da reunificação do país.

Como mostram os dados, os laços sociais, sobretudo para imigrantes e descendentes de origem turca, estão profundamente apoiados nas redes e vínculos com membros da mesma comunidade étnica. Os sociólogos dedicados ao estudo da imigração na Alemanha são unânimes em reconhecer que a homogeneidade étnica das redes de amizade e das escolhas matrimoniais limita a interação interétnica e a superação das barreiras e fronteiras culturais. Não obstante, afirmam que não se trata aqui da existência de sociedades paralelas. Ainda que haja uma limitada integração social, há uma integração funcional no âmbito da economia, dos serviços públicos como escola, saúde, segurança, etc. Tratam-se, portanto, de redes sociais diversas que coexistem no interior de uma mesma sociedade.

## Conclusões

Alemanha e Brasil apresentam regimes de coexistência de diferenças bastante distintos. Essas diferenças estão manifestadas nos três níveis estudados nesse breve

<sup>10</sup> Haug se vale aqui dos dados da pesquisa *Sozio-Ökonomische Panel* (ver <http://www.diw.de/soep>).

artigo exploratório: o discurso, o marco regulatório e o cotidiano. Não obstante, há convergências entre os desafios observados, no momento, nos dois países.

No plano do discurso, o elogio da nação mestiça brasileira vem sendo confrontado com novos movimentos sociais que buscam denunciar a mestiçagem como ideologia que oculta a discriminação racial e étnica. Os debates públicos vêm remoldando o discurso da mestiçagem. A mestiçagem continua aceite como ideal e valor, mas há, agora, espaço para protestos e reivindicações dos que se sentem discriminados.

Na Alemanha, o discurso nacional predominante, apoiado ainda na visão romântica da comunidade etnicamente homogênea, vem sendo desafiado pela diversidade efetivamente existente. Assim como o país reinventou, sobre os escombros da Segunda Guerra, o sentido de sua existência a partir de um símbolo negativo, qual seja a necessidade de superar o fantasma do holocausto, cabe agora reconstruir a nação globalizada e diversa do Século XXI. O futebol pode servir, aqui, de inspiração. Pelo menos desde 2006, os fãs da seleção nacional torcem sem restrições por um time de estrelas com histórico pessoal ou familiar de imigração como Özil, Gómez, Cacau, Podolski, Klose e outros. E o que é mais importante, os milhares de Erkan, Sinan, Esrin, Elina, Mehmet, Unmut podem se vestir com as cores nacionais e sair pelas ruas para comemorar as vitórias da equipe do país onde vivem, sem que ninguém lhes pergunte qual é sua pátria de origem. É preciso que, no âmbito político, aconteça processo semelhante.

No que diz respeito aos marcos reguladores da coexistência das diferenças, a legislação e as políticas públicas no Brasil evoluíram do marco defensivo da defesa da discriminação para a ação afirmativa e as políticas de cotas. Ainda que temporariamente justificadas, esse tipo de política pode congelar as fronteiras étnicas e raciais que se pretende superar.

O marco regulatório adotado na Alemanha é mais prudente, mas tende a enfatizar o papel pedagógico e disciplinador do Estado. Oferecem-se cursos de integração e promete-se punir com corte de benefícios sociais quem se recuse a aprender o idioma alemão ou não queira se integrar na sociedade nacional. Faltam, contudo, políticas que fortaleçam o protagonismo pessoal, social e político dos descendentes de imigrantes e lhes proporcione, claramente, um lugar de sujeito dentro do Estado e da nação.

Por último, cabe tratar da coexistência das diferenças no âmbito do mundo da vida e do cotidiano. Tanto no Brasil, quanto na Alemanha, a interação entre os diferentes grupos sócio-culturais é baixa. Se, no Brasil, a segregação tem origem, primeiramente, nas barreiras econômicas e, secundariamente, no preconceito racial, na Alemanha, a distância entre os diferentes grupos que compõem a população apresenta um claro corte étnico. Isto é, no Brasil, a origem social e as possibilidades econômicas definem, de saída, processos de segregação espacial que fazem com que ricos e pobres, independentemente de sua origem étnica, não partilhem os mesmos espaços físicos. Na Alemanha, há encontro e proximidade física entre pessoas pertencentes a diferentes grupos sócio-culturais. Essa proximidade espacial não gera, contudo, afinidade e interação interétnica.

Discursos populistas que instrumentalizam o desconhecimento mútuo para catalisar medos coletivos e a hostilidade recíproca aprofundam as distâncias e tornam as barreiras interétnicas ainda mais intransponíveis. O momento na Alemanha e na Europa é, por isso, difícil e delicado.

Os desafios colocados ao Brasil também são grandes. Trata-se de superar a discriminação e o preconceito raciais, preservando ao mesmo tempo o ideal da nação sem divisões. É preciso dizer, contudo, que o debate brasileiro tem se mostrado mais dinâmico e de maior qualidade argumentativa que o debate alemão. Observa-se uma busca efetiva de soluções inovadoras. Importante também, no caso brasileiro, é a participação do direito no processo político. Nos casos em que há impasse no campo político, como se deu com a política de cotas, o Superior Tribunal Federal, a suprema corte brasileira, faz audiências públicas, ouve as partes e decide se a medida é ou não é constitucional.

No debate alemão, perdem-se, hoje, muitas energias em discussões bizantinas sobre, por exemplo, o que constitui, efetivamente, a verdadeira identidade cultural alemã. Ora, diferenças culturais não são prévias à política, são parte da própria disputa pelo poder. Enquanto a nostalgia da nação homogênea não for completamente superada, a diversidade será vista como ameaça e não como potencial.

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Miguel V. (2000), *Um mar da cor da terra. Raça, cultura e política da identidade*, Oeiras, Celta Editora.
- BADE, Klaus J.; OLTMER, Jochen (2004), *Migration, Ausländerbeschäftigung und Asylpolitik in der DDR 1949–1989/90* [Consult. a 16 de dezembro de 2011]. Disponível em: <http://www.bpb.de/themen/VWFLFT.html>.
- BHABHA, Homi K. (1990), “DissemiNation: Time, Narrative, and the Margins of the Modern Nation”, in Homi K. Bhabha (ed.), *Nation and Narration*, London, Routledge, pp. 291-321.
- BRÜCKNER, Gunter; FUHR, Gabriela (2011), “Bevölkerung mit Migrationshintergrund”, in *Statistisches Bundesamt: Datenreport 2011*, 188-192.
- CARDOSO, Fernando H. (1962), *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*, São Paulo, Difusão Européia do Livro.
- CARDOSO, Fernando H.; IANNI, Octávio (1960), *Côr e mobilidade social em Florianópolis: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil meridional*, São Paulo, Cia Editora Nacional.
- CHATTERJEE, Partha (2007), *La nación en tiempo heterogéneo y otros estudios subalternos*, Lima, Instituto de Estudios Peruanos.
- COSTA, Sérgio (2006), *Dois Atlânticos. Teoria Social, anti-racismo, cosmopolitismo*, Belo Horizonte, UFMG.
- (2008), “Imigração no Brasil e na Alemanha: Contextos, Conceitos, Convergências”, in *Ciências Sociais Unisinos*, 44 (2), 105-118.
- (2010), “Au-delà du métissage. Antiracisme et diversité culturelle sous les deux gouvernements Lula”, in *Problèmes d’Amérique Latine*, 78, 91-112.
- (2011a), “Researching Entangled Inequalities in Latin America. The Role of Historical, Social and Transregional Interdependencies”, *Berlin, working paper n° 9*. Disponível em: [http://www.desigualdades.net/bilder/Working\\_Paper/WP\\_Costa\\_Online.pdf](http://www.desigualdades.net/bilder/Working_Paper/WP_Costa_Online.pdf).
- (2011b), “Perspectivas y políticas sobre racismo y afrodescendencia en América Latina y el Caribe”, in M. Hopenhayn & A. Sojo (ed.), *Sentido de pertenencia en sociedades fragmentadas: América Latina en una perspectiva global*, Santiago de Chile, CEPAL, pp. 173-188.
- CRUZ, Levy (2002), *Democracia racial: uma hipótese*, Recife, FUNDAJ.
- FOUCAULT, Michel (1994), *Dits et écrits*, Paris, Gallimard.
- FRIED, Nico (2012), “Der Schlossbesetzer”, in *Süddeutsche Zeitung*, 7 e 8 de janeiro de 2012, 2.
- FREYRE, Gilberto (1942), *Entrevista ao Diário de Pernambuco em 12/01/1942* [Consult. A 16 dezembro 2011]. Disponível em: <http://www.bvgf.org.br>.

- (1999 [1933]), *Casa Grande & Senzala. Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil*, 36ª ed., Rio de Janeiro, Record.
- GIESSEN, Bernhard (1999), *Kollektive Identitäten. Die Intellektuellen und die Nation*, Frankfurt/M: Suhrkamp.
- GILROY, Paul (2004), *After Empire: Melancholia or Convivial Culture?*, London, Routledge.
- GUIMARÃES, António S. (2002), *Classes, Raças e Democracia*, São Paulo, Editora 34.
- HA, K. Nghi (2003), “Die kolonialen Muster deutscher Arbeitsmigrationspolitik”, in H. Steyerl & E. Gutierrez Rodríguez (ed.), *Spricht die Subalterne Deutsch?*, Münster, UNRAST, pp. 56-107.
- (2011), “Ein Tiefpunkt in der rassistischen Dauerkrise”, entrevista a Johnny Van Hove, in *MiGazin* [Consult. a 8 de janeiro de 2012]. Disponível em: <http://www.migazin.de/2011/12/22/ein-tiefpunkt-in-der-rassistischen-dauerkrise/>.
- HAGGARD, S.; SIMMONS, B. A. (1987), “Theories of International Regimes”, in *International Organization*, 41 (3), 491-517.
- HARITAWORN, Jin (2010), “Wounded Subjects: Sexual Exceptionalism and the Moral Panic on ‘Migrant Homophobia’ in Germany”, in Encarnación Gutiérrez Rodríguez, Manuela Boatca & Sérgio Costa (ed.), *Decolonizing European Sociology. Transdisciplinary Approaches*, Farnham, Ashgate, pp. 135-152.
- HAUG, Sonja (2010), “Interethnische Kontakte, Freundschaften, Partnerschaften und Ehen von Migranten in Deutschland. Bundesamt für Migration und Flüchtlinge”, *Working Paper 33*.
- HOFBAUER, Andreas (2006), *Uma história de ‘branqueamento’ ou o ‘negro’ em questão*, São Paulo, UNESP.
- HOFFMANN, Jan F. (2009), *Legalizing Identities. Becoming Black or Indian in Brazil’s Northeast*, Chapel Hill, Univ. of North Carolina Press.
- IANNI, Octávio (1962), *As Metamorfoses do Escravo*, São Paulo, Difel.
- (1966), *Raças e classes sociais no Brasil*, Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira.
- KAAS, Leo; MANGER, Christian (2010), “Ethnic Discrimination in Germany’s Labour Market: A Field Experiment. Berlim, Forschungsinstitut zur Zukunft der Arbeit”, *Working Paper 4741*.
- KYMLICKA, Will (2007), *Multicultural Odysseys*, Oxford, Oxford University Press.
- MAIO, Marcos C. (2000), “O projeto UNESCO: Ciências Sociais e ‘credo racial brasileiro’”, in *Revista da USP*, 46, 115-128.
- OLTMER, Jochen (2005), *Deutsche Migrationsgeschichte seit 1871*. [Consult. a 16 dezembro 2011]. Disponível em: <http://www.bpb.de/themen/QR949A.html>.
- REISSLANDT, Carolin (2005), *Migration in Ost- und Westdeutschland von 1955 bis 2004*. [Consult. a 16 dezembro 2011]. Disponível em: <http://www.bpb.de/themen/8Q83M7.html>.

SANSONE, Livio (2003), *Blackness Without Ethnicity: Constructing Race in Brazil*, New York, Palgrave Macmillan.

SARRAZIN, Thilo (2010), *Deutschland schafft sich ab*, Munique, Deutsche Verlags-Anstalt.

SCHÖNWÄLDER, Karin (2004), “Why Germany’s guestworkers were largely Europeans: The selective principles of post-war labour -recruitment policy”, in *Ethnic and Racial Studies*, 27 (2), 248-265.

SEYFERT, Giralda (1997), “A assimilação dos imigrantes como questão nacional”, in *Mana*, 3 (1), 95-131.

### **Sites consultados:**

Der *Bundespräsident*: <http://www.bundespraesident.de>. [Consult. a 10 de dezembro de 2011].

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: <http://www.ibge.gov.br>. [Consult. a 1 de dezembro de 2011].

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: <http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/>. [Consult. a 16 de dezembro de 2011].

Portal do Ministério de Desenvolvimento Agrário:

[http://www.mda.gov.br/portal/aegre/programas//lt\\_Comunidades\\_Quilombol](http://www.mda.gov.br/portal/aegre/programas//lt_Comunidades_Quilombol). [Consult. a 16 de dezembro de 2011].

Sozio-Ökonomische Panel, Deutsches Institut für Wirtschaftsforschung (pesquisa sócio-demográfica anual por amostragem): <http://www.diw.de/soep>. [Consult. a 6 de dezembro de 2011].

ZEIT Online: <http://www.zeit.de/politik/deutschland/2010-10/seehofer-integration-zuwanderer>. [Consult. a 16 de dezembro de 2011].

## **ABSTRACT/RÉSUMÉ/RESUMEN**

### **Abstract**

*Interethnic Coexistence Regimes in Brazil and Germany: Contributions to a nonexistent debate*

This article examines regimes of interethnic coexistence in Brazil and Germany taking into account three analytical levels: discourses, regulatory framework and daily life. Beyond all existing differences between these two countries, the article states that current regimes of coexistence in both cases have recently undergone a crisis of legitimacy. In Brazil, the appraisal of a mestizo nation, which is allegedly harmonic and egalitarian, contrasts with a profusion of ethnic movements claiming publicly for justice and equity. In Germany, the romantic ideal of a predestined nation defined by ancestral ties still persists. This construction contrasts with a society characterised by huge cultural pluralism and ethnic heterogeneity.

Keywords: Interethnic coexistence; Brazil; Germany.

### **Résumé**

*Régimes de Coexistence Interethnique au Brésil et en Allemagne: Contributions à un débat inexistant*

L'article examine les régimes de coexistence interethnique au Brésil et en Allemagne à partir de trois niveaux d'analyse: les discours, les cadres réglementaires et sphère quotidienne. Malgré les différences observées dans les deux cas, le travail postule que les régimes de coexistence existant dans les deux pays connaissent une crise de légitimité. Au Brésil, l'éloge de la nation métisse, harmonieux et égalitaire, elle entre en conflit avec la profusion de groupes ethniques qui réclament publiquement la justice et d'équité. En Allemagne, il ya toujours l'idéal romantique de la nation prédestinée définie par les liens de l'ascendance. Cette image ne correspond pas a la réalité d'une société plurielle culturellement et ethniquement hétérogène.

Mots-clés: Coexistence interethnique; Brésil; Allemagne.

### **Resumen**

*Regímenes de Coexistencia Interétnica en Brasil y Alemania: Contribuciones para un debate inexistente*

El artículo examina los regímenes de coexistencia interétnica en Brasil y Alemania a partir de tres niveles de análisis: discursos, marcos de regulación y esfera cotidiana. A pesar de las

diferencias observadas en los dos casos, el trabajo plantea que los regimenes de coexistencia vigentes en los dos países sufren una crisis de legitimidad. En Brasil, el elogio de la nación mestiza, harmónica e igualitaria, se choca con la profusión de grupos étnicos a reivindicar públicamente justicia y equidad. En Alemania, aún persiste el ideal romántico de la nación predestinada definida por lazos de ancestralidad. Esa construcción choca con la realidad de una sociedad culturalmente plural y étnicamente heterogénea.

Palabras-Clave: Coexistencia interétnica; Brasil; Alemania.



## **ESTATUTO EDITORIAL**

### **NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE ORIGINAIS**

## ESTATUTO EDITORIAL

A revista *Sociologia* surgiu em 1991 como publicação científica na área da Sociologia, com uma periodicidade anual, e associada à consolidação da docência e da produção científica no âmbito da licenciatura em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (criada em 1985/86) e do Instituto de Sociologia (criado em 1989).

Tem como intenção principal abordar as questões sociais de âmbito vasto e segundo perspectivas teóricas diversas, de forma a promover o cultivo da Sociologia em Portugal, quer como conhecimento sistemático das realidades sociais, quer como prática social e profissional. Tem procurado estabelecer o diálogo entre os que, no interior da Universidade, promovem o trabalho científico e aqueles que, como outros profissionais da Sociologia, se ocupam de atividades diversificadas na sociedade global, sem esquecer os que, nos demais quadros laborais, necessitam de um conhecimento sistematizado da realidade social portuguesa.

Tem sido, ao longo das suas edições, uma revista especializada, na medida em que veicula trabalhos de investigação em Sociologia, mas sem se limitar a um campo específico desta ciência. Recolhe estudos tanto de pendor teorizante como de pendor empírico, em ambos os casos com a necessária e possível observação social nas várias especializações em Sociologia.

No momento atual, procura dotar cada número de uma maior coerência e da participação de autores de outras proveniências institucionais. Mantém-se o pressuposto de que o cruzamento de perspectivas, os diálogos intertextuais e a cumulatividade e reificação do conhecimento científico ficarão enriquecidos com a pluralidade de contributos.

Em 2011, a sua periodicidade passou a ser semestral, fruto da necessidade de promover uma maior atualização das publicações e agilidade no relacionamento com a produção científica, bem como de corresponder aos parâmetros estabelecidos pelas bases de indexação.

# NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE ORIGINAIS

1. Os artigos propostos para publicação na revista *Sociologia* são submetidos a avaliação de especialistas das áreas respectivas, em regime de anonimato. A decisão final de publicação é da responsabilidade do Conselho de Redação.
2. Os textos devem ser redigidos em páginas A4, a espaço e meio (norma também válida para as notas de rodapé e para as referências bibliográficas), tipo de letra *Times New Roman* e corpo de letra 12, em formato Word for Windows, PDF e HTML. No caso de serem enviados por correio, os artigos devem ainda ser impressos em duplicado e virem acompanhados de um CD com o ficheiro de texto, nos formatos supracitados.
3. O limite máximo de dimensão dos artigos é de 50.000 caracteres, incluindo espaços, notas de rodapé, referências bibliográficas, quadros, gráficos e figuras. As resenhas não deverão ultrapassar os 13.000 caracteres.
4. Outros textos, tais como projetos, materiais sociográficos, documentos, opiniões e resenhas, devem observar os seguintes limites de páginas:
  - a) notícias, 1-2 páginas;
  - b) outros, 5 páginas.
5. Nos artigos, sugere-se a utilização de, no máximo, dois níveis de titulação, com numeração árabe.
6. As transcrições deverão abrir e encerrar com aspas. Os vocábulos noutras línguas que não a portuguesa devem ser formatados em itálico.
7. Os elementos não textuais nos artigos devem ser organizados em quadros, gráficos e figuras, identificados com numeração árabe contínua e respetivo título e fonte para cada um destes tipos de elementos.

8. Nas notas de rodapé devem utilizar-se apenas números, sem parêntesis. A numeração das notas deve ser contínua do princípio ao fim do artigo.

9. A norma de citação adotada deverá ser a anglo-saxónica (autor-data).

10. As referências bibliográficas deverão obedecer às seguintes orientações:

- a) Livro: Apelido, Nome próprio (ano), *Título do Livro*, Local de edição, Editor (ev. ref. da primeira edição);
- b) Artigo em publicação periódica: Apelido, Nome próprio (ano), “Título do artigo”, *in Nome da publicação periódica*, volume, número, páginas;
- c) Textos em coletâneas/Contribuições em monografias: Apelido, Nome próprio (ano), “Título do texto/contribuição”, *in* Nome próprio, Apelido (org.), *Título da Coletânea/Monografia*, Local de edição, Editor, páginas (ev. ref. da publicação original da contribuição).

11. Todos os originais entregues ao Conselho de Redação devem:

- a) conter a versão final do texto, pronta a publicar, devidamente revista de eventuais gralhas;
- b) quando incluírem materiais gráficos ou icónicos, fazer-se acompanhar dos respetivos originais em bom estado, com indicação dos locais no texto onde devem ser inseridos (o Conselho de Redação reserva-se o direito de não aceitar figuras ou gráficos cuja realização acarrete excessivas dificuldades);
- c) assinalar claramente as expressões a imprimir em itálico, ou a destacar por outra forma gráfica;
- d) vir acompanhados de:
  - o título completo do artigo traduzido em Inglês, Francês e Espanhol;
  - um resumo com um máximo de 650 caracteres/10 linhas e 3 ou 4 palavras-chave, os quais deverão ser traduzidos nos 3 idiomas acima mencionados;

- a indicação dos dados de identificação do autor (formação e/ou situação profissional do(s) autor(es), instituições ou organizações em que desenvolve(m) atividade e elementos de contacto.

12. Os artigos devem obedecer ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde o dia 1 de janeiro de 2009. Não obstante, as citações de textos anteriores ao acordo devem respeitar a ortografia original.

13. Os originais podem ser enviados por e-mail para [revistasociologia@letras.up.pt](mailto:revistasociologia@letras.up.pt) ou [revsociologiaflup@gmail.com](mailto:revsociologiaflup@gmail.com) ou por correio para a seguinte morada:

Direção da revista *Sociologia*

Departamento de Sociologia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Via Panorâmica, s/n

4150-564 Porto

Portugal